

Salve o Senhor no Caos

Manual sobre Servidores

Wanju Duli

2014

Para meu primeiro servidor, inominado

Sumário

Prefácio	7
Mensagem aos Senhores na Terra	9

Parte 1

Capítulo 1: A Biblioteca de Ós	13
Capítulo 2: O Cajado de Minha Carne	21
Capítulo 3: Bosque de Grama e Metal	29
Capítulo 4: Balões e Algodões Mágicos	34
Capítulo 5: A Casa Negra	40
Capítulo 6: As Conferências Primorosas	42
Capítulo 7: Arena de Fluidos	61
Capítulo 8: O Senhor na Terra	75
Capítulo 9: O Criador	82

Parte 2

Capítulo 1: Mentiras do Mundo	87
Capítulo 2: Valor da Vida	122
Capítulo 3: O Parque Fantasmagórico	142
Capítulo 4: Tesouros e Fantasmas	149
Capítulo 5: A Morte pela Fé	169

Parte 3

Capítulo 1: Ela é minha Rainha	197
Capítulo 2: Sexo para Sorrir	206
Capítulo 3: O Assassino de Onai	213
Capítulo 4: O Templo Sagrado	219

Capítulo 5: A Senhora no Caos	236
Capítulo 6: A Casa Negra está Animada	244
Capítulo 7: Um Mundo Formidável	247
Diretrizes para Uso de Servidores Complexos	254
Fichas dos Servidores de Quepar	264
Inspiração Literária	270
Apêndice: Sigilos de Quepar	273

Prefácio

Escrever um texto de introdução a uma obra da Wanju Duli possui uma dificuldade inerente: a singularidade do estilo e a capacidade quase sobrenatural de envolver o leitor em qualquer que seja o tema abordado.

Prosa, poesia, não-ficção. Tais rótulos deixam de fazer todo o sentido que se aprende na escola em uma obra da Wanju. O que impede um romance de tratar de ocultismo de forma prática e real? O que impede um livro sério de ocultismo de ser recheado de poesia e histórias? Porque não misturar tudo isto em um caldeirão e fazer uma deliciosa sopa para comer com torradas ao por do sol?

Wanju se destaca não porque se faz tais perguntas, mas principalmente porque não pergunta coisa alguma, simplesmente age, usando seu talento para mostrar que arte e literatura são como uma branca tela a ser pintada: sempre haverá novos tons e paisagens a serem traçados.

Assim é este “Salve o Senhor no Caos”, uma obra primorosa para aqueles que se permitem mais do que apenas a técnica, mais do que apenas a arte. A harmonia entre as explicações técnicas com a parte romanceada é didática o suficiente para qualquer aprendiz entender e ao mesmo tempo complexa o suficiente para obter o reconhecimento dos mais experientes - se é que existe alguém realmente experiente em um ramo onde sempre há coisas infinitas para estudar.

Muitos enxergam na leitura uma atividade passiva, onde as frases moldadas pelo escritor encontram repouso nos infinitos mundos mentais de seus leitores. Isto não se aplica a esta obra. Salve o Senhor no Caos é uma história de magia, e magia é mergulhar na própria mente, magia é perceber que as coisas só se tornam reais na medida em que você permite que elas sejam. É entender que antes de existir qualquer ordem, primeiramente o caos precisou reinar.

A você, leitor, recomendo então que ouse. Não faça desta leitura apenas um passatempo, faça dela um passamundo. Permita que os mundos mágicos evocados por Wanju penetrem sua mente, abra-se para novas experiências e se permita sentir a magia pulsando atrás de cada

Wanju Duli

palavra. Quando se sentir em uma emocionante estrada sem saber onde irá chegar, não se importe, este é o momento em que você está começando a entender o segredo da história.

Poucas vezes tive a meu cargo tarefa tão difícil como tentar apresentar uma obra de natureza tão multifacetada quanto um livro da Wanju. Senti que por mais que eu escreva, haverá pessoas que lerão e entenderão as coisas completamente diferentes do que eu entendi e podem até achar meu prefácio inadequado. Mas não me preocupei porque lembrei que fazer uma leitura única para cada leitor a partir da interação de seu mundo descrito no livro com os mundos mentais de cada um é exatamente o seu objetivo, o seu grande talento e, ousado, talvez seja até mesmo sua missão de vida.

Ian Morais

Mensagem aos Senhores na Terra

Sejam bem-vindos a Quepar! Um mundo muito semelhante ao nosso. Um pouco melhor numas poucas coisas e muito pior em sua maior parte.

E por que alguém iria querer um lugar pior? Em primeiro lugar, para chegar à realização de que o mundo em que você vive é mais fantástico do que inicialmente se possa conceber.

Contudo, Quepar não é um antro de desgraças, mas o plano astral no qual convivem em harmonia (ou numa desarmonia dinâmica) uma categoria particular de servidores. Em poucas palavras, é um parque no qual você pode pousar sua mente a qualquer hora contanto que tenha algum trabalho a executar.

Os servidores de Quepar possuem algumas características únicas. Apesar da forma humanoide como semelhança, suas peles possuem quase a tonalidade de um fantasma, para se ocultarem mais facilmente na Terra. Conforme será observado, a anatomia de tais seres não segue fielmente a humana. Há razões para algumas destas diferenças, enquanto outras não possuem razão nenhuma – embora fosse mais exato dizer que somos incapazes de apreender os motivos.

Servidores são entidades mágicas criadas por humanos. Você pode criar a sua ou utilizar uma entidade criada por outra pessoa. A vantagem de usar um servidor de Quepar é a complexidade de tais criaturas. Elas possuem um passado, personalidade, elas se relacionam umas com as outras em algum grau. Este tipo de complexidade é desejável para trabalhos mágicos difíceis de completar, que exigem toda a sua atenção.

Julgamos que estas informações preliminares já são suficientes para que você mergulhe neste outro universo por si mesmo. Através da concentração necessária para penetrar na história, a mente experimenta uma ligeira alteração de consciência. Por isto, mais do que uma jornada com intuito lúdico e instrutivo, também se trata de uma experiência mágica.

Não pense que o ato de ler um livro de ocultismo (no caso deste, Magia do Caos) consiste apenas em estudo teórico e que a prática se dê somente no círculo ritualístico. Enquanto lê as próximas páginas, sua

Wanju Duli

mente estará realizando o processo de apreender a realidade mágica dos servidores e do mundo no qual eles vivem. Esta tarefa não é trivial e muitas cenas possuem razões maiores para serem descritas (porém, não despreze as cenas de razões menores, porque o que está em cima é como o que está embaixo; ou qualquer coisa assim!), então solicitamos sua máxima atenção.

No final de tudo, serão estabelecidas as diretrizes para uso de servidores em trabalhos avançados de magia. Trabalhos mais simples também podem ser feitos, com as devidas adaptações.

Desejo-lhe uma excelente jornada!

Wanju Duli, Porto Alegre, 27 de setembro de 2014

PARTE 1

Capítulo 1: A Biblioteca de Ós

"Senhor criador, com vossa permissão: cada um é senhor em seu mundo, mas vós nunca me fareis acreditar que este aqui onde nós estamos seja de vidro"

[Voltaire, O homem dos quarenta escudos, 1768]

A biblioteca antiga estava abarrotada de livros. Não porque alguém a abarrotou, mas porque ela abarrotou a si mesma. Somente as estantes e prateleiras não eram o bastante. Havia livros esparramados pelo chão formando caminhos e era quase impossível não pisar neles ao adentrar.

O recém-chegado tomou o máximo de cuidado, mas até mesmo o máximo foi pouco. Ele pisou em uns dez livros e tropeçou duas vezes. O sujeito que estava debruçado sobre um grimório grosso era capaz de escutar cada respiração no local silencioso. Certamente ouviu o som dos amassos e tropeços, mas sua expressão permaneceu impassível. Sua concentração era maior e mais importante.

As mangas do manto verde arrastavam-se pelo chão. Ele apoiou os cotovelos na mesa sobre a qual o sujeito de manto azul estava lendo.

– Saudações, Sodutse de Airodebas.

Não houve resposta.

– Eu tenho uma formidável sugestão para você. Uma sugestão tão formidável como a minha não se encontra de graça na esquina e somente um tolo a recusaria.

Sodutse fitou o que estava de manto verde.

– Certamente você deseja me ouvir e também não o deseja. Afinal, quem seria aquele capaz de arrancar a nobre atenção do mago dos livros? Os grimórios são teu alimento, tua cama e teus amantes. Já te vi dormir sobre eles e suspirar com eles. Sim, eu vi tudo isso! Sodutse devora livros com os olhos. Enquanto o faz, eu te observo e amo o que vejo. Também o odeio, confesso! Criatura odiosa, digna de pena e inveja! Por que trocar os livros pela jornada do herói? A aventura que acontece na mente e o pé não sente. Mas hein, estou para poeta hoje?

Wanju Duli

Ainda assim, Sodutse não pronunciou uma palavra.

– Dou-lhe a minha sugestão, já que insiste tanto: por que não te levanta dessa mesa e vem dar um abraço no teu amigo que chegou de viagem?

Sodutse levantou-se brevemente, deu um meio abraço no outro e voltou a ler.

– Também senti saudades, meu amigo. Nesse instante você deve estar se perguntando: o que Zap de Rezarp vem fazer aqui? E que viagem foi essa que ele realizou? Eu sei, são muitos questionamentos. Deixarei que os ouça todos. Há muito o que contar, companheiro. Coisas limpas e sujas que ocorrem intemporalmente em nosso mundo. Ah, se eu pudesse amarrar todas essas coisas e não soltar nunca mais, nesse cérebro que tanto balança, esquece e enlouquece. Em verdade te digo: prefiro esquecer quem sou ou até um feitiço sagrado que salvaria minha vida no último instante do que um bom fuxico. Suspeito que mexericos não chegam a teus ouvidos que só escutam o silêncio da Biblioteca de Ós e os sussurros de teus grimórios, que apenas repetem a mesma coisa como gralhas robóticas taciturnas.

O mago de azul virou a página.

– Trago notícias de longe, muito longe. Tão longe que não sei mais voltar para lá e até esqueci onde é. Na verdade, me pergunto o que fui fazer lá mesmo? Estranho, não sei. Mas quem se importa com detalhes? Eis que fui lá e voltei. Esse fato em si já é digno de respeito. No caminho colhi notícias de vários cantos de Quepar. E agora irei revelar a primeira notícia. Por favor, não desmaie de surpresa. Irei falar tudo de uma vez, pois estou muito ansioso, embora certamente não tanto quanto você.

Zap respirou fundo e revelou:

– Aigam de Oicifircas disse que vai arrancar o próprio braço e fazer um cajado com ele!

Sodutse nem piscou com a notícia. Zap ficou desapontado.

– Mas que livro é esse assim tão interessante para ser ainda melhor que minha notícia? Até eu estou com vontade de ler.

Zap encostou no livro e tentou espiar a capa, mas Sodutse afastou a mão dele.

– Eu sei que o grimório é antigo e devo tomar cuidado com meus dedinhos enebados. Posso constatar isso apenas ao contemplar essas

Salve o Senhor no Caos

folhas amarelas que se desmancham, carcomidas por uma barata, um piolho e uma baleia. Seja quem for que as comeu, não está mais esfomeado que você, que mastiga palavra por palavra até que os olhos doam, caíam e apodreçam.

Como Sodutse nada disse, Zap deu um soco na mesa.

– O que vai fazer se ficar cego, Sodu? E se eu arrancar teus olhos? E se eu furá-los e comê-los com calda de pêssego?

Depois disso, Zap riu da própria piada.

– Não precisa se preocupar. Era brincadeira, não vou fazer isso! Acredito que olhos são coisas boas de ter, devem servir para alguma coisa. Eu sei que você está achando meu papo muito bom e só não responde porque é tímido. Então vou me sentar aqui contigo para torná-lo mais sociável.

Zap sentou-se não na cadeira, mas em cima da mesa na qual Sodutse lia.

– Não é bom ficar aqui trancado, cara. Você vai ficar doente. Até mesmo nós estamos propensos a certas enfermidades químéricas e mágicas. Mas a pior doença é aquela fruto da loucura. Aigam está cheia de doenças na cabeça e poucas no corpo. Por isso fica arrancando pedaços de si mesma. A mente dela deve doer tanto que ela precisa transferir essa dor para o corpo e esquecer o tormento da mente por um só momento.

Ele resolveu balançar a mão na frente de Sodutse para certificar-se de que o outro estava escutando. Sodutse moveu os olhos e Zap prosseguiu:

– Sei que você também detesta Aigam. Ela é uma pessoa fácil de odiar. Se duvidar, até seu Senhor na Terra não a suporta. Falar mal dela é mais delicioso que comer uma torta de chocolate. Falando nisso, não tenho nada para fazer hoje. Que tal irmos juntos numa confeitaria dividir um doce? Assim já praticamos a magia da comida. Ou que tal deitar comigo embaixo de uma árvore para praticarmos a magia da preguiça?

Sodutse virou mais uma página.

– Será que eu consigo me deitar aqui nessa mesa? Eu deveria tentar? Sinto que devo fazer isso.

Zap apoiou o corpo sobre a mesa e ela rachou ao meio, levando ao chão Sodutse e seus livros.

Nesse momento, a boca de Sodutse entortou-se numa careta, mas ele apenas continuou a ler, sentado no chão.

– Perdão, estou um pouco gordo. Comi demais durante a viagem para ter energias para caminhar, mas minha barriga aumentou tanto que ficava até difícil andar. Eu gostaria de ser capaz de ver meus pés outra vez quando estou no chuveiro. Você usa muito o chuveiro, Sodutse? Não deve usar, porque você vive trancado aqui dentro e está fedendo mais do que um porco quando se esfregou na própria bosta.

Zap gargalhou e passou um braço pelos ombros de Sodutse.

– Velho, não me leve a mal. Eu sou apenas um sujeito brincalhão. O seu fedor não me incomoda. Ao contrário, eu acho que o torna mais sensual. Você tem um apelo sexual muito forte por viver aqui trancado apenas lendo. E quanto mais se afasta de mim, mais me tenta.

Dessa vez, Sodutse lançou um olhar desconfiado para Zap.

– Que olhar assustado é esse? Não precisa me temer. Eu sei, você está zangado comigo porque estou fazendo muito barulho na sua preciosa biblioteca, que é um ambiente de silêncio. Ou será que você está curioso para ouvir mais notícias minhas? A-há! Vi a capa do seu livro! Eu vi!!

Zap ficou boquiaberto.

– Esse é aquele exemplar raro da coleção única da Biblioteca Sagrada de Sarar Sarutiell! O grimório de magias proibidas, escondidas e perigosas! Ou melhor, não faço a menor ideia do que está escrito aí, mas só pode ser isso. Ou será que é outro dos seus livros monótonos de metafísica?

Sodutse suspirou. Zap deu um grande sorriso.

– Fico honrado com seu suspiro. Significa muito para mim. Sinto que minha conversa lhe interessa. Mas eu vim aqui para lhe dar mais informações úteis além de chamar Aigam de filha de uma bezerra morta, embora isso seja sempre uma boa coisa. Também fiquei sabendo que Oãçome de Oirbíliaque irá se tornar Oãçome de Aserprus, porque foi aprovada no exame de admissão da Ordem de Aserprus. É uma sociedade de quarto grau, o que não é pouca coisa. Eu também soube que da última vez que ela teve uma explosão sagrada ela quase matou uma pessoa.

Sodutse não pareceu muito surpreso.

Salve o Senhor no Caos

– Enquanto Aigam está se divertindo despedaçando cadáveres em cemitérios e Oãcome está meditando em florestas ao ar livre, você fica aí trancado em uma biblioteca desperdiçando sua vida. E qual é a diferença de passar a vida lendo, meditando ou despedaçando cadáveres? Nenhuma, se me permite dizer. Eu também não faço nada de útil, mas pelo menos dialogo com pessoas. Isso significa que quando eu morrer vou deixar partes de mim nos outros e você vai ficar aí, como se não tivesse existido... mas talvez seja melhor ficar quieto mesmo, porque há muita gente por aí dizendo bobagem, com assuntos desagradáveis que os outros não querem ouvir.

Ele virou mais uma página.

– Esse seu livro é caro e raro, não é? Quando eu perguntei uma vez o que você faria com o mago que danificasse um dos seus grimórios, lembro que você disse que o mataria. Mas se alguém amassar uma só página desse seu tal Grimório de Edadrev Aslaf, aposto que você não somente mataria o miserável, mas o torturaria por uma semana. Estou certo? Que tipo de torturas você aplicaria? Físicas e psicológicas? Mágicas e espirituais? Iria estraçalhar todo o karma do sujeito? Mas se assim o fizesse, ele poderia se libertar do ciclo de nascimentos e mortes. Então eu sugiro que você arranque o pênis do cavalheiro e o pendure no pescoço. Pode enfeitar com penas de pavão.

Sodutse colocou a mão na testa.

– Está com dor de cabeça? Também, fica aqui trancado nesse lugar por tanto tempo. Eu sugiro que vá descansar. Quer uma aspirina?

– Será que você pode calar a boca, gralha desafinada?! – alguém berrou lá do fundo da biblioteca – Isso aqui é uma biblioteca, animal! Tenha mais respeito pelo silêncio, filho da mãe.

– Desculpe, eu não sabia que tinha mais alguém enfiado aqui dentro – respondeu Zap.

Um mago de capuz cinzento chegou dos fundos da biblioteca. Seu manto era roxo. Ele lançou um computador no chão, na frente de Zap.

– Consegue consertar isso, Zap de Rezarp?

– Não, e mesmo se conseguisse não poderia mais, porque você acabou de quebrar o computador.

– E você acabou de quebrar a minha cabeça com sua conversa ridícula. Conserte meu computador para compensar.

Wanju Duli

– Eu te conheço – disse Zap – você é Aigo de Atariprebic. Julgando pela sua sociedade de magia, quem deveria entender de computadores era você.

– Meu nome é Aigoloncet. Não me chame por apelidos! A conexão da internet nessa biblioteca é risível e seus frequentadores são lamentáveis. Por esse motivo, irei me retirar. Tenham uma boa morte, senhores. Se demorarem para morrer, eu voltarei para matá-los.

E, ao dizer isso, Aigoloncet se retirou com uma gargalhada insana e aguda.

– É isso que dá ler tantos livros. Você começa a falar essas frases feitas vergonhosas e contrai insânia. Pode até começar a falar sozinho. Nossa, você já avançou muito na leitura, Sodu! Parabéns. Tenho orgulho de ter um amigo tão estudioso como você.

Zap deu um beijo no rosto de Sodutse, que não conseguiu se esquivar a tempo. Sodutse limpou a própria bochecha com a mão.

– Você parece meio triste, Sodu. Precisa se animar um pouco, levantar o astral. Vou ligar para amigos para fazermos uma festinha para você.

Zap tirou o celular do bolso e discou um número.

– Sim, pode trazer o tambor e o pandeiro. Claro, cachorro-quente fica excelente para uma sexta-feira. Beijos, me liga, Ohlarac de Oxes. Não, não vai ter orgia, então não precisa vir pelado.

Quando Zap desligou o telefone, Sodutse já tinha escondido o rosto por trás do livro. Alguns minutos depois, dois magos com mantos de cores vivas adentraram cantando e tocando seus instrumentos musicais. Rebolavam bastante enquanto ganiam assim:

Sodutse, não se entristeça, amigão
Vem aqui no meu ombro pra chorar
És quieto, mas ainda vou te amar
Só pra ti fizemos essa canção
Num mundo cheio de desgraça e mal
Solidão é mais dura que meu pau

A maga do pandeiro se enroscou no braço de Sodutse e ele se levantou e correu, deixando cair até o grímório. Ele saiu da biblioteca.

Salve o Senhor no Caos

– Anax, eu acho que Sodutse gosta de você – comentou Ohlarac, o mago do tambor – ele é apenas tímido com mulheres.

Os três comeram cachorro-quente juntos e depois se despediram. Quando os dois magos já tinham ido embora, Sodutse retornou.

– Foi mal, Sodu – disse Zap – eu não sabia que ele ia trazer Anax junto. Depois dessa, me sinto culpado. Pode voltar a ler. Não vou mais incomodar.

Sodutse sentou-se e voltou a ler seu grimório. Zap debruçou-se sobre ele, ainda com o cachorro-quente na mão.

– Você entende esse idioma? Eu nem mesmo sei identificar o que é.

Uma gota enorme de molho de tomate junto com um pedaço da salsicha caiu em cima da página do grimório de Sodutse.

Nesse instante, Zap gelou. Não conseguiu pronunciar mais nenhuma palavra. Sodutse também permaneceu contemplando o pedaço de salsicha sem acreditar no que via.

Finalmente, Sodutse voltou o olhar para Zap, que estava aterrorizado. Zap ajoelhou-se e curvou-se diante de Sodutse, tocando a testa no chão.

– Por favor, peço o seu perdão, clemência e misericórdia! Juro que só vim até aqui pra te animar! Eu não pretendia, não queria...

– Muito obrigado, Zap. Você acabou de arruinar meu voto de silêncio.

Zap ficou surpreso.

– Eu não sabia que estava em voto de silêncio! Pensei que era só sua quietude habitual.

– Não posso perdoar essa salsicha – disse Sodutse – eu aguentei todo o resto, mas a salsicha...

– Sei que esse grimório é caro. É edição de colecionador. Mas o que posso fazer? Nunca consegui respeitar os avisos de fazer silêncio e não comer em bibliotecas. Odeio bibliotecas, mas só posso te ver aqui, porque você não sai desse buraco!

– É minha vida. Sou feliz aqui. Posso parecer triste por fora, mas estou pulando de alegria por dentro. Não preciso de amigos. Muito menos do tipo que quebra minha mesa e derrama molho de cachorro-quente nos meus livros. Seria legal que você se juntasse comigo para ler, mas não deu certo da última vez que tentamos.

– Ler é chato. Prefiro comer e dormir. Você devia tentar curtir mais.

Wanju Duli

– Respeito sua opinião e estilo de vida. Por favor, respeite também minha forma de sentir o mundo.

– Entendi. Desculpa te incomodar. Não vou voltar. Boa leitura.

– Não quis dizer isso – falou Sodutse – não te desprezo. Apenas tente se acalmar um pouco da próxima vez.

Zap sorriu.

– Não posso prometer isso, mas vou me esforçar. Não vai mesmo querer assistir Aigam decepar publicamente o próprio braço? O evento vai ocorrer amanhã. Disseram que ela vai dar um discurso bem pretensioso sobre filosofia da magia antes de fazer isso, justificando os motivos de cortar o braço. No fundo ela só quer mostrar aos outros o quão pirada é, e o discurso inicial será apenas uma tentativa dela de parecer ligeiramente sã.

– Não é exatamente o meu tipo de entretenimento – respondeu Sodutse.

– Tem certeza? Tenho dois ingressos para o show.

Ele tirou dois papéis de dentro da carteira.

– Foi caro? – perguntou Sodutse.

– Bem caro. Isso mostra que Aigam ainda tem um pouco de juízo. Afinal, se for para cortar o braço por um motivo imbecil, que pelo menos se faça uma graninha com isso. Quer que eu faça o mesmo para pagar pelo seu grimório que arruneiei?

Sodutse fez que não.

– Esquece.

– Ah, Sodul! Um dia ainda quero te ver putado. Bem putado. É o meu sonho! Quero descobrir algo que vai te enfurecer tanto, mas tanto, a ponto de você descarregar uma dessas suas magias poderosas no filho da puta no mesmo instante que a merda for feita.

Sodutse virou a página.

– O que te faz pensar que sou assim tão poderoso? Você nunca me viu usar magia.

– Se minha salsicha não te fez usar, estou muito curioso para saber o que faria.

– Tá bom, Zap. Vou contigo nessa porcaria da Aigam.

– Feito!

Capítulo 2: O Cajado da Minha Carne

Foi difícil para Sodutse sair à luz do dia após permanecer trancado na biblioteca por tanto tempo. Seus olhos vermelhos estavam desacostumados ao sol. Ele também estava um pouco fraco para caminhar e Zap guiou-o com o braço.

– Aqui, pegue esses óculos escuros – ofereceu Zap.

Sodutse colocou-os e o Sol já não incomodou tanto. Porém, quando chegaram ao local de apresentação de Aigam, que era um velho cemitério, Sodutse começou a sentir-se desconfortável. Preferia estar sozinho, apenas na companhia dos mortos, pois a presença de pessoas vivas e conversando em altos brados era bem diferente de livros que conversavam com ele em silêncio.

– Uuuuh! – vaiou Zap, após estarem sentados por mais de uma hora – Essa apresentação não vai começar nunca? Marmelada!

– A anfitriã avisou que só ia começar ao por do Sol, verme burro e grotesco! – berrou alguém – Então apenas senta e aguarda, suíno!

– Mas que grosseria é essa, cavalheiro? – retrucou Zap – Não fiz nada para o senhor! Quem esse cara pensa que é?

– Pelo manto que usa, é da Ordem de Argen, da antiga geração – informou Sodutse, enquanto lia um livro.

Zap virou-se. Notou que o sujeito que se manifestou vestia um manto completamente negro. Havia um público considerável com capuzes ou mantos negros e cinzentos na plateia, o que demonstrava que muitos praticantes das velhas magias estavam interessados na apresentação de Aigam.

No entanto, esse magista em particular era o único que tinha tanto o capuz quanto o manto na cor negra, o que provava que ele era um conservador de magia negra pura, aquela do tipo clássica com torturas e despedaçamentos do corpo, da mente e da alma.

– Que foi que disse, canalha? – perguntou o mago da Ordem de Argen – Não escutei, cachorro.

Wanju Duli

– Não disse absolutamente nada! – exclamou Zap – O senhor tem toda a razão, vou apenas me sentar calado e aguardar mais três horas até anoitecer.

– Covarde.

Sodutse observou a expressão de Zap, deu um leve sorriso e depois baixou os olhos novamente para o livro.

– Seu rosto está azul de terror – comentou Sodutse – ou eu deveria dizer roxo? É a primeira vez que vê um magista de Argen?

– Eu não costumo frequentar esses círculos de infelizes que arrancam pedaços – gaguejou Zap, certificando-se de manter a voz baixa – Aigam não me mete medo, mas vai saber o que esses cretinos de Argen são capazes de fazer...

– Se não se interessa, por que veio e me arrastou para cá junto? – perguntou Sodutse, que era capaz de ler e conversar ao mesmo tempo.

– Porque seria um insulto deixar Aigam falar tudo o que quiser sem ter ninguém esperto por perto para retrucar as falácias dela – disse Zap.

– Quem é o esperto aqui? – perguntou Sodutse.

– Você seria capaz de dar respostas mais bonitas e cheias de firulas – reconheceu Zap – mas como sei que só vai ficar calado lendo, me proponho a mostrar a ela outro ponto de vista sobre a questão.

– Boa sorte. Pelo público dela, é óbvio que ela só quer aplausos.

– Sei que só vou levar tomates – concordou Zap – mas vou aguentar.

– Tomates? Que ingênuo, minha criança.

E Sodutse virou a página, desconfiando que até mesmo ele fosse se divertir um pouquinho.

O vendedor de pipocas passou e Zap comprou dez sacos gigantes. Quanto mais tempo passava, mais gente chegava. Logo o cemitério se tornou mais lotado que um estádio de futebol.

Assim que a noite caiu completamente, uma maga de manto bordô e capuz cinzento passou voando em cima de uma vassoura. Era tão magricela que parecia ser quase que completamente feita de ossos. Ela deu gargalhadas esganiçadas de bruxa e o público vibrou e bateu palmas.

Ela aterrissou numa das lápides e bateu a vassoura com força na pedra, quebrando a vassoura ao meio.

– Estão todos se divertindo, cães do inferno? Berrem, berrem, seus cabeças de bosta!

Salve o Senhor no Caos

Mais gritos de loucura.

– Todos levantem o ingresso para o alto! Quem tiver entrado aqui sem ingresso será queimado vivo! Quero o dinheiro de vocês, pois amo dinheiro! Repitam comigo: “Eu amo dinheiro!”

E todos repetiram em uníssono. Enquanto isso, Sodutse lia seu livro, sem se distrair.

– Mas todos nós amamos mais carne despedaçada do que dinheiro! – urrou Aigam – Por isso hoje vocês queimaram dinheiro para ver minha carne e meus ossos pingando sangue. Eu deveria fugir daqui com o dinheiro de vocês sem fazer nada. Seria muito engraçado, não acham?

E todos disseram: “Sim!”.

– Mas eu não vou fazer isso, pois sou uma super vaca e adoraria arrancar meu próprio braço, por motivo nenhum!

A plateia foi à loucura. Essa explicação pareceu muito razoável e aceitável para todos.

– Essa é a filosofia que justifica o ato? – Zap sussurrou para Sodutse – de tão simples, é muito complexa. Não sei como retrucar isso. Também faço muitas coisas por motivo nenhum. E agora?

Sodutse deu de ombros.

– Depois de ler tanto, esse é todo conselho que tem a me dar? – perguntou Zap, frustrado – Vá lá e diga algo bem complicado para ela!

– Eles querem sangue e não filosofia – disse Sodutse – é por isso que eles estão no cemitério e não numa biblioteca. Você daria um discurso sobre vegetarianismo numa churrascaria? Você apenas veio para o show errado. Não são eles que estão errados e sim você.

– Traidor – disse Zap – bem, se ela quer arrancar o braço, que arranque. Não tenho nada a ver com isso.

– Você também veio aqui para ver – Sodutse voltou a ler seu livro – e não para impedi-la.

– Quer pipoca?

– Não, obrigado...

Zap derrubou o saco no chão quando ouviu os gritos da plateia.

– Merda, perdi o momento do corte – falou Zap – estava distraído comendo pipoca. Ei, Aigam, pode cortar o braço de novo? Eu não vi. Alguém filmou?

Wanju Duli

– Todos filmaram e tiraram fotos – disse Sodutse – depois você assiste na internet.

– Eu não paguei ingresso caro para perder o momento principal!

– Também não vi, eu estava lendo.

– Eu sei, idiota. Quando você estiver no leito da morte vai estar virando uma página. Aigam, me escuta, cacete! Eu tô falando com você.

A maga estava ocupada mostrando a todos o seu braço cortado pingando sangue, com um grande sorriso no rosto. E o seu sorriso se alargou quando ela notou Zap.

– O que foi, gordão? Quer que eu corte seu braço também para imitar a mestra?

– Quero que você corte seu outro braço, pois não vi direito – exigiu Zap.

– Ora, ora, ora. Mas se não é Zap de Rezap, o mago da preguiça e da linguíça. Não era você que era contra o caminho da dor como despertar de êxtase mágico? Então que está fazendo aqui, seu merdinha?

– Vejo que sentiu muito prazer cortando o braço fora – retrucou Zap – eu prefiro sentir prazer comendo. São apenas dois tipos diferentes de prazeres.

– Ou apenas dois tipos diferentes de dores – sorriu Aigam – o prazer e a dor apenas acontecem em momentos diferentes. Você pode se entupir de pipoca agora, mas depois seu barrigão irá crescer tanto que você vai explodir e morrer, e virá a dor. Eu apenas coloquei minha dor no começo e meu prazer no fim. O seu é o inverso.

– Se os dois são a mesma coisa, por que escolher o caminho mais desagradável e desconfortável?

– Eu aprecio desafios e não sigo um caminho apenas por ser mais fácil e simples – disse Aigam – e eu me orgulho da minha coragem e ousadia. Diferente de você que se orgulha da sua preguiça e da sua comilança.

O público desatou a rir. Porém, Zap ainda estava sorrindo tranquilamente.

– Você se surpreenderia se soubesse quanto poder extraí de todas essas coisas que você despreza.

Salve o Senhor no Caos

– Eu não me importo se você extrai poder do rabo. Eu prefiro perder com a força do meu cérebro do que ganhar com a força de um pudim. Você é ridículo. Não tem honra ou vergonha na cara.

– Isso são apenas palavras – disse Zap – você odiaria perder para alguém como eu, Aigam. Admita.

Aigam ergueu o próprio braço decepado.

– Eis meu cajado, porra! – ela berrou – E eu juro que para adornar o meu cajado usarei uma esfera vermelha. Ela será o teu olho direito, Zap de Rezap!

Os magistas ao redor vibraram.

– Só fala, fala e não vem me atacar... – disse Zap.

Porém, antes que ele terminasse a frase, Aigam avançou. Voou para cima dele e ergueu a mão esquerda.

Antes que ela encostasse em seu olho, Zap fez o balde cheio de pipoca levitar e mergulhar na cabeça dela.

– Senhoras e senhores, orgulhosamente apresento-lhes a magia da pipoca! – exclamou Zap, levantando-se – É simples, efetiva e gera humilhação imediata nos adversários que deixam escorrer pela boca toda a merda do cérebro; e pela cara bastante milho e manteiga.

Houve risadas. Sodutse continuava a ler seu livro.

Aigam tirou o balde de pipoca da cabeça e jogou-o no chão. Fitou Zap atentamente e colocou a mão sobre o rosto dele.

– Isso foi adorável, Zap – ela disse – amei a piada. Permita-me rir dela. Quer que eu também te conte uma piada?

– Eu adoraria.

– Era uma vez um menino que tinha um cisco no olho – começou Aigam – aquele cisco o incomodava o tempo todo. “Eu não aguento mais” disse o menino um dia. “Quero tirar esse cisco de qualquer maneira. Estou disposto a pagar qualquer preço”. Sua vida estava se tornando um inferno por causa desse cisco. Ele não tinha mais paz. Ele gritava, o cisco era insuportável. Maldição, miséria! Essa cocêira sem fim.

– Que piada mais longa – Zap bocejou – e nem se parece com uma piada.

Em seguida, Zap começou a sentir alguma coisa no olho direito. Um cisco incômodo. Ele colocou o dedo no olho para tentar tirar, mas não conseguia. Doía cada vez mais.

Wanju Duli

Aigam sorriu.

– Eu coloquei ele aí – ela disse – não vai sair nunca mais.

– Como fez isso? Merda!

– Você vai ter que arrancar o olho para tirar.

– Nenhum imbecil faria isso.

– Se seu braço é um incômodo, basta cortar. Se seu olho dói, arranque-o. Se a vida é uma miséria, elimine-a. Não é mais fácil? Você faz o caminho oposto. Será que a sua via não é, no fundo, mais difícil? Acumulando coisas, se apegando a prazeres. Quanto mais eu elimino, mais me sinto livre. Quanto mais me livro do corpo, mais sinto fortemente o poder pulsante do espírito.

Zap ajoelhou-se, coçando o olho enlouquecidamente.

– Mentira! – gritou Zap – Você estava se gabando com o seu dinheiro!

Aigam tirou dinheiro do bolso, acendeu uma tocha e tocou fogo nele. A plateia vibrou ao ver o próprio dinheiro pegando fogo. Eles aplaudiam tudo que ela fazia, com a maior satisfação.

– Eu faço qualquer coisa que me apraz – disse Aigam, suavemente – pouco me importa se minha via se chama via da dor ou do prazer pela dor, ou se as nossas vias são as mesmas com outros nomes. Só não aceito ver um porco como tu me dando lição de moral e ditando como devo viver. Esse braço não é seu, querido.

– Mas o olho é meu!

– Engraçado. Quem vai arrancá-lo será você e não eu. Não tenho nada a ver com isso. Você despreza a dor, eis sua fraqueza. Eu amo os dois: dor e prazer. Então eu ganho! Era uma vez um menino com um cisco no olho...

E ela continuava a contar a história repetidas vezes. A dor no olho de Zap se intensificava. Até que ela começou a berrar:

– Olho de fogo, olho de merda! O cisco é o olho inteiro!!

E Zap acreditou nisso. Fortemente, estupidamente, desesperadamente.

Até que arrancou o próprio olho direito, violentamente. Os magistas berraram e aplaudiram. Uivaram e latiram.

No entanto, Zap riu depois de fazer isso.

– Descobriu o prazer da dor, pobre miserável? – perguntou Aigam.

Salve o Senhor no Caos

– Sim – disse Zap – mas não com a minha dor e sim com a sua. Você odeia o prazer e foge dele, porque o teme. Ser aprisionada pelo prazer te aterroriza mais que qualquer coisa. Você tem medo de ser tentada por ele. Então se esconde na dor. Pode pegar o olho. Não preciso dele.

Zap colocou o próprio olho na mão dela. Aigam ficou confusa.

– Eu descobri o seu segredo, Aigam. Um segredo que nem você mesma conhecia. Isso não é fantástico? Apenas fique com meu olho e não se esqueça jamais da minha existência.

– O que está tramando, bastardo? – perguntou Aigam.

– Nada de mais. Apenas siga sua vida.

O olho tornou-se um globo imponente e pulsante no topo do cajado de Aigam. Nesse momento, Sodutse levantou-se. Abriu o livro e mostrou uma página para Aigam.

– Você tirou seu feitiço do cisco daqui – disse Sodutse – não foi muito original. Todos os magos poderosos costumam criar os próprios feitiços hoje em dia, ou é isso que se diz por aí. Isso significa que você se considera uma maga de segunda categoria? Note que não sou eu que o digo e sim sua escolha de magia.

Aigam se enfureceu e meteu o cajado na testa de Sodutse, que sangrou.

– Por que não volta para sua biblioteca, maldito rato? Só sabe repetir o que leu. Quem não é original aqui é você.

– Não me importo de não ser original, porque não cobrei ingresso – retrucou Sodutse – mas seria uma pena golpear alguém tão inteligente quanto eu na cabeça. Também não me importo de perder um braço, contanto que meu cérebro ainda funcione.

Ela golpeou Sodutse no meio das pernas e ele caiu no chão.

– Nunca vai pegar mulher ou homem na vida, no máximo algumas traças de livros – disse Aigam – então não precisa do que tem aí embaixo. Diferente de mim, que sou idolatrada pelo meu público por qualquer porcaria que falo. E pare de fazer fiasco, porque você não tem bolas! Não deve ter doído tanto assim.

– Obrigado, Aigam de Oicifircas, pelo excelente ensinamento – disse Sodutse – irei retirar-me agora. Ótimo show, mas o meu foi melhor.

– Que show é esse que foi melhor, peste? Que tal fechar a matraca?

Wanju Duli

Aigam olhou ao seu redor, percebendo alguma coisa errada. O mago tinha ido embora. E seu cajado também.

– Rato, sei bem que foi você que roubou o meu cajado. Você é um dos poucos que teria poder para tanto. Ouçam todos! O cajado irá consumir a vida de Sodontse. Bem feito. Ele não sabe o que fez. Se meu braço tiver poder para matá-lo, já terá sido motivo justificado tê-lo arrancado. Eu nunca vou te perdoar, Sodontse de Airodebas, por ter roubado o meu Senhor na Terra de mim.

Capítulo 3: Bosque de Grama e Metal

Em meio às árvores de copas púrpuras e amareladas, ela meditava. O tempo não corria mais em Bosque de Lem. Era somente ela e a natureza.

Até mesmo o ar parecia mágico. Borboletas rosadas, uma brisa de canela e marijuana. Um cheiro doce, estonteante e recompensador.

Uma maga de branco aproximou-se e fez uma reverência.

– É uma honra conhecer a famosa Oãçome de Aserprus. Meu nome é Meb de Acnarb.

A que meditava levantou os olhos.

– E o que Meb de Acnarb quer de mim?

– Venho aqui em missão oficial para convidá-la a participar do Torneio Extraordinário de Alta Magia de Quepar. Faço parte da comissão julgadora e você foi considerada merecedora de um dos nossos convites, devido às suas habilidades lendárias.

Oãçome abriu o envelope e leu o convite.

– Pensei que o TEAMQ ocorresse em janeiro.

– Esse ano abriremos uma exceção e organizaremos dois, devido a circunstâncias especiais.

Oãçome abriu um sorriso divertido.

– Circunstâncias especiais, hã? Por acaso teria relação com os rumores do servidor sequestrado e mantido em cativeiro na Terra?

– Não posso dar maiores informações – disse Meb – antes preciso de sua confirmação no evento.

– Não consigo mais levantar daqui porque meu chapéu é muito pesado – disse Oãçome – pesa cerca de quinhentos quilos e eu o sustento com magia. Se eu me desconcentrar por um momento, eu morro. Seria muito arriscado mover-me daqui apenas para comparecer em um evento tão irrelevante.

– Por que não se livra do chapéu?

– Porque ele é lindo.

Um computador caiu do céu na frente das duas magas e espatifou-se na pedra, quebrando-se em mil pedaços.

– Conseguem consertar meu computador? – perguntou o mago que chegou.

As duas fizeram que não.

– Então calem a boca, porque aqui é um ambiente de silêncio. Tive que sair da Biblioteca de Os, porque ninguém ficava quieto. Agora vim para o conjunto de bosques mais isolado de Quepar e ainda assim ninguém sabe ficar calado!

– Sabe por que não recebeu um convite para o torneio, Aigoloncet de Atariprebic? – perguntou Meb.

– Eu acessei a internet da Terra no torneio anterior mesmo sabendo ser proibido. É um feito difícil e somente por isso eu mereceria um convite de primeira classe, mas a sua comissão valoriza mais a obediência do que a força.

– Nós precisaremos reunir um time de confiança para uma missão importante. Não queremos cretinos entre eles. Tenham um bom dia.

E a maga de branco se retirou.

– Então os vencedores do torneio formarão a Aliança Mágica Salvadora para resgatar aquele bastardo? – perguntou Aigoloncet – Você já fez parte da AMS, Oãçome?

– Somente uma vez e foi bem desagradável. Os dois magistas que fizeram parte do meu time eram completos imbecis e tive que fazer tudo sozinha.

– No final é sempre assim. Por isso mesmo odeio trabalho em equipe. Aigoloncet sentou-se em frente a ela.

– Que bonito seu chapéu – observou Oãçome – é tão grande quanto o meu.

– É meu computador cerebral. Pesa uma tonelada.

– E mesmo assim você consegue caminhar com ele. Deve ser muito poderoso. Por que o usa?

– Conexões cerebrais diretas – respondeu Aigoloncet – facilita o trabalho mágico. Estabeleci as conexões em estado alterado de consciência, então não me pergunte em que partes do cérebro conectei o quê. Sei como fazer a magia funcionar, mas não conheço plenamente as vias de funcionamento.

Salve o Senhor no Caos

– De outro modo seríamos estudiosos da magia e não magos. É possível fazer as duas coisas, mas em algum momento é preciso sacrificar uma pela outra. A não ser que você siga a via de Sodutse de Airodebas.

Aigoloncet sentiu um arrepio ao ouvir o nome e torceu o nariz.

– Não gosto dele – confessou Aigoloncet – ele é contra livros digitais. Embora siga uma das ordens da nova geração, ele ainda tem um espírito bem conservador. Evidentemente, a comissão julgadora do TEAMQ será composta somente por magos das antigas. Do pior tipo.

– Pelo menos assim a avaliação passará por um aspecto mais objetivo – disse Oãcome – em vez de ser levada por impulsividade e paixões.

– E quem diz algo assim é a maga da emoção? Que saiu de uma ordem de equilíbrio para uma de surpresa.

– Estou em uma época de experimentos – foi a resposta dela – até porque, em última instância, se eu quiser conquistar o Manto Multicor do Caos terei que aceitar a funcionalidade dos mais diversos tipos de vias mágicas.

– Então por que usa esse chapéu? Não é para forçá-la a manter-se imóvel, sempre meditando? Se quiser aceitar a eficácia de magias como a da preguiça, então o seu ato não teria razão de ser.

– Mas tem a minha emoção de ser, pois mesmo após eu me tornar uma mestra das infinitas cores não significa que eu não possa ter minhas preferências mágicas.

Aigoloncet preferiu não dar sua opinião quanto a isso para não gerar uma discussão ainda mais polêmica.

– Dizem que aqui é uma cópia imperfeita e ilusória da Terra – disse Aigoloncet – e há os que defendem que para desenvolver pleno poder mágico é preciso treinar lá.

– Eles são tolos – disse Oãcome – não importa onde você está. Os habitantes daqui veneram os humanos como deuses.

– Os humanos são muito poderosos. São nossos criadores. Não é razoável aceitar que devemos servi-los?

– Um filho pode servir seu pai e sua mãe como forma de gratidão e é aceitável que os amem e admirem – disse Oãcome – mas um filho não é o escravo dos pais. Pais e filhos possuem ligação de sangue, mas não necessariamente ligação de espírito.

Wanju Duli

– É isso o que diz a si mesma para se convencer de que foi uma boa coisa ter largado o seu Senhor na Terra?

Oãcome fitou o outro perigosamente.

– Nós somos brinquedos para eles, que, após usados, podem ser descartados.

– Nós não somos exatamente vivos na visão dos humanos – explicou Aigoloncet – eles nos interpretam como suas projeções mentais. A maioria também não considera que uma rocha ou uma cadeira estão vivas. E eles não estão completamente errados.

– Você não se considera vivo, Aigoloncet de Atariprebic?

– Honestamente, não tenho certeza. É uma questão metafísica complexa. Minha razão não alcança a resposta. De uma perspectiva pragmática, posso dizer que estou vivo, ou que é suficiente explorar a realidade desse ponto de vista. Emocionalmente, às vezes me sinto muito vivo e em outras me sinto bem morto. Meu coração me diz que quando fico muito tempo longe de meu Senhor na Terra minha vida não tem sentido.

Os olhos de Oãcome se estreitaram.

– O fascínio que os humanos exercem sobre nós é extremamente tentador – ela disse – e eu estou aqui meditando, com esse chapéu pesado, para superar essa tentação.

– Meu chapéu possui o efeito oposto, já que meu desejo é estabelecer a máxima conexão com eles. Eu me comunico com meu Senhor na Terra conectando a internet de lá, mas o sinal é sempre muito instável. Por isso especializei-me na magia com computadores: para aprofundar essa conexão.

– Você ama os humanos e eu os odeio. Somos completamente opostos. É melhor que fique bem longe de mim, mago de Atariprebic, ou irei odiá-lo também por esse amor.

Ele levantou-se.

– Você está lutando contra uma força muito forte dentro de você – ele disse – a batalha já está perdida desde o começo.

– A força forte de toda a força – ela pronunciou – sei bem que devo abraçar tanto a magia que sobe ao céu como a que desce a terra. O pai Sol e a mãe Lua. Irei compensar essa falta abraçando todas as vias de magia pelo Caos, para restabelecer o equilíbrio.

Salve o Senhor no Caos

– Encontrar o equilíbrio no Caos? Outra batalha perdida! – exclamou Atariprebic – Se deseja receber a força das coisas superiores e inferiores, mas nega sua missão primordial, jamais será digna do manto do Caos.

– Eu construo minha missão e meus deuses! – exclamou Oãcome – Isso é CAOS!!!

E a ira de Oãcome fez tremer a terra.

Aigoloncet tombou quando o chão vibrou sob seus pés. A terra abriu-se por baixo dele e o mago foi lançado na fenda.

O buraco que se abriu era tão grande que Aigoloncet não se encontrava mais à vista. As borboletas flutuavam sobre a fenda como se saudassem o vento, as flores e o mundo.

– Eis teu prêmio por não fechar a boca, fanfarrão! Eu sou a minha própria deusa. Não me diga que estou errada. Não me venha com essa conversa de que minha missão é servir meu Senhor na Terra. A Terra não é meu paraíso e meu criador não é meu deus. Quero liberdade. Eu desejo me completar comigo mesma. E aqui terei tudo, mesmo sem ter nada. Meu orgulho e minha força superarão aquilo que você chama de amor. Converterei as palavras, que terão outro gosto em minha língua. O universo da minha mente é mais extraordinário que qualquer mundo possível.

E Oãcome de Aserprus regozijou-se com esse pensamento. Era como mel em sua boca, no bosque com cheiro de mel. Novos cheiros se formaram ao seu redor, novas formas e cores. E ali experimentou, na solidão, a companhia dos neurônios que dançavam e se quebravam para inventar qualquer coisa maior do que as sensações que ela já conhecia.

Capítulo 4: Balões e Algodões Mágicos

Zap cuspiu o refrigerante com a surpresa.

– Um servidor foi sequestrado? E o que essa merda deveria significar?

Ohlarac levantou os braços e balançou a cadeira para trás.

– Só estou te repassando as notícias, queridão! Sou o arauto das fofocas mágicas! Me pergunte o que comeu o cachorro da vizinha ontem e terei o maior prazer em descrever até a cor da caquinha.

Zap fez uma careta.

– Às vezes eu tenho medo de você – confessou Zap.

Ohlarac deu um sorriso do tamanho do mundo. E depois fez beicinho.

– Não fala assim comigo que eu choro, Zap! E meu amor por ti não significa nada?

Ele enfiou a cara na mesa e começou a derramar um rio de lágrimas. As gotas viravam passarinhos quando encostavam no chão.

– Tá bom, me desculpa, falei sem pensar! – exclamou Zap e depois sussurrou – Não faça cena no meio da lanchonete.

No segundo seguinte, Ohlarac já estava sorrindo, com os olhos esbugalhados e brilhantes de prazer.

– Garçon, gostaria de um hambúrguer com 57 camadas, sim? – pediu Ohlarac – Ou quer que eu mesmo vá preparar na cozinha? O sorvete deve ser uma torre que vai até o teto com uma balinha em cima.

– Por que está com tanta fome? – perguntou Zap, surpreso – Você geralmente só pede 33 camadas. O que aconteceu hoje?

– Acabei de vir de uma suruba logo ali na esquina. Nós quatro ficamos oito dias e 12 horas trepando sem parar. Fiquei sem comer por todo esse tempo, então estou com fominha.

– Que bom – disse Zap, contente – isso significa que seus paus não vão levantar de repente enquanto estivermos conversando com alguém, para me fazer passar vergonha.

Salve o Senhor no Caos

– Talvez o terceiro levante, porque o usei menos. Obrigado pelo hambúrguer, garçom bondoso! Me deixa te dar um beijo.

E, após beijar o garçom, Ohlarac desatou a comer seu hambúrguer.

– Sei fazer uma magia com hambúrgueres – disse Ohlarac, todo animado – Quer ver?

– Pensei que estivesse com fome.

– Com a magia consigo comer todo esse hambúrguer, vomitá-lo em outro formato e comer de novo.

– Não quero ver! – disse Zap – Eu ainda preciso te fazer algumas perguntas.

Ohlarac jogou suas comidas numa sacola, segurou na mão de Zap e saiu correndo de lá, enquanto ria sem parar.

– Não tenho dinheiro, vamos fugir, há, há, há! Como sou esperto.

E continuou arrastando Zap até que os dois entraram num parque de diversões. Lá Ohlarac pegou algodão doce para ambos, mas não pagou.

– Você não está trabalhando, mestre? – perguntou Zap.

– Fui demitido de novo da vendinha de rabanetes porque eu enfiava tudo no cul – gritou Ohlarac, com alegria.

– Mas você não tem cu – Zap revirou o olho – essa mania que os servidores têm de quererem ser iguais aos humanos...

– Era brincadeira. Fui demitido porque eu dava em cima dos clientes, mas sempre de forma educada. Eu nunca encostava neles, apenas levantava meu manto porque tenho orgulho do meu corpo e acredito que todos devem se orgulhar, não acha?

– Eu ainda acho que você devia pegar de volta o seu emprego no puteiro, porque é o que mais combina com você.

– Não posso, eu tive um caso com o porteiro e ele me trocou por aquela piranha! – e Ohlarac desatou a chorar outra vez – Não me faça lembrar disso, seu monstro! Oh, como meu coração dói!

E dessa vez as lágrimas viraram peixes quando tocaram no chão. Zap recolheu os peixes e atirou-os na fonte ali perto. Deu tapinhas nas costas de Ohlarac.

– Foi mal, cara. Não queria ferir teus sentimentos, mestre. Você sabe que te respeito pra caramba.

Ohlarac deu um puxão na bochecha de Zap.

Wanju Duli

– Eu já não disse para parar de me chamar de mestre? Seu único mestre está na Terra e foi a pessoa que te criou.

– Ele é meu mestre na Terra e você meu mestre em Quepar. Aprendi muito do que sei de magia contigo, então por que não posso te chamar dessa forma?

– Nem mesmo eu tenho a resposta para essa pergunta – e Ohlarac riu outra vez – Moço, quanto custam esses balões? Quero vinte! Quer ver uma magia com balões, Zap-zap?

Ohlarac segurou Zap pelo manto e fez com que os balões elevassem os dois por vários metros.

– Me larga, seu maluco! – berrou Zap.

– Agora vou estourar todos os balões porque será muito engraçado quando cairmos e nos esborracharmos no chão – disse Ohlarac.

– Nããã!!

E despencaram de uma queda de cinquenta metros. Os dois foram colocados numa maca e a ambulância levou-os até o hospital. Zap teve que enfaixar o pescoço e as duas pernas.

– Será que além de caolho vou virar perneta?

– Não arranquei sua perna, bobinho – disse Ohlarac – foi apenas um gesto de amizade. E nem deu tempo de andarmos de roda gigante. Afinal, como foi que permitiu que seu olho fosse arrancado? Aigam é tão fraca...

– Fraca para você – disse Zap – eu não me considero nem um pouco fraco, mas costumo ter problemas duelando com ela. Brigamos desde a época do colégio.

– Esqueci que vocês dois tinham estudado na mesma escola de magia na época em que foram criados. E agora são colegas de trabalho, hã? A vida é tão divertida!

– O que quer dizer com isso? Eu sofro o dia inteiro! E agora Aigam não para de me importunar no trabalho porque Sodutse roubou o cajado dela e ela insiste que eu sei onde ele está.

– Sodutse também foi colega de vocês, não?

– Por pouco tempo. Ele largou o colégio para ser treinado por um mestre da montanha, à moda antiga. Mas logo largou o mestre também e se enfurnou nas suas bibliotecas.

– Quem foi o mestre de Sodutse?

Salve o Senhor no Caos

– Oãçome de Aserprus, que na época era Oãçome de Oirbíliaque. Aliás, antes disso ela era Oãçome de Airodebas. Ela troca de manto como quem troca de roupa. Ou eu deveria dizer que ela troca de ordem como quem troca de roupa? Enfim, o senhor entendeu.

– Senhor, senhor... como você é formal, Zap. Que coisa mais desnecessária.

– Não me considero nem um pouco formal – defendeu-se Zap – eu somente pareço assim perto de você, que não é parâmetro de comparação para nada. Só sei que eu ia ser promovido no trabalho, para o cargo de professor titular, e Aigam deu um jeito de impedir que isso acontecesse porque anda zangada. E quem devia estar brabo sou eu, que perdeu um olho por causa dela!

– E por que você ficaria brabo por causa disso? – perguntou Ohlarac – O que você pretendia fazer com um olho?

– Não pensei muito nisso. Deve ser mero apego, já que tenho o outro olho ainda. E Aigam agora fica desfilando pela universidade sem seu braço e todos os alunos dela morrem de medo.

– Enfermeira, poderia me dar um chá com bolinhos? Sim, eu sei que a senhorita não é uma garçõete, mas meus dois braços não funcionam no momento. E você tem certeza de que não sabe onde está Sodutse, Zap? Já olhou em todas as bibliotecas?

– Procurei nas principais. Ele desapareceu completamente. Provavelmente só quer aborrecer Aigam porque levou uma cajadada no meio das pernas. Não acho que ele pretenda fazer algo com o cajado.

– Então Sodutse deve ter perdido seu emprego também, por ter desaparecido – comentou Ohlarac, esperançoso – será que me deixam pegar o emprego dele?

– Ele é copista. Duvido que vá perder o emprego, porque ninguém mais quer fazer isso e o salário é uma merda. Sodutse não faz questão de ganhar bem, já que mora nas bibliotecas e a única coisa na qual gasta são livros raros.

– Tem razão, não quero trabalhar nisso.

– Acho que vou voltar a ser cozinheiro, porque Aigam está sendo um pé no saco – disse Zap – ou isso ou me retiro para um bosque ou montanha para ser um mestre solitário, embora eu não ache que faz meu estilo. Oãçome ficou ranzinza fazendo isso.

Wanju Duli

– Falando nela, ouvi dizer que ela enterrou Aigoloncet vivo esses dias – comentou Ohlarac, enquanto recortava o lençol do hospital com uma tesoura e costurava no próprio manto.

– Que besteira. Por que não esperam até o TEAMQ para começarem a se matar? A propósito, você recebeu um convite?

Ohlarac fez que não.

– Por que eu iria até o TEAMQ? Eles não fazem sexo lá.

– Mas o que o senhor fez com o lençol?!

A enfermeira quase teve um chilique quando viu o lençol completamente recortado e costurado no manto de Ohlarac. Ele também havia feito furos no colchão e no travesseiro, espalhando plumas e algodão por todos os lados. Fez um cocar para si mesmo com as plumas.

Os dois foram expulsos do hospital.

– Por que fui expulso junto? – perguntou Zap, numa cadeira de rodas.

– Porque eu disse que você era meu filho e precisava cuidar de seu pai senil – respondeu Ohlarac.

– Servidores não têm filhos!

– Mas você é como um filho adotivo para mim. Claro que eu gosto mais de te ver como amigo. Até porque servidores não envelhecem. Seria ótimo se fôssemos com a pele toda enrugada como os humanos. Acho bem bonito.

– Ter bolas, ter cabelos e respirar o ar da Terra – Zap suspirou – todas essas coisas só nos parecem ótimas porque vemos os humanos como deuses. Eu sirvo meu Senhor na Terra fielmente, mas acho meio exagerada toda essa veneração.

– Se te serve de consolo, sabemos fazer coisas que eles não conseguem. Nosso poder psíquico é maior.

– Até que ponto, eu me pergunto – disse Zap.

– Bem, foi ótimo conversar com você, lindo. Mas agora tenho outra suruba para ir e preciso me apressar.

– Você trepou por oito dias e seu corpo está todo quebrado.

– Estarei lá, nem que seja para assistir. Não quero desapontar Anax.

– As bocetas dela são de fogo, hã? Você me disse que ela ficou um mês transando sem parar uma vez?

Salve o Senhor no Caos

– Anax pega fogo por inteiro – Ohlarac lambeu os lábios – é impossível não se apaixonar por ela.

– Se até Sodontse se apaixonou, o que você diz é completamente verdadeiro.

– Mas onde raios anda esse menino?

Capítulo 5: A Casa Negra

– Vocês vão mobilizar os melhores magos de Quepar somente para salvar esse palhaço?! Eu não acredito!

– Recomponha-se, Aigam de Oicifircas. Não importa se um servidor da realeza é da antiga ou da nova geração, se tem muito ou pouco poder mágico. Se é de sangue azul não pode morrer.

Aigam derrubou alguns livros e garrafas de cima da mesa. As garrafas de poções se espatifaram contra o chão.

O mago de vestes negras levantou-se.

– Basta! – ele apontou para a porta – fora daqui!

Aigam cobriu o rosto com as mãos.

– Isso é tão injusto! Por que não posso nem mesmo participar do torneio?

– Eu permito que participe se for capaz de se comportar. Antes do torneio também teremos conferências sobre as magias de diferentes ordens.

Aigam riu.

– Palestras ridículas para novatos? Somente babacas perdem tempo com isso. Quem é mago avançado não se presta a falar de magia básica. Sinto nojo só de pensar.

– Pois todos os participantes do torneio e convidados especiais terão que falar em público a respeito de seus métodos. Isso porque teremos convidados de outros mundos aqui em Quepar nos assistindo. Podemos atrair estudantes estrangeiros para nossas escolas e universidades de magia.

Aigam ficou boquiaberta.

– Você acha que eu quero ver servidores criados por iniciantes pisando em Quepar? – perguntou Aigam – E eu prefiro vomitar todos os meus órgãos do que dar uma palestra para essa gente. Eles não vão entender merda nenhuma! E vão fazer perguntas fodidas.

– O torneio tem regras claras decididas por nós da comissão oficial. Aceite-as ou suma da minha frente, pois está me fazendo perder tempo.

Aigam suspirou fundo.

Salve o Senhor no Caos

– Em agradecimento por você ter ido assistir ao meu show no cemitério, concordarei com seus termos, Lam de Argen.

– E prepare uma boa apresentação – avisou Lam – não quero vê-la apresentando algo de má vontade, como as aulas que dá na universidade. Quero ver a paixão que você tinha quando livrou-se do próprio braço.

– Pode apostar que verá toda a minha paixão.

E Aigam retirou-se da casa abandonada.

Capítulo 6: As Conferências Primorosas

– Muito obrigado por me acompanhar para assistir às palestras pré-torneio, Anax. Ainda bem que elas são abertas ao público.

– De nada. Era o mínimo que eu podia fazer, já que Ohlarac está ocupado em seu novo emprego como cafetão.

E Anax deu um sorrisinho. Zap retribuiu, parecendo pouco à vontade. Não havia ficado muitas vezes sozinho com Anax.

Ela usava o manto de três cores de sua ordem. Junto com o capuz usava uma espécie de véu cobrindo parte do rosto, além de luvas elegantes. Estava até de salto alto e maquiagem, parecendo tão sensual como uma mulher humana. Ela acendeu um cigarro longo e soprou a fumaça. Zap fitou os lábios carnudos de Anax. O batom vermelho vivo contrastava com a pele cor de fantasma dos servidores de Quepar.

Ela voltou os olhos rubros para ele, numa expressão misteriosa, e Zap desviou o olhar.

– As palestras são de graça e as lutas do torneio custam o olho da cara – comentou Zap, desapontado – e como só resta a mim um olho na cara, duvido muito que eu ainda possa dar um olho para ver isso.

Anax deu uma risada alta. Zap sentiu um arrepio quando ouviu a risada bonita e melodiosa. A voz dela, ligeiramente grave e libidinosa, tornava a atmosfera mais quente e emocionante.

Zap apreciava mulheres que riam de suas piadas, mas Anax era um pouco assustadora. Alta, gostosa, segura de si. Não se surpreendia que Sodontse tivesse medo dela. Qualquer um teria.

– Você é muito peculiar, Zap de Rezarp. Se nos interessarmos pelo poder e sabedoria de um dos palestrantes, talvez possamos pagar para ver uma ou duas lutas.

– Ótima ideia – disse Zap, de imediato – concordo plenamente!

Anax abriu outro de seus sorrisos leves e profundos. Zap não sabia por quanto tempo iria aguentar aquilo. Estava se sentindo nervoso. Parecia que Anax lia toda sua alma cada vez que o fitava.

Salve o Senhor no Caos

Ela soprou a fumaça do cigarro para o alto, olhou ao redor e suspirou.

– Vamos procurar uma cadeira perto de uma lixeira e de um banheiro – ela sugeriu – Que não seja na primeira fileira, para não sermos chamados como cobaias de experimentos duvidosos. Então que seja na terceira, para mantermos uma boa vista e termos mais uma fileira de garantia.

– Perfeito – falou Zap, notando que no fundo ela não estava dando uma sugestão, mas mandando tudo o que eles fariam.

Eles seguiram em frente, mas Anax subitamente parou.

– Ou... quem sabe sentamos no fundo, para podermos trocar alguns segredos se as palestras nos entediarem. Assim não seremos rudes com os magistas convidados.

– Definitivamente devíamos nos sentar na frente – disse Zap – quero ver e ouvir bem.

Porém, a preocupação de Zap era de uma natureza bem diferente. Ele tinha certeza de que não resistiria na primeira provocação de Anax. Bastava que ela se aproximasse um pouco e ele sentisse seu perfume com mais intensidade e Zap cederia aos seus encantos. Poderiam transar ali mesmo.

Embora ela e Ohlarac participassem juntos de orgias, eles eram quase namorados. O pensamento de transar com a namorada de seu mestre lhe era um pouco desconfortável. Ohlarac nunca havia mencionado nada a respeito de uma proibição do tipo, mas Zap sentia que não devia fazê-lo.

Zap e Anax sentaram-se lado a lado na terceira fileira. Já tinha muita gente no salão, mas como era um lugar enorme ainda havia lugares vagos.

Cinco minutos após se sentarem, Anax avisou que ia ao banheiro retocar a maquiagem. E ela levantou-se de seu lugar com elegância, balançando bastante o traseiro enquanto caminhava naqueles saltos altos e finos. Zap permaneceu com o olhar fixo naquela bunda até Anax desaparecer na porta do banheiro ao longe.

Depois disso, Zap abanou-se com o folheto de programação das palestras. Ele não era o único presente que acompanhou Anax com os olhos. Homens e mulheres se viravam para olhá-la.

Somente quando Anax desapareceu, Zap conseguiu prestar atenção nas outras pessoas. Chamou-lhe a atenção o fato de que alguns servidores ao redor não eram nativos de Quepar. Nem todos possuíam

Wanju Duli

cor de pele numa tonalidade branca transparente, ou tom fantasma, como eles chamavam. E os olhos de alguns não eram da cor vermelha intensa e brilhante de um nativo.

Zap localizou facilmente os servidores de pele cinzenta e olhos amarelos, nativos da dimensão mais próxima: Midaforvel. Eles eram os estrangeiros de maior número. Além deles havia os tais seranas, abreviatura de “servidores andarilhos do astral”. Eram aqueles que podiam possuir absolutamente quaisquer cores e formas, criados por magos solitários da Terra.

Muitos nem mesmo tinham formas humanas. Havia aqueles que eram tão altos que tocavam o teto e outros tão baixos que era necessário checar atentamente numa cadeira para ver se havia um servidor do tamanho de uma formiga sentado nela. Os servidores que não conseguiam passar pela porta assistiriam as palestras lá fora, por um telão.

Zap sentiu-se bem por estar lá; por estar fazendo parte daquilo tudo. Sentia que era um momento importante. Infelizmente Sodutse não veria. Mas Zap achou que convidá-lo teria sido uma perda de tempo de qualquer forma, pois sempre era um sacrifício arrancá-lo da biblioteca. E depois de sair do show de Aigam com a cabeça sangrando, ele provavelmente pensaria duas vezes antes de colocar a cabeça para a rua de novo.

Anax retornou com um perfume mais forte e uma maquiagem mais carregada. Além disso, tinha um licor de cor azul nas mãos, servido numa taça.

– Estão servindo na recepção – avisou Anax – quer que eu pegue um para ti?

– Não precisa, obrigado – respondeu Zap – esse lugar já está ficando cheio. Melhor não levantarmos mais.

Quanto mais se aproximava do horário da palestra, mais lotava. Até que uma maga de manto e capuz completamente brancos subiu no palco. Pegou o microfone e saudou a todos com alegria:

– Sejam bem-vindos ao Torneio Extraordinário de Alta Magia de Quepar! Gostaria de agradecer especialmente a todos os servidores interdimensionais que vieram de longe e nos agraciam hoje com suas amáveis presenças. Nós iremos inaugurar o evento com uma série de

Salve o Senhor no Caos

palestras que seguirão madrugada adentro. O torneio propriamente dito começará com o nascimento da primeira estrela da manhã.

– Nós não precisamos dormir, mas alguns servidores precisam – Zap sussurrou para Anax – eu acho que eles não se deram conta disso.

– Algumas palestras sempre são monótonas – respondeu Anax – então eles certamente terão tempo livre para dormir enquanto assistem.

A maga de branco anunciou todas as palestras que teriam no dia. Algumas aconteceriam simultaneamente em diferentes salas, porém as mais importantes ocorreriam no salão principal, que incluíam as palestras dos magos que lutariam na arena.

– Meu nome é Meb de Acnarb, uma das organizadoras do evento e membro da comissão julgadora do torneio. Irei iniciar o ciclo de palestras com algumas palavras sobre a magia da minha ordem. Faça parte de uma das ordens originais de primeiro grau. A magia de Acnarb baseia-se no serviço ao outro como fonte de poder. Especialmente o amor que sentimos por nosso Senhor na Terra é nosso maior tesouro. Devemos servir ao nosso criador acima de todas as coisas. Em segundo lugar ajudamos os servidores que sofrem.

– Eu tenho uma pergunta – alguém da plateia levantou-se – por que vocês ajudam primeiro os seus Senhores na Terra antes dos servidores? Como deve saber, os seres humanos são mais evoluídos que nós. Então aquele que é imperfeito e sofre mais não deveria ter prioridade?

Quem perguntou isso foi uma maga de manto branco e capuz negro.

– A nossa existência e todo nosso poder veio do nosso criador – respondeu Meb – portanto, ele deve ser a prioridade. Ele é capaz de salvar nossa vida ou finalizar nossa existência. Os servidores possuem algum poder sobre nós. Podem destruir nossa mente e nosso corpo mas, em última instância, quem salva ou quebra nosso espírito é o Senhor na Terra.

– Então vocês ajudam os outros não por bondade ou amor, mas porque querem uma recompensa e têm medo de seus criadores lhes punirem – retrucou a maga de branco e preto.

– Na nossa visão a alma está acima do corpo – foi a resposta de Meb – então não importa se alguém, seja ele um servidor ou nosso criador, torture nosso corpo ou mente contanto que a alma seja salva. De modo análogo, na nossa visão é melhor dar um ensinamento espiritual para

alguém do que dar um pão. A mente costuma ter conexão mais direta com a alma do que o corpo. Sendo assim, nós fazemos o bem quando pregamos nosso caminho para os outros.

Nesse momento outros servidores se levantaram e queriam falar. Especialmente aqueles que seguiam as vias dos prazeres carnisais como fonte de poder. Zap também sentiu vontade de se levantar e protestar, mas a maga de branco pediu ordem e silêncio.

– Estou ciente de que muitos de vocês não concordam com a ideia de convencer os outros sobre a sua própria forma de pensar, embora a maioria tente fazer isso constantemente nas mais diferentes áreas da vida – comentou Meb – alguns podem tentar converter um fumante a se tornar um não fumante porque faz mal para a saúde. Esse pensamento parte de uma crença de que ter uma vida longa e saudável é algo desejável. Na nossa visão há algo mais desejável que isso, que é salvar a alma. Então tentar convencer outras pessoas a seguir a via da magia de Acnarb é, para nós, superior a dar um pão para quem está prestes a morrer de fome. Isso porque sobreviver não é o bastante. Devemos viver. E uma vida não faz sentido sem a obediência e serviço ao nosso Senhor na Terra.

– Protesto! – exclamou a mesma maga de antes – Sem comida ou saúde não seria possível nem mesmo pensar em todas essas suas teorias, porque não existiríamos. Então seu raciocínio é um erro. A prioridade deve ser salvar o corpo antes da alma. Porque sem um corpo para haver vida não existiria sequer caminho para o espírito se apoiar.

– É uma boa coisa que existam outras linhas da magia que pensem dessa forma, pois se não houvesse nós teríamos que lidar também com essa questão – observou Meb – mas em nossa sociedade existe uma divisão de trabalhos e uma pessoa só não consegue fazer todos ao mesmo tempo, sendo simultaneamente médico, cozinheiro, pedreiro e alfaiate. Nós magos acnárnicos somos aqueles que salvam a alma, trabalhando conjuntamente com os que salvam corpo e mente. É uma equipe.

– Deviam pelo menos mudar o nome da magia de vocês, pois não me parece magia de amor e sim magia da lógica fria e calculista – retrucou a mocinha de pé na plateia.

Salve o Senhor no Caos

– Nós possuímos um bom equilíbrio entre magia de emoção e razão – explicou Meb – pois não ajudamos alguém apenas seguindo uma emoção impulsiva, mas segundo uma lógica forte. Aparentemente nosso conceito de amor e serviço ao outro é diferente do seu, já que nossas prioridades são outras.

Ainda houve algumas perguntas e discussões sobre a parte filosófica que sustentava a magia de Acnarb. Mas logo a porção metafísica terminou e Meb começou a explicar como funcionava a parte prática, transformando esse conceito em poder mágico.

– Quando você faz o bem sua alma se enche de amor – explicou Meb – lembrando sempre que fazer o bem e amar, na concepção da magia de Acnarb, significa servir e amar nosso criador e pregar a verdade do serviço ao criador em primeiro lugar para que todos os servidores assim o façam. Não por temor da fúria do nosso Senhor na Terra, mas simplesmente porque é esta a nossa missão, o nosso propósito maior! Foi ele que nos deu a vida, então é natural que esteja nele o propósito. Por isso nós sempre nos comunicamos mentalmente com nosso Senhor na Terra através da reza, oração e visões. Quanto mais nos inflamamos com a fé nesse propósito, mais nosso coração se inflama de amor e nossa alma se purifica. E através disso nós ganhamos poder mágico, que chamamos de milagres.

– Então vocês só ficam rezando e cantando sem ajudar ninguém – retrucou a mesma maga que sempre reclamava de alguma coisa – e estudando a metafísica falaciosa de vocês, para se convencerem logicamente que de fato estão ajudando fazendo isso. Vocês não seguem o amor puro de forma desinteressada, mas o fazem em troca de milagres!

– Todos fazem uma coisa em troca de outra – disse Meb – ou não daríamos sequer um passo, pois nossa recompensa seria a capacidade de caminhar. Até esse amor puro do qual você fala, o que quer que seja isso, também é feito em troca de paz mental ou por uma convicção de seguir o pensamento de que tal coisa é a certa a fazer. Todos temos crenças e queremos alguma recompensa ou ilusão de recompensa, não importa por que ou pra quem.

Nem todos concordaram com essa explicação e a maioria ficou bravo com a apresentação de Meb, principalmente porque não teve pirotecnia no palco. Muitos ficaram zangados com tanto papo furado e comeram

vários amendoins que os garçons do evento estavam distribuindo para acalmar a fúria das visitas.

– Acho que vou pegar um saquinho de amendoins também – decidiu Zap – sinceramente, essa palestra me irritou. Não deviam dar amendoins para Meb, já que ela acredita que viver é mais importante do que sobreviver, então que ela faça isso sem comida!

– É muito difícil um servidor de Quepar morrer de fome, mas a maioria fica incomodada em fazer jejuns longos – observou Anax, balançando o licor de sua taça – acho que copiamos tantas manias dos humanos que acabamos por nos tornar não quimicamente dependentes, mas mentalmente.

– Não acho que isso seja ruim – disse Zap, enchendo a cara de amendoins – Meb também ficou mentalmente dependente de sua crença extrema na absoluta dedicação da vida ao Senhor na Terra e a nada mais. Prefiro depender de amendoins, pois eles apenas me dão prazer e ficam de boca fechada. Às vezes eu entendo porque Sodutse prefere ficar trancado em sua biblioteca. As pessoas aqui fora falam tanta merda...

– Você quer dizer que as pessoas que defendem ideias com as quais você não concorda falam merda – corrigiu Anax.

– É pior que isso. Até as pessoas que defendem ideias que eu curto também soltam umas bobagens. Eu mesmo sou o rei das bobagens, mas se já é difícil aguentar a mim mesmo, mais difícil ainda aguentar o séquito de besteiras das damas e cavalheiros que se vê por aí.

– Sexo é a nobre via dos ensinamentos que todos gostam de ouvir, na forma de gemidos – disse Anax, concluindo a conversa com classe.

Uma salva de palmas se fez ouvir. Subiu ao palco um mago de manto e capuz negros. Ele tomou o microfone.

– Sou Lam de Argen, um dos jogadores do torneio. Recentemente também assumi o cargo de reitor na Universidade de Magia de Quepar, a UMQ.

– Eu leciono lá – Zap sussurrou para Anax – sou professor adjunto. E eu tenho quase certeza de que foi com esse cara que discuti na noite em que Aigam arrancou o braço.

– Sei que eu, como reitor de uma universidade de magia mista e jogador do torneio, deveria ser imparcial em relação aos diferentes tipos de magia, mas, como Meb de Acnarb nos fez entender, é impossível ser

Salve o Senhor no Caos

imparcial. Minhas vestes mostram ao mundo minha opinião e eu sei que muitos aqui estão exaustos com essa conversinha sobre magia de amor ou ajudar os outros, não importa se salvando o corpo ou a alma. Para mim isso é irrelevante. Não estou de pé aqui porque quero promover a harmonia entre os povos e diferentes linhas da magia, mas simplesmente porque quero convencer os outros de que estou certo e porque quero dinheiro.

Muitos berros de apoio vieram da plateia.

– Esse papo desagradável se parece assustadoramente com o discurso que Aigam deu no cemitério – Zap disse a Anax – não é a toa que ela usa capuz cinzento.

– Eu acho que esse cara todo de preto é muito sexy – foi o comentário de Anax – ele tem um ar sério e maduro.

– Então é verdade que vocês mulheres preferem os caras malvados? – perguntou Zap, levantando uma sobrancelha.

– Os malvados e perigosos são bons para ter uma noite fogosa de sexo selvagem – explicou Anax – os engraçados são ideais para passarmos juntos dias divertidos. Mas gentileza e respeito são fundamentais para uma relação mais longa e duradoura. Eu particularmente não tenho interesse em compromissos e consigo ter muitas noites de trepadas furiosas com quem eu quero. Por isso estou com Ohlarac: ele dá um brilho alegre para os meus dias.

– Sua concepção a respeito de brilho alegre é bem estranha – observou Zap.

Quando o pessoal parou de berrar, o mago de negro voltou a falar:

– Eu basicamente estou aqui diante de vocês para mostrar-lhes minha imponente imagem. Sou sábio, poderoso, convencido e orgulhoso. E não me envergonho disso! Sou egoísta, ambicioso, odeio muita gente e gostaria de ver muitos deles mortos. Até matei alguns que eu gostaria de ver mortos e outros eu não mato porque me dão dinheiro.

Muitos dos presentes gargalharam e se identificaram com o discurso.

– É isso mesmo! – gritou alguém – Sou assim também e não me envergonho! Melhor ser assim do que usar a máscara de falsa modéstia e bondade desses metidos a salvadores do mundo!

Wanju Duli

– Lam de Argen para presidente! – berrou outra pessoa – Vai roubar a todos nós da mesma forma, mas vai fazê-lo na nossa cara e não nas nossas costas!

E mais risadas estouraram. Lam deu um leve sorriso com a animação dos presentes, mas não se deixou levar pela algazarra.

– Aprecio o apoio de vocês – observou Lam – mas peço que não me apoiem pelos motivos errados. Eu não sou e nunca fui um árduo defensor da sinceridade. Isso tudo o que foi dito são pensamentos interessantes, mas não tenho intenção de substituir a virtude do amor ou da bondade por outra virtude de valor equivalente, como o ato de não ser hipócrita. Afinal, como praticante da magia de Argen, também encontro valor na falsidade e na mentira. Posso contar um monte de mentiras agora para todos vocês e rir disso depois. Minha linha de magia se apoia na distorção de valores exatamente como a magia de Acnarb. Eu enxergo impureza no branco e no negro. Paradoxalmente, se eu quisesse ser realmente cruel eu me tornaria um mago do amor, para me apoiar numa mentira distorcida e numa enganação vaidosa de ver-me como bom e puro. Então devo eu aqui, todo de negro, ver-me como o mais puro ou o mais impuro dos seres? Pouco me interessa. Vocês não me interessam também, cachorros e cadelas em trajes coloridos! Acham mesmo que suas cores são verdade? Joguem seus trajes ao fogo e dancem nus na noite escura!

Muitos magos aplaudiram o discurso, embora alguns tenham ficado putos. E um desses que ficou putu resolveu se pronunciar:

– Com todo o respeito, senhor...

– Não preciso do seu respeito – Lam interrompeu-o.

– Então com todo o desrespeito – corrigiu o outro, aborrecido – acho que você está errado.

– Muito bem – disse Lam – não me importo com sua opinião e não preciso refutá-lo. Porém, caso eu decida brincar de disputa de retórica para mostrar o quanto estudei lógica na escolinha, podemos ficar aqui batendo boca até o amanhecer. Seria mais fácil matá-lo e evitarmos uma desnecessária perda de tempo.

– Posso pelo menos mostrar meus argumentos para que você julgue se são razoáveis?

Salve o Senhor no Caos

– Numa discussão ninguém se preocupa se os argumentos do outro são razoáveis – explicou Lam – se forem, tanto pior. A nossa missão é quebrar tais argumentos e trucidar o inimigo. É assim que se joga.

– Então vou mudar meus argumentos para uma pergunta. Você não sente peso na consciência matando pessoas, torturando-as, ferindo-as ou mesmo xingando-as?

– Você praticamente respondeu sua própria pergunta, posicionando minhas possíveis maldades numa hierarquia – respondeu Lam – se não sinto remorso em matar alguém, muito menos sentiria em xingar. Você sente remorso em matar um mosquito? Um açougueiro não se acostuma a destripar seus bichos? É tudo questão de repetir exaustivamente uma tarefa até que se torne banal e automática. Em certo ponto você não a executa mais com o lado esquerdo do cérebro, mas com o direito. Até então, é preciso construir uma lógica forte que justifique seu ato. Você se convenceu que o mosquito é um ser pequeno, irritante, irrelevante e não digno de sua pena. Não posso pensar o mesmo em relação a pessoas? Por que a morte de um ser deve ser diferente da morte de outro? Os bondosos não defendem que devemos ser todos iguais? Quem é realmente bom deveria cometer suicídio para não matar seres nunca mais ao respirar ou comer.

– E você não teme a vingança? Ser xingado, ferido ou morto.

– As pessoas gostam de ser boazinhas quando buscam bondade em troca – disse Lam – e eu busco um pouco de adrenalina e perigo em minha existência, pois o tédio me aborrece. Porém, se a adrenalina e o perigo somente se repetissem, até mesmo eles se tornariam banais e eu ficaria entediado de novo. Portanto, tento manter uma existência que inclui uma rotina tensa, na linha da navalha, intercalada com escorregões na faca, com eventuais feridas. Tenho marcas de fogo no corpo, marcas de dor na mente e manchas profundamente negras na alma. Se eu temo isso tudo? Sim, eu temo! Faço questão de temer e me orgulho do horror que sinto. Afinal, se eu não sentisse tais emoções o ato de matar ou ser morto não teria mais prazer algum e minha via da magia se tornaria irrelevante.

– Sinto que eu deveria dizer alguma coisa – Zap sussurrou para Anax – mas seria inútil argumentar com esse idiota. Até posso prever a resposta imbecil que ele vai dar. As respostas dele não funcionam para

Wanju Duli

pessoas normais. Todo mundo concorda porque parte do pressuposto de que o cérebro do desgraçado não funciona direito. E deve ser isso mesmo. Filho da mãe.

– Tenho uma pergunta! – Anax levantou a mão.

– Pode falar, bela donzela – falou Lam.

– Ele te elogiou – Zap murmurou para Anax – isso significa que ele quer transar com você. É isso que vai perguntar?

– Você serve fielmente seu Senhor na Terra? – perguntou Anax – E o que pensa dele?

– Sim, sigo-o fielmente, já que isso me traz uma série de vantagens – respondeu Lam – e não tento enganá-lo secretamente, já que um deslizamento pode finalizar minha existência instantaneamente e ainda tenho negócios pendentes. Se um dia eu quiser foder com a vida de meu criador, e conseqüentemente com a minha, isso será feito. Até lá, sou obediente. Posso ser filho da puta, mas não sou estúpido.

– Eu ouvi dizer que a famosa e respeitável Oãçome de Aserprus, que dedica sua vida em meditação nos bosques, repudia a ideia da submissão ao Senhor na Terra – Zap pronunciou em altas vozes – o que acha disso, Lam de Argen? Isso significa que ela é mais sábia, poderosa e corajosa que você?

– Oh, que atrevido! – pronunciou Lam, com um largo sorriso, plenamente satisfeito – Não se parece nem um pouco com o covarde que colocou o rabo entre as pernas numa certa madrugada, no lugar em que os mortos repousam com os vermes e almas sujas dos miseráveis.

– Apenas responda a minha pergunta – insistiu Zap.

– Talvez eu não queira respondê-la – desafiou Lam – você vai me obrigar?

– Se não responder, vou supor que você concorda com o que eu disse e isso não vai pegar bem para a sua imponente imagem – zombou Zap.

– Se supõe tais coisas, certamente seu ouvido está entupido de cera e não me ouviu bem quando eu disse que aquele que não segue seu Senhor na Terra apenas por birra é um ser estúpido. Isso responde a sua pergunta?

– E Oãçome possui algum motivo justificado para se rebelar assim?

Salve o Senhor no Caos

– Não sei e não me interessa – respondeu Lam, de modo ríspido – Por que não pergunta para ela?

E Zap calou a boca.

– Agora que finalizamos a parte filosófica sobre a magia de Argen, descreverei um pouco nossas práticas – disse Lam, enquanto caminhava pelo palco – qualquer energia e sentimento podem ser usados como fonte de poder, seja o amor ou o ódio. Você pode se sentir terrível, pode sentir medo. Ninguém usa essa magia para se sentir bem ou livre. Também tiramos poder da dor e da prisão. De absolutamente qualquer porcaria. Dessa perspectiva, estamos próximos dos magos multicores, mas também estamos distantes. Afinal, eu confesso: sou conservador. O que eu odeio, eu odeio. Sou teimoso com o que implico e não aceitarei em absoluto usar qualquer coisa. Apenas porque eu posso usar não significa que vou, ou que devo. Também construí alguns valores meus e me fechei neles. Também tenho fraquezas. E isso é ideal, ou eu não seria capaz de ser morto. E se eu não o fosse seria monótono. A tensão de poder ser assassinado de repente ironicamente me impele a continuar a viver.

– Estou ficando doente com todo esse discurso – Zap sussurrou para Anax – quando esse canalha vai parar de falar? Gostaria de saber o que Sodontse iria comentar a respeito de tudo isso, depois de ler tanto. Mas ele provavelmente estaria lendo um livro agora e não prestaria atenção.

– Tudo o que ele fala deixa minha boceta molhadinha – comentou Anax, com o dedo na boca.

– Eu também vou ficar molhadinho tendo esse cara como meu chefe onde trabalho – comentou Zap – mas vou ficar molhadinho de sangue. Tenho certeza que ele vai ferrar comigo na segunda-feira por eu ter aberto a boca hoje.

Lam deu mais algumas explicações a respeito de como direcionar sua vontade para produção de poder mágico. Falou do estado mental que devia manter no momento de lançar uma magia, qual deveria ser o compasso de sua respiração e as batidas de coração, tendo em vista os diferentes efeitos. Mencionou alguns efeitos desejáveis e outros indesejáveis. Efeitos mágicos colaterais e a adrenalina das maldições que retornam.

Quando se retirou do palco, recebeu uma chuva de aplausos. Enquanto isso, alguns o odiaram e o acharam um idiota. Finalmente, não foram poucos os que sentiram medo ao saber que havia um perito em torturas espirituais e maldições bem ali, exalando tranquilidade.

Ele sentou-se perto de Meb, que havia sido a primeira palestrante. Eles estavam na plateia alta. Os dois trocaram algumas palavras e depois riram juntos.

– Oh – Zap ficou surpreso – aquele cara e aquela mulher estão rindo. Pensei que se odiassem. As magias deles não são opostas? Aposto que estão tirando com nossa cara. O tal Lam deve ter contado um monte de mentiras só para deixar todos cagados.

– Ninguém se importa se foi mentira ou não – Anax acendeu outro cigarro – eles só querem comover o público e arrecadar mais dinheiro nos torneios. Os ingressos ainda estão à venda, então é importante impressionar no discurso.

– Ele deixou claro que ia mentir debaixo de nosso nariz e depois rir. Me sinto enganado por ter acreditado.

Depois do discurso dos dois organizadores do evento, iniciariam as palestras dos participantes. Quando Aigam subiu no palco, Zap fez uma careta.

– Acho que vou vomitar – comentou Zap – ainda bem que tenho o saquinho de amendoins para isso.

Zap vomitou e depois lançou o saquinho no palco.

– Ei, Aigam! – gritou Zap – Quer provar alguns amendoins com pasta de vômito?

– Quero provar o seu olho esquerdo com a pasta das suas tripas – ela disse, pisando no saco de amendoins.

– Isso é por ter roubado o livro de feitiços do meu arquivo na sala de professores – disse Zap.

– Cale a boca, professor adjunto. Você ainda não é professor titular, então fica quieto – após a discussão, ela sorriu e voltou-se para seu público – Boa tarde, convidados ricos que irão assistir ao torneio! E uma má tarde, convidados pobres e mãos de vaca que só vieram para as palestras gratuitas. Como ninguém pagou nada, não tenho a obrigação de dar um discurso muito elaborado, então serei sucinta. Escutem com atenção, pois não repetirei. E cobrarei dez moedas por pergunta. Hoje

Salve o Senhor no Caos

falarei sobre a magia da disciplina, vontade e sacrifício. Pouco me importa se ela tem propósitos bons ou ruins. O foco da minha magia é a vontade que foi usada para realizá-la.

– Essa história de novo... que vadia tagarela – e Zap bocejou.

Aigam jogou o saco de vômito na cara de Zap, que derramou-se nele, com os amendoins pululando para todos os lados.

– Eu escutei, corno – rosnou Aigam – continuando, não importa o que você quer fazer, contanto que o faça com paixão. Uma pitada de loucura não faz mal. Te faz sentir mais vivo, ou mais morto, conforme o gosto. A emoção deve dominar a razão. A vida não deve ser medida com uma régua. Que graça teria viver assim? Isso não é vida, é uma masmorra. Tampouco concordo com o preto no branco das magias antigas. A mente é muito mais complexa que isso. Bem e mal? Afinal, quem é aquele que determina o que é certo ou errado?

– O Senhor na Terra – respondeu Zap, monotonamente.

– E para aquele que foi abandonado por seu Senhor na Terra, o que resta fazer? – desafiou Aigam – Chorar? Claro que não, e sim tornar-se seu próprio julgador. Não há problemas em abandonar o mestre quando ele te abandonou antes.

– Você devia ajoelhar-se diante dele e clamar por perdão e misericórdia – comentou Meb.

– É assim que fazem na sua seita, moça? – perguntou Aigam, de má vontade – Eu sei como ser obediente e fiel, mas também tenho o mínimo de orgulho.

– Não é orgulho – corrigiu Lam – e sim o mínimo de sanidade.

– A sanidade me aprisiona – disse Aigam – Você é racional em excesso, Lam de Argen. O seu discurso é apaixonante, mas as suas ações são demasiadamente cuidadosas.

– Isso é maturidade. Quando tiver a minha idade vai entender que não precisa se livrar do próprio medo para superar a si mesma. Cause desastres como lhe aprouver, mas aprenda a manter-se no olho do furacão.

Aigam sentiu-se profundamente ofendida.

– Você não é meu pai. Não aceito seu argumento de autoridade.

– Obrigado pelo discurso, Aigam de Oicifircas. Pode retirar-se agora. Esperamos que nos apresente uma excelente luta.

Wanju Duli

Lam bateu palmas e o público inteiro aplaudiu a seguir. Aigam saiu de lá frustrada.

– Eu tinha preparado um ótimo discurso sobre princípios da evocação, palhaço... – Aigam murmurou para si mesma, mas deu de ombros, já que não queria dar aquele discurso desde o começo.

– No final, ela não disse merda nenhuma – observou Zap – ainda bem. Eu já entendi porque ela faz as coisas que faz. Ou ao menos já aprendi a aceitar que a insanidade tem regras próprias que fogem à razão e ao senso comum. Ela não precisa ficar perfurando seus parafusos de fanatismo no meu ouvido.

– Não é por isso que veio na conferência? Para ser perfurado por parafusos de fanatismo? – perguntou Anax, amassando a bituca de cigarro com o salto – Se queria algo que lhe agradasse, devia ir a um encontro da Ordem de Rezarp.

– Eu devia mesmo.

O próximo mago subiu ao palco dando uma cambalhota, em meio a uma chuva de confetes. Colocou as mãos ao alto e deu um sorriso grandioso com sua boca enorme. Zap apoiou a mão no queixo, achando a ideia boa.

– Ele disse que não vinha, mas esse tipo de coisa é bem a cara dele – concluiu Zap.

– Amor!! – berrou Anax – Meu querido! Ai, gostosão! Que homem maravilhoso!

– Muito obrigado, docinho! – exclamou Ohlarac e depois jogou um bilhete na direção de Zap.

Zap abriu o bilhete, que havia uma indicação para que ele lesse em voz alta o que estava escrito. E Zap leu:

– “Isso não é um homem e sim uma chuva de esperma!” Mas o que é isso, mestre?

– Agradeço muito que pense isso de mim, Zap de Rezarp – disse Ohlarac – Tenho muitos fãs, hã? Será que sou popular?

Várias mulheres na plateia estavam berrando de emoção, como se Ohlarac fosse um músico ou ator famoso.

– Lindo!! Gatooooo!

– Eu quero esse homem pra mim!! Que tesão!

Anax começou a ficar com ciúme e passou a gritar com toda a força:

Salve o Senhor no Caos

– Esse homem é meu! A primeira que encostar nele sem convite para uma orgia oficial terá a sua boceta perfurada por uma motosserra!

E todas ficaram quietas, pois Anax não assustava somente homens, mas as mulheres também.

Ela sentou-se novamente e soprou um beijinho para Ohlarac, que cambaleou para trás e tocou o próprio peito, como se tivesse sido atingido.

– Quer começar logo a merda da sua palestra?! – Aigam gritou de algum lugar da plateia – Já estou ficando impaciente! Mas se você for mesmo o mestre de Zap, nem precisa começar a falar. Sua presença já incomoda o suficiente.

– Fico lisonjeado que minha presença incomode, pois a intenção foi essa – disse Ohlarac – É um prazer conhecê-la, madame Aigam. Devo dizer que você é ainda mais encantadora do que ouvi falar. Mas não posso dizer mais que isso, ou minha amante ficará zangada.

– Eu não ligo para o que você devia dizer e não vai dizer – disse Aigam – apenas fale suas bobagens e acabe com isso. Então você faz sexo e transforma a sensação do orgasmo em poder mágico, hã? E o que mais?

– É só isso mesmo – disse Ohlarac – Não vim aqui para falar e sim para mostrar como faço. Sou melhor com ações do que palavras. Poderia vir ao palco, meu bolinho de laranja com mel e açúcar mascavo?

– Com raspinhas de limão em cima? – perguntou Anax, esperançosa.

– Muitas raspinhas serelepes – confirmou Ohlarac, com olhar de galã. E deu uma piscadela.

Ela deu um gritinho de prazer. Anax saiu saltitando até o palco e levantou um pouco de seu manto, revelando sua coxa carnuda. Ohlarac segurou-a e Anax derrubou a cabeça para trás, erguendo seu pé com o salto alto.

Ohlarac beijou a perna inteira de Anax, começando da ponta do pé até chegar embaixo do manto. Ohlarac desapareceu debaixo do manto dela. A partir daí começou a grunhir como um porco. Colocou Anax no cangote e saiu trotando pelo palco de quatro, como um cavalo, dando coices e relinchos, ainda com a cabeça escondida sob o manto dela.

Por fim, Ohlarac deu um urro tão alto que foi ouvido até do lado de fora do salão.

Wanju Duli

– Hooooooooooooooooooooo!!! Ohhhhhh!! Ahhh eeehhh iiihhh oohhh uhhh!! Está vindo! Está chegando o cavaleiro branco com suas três espadas! O que é esse monstro crescendo dentro de mim? Ele é meu filho, meu primogênito! Eis que estou grávido, estou parindo! As contrações do parto me quebram por dentro, mas também me vivificam! Eles são... trigêmeos univitelinos!!!

Ohlarac meteu a mão embaixo do próprio manto e quando ergueu-a ela estava repleta com um líquido quente e pegajoso que ele embalou nos braços como quem cuida de um filho.

Uma salva de palmas preencheu o salão, cuja intensidade superou até mesmo a das palmas que Lam recebeu.

Ohlarac baixou a cabeça em agradecimento e pegou na mão de Anax, levantando-a e a agradecendo em lágrimas.

Aigam ainda estava séria.

– Onde está o poder mágico gerado, mago de araque? – ela perguntou, de braços cruzados.

– Aqui.

– Onde?

Ohlarac desceu do palco e caminhou até onde Aigam estava sentada. Quando ele fez isso, seus fãs foram à loucura.

E Ohlarac deu um aperto de mão em Aigam.

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

– Por favor, me diga que não fez isso – ela disse.

– Eu fiz – confessou Ohlarac.

– Você está morto, sabia, Ohlarac de Oxes? Morto!! – gritou Aigam, completamente fora de si – Não vai sobrar nem sombra do seu cadáver ou da sua alma na arena, porque eu vou transformar tudo em pó.

Aigam levantou-se da cadeira e deu um tapa na cara de Ohlarac. Depois disso, saiu do salão. Ohlarac, com a cara pingando de porra, sorriu.

– Viram que magia poderosa eu gerei? Fiz a moça ficar zangada.

– Não é preciso usar magia para isso – observou Zap.

– Já conhece meus filhos? – Ohlarac indicou a própria porra no rosto

– Eles se chamam Uap, Acip e Acorip. Infelizmente você não poderá conversar com eles porque não conseguiram chegar no óvulo.

Salve o Senhor no Caos

– Ah... que pena – disse Zap, não se dando ao trabalho de corrigir Ohlarac e lembrar-lhe que Anax não tinha óvulo.

Ohlarac debateu-se, esperneou e chorou enquanto socava o chão.

– Meus filhos queridos! Ai de mim, o que farei?

– Querido, não fique triste – Anax consolou-o – eles permanecerão para sempre em minha memória.

– Na minha também, pois foi uma memória bem quente. Vamos lá fora fazer mais bebês?

– Pode ser – disse Anax, ajeitando o capuz e retocando o batom – esse lugar está muito chato. E se Aigam vai mesmo te matar, é importante que você coloque seu descendente em mim antes de morrer. Depois disso, já pode ir para o buraco.

– Sempre atenciosa com o papai... – comentou Ohlarac, sorrindo em aprovação – Minha rainha tem coração de ouro e xana de diamante.

E os dois saíram correndo do salão, de mãos dadas.

– Droga, por que Sodontse não está aqui comigo? – queixou-se Zap, para si mesmo – Só quando estou perto dele não me sinto o único são. Bem, eu acho que pelo menos os gringos estão bem impressionados com nossa festa e vão voltar no ano que vem.

Zap foi assistir a algumas palestras aleatórias em outras salas. Depois voltou para a principal e ainda viu mais duas palestras de dois magistas que iriam competir no torneio. Quando a madrugada caiu, Zap ainda estava pensando se ia ou não comprar o ingresso caro, pelo menos para assistir à batalha de Aigam e Ohlarac.

Ele sabia que Ohlarac não podia perder. Ele tinha chamado Aigam de fraca. E se até mesmo Zap podia competir com Aigam quase de igual para igual, Ohlarac, que era mais forte que ele, certamente passaria por essa luta sem levar um arranhão.

Por via das dúvidas, Zap resolveu comprar o ingresso. Se esse fosse o último dia de vida do mestre, pelo menos estaria lá para consolar Anax e oferecer-lhe uma proposta de namoro, antes que outro qualquer o fizesse.

Zap balançou a própria cabeça e deu tapinhas na testa.

– Não, não, Zap! Comporte-se! Que pensamentos sujos são esses?

E com o nascimento da primeira estrela da manhã, quando o céu ainda não estava completamente claro, foi dado início ao torneio.

– O vencedor fará parte da missão oficial da AMS! – lembrou Meb, no microfone – É uma honra muito grande. Será uma aventura perigosa, mas a medalha que receberão ao cumprir com seu dever como orgulhosos cidadãos de Quepar permanecerá com vocês para sempre. As próximas gerações lembrarão de seus nomes!

– Balela... – Zap murmurou para si mesmo, enquanto se escorava na grade da arena e chupava seu refrigerante pelo canudinho – a AMS só tem missões fodidas e são todos uns escrotos. E o que ela quer dizer com “as próximas gerações lembrarão de seus nomes”? O cara que partir nessa missão vai morrer? Não basta arriscar o pescoço nesse torneio de bosta? Só organizam eventos idiotas em Quepar. Ah, se fosse na Terra...

Mas Zap balançou a cabeça novamente, compreendendo-se. Ele não devia desejar ir para a Terra e sim permanecer como um orgulhoso cidadão de Quepar. A não ser quando seu Senhor na Terra chamasse por ele, é claro. O que não devia estar longe de acontecer.

Zap sentiu um arrepio ao pensar nisso. Pisar na Terra novamente. Falar com seu Senhor. Não seria a coisa mais perfeita do mundo? Ele não se sentiria completo e imensamente feliz?

Na Terra os humanos se divertiam e eram felizes. Não em Quepar, em que apenas aumentavam seus próprios poderes mágicos como loucos e zumbis, para merecerem os agrados de seus senhores.

– A Terra está repleta de deuses. Mas a maioria deles não sabe que são deuses. Não é irônico? Sodontse me disse uma vez que leu num livro que há humanos que adoram outro deus.

E quando os dois magos subiram na arena e o público foi à loucura, Zap sentiu um aperto no coração. Ganhar uma viagem para a Terra era o maior prêmio. Era a “Dimensão das Dimensões” como a chamavam. Todos os habitantes dos outros mundos invejavam esse lugar. As energias de lá eram simplesmente estonteantes e inspiradoras. “O equilíbrio perfeito de bem e mal”.

Zap estava tão distraído que deixou o copo de refrigerante cair quando fitou a arena e viu quem era um dos desafiantes.

Capítulo 7: Arena de Fluidos

Ele já ouvira falar muitas vezes naquela pessoa, mas era a primeira vez que a via ao vivo. Quando Zap fitou a arena teve certeza que era ela. Mas não compreendeu sua presença.

O gigantesco chapéu de três cores. O manto longo e o cachecol. Até mesmo os organizadores do evento se espantaram.

– Eu a convidei pessoalmente, Oãcome de Aserprus, mas o regulamento exigia que fizesse uma palestra para selar sua participação – observou Meb de Acnarb.

– Essa regra é irrelevante e foi criada somente por conveniência – respondeu Oãcome – embora eu não me interesse em estar na Terra, a missão da AMS agora me diz respeito.

– Apenas parem de falar e comecem a duelar! – berrou alguém da plateia.

Zap suspirou. Tinha vontade de ver o que Oãcome sabia fazer. Isso lhe daria uma pista do que Sodutse poderia ser capaz.

No entanto, o desafiante de Oãcome, que tinha duas cores, ao ver com quem ia lutar desistiu da partida e foi vaiado.

Zap, percebendo que aquilo ia demorar, pensou em voltar e comprar mais um copo de refrigerante, mas um dos magos escalou a grade e saltou para a arena.

– Eu te desafio, maga herege! – ele gritou – Vai pagar por ter me soterrado e por ter ofendido a Missão Sagrada!

Lam pigarreou. Já havia acontecido muita desorganização naquele torneio, com desafiantes inesperados e desistências. O magista que saltou para a arena sequer havia recebido um convite. Aquilo não pegava bem para a imagem de Quepar. Precisavam garantir que os turistas retornariam no ano seguinte para torrarem o dinheiro deles nessa dimensão.

– Como compensação pela estupidez dos participantes, todos que pagaram pelo ingresso participarão de um sorteio assim que esses imbecis terminarem de se matar – declarou Lam – e o prêmio para o

vencedor será o raro livro Sazer Sadnil! Além de um marcador de página de brinde por ingresso.

A multidão foi à loucura com a generosidade do mago de negro. Assim que Lam acalmou as pessoas, sentou-se novamente. Zap deu de ombros, pois não se importava com livros ou marcadores, já que não gostava de ler. Teria preferido uma bala.

– Está proibido de acessar a internet da Terra para lutar! – alertou Meb.

– Cale-se, mulher, e deixe a criança brincar de vingança – sorriu Lam, enquanto virava as páginas de um livro com um cutelo.

O mago que pulou da plateia deu um giro na capa e apresentou-se:

– Chamam-me Aigoloncet de Atariprebic. Veremos se as redes neurais da carne superam as redes neurais da máquina. Acha mesmo que pode negar o teu Senhor na Terra e ainda restar vida e poder em ti? Se não vai te julgar aquele que te criou na Terra, serei eu a te julgar por teu pecado.

Oãçome não pronunciou uma só palavra ao escutar o discurso. Estava sentada no chão em posição de lótus, meditando de olhos fechados.

Aigoloncet deu alguns passos adiante, com o chapéu de computador a pressionar-lhe o crânio. Ele digitou furiosamente no teclado acoplado ao próprio braço. O metal assumia o lugar da pele. Muitos dos que assistiam riram do ato.

– Ele pensa que está se comunicando com o seu Senhor na Terra? Que charlatão! – exclamou alguém.

E mais risadas explodiram.

Aigoloncet, aborrecido com as reações dos que assistiam, tirou os fones de ouvido e usou um microfone:

– Meu Senhor, diz algumas palavras a essa gente! Eles não acreditam que consigo conectar a internet da Terra.

– Ele fala sozinho! – berrou outro, quase chorando de rir.

Mas as expressões risonhas se tornaram tenebrosas quando uma voz ecoou pela caixa de som da perna de Aigoloncet. E a voz disse:

– Servidores de Quepar, aproveitem o show! Aigoloncet, explode teu poder e torna-o minha força!

Salve o Senhor no Caos

As palavras ecoaram nos ouvidos de todos. Era inconfundivelmente uma voz humana. E todos os que ouviram tremeram e caíram de joelhos. Na plateia, um após o outro tocou a testa no chão.

Zap observou aquilo com terror, mas não se curvou. Apenas apoiou-se na grade sem forças. Lam não levantou-se. Sussurrou para Meb:

– O povão ainda acredita na antiga superstição de que é preciso ajoelhar-se para todo Senhor na Terra.

– Só precisa ajoelhar-se para o seu próprio Senhor – concordou Meb, também mantendo-se imóvel.

Oãcome não abriu os olhos e nem alterou sua expressão. Sua concentração era profunda.

– Se é assim que vai agir, tola de Aserprus, dessa vez serei eu que afundarei o chão contigo – pronunciou Aigoloncet.

Tocou as mãos no chão e desenhou um círculo arcano em torno de Oãcome. Ele o fez com linhas verdes e brilhantes, que surgiam conforme ele digitava códigos no teclado numa velocidade incomparável.

E o chão debaixo dela afundou, com um barulho que era como o trovão. Os que assistiam na plateia taparam os ouvidos. Zap cobriu a cabeça inteira. Somente Lam e Meb não o fizeram.

Quando Zap abriu os olhos, seu queixo caiu. Oãcome não se moveu. Estava flutuando no ar, sobre o buraco, ainda na posição de lótus.

Aigoloncet gargalhou. Lançou diversas formas esféricas na direção dela, que giraram em torno de Oãcome como elétrons saltando loucamente até liberarem luz e faíscas elétricas.

Ela parecia muito confortável em meio às energias que explodiam ao seu redor. Nem mesmo piscou. Aigoloncet começou a ficar zangado. Cessou as energias que piscavam e explodiam.

E fez-se o silêncio na arena.

Ele sentou-se em frente a ela. Digitou outra coisa, noutra linguagem. Seus olhos brilharam.

– Meu Senhor está comigo – ele disse, e suas palavras soaram apaixonadas – então não há meios de vencer-me, nem aqui, nem na Terra e nem acima dos céus.

Finalmente, ela falou, movendo os lábios com leveza:

Wanju Duli

– Eu não estou aqui. Não estou em lugar algum. Teu poder acontece nesse espaço e tempo, mas o meu transcende. Não temo perder o corpo, pois não há corpo.

Ela levantou-se. Ele deu um passo para trás.

– Isso não é fé – ela abriu os olhos – é uma farsa. Vejo medo em ti. Ou não aceita entregar tua existência ao teu Senhor na Terra? Patife repugnante! Te ajoelha por ele, monte de esterco! Ou vai te envergonhar?

– Se eu me ajoelhar agora, minha cabeça se partirá! – Aigoloncet berrou loucamente.

– Antes ter o crânio rachado do que renunciar ao teu Senhor na Terra! – retrucou ela, também aos berros – ou não é assim que te ensinam, canalha?! Me mostra o teu brilhante fanatismo, fardo dos que se esqueceram há muito da vida, lenda das gerações idas, pois só restou o fogo do coração!

E, sob o peso da provocação dessas palavras, Aigoloncet ajoelhou-se e curvou sua cabeça para o chão.

O peso do computador colossal forçou o seu pescoço, que quebrou-se. A máquina de uma tonelada pendeu para a frente, arrancando a pele de sua cabeça, junto com o cérebro partido ao meio, que escorreu como macarrão embebido em sangue.

Oãcome segurou parte do cérebro dele com os dedos e provou um bocadinho. Cuspiu, lambendo os dedos.

– Espírito de porco, cérebro de porco – pronunciou ela – mais sorte na próxima encarnação, parvo fanático.

E a multidão explodiu em urros e palmas. Ao ver o cérebro que se parecia com um macarrão, Zap sentiu fome.

Oãcome apontou um dedo acusador para a comissão julgadora.

– Eis teu show, Lam de Argen! – ela anunciou – Entreti a tua multidão e enchei teus bolsos de dinheiro com isso.

– Ah, então foi esse o motivo do drama e exagero – observou Lam – bem que estranhei. Você costumava ser mais discreta nos velhos tempos. De boca fechada e metida num mato sem perturbar ninguém. Gostava mais de você naquela época. Eu sempre preferi as mulheres que abrem as pernas sem abrir a boca.

Salve o Senhor no Caos

Oãcome amou tanto esse comentário que deu um sorriso e mordeu os lábios:

– Deixe estar, lindinho. Se um dia tiver coragem de duelar com esta que vos fala, poderá chamar por teu Senhor na Terra com lágrimas e sangue, que ele não vai te atender. Afinal, é ele que te salva ou tu o salva? Nada disso é verdade nesse circo. Mente mais, corno, e desfila enquanto pode com teu manto negro. A pompa da roupa não me engana. Somente a usa para esconder a fraqueza da tua mente.

E Oãcome retirou-se da arena.

Dois moços entraram rapidamente na arena com suas vassouras. Um arrastou o cadáver de lá e outro limpou o sangue e os pedaços de cérebro. Um minuto depois, o que restou correu com o balde em mãos.

Mais palmas estouraram quando Aigam e Ohlarac entraram. Ohlarac entrou com muita animação, lançando beijinhos para os seus fãs que gritavam apaixonadamente. Estava com um buquê, jogando rosas para a multidão.

– Anax, seja bem-vinda – Zap cumprimentou-a – acompanhou a última luta?

– Não, eu estava me despedindo de Ohlarac no camarim, enquanto ele se produzia para o duelo.

– Está triste?

– Tivemos uma rapidinha agora mesmo, então estou bem – respondeu Anax – e vejo que Aigoloncet morreu. Foi a morte final?

– Não sei – confessou Zap – dizem que ainda dá para pedir clemência ao Senhor na Terra, mas um servidor tem um tempo de vida determinado no momento da criação, então... depende da situação dele.

Anax acendeu um cigarro.

– Morte é morte – ela disse – essa história de voltar é para covardes.

– Se Aigam morrer, abraçará a própria morte como um presente cobiçado – disse Zap, observando-a – ela odeia Quepar, a Terra e todas as coisas. Provavelmente não odeia seu Senhor na Terra, mas às vezes sinto que ela não aguenta mais não odiá-lo.

– É o sentido dela. E o sentido de todos nós.

– O sentido... – Zap estreitou os olhos – vale a pena rachar o cérebro por ele, certo?

– O que mais há para ser valorizado nesse mundo ou em qualquer outro? – Anax soprou a fumaça em forma de coração – o lendário amor? O amor pelo corpo? A paixão pela mente? Tudo isso é lixo sem o Senhor na Terra.

– Mas e se... tudo isso fosse uma mentira?

– O que quer dizer?

Os dois já tinham começado a lutar na arena.

– Não sei o que quero dizer – confessou Zap – mas e se Oãcome estiver certa? Ela ganhou essa batalha pela fé cega que Aigoloncet tinha por seu Senhor.

– Ele perdeu o corpo, mas seu espírito se salvou – respondeu Anax – e Oãcome vai perder tudo o que tem, corpo e espírito, no final de tudo.

Ohlarac dançava enquanto batalhava, escapando das bolas de fogo que Aigam lançava. Ela gritava:

– Esse é o fogo da minha vontade! De toda a minha determinação e poder! Vou arrancar tua pele do corpo e fazer um casaco com ela!

Era do coração que ela tirava aquele fogo. Como partes do seu espírito. Não se importava que não tivesse um braço ou mesmo que sua pele derretesse e se despedaçasse naquela luta.

Enquanto isso, Ohlarac saltitava e dava cambalhotas, rindo como nunca, em pura adrenalina. Deu uma estrelinha, com muitos aplausos.

Aigam retirou um punhal de dentro do manto e cravou-o no chão. Pronunciou uma fórmula mágica:

– Mev arutairc euq emert!

E, após cravar o punhal no chão da arena, dirigiu-o ao alto. Traçou um símbolo arcano com sangue vaporizado que soprou de sua boca e congelou-o no ar. Quebrou o sangue com o punhal e dele nasceram fantasmas vermelhos, que perseguiram Ohlarac.

Ohlarac zombou dela, parodiando-a assim:

– Mev arutairc euq azog!

Levantou seu manto, revelando seus três paus duros. A multidão berrou muito e algumas mocinhas e mocinhos até desmaiaram de prazer e precisaram ser levados com urgência para atendimento. Alguns morreram.

E, evocando um grande poder de suas entranhas, Ohlarac lançou jatos de líquido branco de seus três cacetes. Congelou os jatos no ar,

Salve o Senhor no Caos

quebrou-os e fez com que também virassem fantasmas, que atacaram os fantasmas vermelhos.

Os fantasmas se enroscaram. Na verdade os fantasmas brancos não queriam destruir os vermelhos e sim trepar com eles. E os três fantasmilhas brancos violentaram os vermelhinhos, que explodiram no ar com uma chuva de sangue.

Aigam revirou os olhos, cansada do teatro.

– Pare de tentar ser engraçado e lute de verdade, bufão! – gritou Aigam.

– Estou sendo bem violento – alertou Ohlarac – você quer que eu seja mais? Cuidado com o que deseja!

– Por que olha para mim e não toma conta daquilo que te faz homem? – desafiou Aigam.

E, passando a lâmina de sua adaga, decepou um dos paus de Ohlarac.

A plateia gritou. Anax queria saltar a grade e matar Aigam. Mas Zap segurou-a pela cintura enquanto ela escalava a grade, para que isso não acontecesse. Quando a segurou, sentiu a bunda dela contra seu peito e foi muito bom.

Sangue correu pelo pedaço de pau decepado. E em vez de gritar e chorar, Zap começou a gargalhar com toda a sua força.

– Eis o fim do palhaço! – ela anunciou para o público, urrando de contentamento – e o enterro da via do prazer e riso! Pois o prazer que tu agora sentes é com a dor, pobre insano despedaçado!

Ohlarac fitou o céu, banhado em suor e êxtase.

– Mortificação... hã? – ele perguntou, com falta de ar – Se gosta tanto, me divertirei contigo, Aigam de Oicifircas.

Ela passou a lâmina no rosto dele. O sangue correu do corte. Ele fitou os olhos dela.

– Se quer tanto assim me foder para honrar a via do teu nome, aproveita enquanto ainda tem paus, servo de Oxes – ela bufou – pois em breve não terá mais pau nem pele! Descascarei teus cacetes como bananas!

– Usem magia, porra! – gritou alguém da plateia – Aigam covarde, larga essa adaga se és uma mulher de honra!

Ela colocou o pau decepado de Ohlarac na própria boca, para provocá-lo. Chupou-o e depois descascou-o com a adaga. Mas quando

ouviu o insulto da plateia, lançou o pau na cabeça do mago que a desrespeitou.

Ela desapareceu da arena. Cortou o pescoço do puto que disse isso. Voltou para a arena, como num teleporte.

– A magia escorre de todo meu ser quando ando, quando respiro – ela pronunciou – quando vomito e quando praguejo. Aquele que somente julga por fora nada sabe sobre mente e magia. E tu, Ohlarac! Nada tem a dizer? Enquanto sofre, enquanto morre.

– Como deve se lembrar, sou mais de ação do que palavras – respondeu Ohlarac – eu sou um homem assim. Foi perigoso chupar meu pau, irmãzinha, pois me deixou com um tesão diabólico. Não consigo me segurar quando sinto. Com a licença da madame...

Ohlarac deu um salto súbito, jogando-se por cima de Aigam, que foi lançada no chão. E enterrou seus dois paus duros nos olhos dela, fodendo-a dessa maneira.

Mais gritos da plateia. Anax teve um orgasmo de onde estava e não parava de gemer. Enquanto ela gemia, Zap a observava e se masturbava debaixo de seu manto.

Aigam não parava de berrar de dor, com os olhos despedaçados. E como aquilo continuou por um longo tempo, Lam levantou-se e decretou o julgamento:

– Basta! Ohlarac é o vencedor. Se não vai matá-la logo, largue-a de uma vez, pois uma tortura repetitiva é um espetáculo entediante para a plateia.

– Você só quer protegê-la, Lam, porque é apegado a essa menina – disse Ohlarac – bem te conheço, miserável. Eu paro quando quero.

E Ohlarac deu um sorriso divertido ao dizer isso.

– Não ousa me desobedecer – ameaçou Lam.

– Tu não tens autoridade sobre mim – respondeu Ohlarac.

E Lam voou até a arena, aterrissando ao lado de Ohlarac. Puxou-o pelo braço e retirou-o de cima de Aigam.

Uma repentina onda de fúria invadiu o rosto de Ohlarac. Ele fez um movimento muito rápido. Lam afastou-se por pouco. Uma onda residual de energia negra e roxa perpassou o ar.

– O cheiro dessa magia – disse Lam, agarrando o ar com uma das mãos – você é um antigo membro da Ordem de Argen.

Salve o Senhor no Caos

– Todo mundo sabe disso – Ohlarac riu.
– Sempre foi um rumor infeliz. Você acabou de destruir o mistério.
– Eu não gosto de ser um mistério! – afirmou Ohlarac – Meu corpo e minha existência são de todos!

– Mas a sua mente é somente sua por tempo demais. Isso me incomoda, Ohlarac de Oxes. Suma daqui enquanto o pessoal da limpeza remove o sangue da arena. O trabalho deles é muito mais digno que sua porra saltitante.

– Porra saltitante – repetiu Ohlarac, feliz da vida – vou lembrar dessas sábias palavras, amigo!

E ele deu um beijo no rosto de Lam, correndo dali em seguida.

Lam, ignorando a alegria de Ohlarac, abaixou-se e segurou Aigam nos braços.

– Garota estúpida – ele disse – sabia bem que não estava preparada para essa luta.

– Mas ele... – ela tentou.

– Te deu uma porra de um aperto de mão com porra! – exclamou Lam – Por causa dessa tolice precisa sacrificar os olhos? Tua paixão pelo sacrifício não tem fim. Tua vida terminará muito depressa se permanecer nesse caminho. Já está na hora de trocar de ordem.

– Nunca!

– Em vez de sacrificar braços e olhos, está na hora de sacrificar o teu orgulho. E você, servo de Oxes, deve voltar à arena para batalhar com Oãcome! Todos os outros desafiantes sumiram ao descobrirem que membros despedaçados e morte são aqui permitidos.

Ohlarac já estava na plateia agarrando Anax, mesmo com o caralho decepado.

– Você tá bem mesmo, mestre? – perguntou Zap, para se certificar.

– Só perdi um caralho – ele tranquilizou-o – ainda tenho dois, então relaxe!

– Você disse a mesma coisa sobre meu olho – lembrou Zap – obrigado por vingar-me.

– Foi divertido.

– E eu confesso que estou com medo do senhor agora. Nunca te vi furioso daquele jeito como quando tentou golpear Lam. E eu também

sempre achei que sua presença na Ordem de Argen fosse um mero rumor.

Ohlarac deu tapinhas nas costas de Zap.

– Gosto muito mais da minha nova ordem – garantiu Ohlarac – e não se preocupe, pois só fico furioso quando interrompem minha transa. No resto do tempo sou um anjo.

– Promete que vai preservar seus paus, amorzinho? – perguntou Anax.

– Eu vou. Oãçome não vai querer arrancá-los. Ela mal se mexe...

Após Lam e Aigam se retirarem da arena, Ohlarac retornou. Aigam ainda praguejou alguma coisa para Ohlarac, garantindo que se vingaria, mas Ohlarac já estava passeando e assobiando.

Oãçome voltou à arena em passos lentos, sentou-se na posição de lótus e fechou os olhos. Ohlarac sentou-se em frente a ela, cruzando as pernas. Tentou observar o rosto dela por diferentes posições.

– Olá, moça – cumprimentou Ohlarac – ouvi dizer que você é a mestra de Sodutse. Ele e meu parceiro Zap são muito amigos. Agora entendo de onde vem a personalidade calada de Sodutse. Você o treinou assim, somente ficando parada?

– Sodutse é calado desde o colégio e Aigam fazia muito bullying com ele por causa disso – Zap contou para Anax – e eu acho que ser treinado por Oãçome só tornou-o ainda menos sociável.

– Eu adoro ser sociável – disse Anax – assim consigo pegar muitos homens. Mas nenhum que peguei até hoje se compara a Ohlarac.

Zap pensou em dizer a ela que se ela o pegasse teriam uma noite inesquecível. Mas Zap se considerava meio tímido para dizer isso. Talvez a timidez de Sodutse o tivesse contaminado um pouco e a personalidade dele se encontrasse num limbo entre a de Sodutse e Ohlarac. Bem quando precisava ser falante não conseguia!

Enquanto isso, o cara mais falante estava batendo um papo na arena, que estava mais para um monólogo.

– Por que quer tanto vencer esse torneio se não gosta da Terra? – perguntou Ohlarac, curioso.

Até que Oãçome finalmente respondeu:

– Para ajudar a salvar meu discípulo Sodutse, que é mantido prisioneiro na Terra.

Salve o Senhor no Caos

Ohlarac sorriu.

– Sodutse tem sangue real? – perguntou Ohlarac, um pouco impressionado – Essa revelação terá muitas consequências.

– Cacete, então é realmente Sodutse que está preso lá! – exclamou Zap – Foi por isso que roubou o cajado de Aigam? O que ele está fazendo?

– Por que não mantém sua boca fechada, maga de Aserprus? – perguntou Meb.

– Deixe que ela fale – decidiu Lam – vamos ver se sua habilidade mágica terá tanto poder quanto a língua.

– Mestre, você precisa ganhar! – gritou Zap – Sodutse não gosta dela! Agora me lembro de ele ter mencionado. Oãcome fez algo ruim para Sodutse. Desde então ele se trancou nas bibliotecas.

– É mesmo? – Ohlarac perguntou – Nesse caso...

Ohlarac ajoelhou-se e começou a masturbar-se para liberar seu poder mágico.

– Então você é outra dessas que acredita no caminho da dor para o despertar de força? – perguntou Ohlarac.

– Eu acredito no que eu quiser acreditar – respondeu Oãcome – meu caminho não precisa ser o melhor possível. Ele só precisa ser eficiente. Concordo que o seu seja eficaz, mas não é demais ter que sentir tesão pela sua adversária logo antes de matá-la?

– Eu considero extremamente divertido! E através de meu poder de sedução, farei até mesmo Oãcome de Aserprus levantar-se.

Ohlarac começou a dançar perto dela, exalando seu perfume e lançando-lhe olhares extremamente sensuais. Oãcome usou toda a sua força de vontade para resistir ao charme daquele homem. Era difícil.

– Por favor, pare, Ohlarac! – ela pediu – Eu não vou me segurar...

– É melhor se segurar, vadia! – Anax gritou da plateia – Senão eu vou torcer seu pescoço!

– Mas, mas... essas coxas, esses braços... – disse Oãcome, fora de si – faz muito tempo que não pego um homem. Eu não vou mais conter minha excitação. Ohlarac, você é meu!

Oãcome jogou-se em cima de Ohlarac e agarrou-o. Imobilizou suas pernas e braços. E começou a beijá-lo intensamente, babando toda a boca dele.

Wanju Duli

– Anax, socorro! – disse Ohlarac, quando conseguiu respirar – Estou com medo!

Anax saltou imediatamente da plateia e deu um tapão na cara de Oãcome. E as duas se socaram e se chutaram furiosamente. A plateia vaiou.

– Queremos magia!

– Não vim aqui para ver duas vacas brigando! Se for assim, pelo menos tirem as roupas delas para ficar mais quente!

Enquanto o público gritava coisas assim, uma das julgadoras do torneio, Meb, desceu até a arena para separar as duas gatinhas.

– Ohlarac é o vencedor! – anunciou Meb – É nosso grande campeão!

– Até parece! – exclamou Oãcome – Eu o teria esmagado completamente se fosse uma competição de força.

– Foi uma competição justa por poder e sabedoria e Ohlarac dominou sua vontade – declarou Meb – portanto, ele partirá na jornada.

– Nem queria mesmo... – Oãcome resolveu dizer – nem sei o que estou fazendo aqui nesse torneio sujo e vendido. Vou retornar para meu bosque que ganho mais. Farei um voto de silêncio e austeridades para compensar esse deslize.

– Mas antes de ir embora, vamos conversar – decidiu Lam – queremos você e Ohlarac na sala da AMS.

Antes disso, Lam sorteou o livro e distribuiu os marcadores de página. Depois, deu ordens para que os organizadores enchessem os convidados de comida antes que fossem embora, para saírem com uma boa impressão do evento.

Meb, Lam, Ohlarac e Oãcome entraram numa sala reservada.

– A princípio, essa missão para resgatar Sodontse deveria ser feita por três magistas, como manda a tradição – disse Lam – A intenção era escolher três campeões e não somente um. Porém, a maioria dos participantes se acovardou, então não teria sentido enviar quase todos os que sobraram.

– Farei um bom serviço se me enviarem – garantiu Oãcome – afinal, eu treinei esse garoto e conheço bem suas forças e fraquezas.

– Já o conheço há um bom tempo – disse Ohlarac – mas o melhor seria enviar Zap junto, que é quem o conhece melhor.

Salve o Senhor no Caos

– Nada disso – disse Meb – ele não participou do torneio e não terá força suficiente para trazê-lo. Não recrutamos suicidas.

– Então mande Aigam! – sugeriu Oãçome – Mesmo cega, estou certa de que ela fará um bom trabalho.

– Ela vai me matar no caminho se a incluírem no grupo – garantiu Ohlarac – é uma péssima ideia.

– Está decidido – disse Lam – vocês três partirão juntos para trazê-lo de volta para Quepar. Esperamos que seja uma jornada bem curta. E é bom que o tragam inteiro. Se eu ver que falta alguma parte do corpo do meu irmão quando ele voltar, a mesma parte será arrancada de vocês.

– Ele é seu irmão? – Oãçome não compreendeu – O que quer dizer com isso?

– Que fomos criados pela mesma pessoa – explicou Lam – compartilhamos o mesmo Senhor na Terra. Isso tecnicamente nos torna irmãos, embora ele tenha nascido muito depois de mim.

– E vocês dois foram criados pelo desenvolvedor do sistema dos servidores de Quepar – concluiu Oãçome – por isso são parte da realeza.

– Não precisam saber mais que isso para concluir esse trabalho com sucesso – garantiu Lam.

– Por que não vai você mesmo salvá-lo? – perguntou Ohlarac.

– Porque esse serviço envolve risco de morte – respondeu Lam, de imediato – e embora eu aprecie e adrenalina de estar prestes a perder a vida, prefiro não fazê-lo pelo meu irmão mais novo. Prefiro morrer para salvar a minha pele e somente por mim mesmo, pois isso condiz mais com minha via da magia. Não quero salvar ninguém. Por outro lado, deixá-lo morrer traria problemas para meu Senhor na Terra. É uma situação delicada. Tudo que precisam saber é que se a missão falhar ficarei muito zangado.

Oãçome e Ohlarac trocaram um olhar divertido, quase como se dissessem um ao outro que vê-lo zangado seria mais interessante do que preocupante.

– Partam hoje sem demora – mandou Meb – Sodontse é meu primo, então também me sinto um pouco responsável. Não quero que ele desperte a fúria da minha Senhora na Terra.

Quando os dois saíram da sala e só restaram Meb e Lam, Lam praguejou:

Wanju Duli

– Aquele merdinha! Sempre arrumando problemas. Talvez fosse bom mesmo que o trouxessem em pedaços para que Sodontse aprendesse a não se meter onde não deve. Não, não... eu, como irmão mais velho, irei puni-lo pessoalmente quando ele retornar. Não vou permitir que ninguém o toque antes disso.

– E será até bom que Aigam vá junto – concluiu Meb – já que ele está sendo escravizado pelo Senhor dela.

Capítulo 8: O Senhor na Terra

Cinco da manhã. Ele queria dormir, mas não queria. A internet era muito mais tentadora que lençóis e travesseiro. Principalmente quando se consome alimento para a alma e não para o corpo.

As pesquisas sobre o ocultismo lhe arrastaram noite adentro. Sob o efeito do êxtase dessa droga, seus olhos de olheiras penetrantes não mais se fecharam. Os lábios entreabertos denunciavam o fascínio absoluto.

– Por que isso me toca tão profundamente? Tão permanentemente.

E uma vez que o espírito era tocado, não havia retorno. O corpo poderia esquecer, mas a memória do espírito é infinita.

– Meu karma dança e quer um pouco mais. Eu preciso de mais!

Esvaziou a garrafa de cerveja e lançou-a num canto do quarto.

– Não sabem os segredos, bastardos? Pois eu sei todos eles!

Digitou poucas e boas merdas para os outros cybermagos. Aumentou o volume da música que estourava seus tímpanos nos fones de ouvido.

– Nenhum deles tem minha vontade. Minha sede por sacrifício. Eu quero descobrir todas as coisas acima e abaixo dos céus. Nem mesmo um grão de poeira se esconderá de mim! Eu sinto tudo: percebo Deus e as pernas de uma prostituta como o mesmo ser. Eis o entendimento máximo da criação e destruição: tudo sei somente quando abandono o conhecimento e nada mais sei!

Discutiu com outros magistas piradões drogados e, tomado pela fúria, lançou seu teclado na parede.

– Eu respiro magia! Como magia e cago magia! Esses bando de pau no cu não entendem o quanto sou foda!

Levantou-se da cadeira num salto, lançando-a no chão. Abriu seu guarda-roupa com tanta violência que quebrou a porta. Tirou de lá seu robe cerimonial negro com capuz. Vestiu-o por cima do pijama vermelho e das pantufas.

Retirou de dentro de seu porta guarda-chuvas uma espada ritualística com entalhes dourados. Tirou-a da bainha e traçou um círculo arcano no chão do quarto, dentre outras figuras geométricas.

– Consagro este cubo de guerra pela terra!

Wanju Duli

Abriu um saco cheio de pedras e cristais e derramou-os no chão. Eles rolaram pelo chão do quarto, formando padrões desconhecidos.

– Consagro este octaedro estelar pelo ar!

E passou a fumaça do incenso ao seu redor.

– Consagro este tetraedro pelo fogo, e assim eu morro!

Acendeu a chama de uma vela.

– Renasço e consagro este icosaedro pela água, sem deixar mágoa.

Borrifou água pelo ar.

– E o dodecaedro pelo universo, imerso em amor.

Ajoelhou-se no chão, apoiando-se na espada como um guerreiro ferido. No centro do círculo arcano havia um mapa de Quepar. Jogou seus cinco dados e posicionou a estátua metálica de um magista em um dos centros de poder desse mundo.

– Remeto ao cosmo, com orgulho que arde e se inflama: sou um mago! Márcio Silva, da Ilha de Vera Cruz, Brasil! Nome mágico: Oicráam Avlis, como manda a tradição dos magistas de Quepar. Meu espírito rumo agora para a Ordem de Airodebas, bato no peito e grito: Sodutse de Airodebas, vem a mim e me serve! Te chamo nesse instante! Ajoelha-te perante este Senhor na Terra!

Márcio concentrou-se definitivamente, com um livro aberto diante dele. Até que o brilho dos cristais, a fumaça do incenso, a chama da vela e a água que dançava se juntaram.

Mas a matéria sem o sopro do espírito apenas jaz sem vida. Por isso, Márcio tocou o fogo do seu coração e aqueceu-o.

No baile de formas geométricas tridimensionais do quarto escuro, surgiu um ser de pele quase transparente e olhos da cor do fogo e do sangue. Usava um capuz roxo e manto azul. Seus pulsos estavam algemados e trancados por correntes de ferro.

Márcio sorriu. Sodutse ajoelhou-se perante ele e manteve o silêncio.

– Boa noite, Sodutse.

– Bom dia, senhor.

– É... – ele olhou pela janela – o Sol já nasceu. E ainda tem a petulância de me corrigir? Pois bem. Em pouco tempo já sairei para o trabalho, mas vou te deixar aqui estudando os conteúdos que caem na prova do concurso. Quando eu chegar, quero que me entregue resumos dos conteúdos e me explique tudo.

Salve o Senhor no Caos

– Sim, senhor.

Márcio algemou Sodutse na cadeira e na escrivaninha, deixando em sua frente uns dez livros grossos.

Depois disso, apagou a vela e o incenso e foi tomar um banho. Retornou do banheiro com uma calça preta e uma blusa social branca.

– Senhor Oicráam Avlis, sei que não devo interromper, mas eu tenho uma sugestão para maximizar os seus estudos – pronunciou Sodutse, em voz baixa.

– Quê? – Márcio perguntou, de forma ríspida.

Sodutse sentiu-se um pouco intimidado pelo tom, mas tomou coragem e falou:

– Seria mais efetivo se eu te incentivasse a desenvolver truques mentais para que adquira paixão pelos estudos e passe a construir uma disciplina de leitura por si mesmo...

– Bobagem – Márcio interrompeu-o – Aigam, aquela imprestável, falhou em colocar em mim a vontade e a paixão para estudar. Hoje só tenho paixão e fanatismo pela prática mágica.

– O senhor pode direcionar essa paixão criando magias que te estimulem a estudar. Sugiro inicialmente que escreva um roteiro de estudos que contenha um sistema de recompensas e punições de acordo com seu progresso.

– Apenas cale a boca, seu rato de livros, e estude por mim. É bem mais fácil dessa forma. Explique-me de maneira sucinta e interessante quando eu retornar. Cuide de tudo. Quero fazer o mínimo esforço possível, pois chegarei morto de cansado do trabalho.

– Com todo o respeito, senhor – Sodutse teve a ousadia de dizer – já faz muitos anos que está tentando ser aprovado nesse concurso, então está claro que esse método não funciona. Precisamos tentar outro...

Márcio deu um soco na cara de Sodutse. O nariz dele sangrou em cima do livro.

– Diga mais uma palavra e contato seu Senhor na Terra para que ele finalize sua existência. Ou dou um jeito de finalizar eu mesmo! Você não teme os humanos, reles servidor? Temos o poder de torcer o espírito de vocês como se fosse um graveto.

Sodutse pensou em dizer que só queria ajudar, mas ficou calado.

Márcio foi até a cozinha. Retornou alguns minutos depois com uma xícara de café forte. Bebeu-a enquanto conferia com cuidado se o servidor estava fazendo tudo certinho.

– Bom – Márcio sorriu – no início da noite estarei de volta e quero todas essas folhas preenchidas com meus resumos, além de uma palestra clara. Se me desapontar, farei um corte em tuas costas com a espada, para somar-se aos outros. Teu sacrifício representa minha vontade.

E Márcio saiu para o trabalho.

Sodutse estava sozinho na casa. Mais uma gota de sangue pingou no livro e ele limpou o nariz com a longa manga do manto. Começou a preparar o resumo com concentração.

Após dez horas ininterruptas de leituras e resumos, Sodutse sentiu-se cansado. E ainda eram quatro horas da tarde. Precisava continuar. Não podia parar ou seria torturado quando Márcio chegasse do trabalho.

Sodutse sentiu pena de si mesmo. As lágrimas tentaram escapar de seus olhos, mas Sodutse secou-as com a mesma manga manchada de sangue. Já estava naquela prisão de estudos constantes e diários há anos. Se fosse ele a fazer aquela prova do concurso já teria passado naquilo com honras e méritos diversas vezes. Mas Márcio recebia apenas um resumo de meia hora após as quinze horas de estudos do servidor.

Sodutse amava estudar, mas não tinha tanto interesse assim nas matérias da prova daquele concurso. Afinal, ele não entendia direito as coisas e preocupações dos humanos para compreender o valor daquilo. Era quase como decorar a escrita de um idioma desconhecido sem saber o significado.

O tempo na Terra e no mundo dos servidores passava de forma diferenciada. Algumas vezes mais rápido na Terra, outras vezes mais depressa em Quepar. Enquanto permaneceu quatro anos na Terra, poucos meses deviam ter se passado em Quepar.

Uma mão tocou no ombro de Sodutse. Ele levou um susto e virou-se.

– Sua tortura terminou – anunciou Oãcome – viemos te salvar.

Sodutse escondeu as lágrimas e voltou-se novamente para o livro.

– Não é necessário – ele disse – deixe-me aqui.

– Não seja teimoso – disse Ohlarac – melhor que nos acompanhe antes que o Senhor de Aigam retorne. Ela está aqui. Vai tomar o seu lugar.

Salve o Senhor no Caos

Sodutse surpreendeu-se ao fitar Aigam e notar que ela estava cega. Sentiu pena. Segurou o cajado na direção dela.

– Peço perdão por tirar-lhe de você – disse Sodutse – a força de vontade que emana dele me ajudou a continuar.

Ela apenas tomou o cajado da mão dele com violência.

– Não vim aqui pra te ajudar – esclareceu Aigam – e sim porque o filho da puta do teu irmão nos obrigou a vir.

– Não falo mais com ele – disse Sodutse – nós brigamos há muito tempo.

– Ele quer que você retorne imediatamente.

– Não quero voltar!

Aigam meteu o cajado na nuca de Sodutse e ele caiu para frente, ficando inconsciente.

– Ele já estava sem energias depois de estudar tanto – disse Ohlarac – e não teve como se defender.

– Eu iria derrubá-lo de qualquer forma – disse Aigam – já basta os problemas que nos causou. Fez com que meu Senhor na Terra caísse de encantos por ele e me abandonasse.

Ohlarac segurou Sodutse nas costas.

– Vamos levá-lo agora, Oãcome – disse Ohlarac – se o Senhor na Terra de Aigam nos flagrar aqui, capaz de matar-nos todos.

Como não conseguiram rebentar as correntes, quebraram a mesa. Ohlarac e Oãcome apressaram-se para retornar à outra dimensão.

Aigam aguardou a chegada de Márcio. Quando ele a avistou, sem os olhos e sem o braço, não entendeu o que estava acontecendo.

– Onde está Sodutse? – perguntou Márcio, de imediato, pendurando seu casaco no cabide e colocando o guarda-chuva ao lado da espada.

Aigam ajoelhou-se no mesmo instante, tocando a testa no chão.

– Meu Senhor na Terra.

– Eu fiz uma pergunta – disse Márcio, sem paciência.

– Nós tivemos que mandá-lo embora, pois nenhum servidor pode permanecer por tempo indeterminado na Terra. Isso pode destruir sua alma.

Márcio ficou confuso.

Wanju Duli

– Não sei nada sobre isso. Tudo o que sei é que você arrancou meu servidor de mim e veio com pedaços de corpo faltando. De que você me serve agora, Aigam?

– Prometo que irei servi-lo com todas as minhas forças.

– Isso não é o bastante. Acho que gosto mais de Sodutse do que de você.

Aigam sentiu uma dor no coração ao ouvir isso.

– Posso saber por que, meu senhor?

– Ele é obediente. Fica calado quando apanha. Você é rebelde.

– Sempre fiz tudo o que pedi!

– Viu só? – Márcio deu um sorriso de zombaria – Sodutse não faz somente o que peço, mas mais do que peço. Se eu o mando estudar por 15 horas, ele estuda 20. E ele não se sente vaidoso por causa disso, não busca recompensas ou elogios. Apenas cumpre com seu dever pelo amor ao dever e toca a testa no chão, sem fitar meus olhos. Você me fita diretamente e me espia quando viro as costas. Isso me repudia.

Aigam baixou a cabeça.

– Eu o olho porque o admiro muito, senhor – ela disse – mas se isso o incomoda, não mais o olharei.

Márcio riu.

– É fácil afirmar tal coisa quando está cega!

– Também existem os olhos da alma, senhor – ela explicou – por isso, algumas vezes também posso ver sem olhar. Houve momentos em que já espiei suas emoções sem seu consentimento, porque eu desejei ajudá-lo.

– Isso é pior do que espiar meu corpo. Não o faça. Irei aceitá-la de volta somente se lutar contra um inimigo por mim.

– Sou sua para servi-lo.

Ele retirou da estante um livro antigo de capa grossa, sobre goécia.

– Para provar sua lealdade, terá que lutar contra um desses espíritos demoníacos, mesmo que pereça na empreitada. Somente assim ficarei satisfeito e minha fúria será aplacada.

Ele vestiu-se para o ritual e fez todos os preparativos cerimoniais. Chamou o demônio pela espada, que repousou no triângulo. Era um demônio do torpor e vazio, que Aigam teve que dominar através de sua vontade.

Salve o Senhor no Caos

Quando conseguiu destruí-lo, Aigam estava com queimaduras e com sangue caindo-lhe pela testa.

– Isso me faz sentir melhor – confessou Márcio – sinto-me com energias após tua batalha. Com vontade de estudar e me dedicar. Obrigado, Aigam.

– É um prazer ajudar, senhor.

E ela ajoelhou-se exausta, apoiando-se no cajado.

Márcio não permitiu que ela descansasse e mandou que continuasse ali apoiada no cajado e sangrando, como uma austeridade, prova de seu sacrifício.

Ele estudou por algumas horas, renovado pelo ardor da batalha. Finalmente, cansou-se e lançou o livro longe. Jogou-se na própria cama.

– Tenha uma boa noite de pé, Aigam. Você não precisa dormir, certo? Servidores não comem e nem dormem. Deve ser uma vida boa.

E ele adormeceu.

Aigam permaneceu de pé a noite inteira, como ordenado. Apesar de sua miséria, seu espírito queimava com força, completamente renovado, apenas pelo privilégio de estar tão perto assim de seu Senhor na Terra.

E sentiu-se imensamente feliz.

Capítulo 9: O Criador

– Mal voltou e já se enfiou de novo nessa tua biblioteca! Me dá um abraço, cara!

Sodutse levantou-se e abraçou Zap, pois sabia que abraços agradavam o amigo. Sentou-se de novo e voltou a ler seu livro.

– Não fez voto de silêncio dessa vez, certo? – perguntou Zap, para se certificar.

Sodutse fez que não, ainda com os olhos voltados para o livro.

– Esse teu período de estudos intensos na Terra já deve ter sido um voto de silêncio por si só. O teu irmão te maltratou demais quando você voltou?

– Não se preocupe – disse Sodutse – e pode parar de me rodear. Não está me faltando nenhuma parte do corpo.

– Então você tem sangue azul, hã? – perguntou Zap, sorrindo – Isso é incrível! Você foi criado diretamente por Ele. Então por que foi servir o Senhor na Terra de Aigam?

– Porque eu e Lam disputamos a atenção do mesmo Senhor na Terra. Resolvi escapar para outro, mesmo sabendo ser impossível.

– Está feliz em estar de volta?

– Sim. Estava com saudades dos meus livros.

– Não sentiu minha falta? – perguntou Zap.

– Um pouquinho. Mas para mim livros também são como pessoas, pois foram escritos por pessoas, mortas ou vivas. Ao lê-los, faço amizades. Eis minha maneira de viver.

Zap colocou as mãos sobre os ombros de Sodutse.

– Vamos sair um pouco.

– Mas...

– Apenas cale-se e me acompanhe – insistiu Zap.

Os dois saíram da biblioteca. Era noite.

– Aqui – Zap apontou para o céu – apresento-lhe a Lua e as estrelas.

– É, os livros falam sobre elas – observou Sodutse – com ainda mais poesia do que a coisa real.

Salve o Senhor no Caos

– A coisa real costuma ser mais intensa e viva exatamente pelas partes desagradáveis e imperfeições. Seus livros são apenas mentiras.

– A realidade em si é uma mentira. Meus olhos não veem a realidade tal qual ela é, se é que a realidade de fato é alguma coisa absoluta e definitiva. O mundo muda e eu mudo; ou talvez nada mude e essa dança de ilusões dê essa impressão.

Zap balançou a cabeça.

– Apenas esqueça essa tua lógica por um momento e sente o ar da noite. Você despreza a emoção?

– Não. Apenas prefiro não me afogar completamente nela.

– Alguns chamam isso de vida. Outros de prisão. As pessoas são engraçadas. O que aprisiona uma pessoa pode ser exatamente o que liberta outra.

Sodutse deu tapinhas nas costas de Zap.

– Obrigado pelas sábias palavras que dirigiu a um amante do silêncio – disse Sodutse – mas agora preciso ir. Meu Senhor na Terra me chama.

– Ele? – perguntou Zap, impressionado – Agora...?

– Devo partir imediatamente. Não sei quando volto. Adeus, Zap.

– Você foi embora por tanto tempo e já vai embora outra vez? Ah, que saudades da época em que eu sempre podia te encontrar trancado nas bibliotecas...

– Estou sempre trancado dentro de mim mesmo – disse Sodutse – então será que você de fato já me encontrou alguma vez?

E, com um sorriso misterioso, Sodutse desapareceu.

Zap ficou intrigado.

– Sodutse... reservado como sempre, cheio de segredos. Mas se é assim que quer, que seja de teu modo.

Sodutse apareceu no interior de uma sala da Terra, repleta de moveis bem cuidados. A cortina balançava na janela. Uma mesa baixa com um cálice de prata. Um senhor muito idoso repousava de costas numa cadeira de balanço.

– Por favor, filho. Aproxime-se.

Sodutse deu os primeiros passos com cuidado. Assim que fitou o seu Senhor, ajoelhou-se em deleite, sentindo uma imensa alegria em seu coração.

Wanju Duli

– Meu Senhor na Terra...! Mal posso conter minha emoção.
– Acalme-se, agora. Tenho um anúncio importante. Te chamei aqui somente porque sei que morrerei em breve.

Sodutse aterrorizou-se.

– Diga-me que não é verdade...!

– A morte do corpo é verdade – afirmou o ancião – mas a morte do espírito é uma mentira. Ela nunca acontece. Você viverá para sempre como espírito. O meu espírito e o teu são um só.

Sodutse baixou os olhos e derramou uma lágrima. O ancião secou a lágrima de Sodutse e fitou-o com olhos bondosos.

Seus cabelos e barba eram completamente brancos. A imagem dele foi a primeira que Sodutse viu quando nasceu. Perdê-lo era como perder a pessoa mais importante de sua vida. No processo, perderia a si mesmo.

– E agora...? – perguntou Sodutse, desesperado.

– Você terá uma escolha – explicou o ancião – então escute com cuidado.

– Não – Sodutse interrompeu-o – não quero ouvir. Eu não desejo escolha nenhuma. O objetivo de minha existência foi cumprido. Não desejo mais tempo. É o bastante para mim.

Sodutse contemplou a Lua e as estrelas da Terra pela janela, enquanto suas lágrimas escorriam. Aquele céu era tão semelhante ao céu de Quepar e ainda assim tão diferente!

Naquele instante, Sodutse entendeu que não desejava nenhum deles. Era uma coisa bem diferente que ele precisava.

PARTE 2

Capítulo 1: Mentiras do Mundo

E se um dia eu descobrisse que tudo o que eu acreditava sobre o amor e tudo o que me ensinaram ser verdade fosse uma mentira?

E se eu me desnudasse por completo, me livrando de tudo o que aprendi ser mais certo, daquilo o que me impelia a continuar a viver, o que restaria? Não poderia ser a morte, pois até a pulsão da morte nasce a partir de um desespero – ou de uma lógica macabra.

Eu me sentiria como uma concha vazia? Um cadáver que anda? Ou me sentiria o ser mais livre e mais feliz do mundo?

Eu tinha medo de abandonar o que eu sabia. Isso porque eu não tinha coragem para confessar que eu nunca soube de nada.

– Ninguém sabe de nada – disse Cristiano – a única certeza da vida é a morte.

– O que é isso? – perguntei.

Cristiano deu de ombros.

– Um dito popular. As pessoas repetem isso sem pensar. Sinceramente, eu não acredito que a morte completa seja uma certeza. O corpo volta para a natureza após a falsa morte, então ele não desaparece. Será que a mente se apaga? E se houver uma alma?

Eu ri.

– Tudo isso é ainda mais incerto do que minha existência física – respondi – por que será que as pessoas falam tanto sobre amor?

– Porque precisam dele. Não importa se amor existe ou não, contanto que você finja que exista. Se fingir verdadeiramente, até uma grande mentira pode se tornar verdade. Como Deus ou esperança.

Ele me passou o cigarro. Eu disse que não queria. Dessa vez foi ele que riu de mim.

– Então você também teme a morte? – ele me desafiou – Teme encurtar sua vida?

– Eu temo a morte porque a vida é tudo que conheço – confessei.

– Outra mentira. Você morre a cada expiração, a cada sono ou sonho. Você prefere a inspiração ou a expiração?

Wanju Duli

– Eu nunca pensei nisso. Acho que prefiro expirar, pois me sinto aliviado. É como me livrar de um grande peso.

Ele soprou a fumaça novamente. Parecia um Deus quando fez isso. Ele notou meu olhar.

– A vida não precisa ser um peso – disse Cristiano – se ela está te aprisionando, só pode haver um erro. Nem a vida e nem a morte precisam ser pesadas. Quando você começa a flutuar e não se sente mais nem vivo e nem morto, não importa mais se vive ou se morre. Você não percebe que essas coisas não importam?

– Não importa se estou vivo ou morto? – perguntei, confuso.

Os olhos dele brilharam.

– Exatamente...

Nos olhos negros e profundos de Cristiano eu via o negro da morte, mas também enxergava mais vida do que jamais percebi em alguém.

Sua pele também era negra. Havia tantos buracos no rosto que eu também via nele a Lua. E em seus dentes amarelos de nicotina eu enxergava o Sol.

Dedos repletos de anéis baratos. Unhas longas e quebradas, como uma obra de arte ousada e revolucionária.

Cristiano era uma lenda em nosso colégio. Ele estava com 29 anos. Já havia rodado no mínimo umas dez vezes. Fizera história por todos os colégios pelos quais passara. Conseguiu ser expulso de vários. Até que encontrou residência permanente no meu colégio, pois o lugar que eu estudava era tão pobre, tão porco e abandonado que ninguém mais contava quantas vezes alguém rodava e tampouco se dava ao trabalho de perder os poucos alunos que tinha por qualquer coisinha como uma faca na mochila.

Eu era um dos discípulos do mestre. Estava com 22 anos, já tinha rodado cinco vezes e rodaria quantas vezes fosse necessário para continuar a segui-lo.

Confesso que nas primeiras três vezes que rodei não foi de propósito. Eu era preguiçoso pra caralho. Odiava estudar. Cabulava aulas como um maluco.

Até que eu encontrei um propósito para tudo aquilo. Eu não era burro. Eu simplesmente não me encaixava. Cristiano me mostrou isso.

Salve o Senhor no Caos

Não era eu que estava errado, mas a porra do colégio, do sistema de ensino, do mundo, do universo.

Ao mesmo tempo, estava tudo certinho. E o fato de alguns não se encaixarem não era um problema. Eu precisava me libertar de tudo aquilo.

– Quem fuma não teme a morte – concluí – é por isso que tantos te admiram?

– Cada pessoa teme uma coisa diferente – respondeu Cristiano – fumar, beber, me drogar, essas coisas que faço qualquer imbecil pode fazer. As pessoas gostam de conversar comigo porque eu inventei um valor para o que fiz. Alguns acham que é só conversa de drogado. Mas se eu fosse me importar com o que eles pensam, eu teria que viver pelos outros e não por mim mesmo. Mas eu passo mais tempo tendo que lidar com minha pele e com minha própria mente. Por isso me acertar comigo mesmo deve vir antes de todo o resto.

– Por que você cria valores para as coisas? Não é uma perda de tempo?

– Perder tempo é algo que não existe no meu vocabulário. Não pretendo construir uma carreira ou uma família. Ter onde dormir ou o que comer também não são questões que me incomodam. Só continuo no colégio porque acho lamentável ver tantas pessoas com medo de ficarem doentes ou não terem o que comer. Já fiquei doente pra caralho, já passei fome por dias. E daí se eu morrer?

– Então você quer nos ajudar? – perguntei.

– Não sei. Eu não acho que minha posição de vida seja uma verdade a ser ensinada. É apenas como escolhi viver. Se isso tem algum sentido ou falta de sentido, se minha falta de preocupação perturba ou inspira alguém, já é motivo engraçado o suficiente. Se eu buscasse a morte já teria cometido suicídio, mas não sigo essa via. Se eu buscasse a vida não me entupia de entorpecentes. Eu busco alguma coisa entre os dois. Somente assim que morte e vida não me incomodam. Que o destino se encarregue do tempo que ainda tenho no mundo.

– Destino! Eu gosto dessa palavra.

– Ela soa bem, não é mesmo? – sorriu Cristiano – As pessoas sofrem exatamente por não aceitarem seus destinos. Elas querem ter o controle de tudo. Querem dinheiro para comprar comida e pagar um médico,

para se assegurarem de que terão uma vida longa. E passam a vida buscando, como tontos, coisas como dinheiro, saúde e amor. Essas merdas não existem. Dinheiro é uma forma de troca inventada, totalmente ilusória, que te dá a falsa sensação de posse. Saúde pode ir e vir por circunstâncias fora de nosso controle e a morte espreita a cada canto. E o amor vai e vem conforme o humor das pessoas. Elas fazem guerra por dinheiro, por água, matam pela vida e morrem por medo da morte.

Não eram poucos os que odiavam Cristiano. Ele tinha muitos inimigos, principalmente os pais dos alunos. Embora ele dissesse que não queria converter ninguém aos seus ideais, sua mera presença e discurso já causavam um alvoroço. Cristiano desafiava os professores e fazia perguntas incômodas. Mexia com a cabeça dos alunos, pois a maioria estava lá por obrigação e se houvesse qualquer motivo interessante para não estudarem, eles agarrariam a oportunidade.

Os professores do nosso colégio, mal pagos e com saco cheio de dar aulas, não sabiam como lidar com Cristiano. Só sabiam mandá-lo se calar, mas ele não se calava. Continuava falando até ser tirado de sala de aula.

Ele fazia isso em qualquer aula.

– Para que serve estudar história?

E fazia a mesma pergunta para o professor de educação física, de matemática. Sempre tinha uma boa resposta. Em geral, suas respostas envolviam a irrelevância de estudar qualquer coisa, a necessidade de aproveitar o presente, apenas respirando, como uma lembrança da morte.

– É importante estudar como se vivia no passado para não cometermos os mesmos erros no futuro – disse o professor.

– Deixe que cometam erros para que sintam na pele – disse Cristiano – não é a lógica que faz uma escolha, mas a emoção que pulsa. Cada ser humano possui sua própria jornada no mundo e só dará satisfação a si mesmo.

– Você precisa estudar história para obter o seu diploma, e ponto final – o professor resolveu dizer.

– Eu cuspo nesse diploma – retrucou Cristiano – não me serve de nada. Não quero trabalhar.

– Então que raios está fazendo aqui? – perguntou o professor, irritado – Atrapalhando seus colegas e me atrapalhando?

Salve o Senhor no Caos

– Pode ser que eu esteja ajudando. Isso cabe a cada um decidir. Levante a mão quem não quer trabalhar.

Todos os alunos levantaram a mão.

– E agora levante a mão quem quer ter casa, comida e roupa lavada.

Todos levantaram a mão novamente.

– Vejam só – anunciou Cristiano – ninguém é obrigado a estudar ou trabalhar. Basta definir qual é a prioridade da vida de vocês. Conforto e vida longa é o objetivo de suas existências! Então vejo que já fizeram suas escolhas. Adaptem-se às regras do mundo e baixem a cabeça! Estudem coisas inúteis e realizem trabalhos irrelevantes até o dia de pararem de respirar. Eis suas recompensas! É para isso que querem vida longa? Numa situação imprestável assim, até a minhoca é mais feliz. Então vivo como minhoca!

– É muito bom que você tenha encontrado o que quer fazer da vida, ou nesse caso seria não fazer? – comentou o professor de história – Mas ninguém é obrigado a aguentar seu fedor e impetuosidade dentro de sala de aula.

– Há muitos trabalhos úteis e importantes, até mesmo nobres – comentou uma das alunas – como ser um médico, por exemplo.

– Para quê? – desafiou Cristiano – Que tipo de brincadeira infantil é essa? Brincar de costurar partes do corpo ou de administrar fármacos por um mero capricho de viver mais ou de não sentir dor. A dor faz parte da vida, imprestáveis! Vocês não entendem isso? É por medo da dor que sofrem tanto. Vocês querem tanto conforto e são tão mal acostumados que até uma picada de mosquito os faz berrar. Eu vivo em meio às pulgas e baratas, meu corpo é como um queijo suíço, mas é só assim que sinto a vida.

– E se você ficar doente? – desafiou a menina.

– Me orgulharei de minha doença e morrerei. Estou quase sempre doente. A doença faz parte da minha vida e deveria fazer parte das suas também! Quando vem a morte se cagam todos, pois se acostumaram às suas vidas de plástico.

– E se começar a sentir muita dor e não conseguir morrer?

– Posso me drogar – respondeu Cristiano – eu conheço drogas tão pesadas que eu poderia sentir um orgasmo enquanto deceparam minha perna. As mesmas drogas que os tais doutores proíbem, por medo da

“dependência”, quando a dependência de vocês por saúde e conforto constantes é muito pior. O mais destrutivo dos vícios.

– Drogas são caras no mercado negro.

– Eu acho que eu deveria criar uma seita em que os próprios membros plantariam e fabricariam as drogas, somente para usos religiosos. Até a lei poderia estar do meu lado em tais conjunturas.

– O que são “conjunturas”? – perguntou a aluna – Por que você fala desse jeito?

– As drogas me inspiram a falar assim. Eu até consigo me comunicar com inteligências alienígenas e falar idiomas dos extraterrestres enquanto estou em transe.

– Você é só um drogado! Professor, por que não o expulsou da classe ainda? Ele está fazendo apologia às drogas!

– Professor, eu acho que você deveria expulsar da sala quem faz apologia às crenças da saúde, vida longa e fuga da dor a qualquer custo – propôs Cristiano.

– O amor é o sentido da vida! – ela retrucou – Eis minha crença!

– Dizer que o amor é o sentido da vida não é muito diferente de dizer que o sentido é o dinheiro – explicou Cristiano – afinal, vocês usam o amor como moeda de troca. Vocês amam porque querem ser amados. Se estão apaixonados por alguém e essa pessoa não corresponde, logo desistem. Isso não é amor. É pagar, não receber a recompensa e exigir o dinheiro de volta. Vocês fazem amigos porque num momento em que passam dificuldade os amigos podem ser úteis para ajudar. É a mesma coisa com família. Vocês vivem tremendo de medo de não serem amados, de serem rejeitados, de terem o coração ferido. Isso não é vida. É uma gaiola. E ainda falam no desejo por felicidade e liberdade, quando a única coisa que sabem fazer é aprisionar-se: em relacionamentos, em dinheiro, em desejo por saúde... e pensam que sua prisão é tudo que existe.

– O sentido é Deus. Somente Ele liberta. A sabedoria Dele está muito acima das suas teorias furadas.

– Se um Deus imaginário é válido, também posso me tornar um Deus se eu tiver seguidores imaginários – propôs Cristiano.

– Deus não é imaginário, seu ignorante. Você que nunca o sentiu no coração.

Salve o Senhor no Caos

– As drogas me fazem ver e sentir muitas coisas. Pode ser que seu Deus seja real. Mas se esse Deus é real, muitas outras coisas também podem ser. Por que eu não posso criar deuses? Ou ser o Deus de mim mesmo?

– Há apenas uma verdade e um caminho.

– Oh, é mesmo? – Cristiano sorriu – Então a sua verdade e seu caminho é estudar e trabalhar para ter dinheiro? É garantir seu conforto enquanto outros morrem de fome? Se o egoísmo é a verdade, esse seu Deus que só salva os altruístas deve mesmo te odiar por não seguir o único caminho verdadeiro.

– Deus conhece meu coração e sabe que eu amo a todos e tento ajudar as pessoas sempre que posso. Mais importante do que aquilo que faço fora é o amor que tenho em mim e que compartilho quando está ao meu alcance.

– Mas que conveniente! Se o importante é o que está dentro, que desperdício seria para seu Deus ter nos feito com corpos! Por que não somos apenas cérebros ambulantes? Ou corações flutuantes?

– Vocês dois vão ficar discutindo durante a aula inteira? – perguntou o professor – Prestem atenção na minha aula e calem a boca!

– Eu já mostrei que sua aula é irrelevante – argumentou Cristiano – assim como a aula de qualquer disciplina desse colégio. Até a filosofia é ensinada de maneira extravagante, com floreios inúteis. Para sentir o que é a vida, livrem-se desses panos que cobrem seus corpos e não enfiem mais merda perfumada na mente! Apenas deleitem-se com o prazer e com a dor que seus destinos lhes fornecem!

Provavelmente o professor de filosofia era o único que se divertia com Cristiano. Ele o apelidara de “Diógenes”, apelido que o enfurecia.

– Sua filosofia possui elementos fortes de cinismo, algumas pitadas de estoicismo, epicurismo e...

– As suas classificações não me interessam! – disse Cristiano – Vou ter que estudar a filosofia de todos os países e épocas para que aquilo que digo tenha valor? Não me importo que já tenha sido dito por outro. Aliás, eu ficaria muito desapontado se não tivesse sido dito por outro, porque aquilo que defendo é óbvio para qualquer cérebro com meio neurônio. Vocês todos vivem repetindo que a alegria está nas pequenas

Wanju Duli

coisas, mas estão sempre estressados com o que, segundo vocês, não traz felicidade. E depois o louco sou eu?

– Ninguém disse que você era louco, Cristiano – disse o professor de filosofia, com simpatia – mas eu não estou autorizado a incentivar a sua... paixão. Embora eu a admire um pouco e até a inveje. Tenho esposa e filhos, e também curto uma praia e uma cerveja gelada. Senão te seguiria.

– Já ouviu falar do meu culto, professor? – perguntou Cristiano, empolgado – Assim que eu completar 30 anos, nós viraremos os Peregrinos do Destino!

– Ele quer dizer que vai virar mendigo – disse a mesma aluna de antes, de cara feia – Ou hippie.

– Não defenderei a paz e o amor – disse Cristiano – sobre a comida, ainda não decidimos se teremos uma plantação ou se iremos mendigar. Hoje em dia eu me viro bem revirando lixos, mas com mais gente junto teremos que encontrar alternativas. Quem sabe viver numa floresta.

A garota, que se chamava Ana, riu.

– Você é tão idiota! – ela exclamou – Está fazendo tudo isso apenas por preguiça de estudar e trabalhar?

– Essas coisas me aprisionam, não é o que acredito. Se for necessário, iremos trabalhar somente para nossa subsistência, e não sustentando essa sociedade que segue um modelo o qual não concordo. O nosso estudo serão nossos debates acalorados. Talvez nem usemos livros. Iremos decorar os preceitos principais, como faziam os antigos.

– Você é contra a tecnologia?

– Prefiro não me envolver em coisas que custem muito dinheiro – disse Cristiano – podemos ter somente o mínimo. Ter mais que isso poderia nos distrair. Pode ser que até as drogas se tornem irrelevantes na nossa busca, se ficar muito caro.

E ele passou os próximos meses fazendo muitos planos conosco, os seus discípulos mais fiéis.

Eu ainda não tinha certeza se o seguiria, mas tinha medo de dizer isso a Cristiano. No começo foi engraçado. Ele era um aluno diferente, mais velho, mais maduro que a maioria de nós, embora o grau de maturidade dele fosse num nível tão esquisito que não tivesse classificações.

Como eu estava profundamente entediado com os estudos e sem perspectivas, segui-lo foi o que trouxe mais emoção para os meus dias.

Salve o Senhor no Caos

Ouvi-lo discursar era inspirador, embora eu não concordasse com tudo o que ele dissesse e nem tudo fizesse sentido. Cristiano se contradizia constantemente.

Eu sempre soube que isso ia acontecer: que ele criaria uma seita aos 30 anos, a idade mágica dos profetas. E quanto mais a data se aproximava, mais eu me apavorava. No começo não acreditei que fosse realmente se concretizar e pensei que Cristiano fosse apenas terminar o colégio e se adaptar ao mundo tal qual ele era. Não era isso, no final das contas, a tal da maturidade?

Mas Cristiano tinha parado no tempo. Conservava uma espécie de ingenuidade encantadora, junto com um fanatismo contagiante. Eu me divertia vendo o quão louco ele era.

Sinceramente, quando o ouvi pela primeira vez eu fiquei feliz de poder ter momentos de riso nas aulas. Eu jamais imaginei que me apaixonaria tanto pela loucura dele e seria contaminado por ela.

Assustei-me ao notar que aquela loucura não era completamente ruim. Será que Erasmo de Rotterdam estava certo? O homem não havia sido feito para ser perfeitamente feliz na terra.

Cristiano se enfurecia quando alguém fazia qualquer tipo de citação, por isso proibiu o estudo de filosofia em nosso círculo, já que as diferentes teorias filosóficas estavam contaminando as mentes dos que eram facilmente influenciáveis. Especialmente aqueles que gostavam de palavras bonitas e de se deleitar com retórica.

Ele queria que somente respirássemos, com o mínimo necessário, e aguardássemos nossos destinos. Viriam fome, doenças, frio, picadas de insetos, desconfortos. E aquelas seriam nossas fontes de ensinamento. Não austeridades voluntárias, mas tirar lições daquilo que o destino nos reservasse, como uma carne viva que se desfez da pele e aguarda para ver o que acontece.

– Então viveremos como animais? – perguntei.

– Viveremos orgulhosamente como seres humanos – disse Cristiano – são os humanos de agora que vivem como bestas. Nós usaremos três peças de roupa cinzentas, para que ainda possamos circular pelas cidades quando necessário, sem sermos presos. Reviraremos os lixos, mas não guardaremos muitas coisas conosco. Aceitaremos comida e bebida eventualmente. Não teremos horários rígidos e iremos dormir e acordar

quando nos aprouver. O nosso mestre será o destino e iremos sempre tirar lições de cada coisa que nos acontece no dia, debatendo o significado e realizando posterior reflexão individual.

Imaginei que aquilo iria acabar mal. Logo no começo houve uma série de polêmicas. Alguns eram a favor do uso do sistema de saúde público em caso de doença realmente grave. Outros eram inclusive contra revirar lixos, pois como eles não estariam trabalhando não eram dignos do lixo produzido pelos trabalhadores, então deveriam tirar seus sustentos somente das florestas.

E ninguém tinha a resistência de Cristiano, que já era acostumado a dormir ao relento e a revirar lixos. Imaginei que eu ficaria doente na primeira comida estragada que eu consumisse e que a doença e a fome iriam me impedir de refletir sobre qualquer significado.

Em suma, participar daquele grupo maluco seria quase como decretar minha sentença de morte. Imaginei que eu conseguiria permanecer vivo por no máximo algumas semanas ou meses, na melhor das hipóteses. Eu não era o único que pensava assim, e por isso estávamos tentando convencer Cristiano a ser menos radical. Ele se aborrecia com nossas “frescuras”.

– Então que cada um nos siga na medida de sua resistência – decidiu Cristiano – e os que não farão oficialmente parte da seita serão sempre bem-vindos a realizar retiros conosco.

Faltava pouco para o aniversário de 30 anos de Cristiano. Eu estava ficando apavorado. Eu era um dos discípulos mais dedicados e sempre comparecia a todos os debates. E se eu me acovardasse no último instante? O que ele iria pensar de mim?

Éramos onze: eu, Cristiano e mais nove malucos. Todos homens, até o momento. Acho que estávamos todos em busca de alguma emoção na existência. Éramos jovens, incautos, prontos a abraçar a primeira ideologia que contestasse a autoridade do mundo que conhecíamos.

Na noite anterior ao aniversário do mestre, ele nos chamou para a cerimônia de iniciação. Deu a cada um de nós uma fita cinzenta, que era um tipo de cinto. Estávamos diante de uma avenida movimentada.

– Agora vendem os olhos e atravessem a avenida – mandou Cristiano. Nós todos levamos um susto.

– Achei que a nossa não era uma via que pregava a morte – falei.

Salve o Senhor no Caos

– Mas para renascer é preciso morrer antes – disse Cristiano – alguém ainda me seguirá? Ou vocês acharam que tudo o que eu disse era somente uma brincadeira? Preferem desperdiçar suas vidas sentados numa cadeira fazendo coisas que detestam? Dessa forma, já estariam mortos desde o começo. O que eu ofereço a vocês é uma possibilidade de vida. Quem está comigo?

Ele estendeu a mão. Todos nos entreolhamos. Cristiano se zangou.

– Se eu oferecesse um milhão de reais para atravessarem a avenida, muitos iriam sem contestar. Possibilidade de vida eterna também seria tentador para muitos. Quem sabe até se eu colocasse uma peituda do outro lado da rua, para que se deitassem com ela, alguns já se jogassem. Pelo que vocês vivem, irmãos peregrinos?

– Pelo destino – respondemos todos juntos.

– E qual a melhor ocasião de testarem seus destinos senão agora? O momento presente é sempre o melhor momento. Quem morrer e viver aqui não será melhor ou pior. O que viver seguirá vivendo conosco, com um novo tipo de vida. E o que morrer será imortalizado em nossa seita.

“Grande coisa ser imortalizado nisso!” pensei, amargamente.

Porém, o que mais eu teria para fazer da vida se eu não o seguisse? Voltaria para o colégio, me formaria e seria um bom garoto. Sempre lembrando dos meus heróis que deixei para trás.

O meu pensamento poderia ser caprichoso, mas tinha valor para mim. Se tanta gente colocava tanto valor em algo como dinheiro, por que eu não poderia entregar minha vida e minha morte por algo igualmente idiota?

Aquela não era exatamente uma competição para descobrir quem era o maior idiota, mas eu acreditava em Cristiano. Eu ri dele quando o conheci. Achei-o uma figura caricata. Um mendigo malcheiroso muito mais inteligente do que todos os nossos professores juntos. Melhor do que qualquer um que já conheci.

Cristiano era egoísta e queria mandar em tudo. Ele se irritava com facilidade e fazia coisas realmente loucas. Pensando bem, ele não estava muito próximo do Deus do Velho Testamento?

Mas ele não se considerava um Deus. Aquilo não fazia diferença, pois caso ele se declarasse Deus eu o teria seguido da mesma forma, porque

era muito piradão seguir um profeta aleatório e isso fazia minha adrenalina ir para as alturas.

Ainda assim, era mais que isso. Num mundo em que quase todos direcionavam seus esforços para a carreira, era emocionante tentar fazer algo completamente diferente, mesmo que fosse uma ideia estúpida. Seguir um leão como ele, em vez de seguir qualquer coisa que meus pais ou a sociedade me mandaram fazer, soava como um princípio de revolução.

A nossa revolução não era política. Era um tipo diferente de mudança. Embora não fôssemos contribuir diretamente para a sociedade através do trabalho, a nossa existência poderia servir de inspiração para alguém. Assim como Cristiano sempre foi uma inspiração para mim.

Nós seríamos renegados sociais. Mendigos, na visão deles. Alguém que não se encaixava e que se orgulhava de ser uma peça à parte do tabuleiro.

Seríamos aqueles que montariam seus próprios jogos. Não somente num nível mental como a maioria fazia. Nós entregaríamos nossa vida nessa empreitada.

Senti um grande ardor no meu peito e vendei os olhos. Somente Paulo e Henrique também vendaram, inspirados por mim.

Os outros se negaram a atravessar. Quando já estávamos preparados para ir e meu coração estourava no peito, Cristiano começou a rir.

– Não precisam atravessar, crianças. Só estava testando a lealdade de vocês. Paulo e Henrique terão um lugar de honra na seita. E especialmente você, Breno, que foi o primeiro.

Aquelas palavras soaram como mel na minha boca. Receber um prêmio de Cristiano era algo próximo a receber a vida eterna.

Somente naquele momento eu notei o quanto eu o admirava. Não era muito mais extraordinário admirar uma pessoa de carne e osso como eu mesmo do que um Deus que eu nem sabia se era real? Divinizar humanos soava como algo mais necessário. Significava valorizar a nós mesmos e não considerar que nunca seríamos bons o bastante.

Em nossa condição de imperfeição, já havíamos atingido o estado que precisávamos. Não haveria mais nada a ser feito em nossa jornada. Apenas cumprir o restante de vida que nos seria designado, sem forçar

Salve o Senhor no Caos

demais para diminuir ou aumentar o nosso tempo, exceto em circunstâncias especiais de sacrifício.

Cristiano pegou nossas três fitas e vendou os próprios olhos.

– Vocês três deverão me seguir de olhos abertos. Quanto aos outros sete, voltem a me ver daqui a exatamente uma semana. Serão aceitos na seita nesse instante.

E Cristiano atravessou a avenida de olhos vendados.

Houve muitas buzinas e quase um acidente. Fechei os olhos por um momento e até toquei as mãos no coração, como se rezasse.

Quando o vimos são e salvo do outro lado, ficamos aliviados e nós três também atravessamos, mas de olhos abertos e tomando cuidado.

Chegando ao outro lado, nós quatro nos abraçamos.

– Sejam bem-vindos à Seita dos Peregrinos do Destino! Peço perdão por assustá-los. Eu somente atravessei a rua dessa maneira porque estava entediado. De qualquer forma, achei injusto fazer essa proposta a vocês se eu mesmo não estava disposto a realizar a experiência.

– Foi meio idiota o que você fez, mas também foi um pouco legal – resolvi dizer.

– Seria problemático ter que levá-lo ao hospital ou ao cemitério no dia de abertura da seita – observou Paulo – mas se o senhor morresse, continuaríamos a seita sem você, para honrá-lo, nem que ela durasse só duas semanas.

Ele fez um movimento para que o seguíssemos. Nós caminhamos até um terreno vazio amontoado de lixo. Ali havia vários mantos cinzentos.

– Minha mãe é costureira – explicou Henrique – pedi que ela fizesse para nós, tingindo de cinza algumas roupas velhas.

Havia uma calça e uma blusa de mangas longas para cada um. Por cima de tudo vestimos um manto com capuz. Cada um também teria direito a um par de sandálias.

Nos despimos e jogamos fora nossas velhas roupas no meio do lixo.

– Nossas vestimentas não poderiam ser negras, porque não somos uma seita de morte – disse Cristiano – e tampouco brancas, pois não pregamos paz e amor e não teremos uma máquina de lavar à disposição. Portanto, aí está: cinza, como um jornal velho que relata os acontecimentos. Dessa forma, a cada dia interpretaremos as notícias de nossas vidas.

Wanju Duli

– Eu preferia negro – disse Paulo – afinal, o preto também pode simbolizar outras coisas, como por exemplo...

– Não me interessa – interrompeu Cristiano – será o cinza porque eu prefiro essa cor e fim de papo.

Paulo fez cara feia, mas preferiu não começar a discutir tão cedo para não ser expulso logo de cara. Em vez disso ele falou:

– Então, o que vem a seguir? Teremos uma sopinha e depois uma boa noite de sono nesse lixão?

– Vai sonhando, irmão Oluap. Essa será a madrugada de vigília.

– O que é Oluap? – perguntou Paulo, confuso.

– O seu novo nome. Afinal, você nasceu de novo. Decidi que nossos novos nomes serão os nossos antigos nomes ao contrário. Agora serci Onaitsirc. Podem me chamar somente de mestre Onai.

– Precisamos mesmo te chamar de mestre? – perguntou Paulo, levantando uma sobrancelha.

– Devem sim e agradeça-me por eu não exigir que me chamem de Deus – rosnou Cristiano – afinal, em nenhum momento foi decidido que humildade está entre as virtudes que valorizamos.

– De fato – Paulo teve que concordar – e eu entendo que a hierarquia é necessária para manter a organização. Posso ser o membro mais importante depois de você?

– Isso ainda será decidido – disse Cristiano.

– Fala sério que vocês vão ficar brigando para decidir quem vai ser o vice-líder da montanha de lixo – zombou Henrique – não foi para assistir a brigas tão mundanas que eu vim para cá.

– E que graça teria nos reunirmos aqui se não podemos sequer brincar de disputa de poder? – perguntei – Eu acho até uma zombaria autêntica disputarmos o lugar do “vice da montanha de lixo”. É quase como uma inversão dos valores do mundo. Não estamos aqui para deixarmos de viver, mas para vivermos outro tipo de vida, com valores parecidos mas não iguais. Isso faz toda a diferença.

– Espero que na prática isso seja divertido e não irritante – alertou Henrique.

– Com o tempo iremos adicionar mais diversão e eliminar as partes irritantes – explicou Cristiano – mas não podemos tirar tudo o que é

Salve o Senhor no Caos

ruim, porque também precisamos dessas partes para termos lições valiosas.

– Certo, certo – disse Henrique – então não vamos comer hoje?

– Eu achei alguma coisa aqui – avisou Paulo.

Ele estava revirando o lixo e tirou de lá vários saquinhos do McDonalds com resto de hambúrgueres e batatas fritas.

– Uma refeição de luxo para o primeiro dia – Cristiano aprovou – o destino nos serviu bem nessa ocasião. Enquanto dividimos a comida podemos falar sobre o destino que nos reuniu aqui hoje.

Nós dividimos igualmente os hambúrgueres e as batatas. Fiquei com um quarto de hambúrguer e cinco batatas fritas. Tudo bem frio e meio nojento, mas não foi assim tão ruim quanto eu esperava. Para quem foi lá topando lamber uma polenta grudada numa fralda usada, até que eu estava com sorte.

– Pois eu acho que destino não existe – opinou Paulo.

– Então o que você tá fazendo aqui, desgraçado? – perguntou Cristiano.

– Nem mesmo eu sei – disse Paulo – eu estava de saco cheio da vida e queria uma mudança radical. A ideia de seguir o nada me agrada. Então se eu não acredito em destino estou seguindo o nada.

– Então se você não acredita em Deus e se torna cristão mesmo assim está seguindo o nada? – perguntei.

– Sei lá, cara – disse Paulo – o mestre Onai nos proibiu de estudar filosofia, então só posso compartilhar minha burrice. E assim faremos até o resto de nossos dias.

– Eu acho que quanto mais batatinhas fritas acharmos no lixo, mais sábios ficaremos – sugeri.

– Se fosse por isso, os mendigos seriam grandes filósofos – disse Henrique.

– Pois eu acho que são mesmo! – disse Cristiano – Já conversou com um para saber? Já perguntou a ele sobre sua percepção da existência?

– Nunca tive essa oportunidade – disse Henrique.

– Já teve sim, mas não quis se aproximar. Daqui um mês, quando estiver fedendo como eu, vai querer conversar com todos.

– Achei que você não acreditava em nada, mestre Onai – observei – então acredita mesmo em destino?

– Eu nunca disse que não acreditava em nada! Eu acredito em muitas coisas, como na minha capacidade de liderar essa merda. Quanto ao destino, é uma palavra cheia de firulas para um significado mais abrangente. As pessoas gostam de dizer que cada um é responsável por seu destino, mas isso é uma grande bobagem. Por mais sábio e esperto que alguém seja, esse alguém é capaz de impedir a própria morte? Nem o Deus cristão fez isso. Então nós estamos aqui reunidos porque reconhecemos nossas próprias incapacidades de alterar nossos destinos. Em vez de lutar contra a correnteza, observaremos as situações agradáveis e desagradáveis que nos aparecem e tentaremos inventar valores para elas.

– As coisas que nos acontecem precisam ter um sentido? – perguntei.

– Se elas tem ou não, isso é irrelevante – respondeu Cristiano – não queremos desvendar o real sentido de um acontecimento e sim criar um. Vou dar um exemplo. Três de vocês estão aqui comigo agora e sete não estão. Inventem uma interpretação.

Nós paramos para pensar por um momento.

– Nós somos corajosos e eles são fracos – disse Paulo.

– Pode ser que sim, mas também pode ser que não – respondeu Cristiano – afinal, pode ser que dos sete, seis retornem. E pode ser que de vocês três somente um continue. Eu daria mais valor a quem continua, independente de ser um dos três primeiros ou um dos sete últimos.

– Isso significa que nosso ato de hoje teve valor, mas não foi decisivo – disse Henrique.

– E que se iremos continuar aqui por mais tempo ou não, só depende de nós – falei.

– Isso pode ser verdade, mas também pode não ser – disse Cristiano – se ficarem muito doentes e decidirem parar, foi uma circunstância além de suas forças.

– Mas posso decidir continuar mesmo doente, e morrer aqui.

– Você pode, mas o fato de decidir ir embora ou permanecer não é melhor ou pior em si – disse Cristiano – eu somente disse a decisão que irá me agradar mais ou me desagradar. Nesse caso, a sua escolha será somente em uma única direção: você considera importante me agradar? Há algo nesse grupo que você valoriza o suficiente para te fazer permanecer? Nesse sentido, não é sua coragem e determinação que

Salve o Senhor no Caos

decidem, mas a interpretação do destino. Nós não somos uma seita de adivinhos, mas uma seita de pessoas que criam suas próprias adivinhações conforme a conveniência, um capricho ou um desejo.

– Isso é muito complicado – falei – e, ao mesmo tempo, extremamente simples.

Permanecemos conversando noite adentro, até o nascer do Sol. Saímos do terreno para ver o Sol nascer e eu me senti incrível. Eu raramente podia contemplar o nascer do Sol livre de preocupações. A partir de então, se eu estaria vivo ou morto no dia seguinte já não importava mais. Talvez dessa forma eu pudesse viver a vida com a intensidade que eu precisava: paradoxalmente, sem intensidade nenhuma.

Dormimos deitados no chão duro. Eu demorei a adormecer e acordei com algumas picadas de mosquito e com as costas doendo.

Reviramos o lixo em busca de mais comida, mas não achamos nada. Levamos em torno de duas horas, pulando de lixo em lixo, até encontrarmos restos de uma marmitta e metade de um pacote de bolachas.

– Quem é que joga tantas bolachas no lixo? – perguntou Henrique, surpreso.

E achamos aquilo tão engraçado e agradável que dividimos as bolachas e comemos rindo. Parecia a refeição mais deliciosa do mundo.

Depois da refeição, caminhamos até uma praça pública e sentamos na grama, nos reunindo numa roda.

O Sol me aquecia e me deixava cada vez mais feliz. Então minha vida finalmente tinha um sentido, exatamente no momento que eliminei todo o sentido dela. As pessoas que passavam nos fitavam com curiosidade.

– Deixem que olhem – disse Cristiano – agora elas acham curioso. Em breve todos irão se afastar de nós quando passarmos com nossas roupas rasgadas e malcheirosas.

– A gente podia tomar banhos de graça por aí e remendar as roupas – sugeriu Paulo.

– Não vejo necessidade. Eu gosto de estar sujo e com roupas rasgadas.

– Mas eu não! – disse Paulo – se quiser ficar um mês sem tomar banho, fique. Eu gostaria de tomar um banho pelo menos uma vez por

semana e carregar linha e agulha para costurar os rasgos. Isso é pedir demais?

– Você quer ser o único limpo do grupo, para se destacar? – perguntou Cristiano – a ideia é sermos parecidos como grupo. Isso irá nos unir.

Tivemos mais conversas filosóficas na praça e eu estava me sentindo muito bem. Como era maravilhoso viver como um peregrino, sem precisar ter casa ou me preocupar com contas para pagar! Havia comida de graça nos lixos para eu me servir, a sombra das árvores. O mundo era meu! Meu e de meus amigos. Aquela era a genialidade do mestre que eu admirava.

E eu tive essa ilusão por um dia, até que a realidade desabou sobre minha cabeça, literalmente. No final da tarde desabou um temporal que seguiu pela noite adentro.

Não conseguimos achar um local para nos abrigarmos tão cedo. Acabamos voltando para o terreno do lixão, mas o lixo havia se espalhado. Tiramos nossas roupas e as colocamos para secar, mas dormir nu no meio do lixo era infinitamente pior.

Não consegui dormir naquela noite. Tudo o que eu queria era que o Sol nascesse. A escuridão era absoluta e eu sentia meu corpo inteiro ardendo e coçando.

Acabei vestindo as roupas molhadas. Acordei no outro dia ardendo em febre. E não achamos comida pelo dia inteiro.

Henrique ficou cuidando de mim enquanto os outros dois saíram no meio da chuva para tentar conseguir comida. Tentaram inclusive pedir para várias pessoas, mas não deu certo.

Ficamos dois dias inteiros sem comer em meio à chuva que não parava. Minha febre só aumentava, assim como as coceiras. Eu sentia muito frio, mas não aguentava ficar debaixo do cobertor malcheiroso que arranjaram.

Quando parou de chover, comuniquei a Cristiano minha decisão de ir para o hospital público. Ele consentiu e eu me retirei.

No hospital demorei um pouco para ser atendido, mas quando fui, o serviço foi ótimo e ganhei até umas bolachinhas. Eu estava simplesmente morto de fome. Após o tratamento, o banho e a comida saí de lá renovado, como se tivesse nascido novamente.

Salve o Senhor no Caos

Para mim, aquela foi a verdadeira cerimônia de iniciação e não a decisão de atravessar a rua vendado. Se eu tivesse morrido ali, teria sentido uma grande dor para depois nunca mais sentir nada. Foi muito pior o tormento daqueles três dias.

Retornei e avisei Cristiano que tinha decidido me retirar da seita.

– Eu já esperava – ele disse, simplesmente – sabia que uma febre besta seria o bastante para te fazer desistir.

– Não foi uma febre besta! – defendi-me – eu tava mal pra caralho!

– Não adianta ficar brabo – disse Cristiano – você já fez sua escolha. E se for para ficar brabo com alguma coisa, que seja com suas prioridades.

– É errado eu querer que minha febre pare ou eu desejar comer o mínimo para ficar vivo? – perguntei, aborrecido.

– Eu nunca disse que era errado. Só estou dizendo que sua crença não é compatível com a da minha seita. Portanto, se não pode mudar sua crença, é melhor se retirar.

Dessa vez eu me enfureci.

– Como você é egoísta, Cristiano! Eu teria topado continuar aqui se você tivesse aceitado aquelas mudanças propostas pelo Paulo, como a permissão para ir ao hospital e os banhos.

– Te dei permissão para ir, não dei?

– Mas não vai dar sempre! – exclamei.

– Nós somos parte de um grupo e as coisas não ocorrerão sempre conforme sua vontade. Se não aceita isso, não pode ter uma vida em comunidade.

– E por que tudo deve ocorrer somente conforme sua vontade? – desafiei-o.

– Porque eu sou o líder e organizei isso. Já estou abrindo mão de muita coisa. Se eu começar a mudar tudo de acordo com os caprichos de cada membro, isso não vai durar muito tempo.

Eu estava derrotado. Retirei-me.

Embora Cristiano quisesse decidir tudo, eu precisava admitir para mim mesmo que eu não estava assim tão disposto a cooperar. Passei por maus bocados, mas desisti assim que tive a chance. Ele me deixou ir ao hospital, não deixou? Ah, mas eu queria passar minha vida toda dependendo da permissão dele para isso?

Wanju Duli

Eu estava zangado, e ele estava certo: fiquei brabo comigo mesmo. Pensei que eu me conhecesse melhor. Achei que eu fosse mais forte. Foi então que lembrei do que Cristiano disse.

Meu problema não foi falta de força, mas sim mudança de prioridade. Se o grupo fosse mais significativo para mim, o resto não teria importado.

Depois de faltar aqueles dias no colégio, apareci na aula no outro dia e meus colegas ficaram surpresos. Zombaram de mim por eu ter saído da seita. Principalmente Ana, que tinha sido a primeira a nos criticar.

Passados alguns dias, entraram os outros sete membros que tinham esperado. Para a minha surpresa, os nove membros continuaram a viver na rua com Cristiano pelas semanas seguintes. Levou um mês inteiro para que o primeiro membro da seita pulasse fora.

Senti-me envergonhado. Eu tinha durado apenas três dias. E os caras continuaram fundo naquela obsessão pelos meses seguintes!

Um dia os garotos de manto cinzento foram nos visitar no colégio e foram tratados como heróis. Meu queixo caiu quando eu vi a reação dos alunos. Alguns, inspirados pela visão daqueles seres ousados e subversivos, também queriam abandonar tudo para segui-los.

Cristiano deu um monte de discursos legais, acompanhado por Paulo, que pelo jeito conseguiu seu posto de favorito. Se eu não tivesse me acovardado, provavelmente teria ficado com o posto, já que Cristiano gostava muito de mim.

Quando nossos olhos se encontraram, Cristiano apenas me fitou friamente e desviou o olhar. Senti-me realmente mal.

E minhas aulas somente se arrastavam. Não tinham significado, assim como Cristiano dizia. Foi um alívio sair daquela porcaria de seita que só me gerava dor no corpo, mas talvez a dor da minha mente fosse tão ruim quanto.

Numa noite que choveu muito, me lembrei daquele dia que eu estava com eles, ardendo em febre. Em casa, eu apenas fechei a janela para me proteger da chuva. Eu via a chuva lá fora e não perto de mim, pois assim ela não me incomodava.

Mas será que a chuva não queria me contar alguma coisa?

Salve o Senhor no Caos

Determinado, resolvi ir para fora. Permaneci de pé debaixo da chuva por um momento, já que eu teria o conforto de tomar um banho logo em seguida.

Tentei apagar todos aqueles pensamentos e apenas sentir a chuva. Aquele era o mundo desconfortável no qual eu vivia. Mas será que em minha tentativa de obter conforto rápido e a qualquer custo eu não tinha deixado algo para trás? Quem sabe fosse algo importante: a essência da vida em si.

E ali, debaixo da chuva, sem ninguém para me julgar, eu chorei.

Eu não chorei por tristeza e sim porque estava feliz. A minha vida não era mais uma merda, porque havia a chuva. E quando eu me unia à chuva, toda a minha existência fazia sentido.

Um dia eu iria me unir à terra e à chuva novamente. Meu corpo desmancharia. Eu não seria mais apenas um, mas estaria conectado com todo o resto.

Será que foi esse o sentimento que experimentei? O de estar conectado com as pessoas insuportáveis e irritantes daquela seita infeliz. Por que eu curti tanto assim? Doeu tanto, mas foi porque doeu que eu acordei.

Será que aquela era a única maneira de sentir essa sensação de completude ou haveria outro caminho?

Eu já tinha me enganado uma vez antes. Pensei que a forma que me ensinaram a viver era a única possível. Então a via de Cristiano não poderia ser a única alternativa.

Se ninguém tinha certeza de nada, se vivíamos nossa vida como cegos, por que eu precisaria tanto assim encontrar minha certeza? A coisa mais importante pela qual eu dedicaria minha existência, e que eu jamais abandonasse.

Era tão aterrorizante o pensamento de que eu talvez jamais encontrasse algo assim? Quem sabe fosse até libertador.

Eu tinha liberdade de fazer o que eu quisesse e de pensar o que eu desejasse. Num mundo em que a única certeza era a incerteza, eu poderia abraçar a incerteza como meu triunfo. Ela se tornaria minha força.

Eu não queria que houvesse uma única verdade ou um único caminho. Não me importava o que existia de fato na realidade. Se eu não tinha o poder para transformar o mundo, eu teria algum poder para

moldar minha vontade; minha percepção da realidade. Em contrapartida, tudo ao redor mudaria sob a luz desse novo olhar.

– A partir desse instante, eu me permito acreditar em tudo o que eu quiser acreditar, até nas coisas falsas! E posso fazer o que eu julgar certo, mesmo que tal coisa seja errada. Afinal, mesmo sendo algo falso ou errado pode se tornar certo e verdadeiro sob o domínio de uma vontade inabalável!

– É mesmo, Breno? Me mostra o poder das tuas palavras.

Diante de mim, como que por magia, estava Cristiano, do outro lado da cerca da minha casa.

Fui recebê-lo de imediato. Ofereci-lhe um guarda-chuva, mas ele recusou. Cristiano sorriu quando me viu.

– Que está fazendo, berrando debaixo da chuva como um doido? – ele perguntou-me – E depois dizem que o desequilibrado sou eu? Acho que faço bem ficando desse lado da cerca.

Abri a cerca, saí do pátio da casa e abracei-o.

– Só com essa chuva para seu fedor ir embora – eu disse – mas parece que mesmo assim não vai? Me conte as novidades!

– Michele criou a vertente feminina da Seita dos Peregrinos do Destino. Pelo menos agora os membros heterossexuais têm com quem transar. É uma boa distração para quando se tem fome e frio, e não custa dinheiro. Eles distribuem camisinhas de graça nos postos.

– Excelente! – comentei, empolgado – A seita está ficando cada vez mais quente desde que saí.

– Também há o lado negro... no sentido mais literal possível – comentou Cristiano – Paulo saiu da SPD para criar sua própria seita, que permite banhos diários e garante refeições regulares, assim como atendimentos médicos. Eles até encontraram um terreno abandonado para residência permanente. Está atraindo cada vez mais seguidores, já que as pessoas gostam de comer e não querem passar frio.

– Você acha isso assim tão estranho? – perguntei – Por mim, eu iria para a seita dele. Sem ofensa.

– Não vá, o senso estético deles é terrível – recomendou Cristiano – eles usam vestes negras sem capuz, com boinas. Eles acordam três da manhã e vivem lendo.

– E qual é a filosofia deles?

Salve o Senhor no Caos

– Eles leem até o ponto da exaustão. Pode ser qualquer tipo de leitura, contanto que os derrube. Eles só podem dormir quando caem em cima de seus livros. Segundo eles, o sentido da vida é o conhecimento de qualquer tipo ou formato. Entupir-se de conhecimento. É exatamente o contrário que defendo! Prefiro que a mente fique limpa de babaquice para absorver a simplicidade da vida.

– Eu acho que os dois estão certos, ou que nenhum está certo – opinei – vocês estão ao mesmo tempo certos e errados.

– Isso não ajudou em nada – disse Cristiano – e eu não vim até sua casa para contar as novidades, mas para pedir comida.

De repente, senti poder sobre ele.

– E se eu escolher não te dar comida?

– Arranjo em outro lugar, ou morro. Que diferença faz? Se eu fizesse parte da seita imbecil de Paulo, seria melhor mesmo estar morto. Afinal, qual é a diferença da seita dele para os estudos infelizes do colégio?

– Nenhuma, exceto que no colégio não há leituras de contos eróticos. Eu decidi que vou virar um eremita!

– E eu com isso? – perguntou Cristiano – Onde está minha comida?

– Prefere pizza ou bolo de chocolate?

– Traga tudo o que conseguir carregar, por favor. Não como bem há cinco dias.

Resolvi dar-lhe tudo o que eu tinha, exceto um pacote de miojo que eu iria cozinhar para a minha janta.

– Eu não vou te dar nada em retorno – avisou Cristiano.

– Se você me der um ensinamento já será bom o bastante – resolvi dizer.

– Que tal isso: eu sou a pessoa mais feliz do mundo.

– Só por causa de um bolo?

– Não, idiota. Por causa do meu caminho de vida.

– Estranho como podemos ser ambos muito felizes e seguirmos caminhos diferentes – observei – será que a verdade é só uma mesmo? Ou será que só os caminhos mudam? Ou há muitas verdades para um só caminho? Ou por que isso deveria realmente importar, em primeiro lugar?

Wanju Duli

– Somos mesmo cérebros em corpos mortos – concluiu Cristiano – basta inflamar o cérebro com uma obsessão que o corpo se curva como um escravo para atender aos seus caprichos.

– E você está gostando de brincar disso.

– Estou adorando.

– Meu cérebro não é assim tão vaidoso. Ele se contenta com coisas menores, como se tornar um Deus.

Cristiano abriu a boca, ligeiramente surpreso.

– Você vai mesmo fazer isso?

– Eu vou – decidi – iniciarei a construção dos meus adoradores imaginários num reino de silêncio. Eu preciso dessa solidão.

– Nem mesmo eu quis ser Deus – disse Cristiano – nem mesmo Paulo. Isso porque a supressão do eu é um caminho espiritual mais clássico.

Cristiano conversava comigo enquanto enfiava um monte de pizza na boca. Eu coloquei o guarda-chuva em cima dele para que a pizza não se molhasse. Quando ele se afastou, fiquei com pena de vê-lo comendo todas aquelas coisas molhadas. Eu queria convidá-lo para entrar e tomar um banho. Relaxar, ver um filme. Mas ele tinha seu próprio caminho.

Fitei-o com simpatia.

– Vocês ainda se drogam?

– Somos um bando de drogados – confessou Cristiano – somente assim para aguentar. Mas quando não tem drogas o pessoal não pira. É tranquilo. A gente se une e... canta. É terrível, mas também é maravilhoso.

– Não quis se drogar com Deus?

– Não. Estou bem assim. Por que você insiste em querer mudar minha forma de fazer as coisas? Sempre quer achar um erro!

– Você não precisava estar passando por tudo isso.

– Eu escolhi fazer assim e posso parar quando quiser. Você vê correntes em minhas mãos? Enquanto eu me divertir, vou continuar fazendo. A coisa completa. Somente assim me sinto perfeito, mesmo sem sê-lo. Ou talvez eu já o seja, somente para mim mesmo. Não serei perfeito se eu for gentil, mas quando eu aprender a me aceitar como sou. E acho que já fui capaz de fazer isso.

Salve o Senhor no Caos

E eu continuava admirando aquele homem e provavelmente jamais admiraria alguém tanto assim em toda minha vida.

Mas eu não o admirava por comer pizza na chuva ou por atravessar uma avenida de olhos vendados. Não, não... se eu perguntasse para Cristiano, ele com certeza diria que coisas assim “qualquer idiota faria”. Ele era especial por outra razão.

– Você acha que existe alma? – perguntei.

– Tomara que exista, pois assim poderei comê-la da próxima vez que eu estiver morto de fome.

– Puta merda, agora entendi tudo. Muito obrigado, mestre.

Eu me ajoelhei e beijei os pés dele. Aqueles pés molhados com sandália gasta.

Não era uma piada. Cristiano se movia com o alimento da alma. E era aquilo que o tornava único no mundo.

Voltei para casa e comecei a rabiscar criaturas de capas cinzentas no meu caderno. Sedentas de conhecimento espiritual, elas ficaram famintas e dançaram. A fome era tanta que devoraram suas próprias vestes. A pele delas se tornou cinzenta.

Essas criaturas pularam para um mundo chamado Midaforvel. Algumas delas se acharam impuras e criaram um Deus. Passaram a usar vestes brancas, até que devoraram suas próprias vestes. A pele delas se tornou quase da cor de um fantasma.

Suas existências foram esquecidas. Começaram a vagar por um mundo chamado Quepar, que era um parque abandonado assombrado por fantasmas.

Até que surgiu o Fantasma Sagrado. E todos os fantasminhas se curvaram perante esse. O fogo no coração de cada um deles se acendeu.

Caí no chão, derrubando junto meu prato de miojo.

– Eu preciso de Deus... não preciso de Deus. Eu quero ser o Deus de mim mesmo. Eu habito num mundo repleto de deuses.

Desejei que toda a confusão dentro de mim fosse arrancada. Tudo o que eu considerasse errado e mau.

De dentro do meu miojo derramado surgiu um fantasma. Ele era eu mesmo, mas também não era.

– O seu nome é Lam – eu disse a ele – e eu sou o seu Deus. Ajoelhe-se perante mim.

Wanju Duli

Lam ajoelhou-se.

– Há uma enorme confusão no parque nesse instante. Vá lá acalmá-los.

E Lam atendeu minha vontade.

Minha irmã mais velha estava muito aborrecida comigo porque eu não trabalhava e ficava só trancado em casa “inventando bobagens”, segundo ela, após largar o colégio. Ela chegou na casa com as sacolas de compras, lançando tudo no chão.

– Se quer ser um eremita, vá viver num local isolado e ter uma plantação para sobreviver – ela disse – eu não vou te sustentar!

– Preciso de um favor seu antes – eu falei – estou criando escravos espirituais para que eles me venerem como Deus. Preciso descobrir se esse sistema funciona para outras pessoas. Pode testar para mim?

– O que eu tenho que fazer? – ela perguntou, exausta.

– Eu criei uma nova dimensão e você precisa acessá-la mentalmente – expliquei – irei descrevê-la e basta que a imagine fortemente. Melhor fechar os olhos.

Minha irmã Susana sentou-se na cadeira, de saco cheio, e fechou os olhos. Ela começou a visualizar o que eu descrevia.

– Agora você irá criar um tipo de ser espiritual com um pedaço da sua energia, como um sopro da vida – instruí – então, imagine-o nascer.

– Como vou saber se funcionou? – ela perguntou.

– Se eu te pedisse para lembrar de uma situação desagradável para que ficasse com raiva, você teria dúvida se sentiu raiva ou não? – perguntei – Você não tem dúvida porque já aprendeu o que é sentir raiva. Basta que se acostume com a energia que os seres espirituais emanam. Nesse momento, não terá dúvidas se ele está presente.

– Que tipo de emoção devo sentir?

– Qualquer uma.

– Então qualquer coisa pode ser um espírito!

– Exatamente. Há energias espirituais em todos os lugares: em seres animados e inanimados. Basta prestar atenção. Mas para criar um servidor, você pode optar por atribuir a eles uma energia ou característica específica.

– Eu acho que você está só inventando tudo isso.

Salve o Senhor no Caos

– Não importa se estou inventando. O importante é que funcione. Se o servidor realizar seu serviço, eu o tornei suficientemente real para fazer parte da minha mente e do meu mundo.

– Você é maluco.

– A maluca é você por se negar a acrescentar um pouco de magia em sua existência por mero conservadorismo.

– Já criei seu servidor. Pode usá-lo.

– Obrigado.

Naquela noite, empacotei minhas coisas e me mudei pela manhã.

Peguei um ônibus até uma cidade do interior. Eu iria morar numa pequena casa de madeira de dois cômodos. Não havia praticamente nada lá dentro. Eu teria que fazer coisas como cortar lenha e plantar meu próprio alimento. Até eu me acostumar com tudo, minha irmã iria me trazer comida e outras coisas que eu precisasse. Ela me xingava bastante e me chamava de preguiçoso, mas no final estava sempre preocupada e acabava me trazendo coisas mesmo quando eu não pedia.

– Você está me fazendo perder tempo! – ela reclamou, depois de me trazer vários quilos de pão – Essa viagem de ônibus não é curta. Por que não foi morar mais perto?

– Foi você que me mandou morar no interior! E eu não te pedi mais comida. Estou racionando o que ainda tenho.

– Acha que vou te deixar morrer de fome?

– Eu sei jejuar quando preciso.

– Não exagere, imbecil.

Eu nunca imaginei que plantar fosse tão trabalhoso e demorasse tanto. Eu ainda não tinha aprendido como fazer direito e acabava arruinando mais da metade do que eu plantava. Cortar lenha também era uma atividade braçal intensa e me deixava suado e morto de cansado.

Apesar disso, o resto compensava. Ler um livro à luz de velas. Ouvir o som da noite do interior. Quanto mais coisas eu eliminava da minha existência, mais mágica ela se tornava. Bastava não eliminar demais para eu não adoecer tão facilmente. Mas cada um tinha seu equilíbrio. Cristiano tinha encontrado o seu. Porém, nossas vidas não eram iguais. Talvez sequer fossem tão parecidas como eu pensava antes.

Wanju Duli

E se eu nunca o tivesse conhecido? Provavelmente eu continuaria reclamando da vida, me sentindo vazio e correndo atrás de coisas que não importavam, sem sequer valorizar o que eu já tinha.

Naqueles dias, até comer um pedaço de pão velho era mágico.

E eu já tinha dois seres espirituais comigo. Não estava realmente sozinho.

No final da tarde, sentei-me lá fora acendendo uma fogueira com a lenha que eu tinha cortado. Eu mesmo cortara minha lenha e fizera meu fogo arder. Isso trazia muito mais importância ao momento, como se contivesse uma parte de mim.

Lam e Meb se sentaram comigo ao redor da fogueira. Ele trajando um manto negro e ela um manto branco. Tinham muito a me contar sobre o novo mundo.

Para me comunicar com eles, eu alterara meu estado de consciência fitando o fogo. Aquele transe era tão profundo que eu os via quase em carne e osso diante de mim; ou, eu deveria dizer, em fogo e espírito.

– Fundei a Ordem de Argen em Quepar e Meb fundou a Ordem de Acnarb. Trancamos os fantasmas famintos em gaiolas envoltas em fogo de coração – explicou Lam.

– O que farão aos fantasmas, então? – perguntei, interessado.

– O que o senhor ordenar – disse Lam, naturalmente.

– Eu ordeno que façam a eles o que desejarem. Isso será interessante.

– Quero ajudar os fantasmas – disse Meb.

– Eu prefiro escravizá-los – falou Lam.

– Se uma existência somente na companhia de fantasmas parece monótona, sinto que deveriam surgir novos servidores para acompanhá-los – sugeri – porém, não quero ser eu a criá-los. Por enquanto, estou satisfeito com a existência dos dois. Escreverei um livro com instruções e emprestarei a amigos.

– Quem são os seus amigos? – perguntou Lam, desconfiado – O tal Cristiano que cata comida do lixo e o Paulo que é escravizado pelo relógio?

– Eles são divertidos e inteligentes, mas não completamente loucos – alertei – Cristiano acredita que deve viver pelo destino e revirando os lixos como um rato que pode, subitamente, acabar preso numa ratoeira.

Salve o Senhor no Caos

Já Paulo se diverte batendo num sino. A cada hora uma coisa deve ser feita.

– Um se tornou prisioneiro do acaso e outro do relógio.

– Uma prisão pode libertar – expliquei – principalmente se você aprisiona a si mesmo numa atividade que é potência de um prenúncio de libertação. Você não é prisioneiro de seu manto negro, de seus conceitos e crenças?

– Então ninguém é verdadeiramente livre – concluiu Lam.

– O maior cárcere é sempre mental. Para uns ter muito dinheiro significa liberdade para fazer o que quer. Para outros, dinheiro é uma prisão. Para alguns, saúde é um dos bens mais preciosos. Para outros, a doença pode trazer lições tão valiosas que pode transformar a vida e a percepção do mundo. Cada um também tem sua maneira de amar. Acho que amo as árvores que me cercam e os grilos que gritam à noite. Paradoxalmente, eu corto as mesmas árvores que amo, para me aquecer. Posso devorar animais ou vegetais que eu também seria capaz de amar.

– Então o amor também pode aprisionar? – perguntou Meb.

– É claro que sim. Ou pode libertar. Mas nunca de uma única maneira. Aqueles que falam que o sentido da vida é o amor talvez nunca tenham notado como a natureza é violenta. As pessoas não entendem o sentido das coisas porque não analisam o quadro completo, mas apenas uma parte. Quando só olham para si mesmas, desejam vida longa, saúde e conforto. Mas nós matamos o tempo todo para sobreviver. Não é natural darmos o nosso corpo em troca? De repente, tudo parece ter um equilíbrio perfeito de amor e ódio. Desejos humanos de amor são limitados.

– Você acredita que há um sentido? – perguntou Meb – Ou um Deus que enxerga o sentido completo?

– Se há um sentido, eu falho em ver – respondi – e se há um Deus, também falho em ver. Isso tudo porque sou humano. Mas também é possível viver sem um sentido e sem Deus. Podemos criar deuses ou sermos nós mesmos o nosso Deus.

– Você é meu sentido – disse Meb – é meu Senhor na Terra.

– Então talvez o sentido da minha vida não seja encontrar um sentido no mundo, mas ser o sentido para outros – concluí – e ser o

Deus de vocês. Mas eu devo corrigi-la, Meb de Acnarb. A sua Senhora na Terra é a Susana e não eu. Ela te criou.

– Ela não se importa comigo.

– Sabe, eu não acho que os seres humanos sejam incompletos – observei – e nem que vocês, servidores, sejam incompletos. Porém, nem os seres humanos e nem os servidores existem para serem perfeitamente felizes. No fundo, desejar alegria ou liberdade é uma grande ilusão. Até mesmo a busca de um sentido não faz sentido. Se o sentido é o amor ou a morte, é a mesma coisa. Nós respiramos e isso é o bastante. Já nascemos perfeitos em nossa condição de imperfeição. E não há nada mais a ser feito. Somente esperar a morte. A diferença é escolher fazer isso com tranquilidade ou com desespero.

– O sentido da vida não pode ter um teor político ou uma busca por justiça? – perguntou Meb.

– Existe o sentido da sobrevivência – expliquei – que é ter o básico para permanecer vivo ou lutar para que outros o tenham. Mas será que vivemos apenas para sobreviver?

– Você acabou de afirmar isso – disse Lam – que vivemos para respirar.

– Mas há várias formas de respirar. Você pode respirar ansioso e com medo de que sua próxima respiração seja a última. Pode acumular posses e pessoas para amar e criar cada vez mais vínculos com esse mundo, com medo de deixá-lo. Ou pode respirar com mais tranquilidade, sentindo que seu corpo não é completamente seu. Você é muitos, o resultado de todos os seres que comeu. E depois voltará a se unir à terra e ao fogo com a morte. Não é maravilhoso? Abraçar tudo.

– Se o sentido é se unir a tudo, por que nascemos separados? – perguntou Lam.

– Não sei se o sentido é se unir a tudo, se separar de tudo, amar, odiar, venerar um Deus ou tornar-se um Deus – eu disse – existem diferentes maneiras de viver. Como eu disse, certas maneiras aprisionam algumas pessoas e libertam outras. Falo apenas do que faz sentido para minha vida. Alguém que faz o oposto do que faço pode estar certo. No final das contas, o impacto mental é o primordial. Cada um inspira a mente de forma diferente. Às vezes nem precisa haver mudança do lado de fora.

Salve o Senhor no Caos

– Então por que se isolou aqui? – perguntou Meb.

– Apenas senti vontade, assim como Cristiano quis se tornar um peregrino e Paulo resolveu que bater um sino era o que lhe dava adrenalina. Mas nem todos devem viver como eu, como Cristiano ou como Paulo. Na verdade, eu acho que é exatamente cada um inventar sua própria forma de viver que torna o mundo lindo. Por isso resolvi criar Quepar: um mundo em que servidores vagueem livres e criem seus próprios mundos. No entanto, deixo claro desde o início que sou o criador desse mundo e que um Deus humano criou cada um. Para quem não quer inventar um sentido, apenas servir ao Deus humano será o bastante. Assim vocês não se inquietarão.

– Isso foi esperto – disse Lam – vejo que a maioria dos humanos estão perdidos e inquietos. Mas para nós, servidores, a vida tem um sentido claro e determinado. É melhor assim.

– Vocês não precisam se aprisionar a esses destinos – expliquei – apenas deixei claro como as coisas funcionam. Vocês decidem se irão jogar conforme as regras.

– Isso é tudo um experimento para você? – perguntou Meb.

– Sim, mas não pensem que fiz por mal. Também gosto de ver vocês se divertindo e sendo criativos. Se eu não fosse o Deus de vocês desde o começo, vocês iriam acabar criando seus próprios deuses como os humanos fizeram, para não se sentirem tão sós e perdidos.

– E o que significam aqueles fantasmas soltos em Quepar? – perguntou Lam – Eles me incomodam.

– É uma charada – estreitei os olhos misteriosamente – a primeira, dentre muitas que ainda virão. Não entreguei a vocês um mundo em branco, mas acrescentei alguns elementos inatos como pistas. Podem cortar uma árvore e construir uma cadeira, como os humanos fizeram. Isso não é sacrilégio.

– Existe algum pecado mortal em Quepar? – perguntou Meb – Precisamos saber disso para passarmos às próximas gerações.

– Se vocês deixarem de me adorar, é pecado – expliquei – mas não um pecado imperdoável. Se alguém matar um servidor criado diretamente por mim, também será pecado, mas posso perdoar. Só existirá um pecado mortal em Quepar.

– Qual é? – perguntou Meb, ansiosa.

Wanju Duli

– Destruir o Fantasma Sagrado – eu sorri – existem diversos fantasmas espalhados e vocês podem usá-los para evocação, para escravizar, para amar. Façam o que quiserem. Apenas não toquem no fantasma grande com coração de fogo sangrento.

– Por quê? – perguntou Meb.

– Porque aquele que matá-lo conquistará a vida eterna, a maldição das maldições – expliquei – a mortalidade é o estado natural do mundo. Tiramos a vida de outros seres para viver, então devemos entregar a nossa em troca.

– Mas os servidores não precisam comer.

– Vocês se sentirão tentados a devorar os pequenos fantasmas para adquirir força mágica – eu disse – e, de qualquer forma, vocês vieram de um pedaço de um humano. No dia que esse humano morrer, vocês morrem com ele. Se nunca consumiram um fantasma, no máximo podem trocar de Senhor na Terra uma vez. E isso é tudo.

– Ainda não entendi porque a vida eterna é uma maldição – falou Lam.

– Você é burro ou o quê? – perguntou Meb – é para o ciclo continuar girando. O ciclo da vida e da morte.

– Não é possível que nós nos tornemos deuses? – perguntou Lam.

– Sim, isso é possível – respondi – vocês podem ser os deuses dos fantasmas, mas nem isso os salvará da morte. Isso porque o sentido da vida de vocês não é “se salvar” da morte. É servir ao seu Senhor na Terra. Isso foi estabelecido, é a primeira aliança que fizemos. Mas vocês também podem brincar de outras coisas.

– Posso me tornar o Deus de um humano? – perguntou Lam.

– Ah! – exclamei, maravilhado – tente.

Lam sentiu-se um pouco intimidado com meu desafio. Ele notou que eu o estava provocando.

– Ainda não – ele desviou o olhar – ainda tenho muito que aprender.

– Por que está espalhando charadas por Quepar? – perguntou Meb, curiosa – Temos que descobrir alguma coisa?

– Não ensinarei a vocês nenhum segredo. Podem viver como desejarem. Mas para quem estiver entediado, haverá diferentes missões e jogos.

Eu levantei-me.

Salve o Senhor no Caos

– Terminarei de escrever meu livro de magia. Em breve, outros seres humanos seguirão as fórmulas ritualísticas para o desenvolvimento de servidores de Quepar e vocês terão companhia. Cada servidor deverá servir seu Senhor na Terra com um dom específico, então preparem-se para criar a Ordem do Dinheiro, a Ordem da Saúde, a Ordem do Amor e todas essas coisas que humanos gostam de ter. Não importa se eles pedirem coisas falsas ou idiotas. O trabalho de vocês será obedecer, se não quiserem que o Senhor de vocês os mate. No entanto, o quão tolo seria viver apenas visando a preservação da própria vida, tremendo de medo de perecer! Por isso, ajam como lhes aprouver.

– Nós teremos poder para intervir no mundo de vocês? – perguntou Lam.

– Aí está uma área interessante de pesquisa – reconheci – descubram através das pistas.

– Nós temos uma alma? – perguntou Meb.

Essa pergunta não poderia me deixar mais feliz.

– Vocês foram criados com uma parte da alma de um humano. Isso significa que nós podemos matá-los.

– Então nós também podemos te matar – concluiu Lam.

Eu gargalhei.

– Acho que sou um pouco como Cristiano – concluí – criá-los foi quase como atravessar a rua de olhos vendados. O feitiço sempre pode virar contra o feiticeiro, mas você tem ideia do poder de um Deus?

– Eu também poderia me tornar um Deus, mas isso seria infantil – disse Lam – não quero fazê-lo por mera inveja de seu poder. Em vez disso, posso usar sua necessidade de grandeza para meus propósitos.

– Cuidado com a língua – alertei – está dizendo que eu tenho inveja do Deus dos humanos e só por isso decidi que quero eu mesmo ser um Deus?

– Tu o dizes – zombou Lam.

Com um movimento de mão no ar, lancei Lam dentro da fogueira. Ele saiu de lá berrando, com as vestes pegando fogo. Lançou-se numa poça d'água e conseguiu conter as chamas.

– Você tem medo da morte, Lam? – provoquei.

– Devo ter herdado essa característica de meu criador, já que compartilhamos a mesma alma – respondeu Lam.

Wanju Duli

– Lam, cala a boca... – alertou Meb.

– Afinal, quem foi correndo para o hospital para se salvar após uma mera febre? – prosseguiu Lam – Quem foi que saiu da seita de Cristiano após meros três dias por causa de uma chuvinha?

Usar de violência novamente só provaria que o maldito estava certo. Por isso, com toda a paciência, expliquei.

– Lam, o fato de eu ter saído da Seita dos Peregrinos do Destino não representa uma fraqueza minha. Eu apenas percebi que eu tinha um caminho diferente. Eu desejei criar meu caminho em vez de seguir um já pronto. Não significa que tomar uma dessas decisões é melhor ou pior. Por isso eu dou a vocês, servidores, duas escolhas: seguir o caminho já pronto que designei, que é venerar os humanos, ou inventar outro.

– Estou escolhendo te desafiar, já que as duas escolhas são válidas – respondeu Lam.

– Muito bem – concordei – só sugiro que preste atenção na maneira que irá fazer isso. Há uma diferença entre me desafiar de forma sábia e me desafiar de forma estúpida. Cristiano pode ter atravessado a avenida, mas ele não se jogaria de uma ponte se soubesse que era morte certa. Brincar com o destino é uma coisa. Escolher a morte imediata como caminho não é necessariamente esperto.

– Eu gosto de você, mestre – disse Lam – porque somos muito parecidos. Acho que vou te servir por um tempo para ver o que acontece. O que quer que eu faça primeiro?

– Para começar, algo bem simples – falei – mate Cristiano.

Lam gargalhou.

– Agora é a sua vez de me testar? – perguntou Lam – Acha que não vou fazer isso? O seu melhor amigo não significa nada para mim. Você tem medo de cometer um assassinato na vida real e vai usar magia para isso?

– Não quero que o mate fisicamente. Quero que você infecte sua alma para que ele fique confuso e venha me pedir conselhos. Faça com que ele se ajoelhe perante mim e peça para que eu seja seu mestre. Acha que consegue?

– Quer saber? – perguntou Meb – Acho que vou servir a sua irmã, como deveria ser desde o começo. Peço licença para partir.

– Licença concedida – eu disse.

Salve o Senhor no Caos

E Meb se retirou. Ela não tinha gostado do que eu disse. A brincadeira estava começando a esquentar. Eu iria confundir os dois servidores e fazer com que questionassem tudo o que conheciam sobre si mesmos e o mundo.

– Desde quando o amor se tornou um dogma? – Lam balançou a cabeça quando Meb partiu – está totalmente claro que nossa prioridade é servir ao nosso Senhor na Terra. Se o Deus da Terra mandasse que um humano matasse alguém, o humano não iria matar? Vocês, humanos, dizem que só o Deus conhece o que é bem e mal.

– Você aprende rápido – reconheci – mas ainda há muito a ser conhecido. Vá agora e realize seu serviço.

– Como desejar, mestre.

Ele curvou-se diante de mim e desapareceu.

Não era apenas uma brincadeira cruel. Eu via o reflexo de mim mesmo nas atitudes e medos daqueles servidores. Eu queria descobrir o que eles faziam. Quão longe iriam. Matariam uns aos outros numa guerra? Destruiriam Quepar? Ou apenas se ajoelhariam submissos?

Não. Cada servidor agiria de uma forma diferente. Porque cada um deles era único, já que vinham de um ser humano complexo e singular.

– Cristiano... vou te obrigar a criar um servidor. E irei roubá-lo para mim.

Afinal, mesmo sendo eu o criador de Quepar, eu sabia que o servidor criado por ele seria muito mais poderoso que o meu.

Capítulo 2: Valor da Vida

Desde que um idiota chamado Cristiano veio estudar no nosso colégio, aquilo virou um inferno. Isto é, o lugar já era suficientemente ruim e eu queria sair logo de lá. Mas com Cristiano perto, meus colegas, que já eram imbecis, se tornaram perfeitos jumentos.

Já dava para constatar que nenhum deles tinha nada na cabeça. Não tinham nenhum tipo de ambição na vida e estavam profundamente entediados. Não que meus planos de vida fossem geniais, mas pelo menos eu tinha alguns. Eu já trabalhava como secretária e ia tentar fazer algum curso técnico para poder ganhar mais uma graninha.

Meus colegas eram tão infantis que se deixavam influenciar pelo que qualquer babaca dizia. Bastou que Cristiano começasse com seus discursos de que o nosso colégio e a sociedade não prestavam, que todos concordaram e foram atrás dele. Dá pra acreditar? Foi uma lavagem cerebral perfeita.

Ana era uma das únicas que o desafiava, mas por outros motivos. Ela achava absurdo que Cristiano não considerasse que Deus e amor fossem as coisas mais preciosas.

Não sou exatamente contra Deus, mas também não sou do fã-clube dele. E achava que amor era importante. Mas o que mais me irritou foi Cristiano mandar que todos abandonassem tudo e o seguissem. Quer dizer, ele não mandou ninguém fazer nada, mas é como se tivesse mandado. Sua lábia e sua personalidade logo atraiu seguidores que o obedeciam. Se ele mandasse que eles dessem um tiro na cabeça, capaz de os cretinos fazerem isso.

O filho da puta defendia que ter saúde e conforto eram coisas supérfluas! E que a busca por dinheiro era o mal do mundo! Isso me irritou mais que tudo.

Ele era um palhaço que já estava acostumado com pobreza e desconforto, com sujeira e desleixo. Porque não tinha dinheiro defendia que ninguém mais deveria ter! Ele não precisaria abandonar nada para viver nas ruas, já que nunca teve nada. Mas influenciou os nossos coleguinhas a abrirem mão do pouco que tinham por uma bobagem.

Salve o Senhor no Caos

Eu conhecia bem o tipo de pessoa que estudava no nosso colégio. Era gente com pouquíssima renda. Os pais de muitos alunos davam o maior duro para criá-los e sonhavam que os filhos tivessem uma educação um pouco melhor do que eles mesmos tiveram, já que alguns dos pais nem mesmo tinham completado o primeiro grau.

E depois de tanto esforço, vinha um infeliz com trinta anos, que já tinha rodado umas onze ou doze vezes, para corromper as crianças, levando-lhes para o mal caminho!

Muitos rodaram e largaram o colégio por causa do que Cristiano disse. E o pior foi quem largou tudo para viver pedindo esmola com o miserável.

Um dia eu me enfezei. Resolvi falar com ele.

Era difícil encontrá-lo, pois ele e seus seguidores viviam mudando de lugar. Após procurar muito, eu o localizei. Ele estava num local muito sujo. E havia um monte de bosta acumulada num canto, que devia ser onde ele e seus companheiros da seita cagavam. Tapei o nariz e, tomada de coragem, dei alguns passos adiante.

– Cristiano, posso falar com você? – perguntei, educadamente.

Ele olhou para mim.

– Pode sim, mas quem é você?

Fiquei indignada que ele não me reconhecesse.

– Sua ex-colega.

– De qual turma? Já rodei tantas vezes que nem sei mais.

– Da última turma em que você esteve.

– Agora me lembro. Seu nome é Luciana, certo?

– Exato. Notei que você já foi visitar seu velho colégio algumas vezes.

O que está tramando?

– Nada.

Tive que rir.

– Você quer atrair mais seguidores para sua seita, não é? Fica desfilando por lá e fazendo propaganda.

– E se for, algum problema? – perguntou Cristiano.

– Isso me incomoda – confessei – ser pobre e preguiçoso não é uma condição a ser exaltada!

– Por que não?

– Porque as pessoas devem aprender o valor da disciplina e do trabalho e contribuir para a sociedade.

Cristiano deu um meio sorriso.

– Eu aprecio a sua nobreza, se for mesmo genuína – ele me disse – mas me diga a verdade. Seu maior interesse em trabalhar é ajudar a sociedade ou ter seu próprio dinheiro?

– Meu maior interesse é ter meu próprio dinheiro e independência – respondi – ao mesmo tempo, é ótimo pensar que estou matando dois coelhos com uma só cajadada: ganhando meu dinheiro e exercendo meu papel social através do trabalho. Você, por outro lado, não produz nada de útil. O que faz não tem sentido nenhum!

– Então você defende que sua existência faz mais sentido que a minha? E que isso te torna melhor que eu?

– Provavelmente.

– Seguindo esse pensamento, uma pessoa que tem um trabalho melhor que o seu é melhor que você?

– Não necessariamente – respondi – mas seja qual trabalho for, o importante é trabalhar. Todos os serviços são fundamentais.

– Eu estou movimentando o mercado negro das drogas – zombou Cristiano.

– Então sua existência não é apenas ruim, mas péssima! Sabe quantas pessoas já morreram para que esse vício horrível continue?

– E sabe quantas pessoas já morreram por causa do vício em dinheiro? – desafiou Cristiano – para que um pequeno número de pessoas seja tão rico, algumas deverão ser pobres. Querer escapar da pobreza e ir para a riqueza é como um escravo que não deseja acabar com a escravidão, mas se tornar um senhor e ter seu próprio escravo. Eu estou farto desse sistema. Não acredito nele. Quando a motivação é o dinheiro, é fácil tornar-se cego.

– O problema não é o dinheiro e sim as pessoas – falei – não tem para que dizer que o dinheiro é o demônio quando na verdade o problema é o egoísmo de alguns. Mas ser um pouquinho egoísta não é ruim. Qual é o problema de gastar por diversão? Eu não quero comprar um iate! Só ter um pouco de dinheiro sobrando para poder comer fora em ocasiões especiais, ou comprar alguma besteirinha barata que gosto.

Salve o Senhor no Caos

– É assim que começa. Logo que conseguir um bom salário, vai começar a comprar “besteirinhas” cada vez mais caras. E vai convencer a si mesma de que seu conforto e seus caprichos não têm relação nenhuma com a pobreza que vê nas ruas.

– Mas a culpa pela pobreza é do governo! Todos os políticos são corruptos!

– Se você afirma que todos os políticos são corruptos é porque reconhece que o dinheiro corrompe as pessoas. Quantidades grandes como as que eles têm acesso corrompem enormemente. Quantidades menores também podem corromper. Então o problema não são as pessoas, já que a maioria das pessoas se comporta praticamente da mesma forma quando têm dinheiro sobrando: gastam em coisas que não precisam! Se quer ser boazinha, doe aos pobres todo o seu salário que ficar sobrando.

– É raro eu ter dinheiro sobrando. Não conheço ninguém que tenha.

– Ninguém tem dinheiro sobrando porque acham que “ser um pouquinho egoísta” não é ruim. Compram coisas inúteis somente para si mesmas, para sua família ou pessoas próximas. E os miseráveis distantes que morram bem longe!

– É natural se preocupar primeiro com a própria família – eu disse – não seja hipócrita, porque você gasta em drogas!

– Eu gastava, quando trabalhava – respondeu Cristiano – infelizmente o vício em drogas foi algo que adquiri numa época passada com o desespero da minha miséria. Agora estou parando, embora eu acredite na eficácia de algumas para alterar o estado de consciência para as experiências espirituais. Mas atualmente estou cortando da nossa seita todas as práticas que dependam de dinheiro e não tenham relação direta com o mínimo necessário à nossa sobrevivência.

– Pensei que você nunca tinha trabalhado – comentei, surpresa – por que largou o emprego?

– Eu odiava meu emprego. O salário era uma merda e eu não era feliz. Além do mais, a maior parte do que eu ganhava eu gastava em drogas. Largar o emprego cortou a fonte de grana. Só dessa forma eu teria autocontrole para não comprar mais drogas.

– Então só porque você não tem autocontrole para administrar bem a sua grana acha que ninguém tem?

– Ter grana gera muitos outros tipos de vícios ruins e inúteis, como gastar com coisas sem relação nenhuma com a sobrevivência – opinou ele – por que comer em diferentes restaurantes se para sobreviver nos basta uma quantidade moderada de água, vegetais e cereais simples? Por que comprar tantas roupas se nos basta uma ou duas? Por que ter uma casa grande e decorada ou um carro se podemos usar um abrigo qualquer apenas para dormir? E por que tantas consultas médicas apenas por causa de uma dorzinha no dedo? Será que não sabemos lidar mais com a dor? Será que esquecemos que a vida faz mais sentido quando aprendemos a abandonar coisas em vez de acumular? No final, deveremos abandonar nosso corpo com a morte, então seria natural o processo de ir abandonando cada vez mais partes de nós em vez de acumular cada vez mais.

– Eu não vivo para a morte e sim para a vida – retruquei – e não acho errado ser feliz da forma que acredito, com meus pequenos confortos e caprichos. Se estou machucando alguém fazendo isso, compenso contribuindo para a sociedade com meu trabalho, enquanto você vive de forma estática, não fede e nem cheira. Aliás... fede muito! Eu não defenderia que uma evolução espiritual viria com uma falta de higiene como a sua. Você preferiu abandonar tudo porque essa era uma escolha mais fácil do que estudar, trabalhar e dar duro até conquistar um emprego que você goste e um bom salário. Além de ser preguiçoso, não acredita no seu autocontrole para gastar. Então admita que escolheu essa saída por ser fraco!

Dessa vez, Cristiano riu.

– Eu tenho muitas fraquezas – confessou Cristiano – assim como você e todos os outros seres humanos. É claro que a fraqueza de cada um é diferente. Pode ser que você seja forte em algo que sou fraco e que eu seja forte em algo que você é fraca. Somos apenas diferentes. Eu não sou melhor do que você e você não é melhor que eu.

– Não acredito nisso – eu falei – você apenas está fingindo ser tolerante, quando no fundo acredita que seu caminho é melhor.

– Esse caminho é melhor para mim e minha tendência é defender o que escolhi – disse Cristiano – não estou dizendo que sua escolha de vida é errada. Apenas alerta para que cuide no que gasta, antes que seja escravizada por ser próprio dinheiro e repouse nele sua única esperança

Salve o Senhor no Caos

de felicidade. As pessoas fazem muito isso hoje em dia. Ficam deprimidas porque falta grana. Acham que se tivessem mais grana suas vidas seriam perfeitas, porque viajariam, comprariam o que quisessem e isso traria liberdade. Mas não é isso que vejo. Muitas pessoas ricas se sentem profundamente vazias e depressivas porque se esqueceram da essência da vida. Admita: dinheiro não traz felicidade!

– Dinheiro pode trazer sim um pouco de felicidade, embora não toda.

– É uma felicidade momentânea que vai embora facilmente. Logo você precisa gastar mais para ficar alegre de novo. É uma falsa sensação de alegria e segurança.

– E a sua solução ridícula não é muito pior? – protestei.

– Não vejo no que ela é pior. Não estou constantemente preocupado em pagar contas. Quando minhas únicas preocupações são garantir o básico para minha sobrevivência passo a dar muito mais valor ao que tenho. Quando como uma folha de alface deliro de alegria. Quando divido uma maçã com meu amigo da seita, sinto-me mais feliz do que se eu o tivesse presenteado com um carro de luxo.

– Então você acredita no amor.

– Eu não acredito nesse amor sujo e vendido do qual as pessoas falam hoje em dia – ele disse – mas talvez eu curta outro tipo de amor que nasce dentro de mim eventualmente, embora ele não permaneça o tempo inteiro, assim como a felicidade e a liberdade me escapam. O valor está em perder essas coisas o tempo todo e reencontrá-las nas pequenas situações de cada dia. Vocês ficam insatisfeitos porque querem reter a felicidade, a liberdade e o amor com dinheiro, mas essas coisas não podem ser compradas. Gastar em bobagens para se divertir, ter um plano de saúde para se sentir seguro, ter dinheiro para viajar para se sentir livre, comprar um presente caro para um amigo. Tudo em vão!

– Eu estou totalmente satisfeita com minha vida – falei.

– E eu com a minha. Então por que estamos tendo essa conversa mesmo? Minha tendência seria respeitar seu estilo de vida, mas como você veio aqui para tentar me converter, estou só rebatendo.

– Não vim aqui para te converter, pois sei o quanto você é cabeça dura. Só vim reclamar das suas visitas ao nosso colégio, que possuem um impacto muito forte na mente de crianças impressionáveis. Elas podem

jogar fora o futuro delas para viver no meio das baratas e da merda aqui com você!

– Essa decisão cabe somente a eles – disse Cristiano – estou apenas mostrando a esses adolescentes que, mesmo nos dias de hoje, há outras maneiras de viver além da que eles conhecem.

– Então você confessa que está tentando corromper a juventude.

– Uma pessoa de qualquer idade pode começar a seguir outro estilo de vida. No entanto, quanto mais velho se fica, se não se toma cuidado, a mente pode endurecer e se tornar fechada a novas ideias. E quanto mais se avança na carreira e mais se acumula dinheiro, mais difícil é a decisão de largar tudo.

– Seu filho da puta.

– Mais alguma coisa a incomoda? Por que não vai incomodar Paulo na seita dele?

– É isso mesmo que vou fazer.

Era muito mais fácil falar com Paulo, já que eles moravam todos juntos numa casinha minúscula e feia. Pelo menos limpavam tudo com frequência.

Ele se lembrava de quem eu era, então a conversa seria mais fácil. No entanto, como ele tinha horário para tudo, precisei retornar depois de duas horas.

– Nós trabalhamos um monte, cozinhando e limpando o dia todo – disse Paulo – e estamos começando a vender alguns produtos artesanais que produzimos, para nos mantermos.

– Acho que estão todos iludidos com uma bobagem e estão deixando de curtir a vida.

– Nós estamos curtindo de nosso jeito. E se for uma ilusão, não me importo. Talvez seja tudo uma ilusão.

– Ai, ai... que papo furado!

– Por que está tão perturbada comigo e com Cristiano? Ainda acha que estamos ensinando coisas erradas para as pessoas?

– Exatamente.

– Apenas reunimos amigos aqui e somos felizes do nosso modo. Isso é errado?

– Não é que seja errado. Posso ser completamente sincera com você?

– E deve.

Salve o Senhor no Caos

– Eu também curto pra caramba a ideia de montar um grupo e falar de um monte de coisas viajadas. Mas acho totalmente desnecessário abandonar a carreira e a família por causa disso. Não é uma fraqueza minha, eu simplesmente não vejo razão!

– Então por que não monta seu próprio grupo com encontros semanais?

– Podemos ter encontros diários até.

– O problema é que como cada um tem suas próprias preocupações, encontros diários no seu caso serão complicados.

Parei um pouco para pensar.

– Cacete, faz sentido – concluí – mas já que eu defendo que dinheiro não é um impedimento para uma evolução espiritual, não faz o menor sentido abandonar o que acredito. Eu acho que a mudança maior deve ser interna e não externa.

– Todos também concordamos que o foco é a mudança interna – disse Paulo – usamos as mudanças externas principalmente para inspirar e focar a mente.

– Aliás, onde anda aquele outro garoto que vivia com Cristiano? – perguntei – Aquele que foi um dos três inicialmente escolhidos e saiu do grupo em seguida.

– O Breno virou eremita.

– É cada uma que vocês inventam... e onde posso encontrá-lo?

– Ele está morando numa cabaninha de madeira em algum lugar.

Pergunta pro Cristiano. Ele sabe.

E lá fui eu retornar para a morada temporária dos Peregrinos do Destino. Mas os peregrinos peregrinavam tanto que já não os encontrei no mesmo lugar. Praguejei e fui em busca de pistas para encontrá-los.

Quando finalmente localizei um cara de manto cinza e esburacado na rua, quase tive um orgasmo.

– Sabe onde está o mestre de vocês?

Ele parou para pensar.

– Acho que Henrique sabe. Mas agora ele mudou de seita. Ele fundou a Vozes da Alma. Procura um cara vestido de marrom.

– Agora é moda no Brasil inventar um bando de grupos mendicantes aleatórios? Ou será que isso só acontece na nossa cidade? Isso tudo é insatisfação com o governo?

Wanju Duli

– A motivação é mais espiritual do que política. Mas sei lá. Qualquer um pode fundar um grupo por qualquer razão. Acho válido.

Fui lá falar com Henrique. Foi fácil encontrá-lo. Ele usava um chapéu de palha bem escandaloso.

Quando Henrique me viu e sorriu fiquei escandalizada. Eu o achava gatinho no colégio. Agora ele estava com uma aparência terrível. Eu não sabia especificar exatamente o que havia acontecido.

– E aí – cumprimentei.

– Fala, Luciana.

– Bonito o chapéu – na verdade odiei.

– Obrigado.

– Sabe onde anda o Cristiano?

– Até você está procurando o “mestre Onai”? – ele riu – acho que ele deve ter ido para um terreno que fica ali depois do Bar do Judas, sabe?

– Acho que sei. Valeu.

Fui direto para lá. Achei Cristiano, que estava sozinho. Ele estava completamente nu, lavando os pés com uma bacia d’água. Fiquei surpresa. Então até aquele cara fedorento tomava banho?

Tentei ir embora de mansinho, mas ele me viu. Achei que ele não gostaria de me ver, mas Cristiano sorriu com seus dentes tortos e amarelos.

– O que quer agora? Veio se desculpar?

– Foi mal interromper o seu... banho de gato, ou o que quer que seja isso. Só vim perguntar se sabe onde o Breno mora.

– Te dou o endereço. Sei de cor. Anota aí.

Tirei papel e caneta da bolsa. Anotei.

Fiquei pensativa. Então Cristiano o visitava com frequência?

– Por que ainda está aí parada? Está interessante ver o meu corpo?

– É claro que está interessante – resolvi dizer – mas pensei em outra coisa. Por que sabe o endereço dele de cor?

– Eu decoro muitas coisas ultimamente, já que nossa seita não possui livros escritos por nós. Os ensinamentos são passados de forma oral. E eu estou ajudando o Breno com um projeto.

– Saquei. Acho que vou visitá-lo.

Tive que fazer uma viagem de ônibus para encontrá-lo. Eu estava mesmo interessada em fundar meu próprio grupo, então não faria mal

Salve o Senhor no Caos

pegar inspiração nos grupos já existentes, embora eu não pretendesse viver de pão e água para ter um barato espiritual.

Breno vivia de forma simples, mas não usava vestes diferentes ou especiais.

– Eu moro sozinho e não faço parte de grupo nenhum, então visto qualquer roupa que arranjo. É mais prático.

– Então você apenas vive sozinho aqui e faz o que quer.

– Mais ou menos. É uma vida difícil. Há muitas tarefas diárias, mas fico mais sossegado e me sobra um tempinho a mais para contemplações espirituais. Criei algumas dimensões por aí.

– Pode me mostrar?

– É claro.

Fizemos uma meditação à noite ao lado de uma fogueira, mas tudo o que ganhei foram umas vinte mordidas de mosquito. Depois disso, ele me mostrou seus livros. Fiquei boquiaberta.

– Você escreveu tudo à mão?

– Sim.

– Que letra horrível!

– Obrigado.

– Você entende seus próprios garranchos? – perguntei, impressionada.

– Eu tento.

– Que bobagem escrever à mão. Isso não é mais necessário hoje em dia.

– Eu gosto.

– E você curte velas também. Prefiro lâmpadas. São mais práticas e poupa tempo.

– Curioso como as pessoas fazem tantas coisas para poupar tempo, mas sempre acabam sem tempo nenhum. Isso não é engraçado?

– É hilário. Então Cristiano também criou um servidor?

– Criou. Outros ex-companheiros meus também criaram. Quero dizer, ainda os considero amigos, mas eles só me visitam raramente. É melhor assim, já que o objetivo de me isolar não é receber visitas regulares.

– Posso criar um servidor também?

– Não vejo porque não.

Observei o caderno de desenhos de Breno.

– Além de sua letra ser feia, seus desenhos são bem fodidos.

– Obrigado.

– Qual é o servidor de Cristiano?

– Esse aqui.

Breno apontou para o caderno. Havia um boneco com o manto levantado e três paus duros à mostra.

– Cristiano não tem três paus – observei – eu o vi hoje e ele só tinha um.

– Você o viu hoje? – Breno riu – Os servidores não são um espelho de quem nós somos, a não ser que você escolha fazer um servidor espelho. Eles são apenas criaturas espirituais que criamos para realizar um trabalho.

– E qual o trabalho que esse servidor realiza?

– Aumenta o apetite sexual. Cristiano está incentivando mais a prática de sexo grupal em sua seita desde que largou as drogas.

– E não é que é possível se divertir sem dinheiro? – reconheci – Acho que também vou fazer um servidor para sexo. Parece divertido. Qual o nome do servidor dele?

– Ohlarac.

– Então o meu vai ser Anax. Vou criar um grupo espiritual também. Nos encontraremos todas as quintas-feiras e usaremos vestidos vermelhos.

Resolvi que eu iria jogar pesado. As únicas mulheres com quem Cristiano interagira eram da ala feminina dos Peregrinos do Destino, liderada por Michele, que era um canhão.

Se eu colocasse uma maquiagem, usasse um vestido vermelho e me perfumasse, aquilo chamaria a atenção. Resolvi que eu convidaria algumas colegas minhas, que também se vestiriam de vermelho. E em nosso grupo exaltaríamos a via do dinheiro, da beleza e ostentação para o desenvolvimento espiritual.

No começo, resolvi que não faríamos encontros somente às quintas, mas também em outros dias da semana, para que a SPD nos notasse. Os encontros sempre seriam no Bar do Judas, que, apesar de baratinho e simples, era agradável. Eu sabia que Cristiano eventualmente passaria por ali.

Salve o Senhor no Caos

No nosso primeiro encontro, chamamos muito a atenção de todos os frequentadores do bar. Afinal, todas nós usávamos vestidos vermelhos bem provocantes e salto alto. Aquelas eram nossas “vestes espirituais da seita”. No encontro seguinte resolvemos acrescentar uma capa vermelha com capuz para cada, para ficar mais num estilo de “chapeuzinho vermelho” que atraísse a atenção do lobo mau.

Embora Breno não desse a mínima para roupas e usasse qualquer coisa, eu sabia que aquilo era significativo para Cristiano. Não foi à toa que, mesmo limitando as posses num nível até abaixo do que o necessário, ele ainda mantinha a tradição dos mantos cinzentos como obrigatória.

Cristiano só conversava com quem se interessava por espiritualidade. Sempre foi assim no colégio. No começo eu o achei apenas uma figura curiosa e até desagradável. Sentia raiva dele.

Porém, minha raiva diminuiu um pouco quando eu soube que Cristiano permitia sexo em seu grupo. Então ele não era totalmente contra os prazeres da vida. Apenas quis limitar o que tivesse relação com dinheiro, por medo de se escravizar a essa condição.

Nesse caso, se ele ainda se interessava por sexo, quem sabe os nossos peitos e as nossas coxas combinados com o capuz vermelho do manto chamassem sua atenção.

E por que eu queria chamar a atenção dele? Porque eu queria comprar briga, é claro. Se palavras não eram o bastante para convencê-lo do meu ponto de vista, ações seriam. Afinal, dinheiro comprava maquiagem e roupas bonitas. Ele iria babar quando nos visse.

Nós, as cinco garotas vestidas de chapeuzinho vermelho sexy, compramos cervejas e brindamos. Eu sempre levava uma cesta de doces comigo, porque queria oferecer comidas para Cristiano quando ele passasse.

Duas semanas depois, Cristiano passou por ali, vestido, como sempre, em seu manto cinza. Até aumentei o tom de voz para ser notada por ele.

– E então, meninas, como eu dizia, o sistema de magia que desenvolvi veste a alma com roupinhas de boneca. Você pode criar o seu próprio estilo de moda para vestir almas. Vejam só o design que desenvolvi para esses vestidos! Evolução espiritual, baby!

Mostrei meu caderno, cheio de vestidos encaixando em fantasminhas coloridos, que eram as “almas”, e as meninas concordaram dando gritinhos. Elevamos nossas cervejas ao ar e brindamos.

– Como você é fodona, mestra! – exclamou Laila, uma colega minha particularmente peituda.

– Muito sábia e linda! – elogiou Daniela, que estava com duas tranças. Cristiano aproximou-se da nossa mesa.

– Posso saber o que está acontecendo aqui?

– Oi, Cristiano! – dei uma risadinha – Nem te vi! Senta aí para conversarmos.

– Infelizmente não posso.

– Por quê? Você fez algum voto que te proíbe de beber cerveja?

– Você sabe que estou parando com as drogas. Já fui um bêbado também, então é melhor não me dar isso.

– Está certo. Essas são as minhas companheiras de seita. Nos reunimos no bar todas as quintas para trocarmos ideias sobre sistemas de magia, espíritos, almas, deuses, pecados, bordados, babados e todas essas coisas legais. Com muita ontologia, é claro.

– Eu respeito seu ponto de vista – disse Cristiano – mas comigo não funciona gastar dinheiro para alterar o estado de consciência. Já te dei vários motivos.

– E eu não concordei com eles. Você já comeu hoje?

– Não.

– Então vou te dar uma esmola.

Passai a ele um monte de rosquinhas açucaradas e bolinhos. Ele começou a comer ali mesmo, de pé.

– Obrigado.

– Por que não se senta? – convidei.

– Tenho uma reunião daqui a pouco com meus irmãos da SPD.

– Vão falar sobre o quê?

– O de sempre. Irems criar interpretações para as situações que ocorreram no dia de hoje.

– Já vou te dar minha interpretação – eu disse – hoje você encontrou uma moça belíssima, alegre e inteligente que gentilmente te alimentou. Isso significa que ainda existem pessoas ricas, generosas e evoluídas no mundo.

Salve o Senhor no Caos

– Mas que interpretação mais tendenciosa – falou Cristiano – farei uma interpretação melhor quando estiver com eles. Direi que encontrei uma garota convencida, que adora esbanjar para se exibir e além disso não tem vergonha na cara.

– Se continuar a pensar isso de mim, não vou mais te dar comida.

Arranquei da mão dele a rosquinha que ele estava comendo. Ele me fitou sem acreditar.

– Além disso é mal educada.

– Como se você não fosse – retruquei.

– Não preciso de sua ajuda.

– Foi brincadeira. Pode pegar de volta.

– Agora não quero mais!

Minhas quatro amigas riram. É claro que elas também conheciam Cristiano. Ele tinha virado uma estrela no colégio, mesmo depois de pular fora. E era um prazer para elas ver como eu brincava com ele e era capaz de irritar o famoso “profeta”.

– Se está tentando me convencer da utilidade do dinheiro, está gerando o efeito oposto – disse Cristiano.

E foi embora. Eu me sentia poderosa.

– Ele deve estar louquinho por mim – garanti a elas.

A partir daí, eu me arrumava cada vez mais para os encontros. Encurtei ainda mais o meu vestido e o meu decote. Aumentei meus saltos. Usei uma maquiagem mais forte.

Sempre quando Cristiano passava, eu dava alguma comida diferente para ele. Notei que ele pensava em recusar, mas estava com tanta fome que aceitava mesmo assim. Era prazeroso ter poder sobre ele dessa maneira.

Até que um dia ele me perguntou:

– Esse seu grupo é mesmo sério ou você está tirando com a minha cara?

– Por quê?

– Breno me disse que você desenvolveu um servidor do sexo chamado Anax para se contrapor ao meu. Está tentando me seduzir?

– E se for? – perguntei, mordendo os lábios.

– Me desculpe arruinar as suas esperanças, mas eu sou homossexual.

Meu queixo caiu. Dessa vez foram minhas amigas que riram. Elas riram da minha cara.

Cristiano se retirou de lá com um sorriso de triunfo.

– Cacete! – exclamei, ardendo de raiva – OK, dessa vez ele venceu. E com louvor. Não tenho mais armas para derrotá-lo.

– Que vergonha, Luciana! – Laila sorriu – Que papelão!

– Fica quieta – retruquei – meu plano daria certo se não fosse esse pequeno detalhe.

– Pequeno detalhe? – Laís escondeu o riso – Ele nunca será seu.

– Ele é inatingível! – comentou Laila, sonhadora – É verdade que você o viu nu, Luci?

– Me deixa em paz – eu disse.

Afinal, até me gabar daquilo já parecia chato.

Mas depois de saber que Cristiano era gay, Laila ficou louquinha. Ela tinha uma tara por homens gays. Para ela, era o que havia de mais sexy.

– Quando ele costuma tomar banho naquele canto?

– Nunca – falei – ele não toma banho nunca! Já sentiu o cheiro dele?

– Será que é só uma vez por mês?

– Ou nem isso.

Ainda assim, Laila quis arriscar. Nós fomos naquele local em três sextas-feiras diferentes, que fora o dia da semana que o encontrei lá da primeira vez. Até que finalmente conseguimos achá-lo nu, dessa vez com um balde ao lado.

Quando fui sozinha da primeira vez, ele nem ligou. Mas quando chegamos em cinco, dessa vez ele se sentiu intimidado. Recuou e nos xingou.

– Mas que falta de respeito! Ninguém mais pode tomar banho em paz? Fora daqui!

– Por quê? – perguntou Laila, fitando-o de cima a baixo – Esse é um local público. Como quer ter privacidade se toma banho no meio da rua?

– Talvez eu deva mudar de cidade – falou Cristiano, vestindo a calça por cima do corpo molhado, para se livrar de nosso olhar.

– Eu tenho dinheiro para uma passagem de ônibus – observei – posso persegui-lo para onde for. Ao contrário de você, que não pode ir muito longe ou se esconder de nós, já que não tem grana.

Salve o Senhor no Caos

– Eu nunca tive muita grana e nunca liguei para isso – disse Cristiano – eu já disse que essa sua estratégia não funciona. A sua atitude só me faz desprezar dinheiro cada vez mais. Se quem tem dinheiro se sente assim tão superior a quem não tem, eu definitivamente quero fugir disso como do fogo do inferno.

– Você é o líder de um grupo espiritual e só aceita que o chamem de mestre – observei – e depois sou eu que se sente superior?

– Prefiro ser superior por não ter nada do que por ter tudo.

E com essas palavras ele foi embora.

– Coitado – disse Daniela – deixa ele pra lá, Luci. Só está judiando do menino.

– Também fiquei com pena – confessou Laila – ele ficou com tanto medo de mim quando me aproximei que até recuou.

Depois daquele dia, as quatro decidiram que não iriam mais incomodá-lo. A partir de então, passamos a nos reunir em outro bar, e com menos frequência. Desfizemos as bainhas dos vestidos e os decotes acentuados. Agora que não pretendíamos seduzir ninguém, não tinha mais graça nos vestirmos daquele jeito. Era mais confortável com vestidos mais largos.

Alguns dias depois, fui procurar Cristiano para me desculpar.

– Como posso saber que está mesmo arrependida e que não é outro truque?

– Porque eu reconheço que fui infantil – eu admiti – eu estava com inveja de você.

– Inveja por quê?

– Por causa da influência que você exerce sobre as pessoas. Você é fascinante, cara. De verdade. Não concordo muito com seus métodos, mas ainda assim te admiro.

Ele apenas fitou o chão. Estávamos sentados juntos em cima de alguns tijolos de um terreno abandonado e sujo.

– Não sou tão grandioso quanto você imagina – ele disse – por mais que eu tente, não consegui largar as drogas. Consigo ficar muito tempo sem comer e sem beber. Sem tomar banho, no meio do lixo, sendo devorado por insetos. Consigo até ter forças para suportar febres e enjoos terríveis e, acredite: passo por isso muitas vezes levando a vida que eu levo. Ah, mas o que eu não faria por uma cheirada! Enrolei uns

Wanju Duli

traficantes semana passada só para cheirar. E como não tenho mais grana para pagar, qualquer hora vou aparecer morto. E vou virar um mártir fodido.

– Para mim ainda soa como uma vida extraordinária.

Ele enrolou um baseado e deu para mim. Puxamos um fumo juntos e ficamos doidões. Ele já era doidão, desde o começo. Talvez fosse aquilo que eu mais admirasse nele: um drogado orgulhoso com uma filosofia.

– Eu odeio dinheiro e vou morrer por causa de dinheiro – ele sorriu amargamente – que merda.

– Posso te conseguir a grana.

– Não. Isso só vai alimentar meu vício. Vou fazer mais vezes se você me pagar a cada erro que cometo.

– Você não tem mesmo nenhum autocontrole – observei.

– Cara, você só deve ter experimentado as drogas leves. Não sabe o que uma poderosa faz com a cabeça. A gente pira. Nem o sujeito mais forte consegue resistir, a não ser que seja amarrado ou tenha uma motivação muito grande. Eu busquei minha motivação. Mas talvez já seja hora de eu desistir.

– Logo você falando em desistir? Você que sempre serviu de exemplo para todos. Viu quantos malucos fundaram grupos por sua causa? Até mesmo eu! Antes eu achava que você não contribuía para o mundo porque não trabalhava, mas a sua existência já dá esperança para as pessoas.

– Eu me envergonho de dar esperança para alguém, porque já não tenho esperança nenhuma.

Vê-lo assim, com aquela expressão vazia e perdida, quase me fez chorar. Ele, que sempre foi tão forte.

Sem pensar, eu o abracei. E quem chorou foi ele. Cristiano escondeu o rosto nas mãos.

– Eles não podem me ver chorar – Cristiano soluçou – vão me achar fraco. Vão me abandonar...

– Você sempre inspira todo mundo, meu – eu disse – seja rindo ou chorando, tendo um acesso de fúria ou um êxtase fanático com suas práticas insanas. Simplesmente porque é você. E a gente acredita em ti.

– Por que está me consolando? E por que raios não está mais usando seu decote sensual?

Salve o Senhor no Caos

Dessa vez eu ri.

– A gente tá aqui discutindo troços sérios e você fala do meu decote? Quando vi que era impossível te conquistar, larguei de mão. Desistir não é sempre sinal de fraqueza. Também é sinal de sabedoria saber quando parar.

– Eu gostei do decote. Devia usá-lo mais vezes.

– Você não é gay, cara?

– Isso não me impediria de gostar de um decote. Mas não sou gay. Eu menti. Foi maravilhoso, porque só assim pude ver a sua expressão de indignação.

– Ah, não! Vai te foder!

Eu o empurrei e Cristiano riu. Vê-lo rir assim foi um presente precioso.

Ele era realmente feliz, mesmo tendo aquela vida bizarra. Então era assim que se fazia para viver intensamente. Um pouco de loucura. Um pouco de aventura.

– Eu sou bi – ele esclareceu – na verdade até trepo mais com homens, já que tem mais caras na SPD. Mesmo assim, já explorei um pouco o corpo das mulheres e acho emocionante.

– Eu sou só uma hetero sem sal – comentei, meio desapontada por não ter grandes aventuras para contar.

– Nesse momento, é mais do que suficiente.

E trocamos um beijo na boca. Eu sabia que ele não tinha tomado banho nos últimos dias, mas naquele instante até o fedor dele me excitou.

Tirei o manto dele e ele tirou meu vestido de chapeuzinho vermelho. Cristiano não tinha exatamente uma barba de profeta, já que a barba dele não crescia em alguns pontos, o que o assemelhava a um garoto com uma barba juvenil, mesmo em seus trinta e poucos anos. E eu amei esse aspecto dele, que o fazia oscilar entre a maturidade de um homem mais velho e a ingenuidade de um rapaz que está recém começando a descobrir o mundo.

As mãos dele se perderam entre meus peitos. Ele beijou meu pescoço, roçando sua barba em mim. Senti o hálito malcheiroso e pensei “não é um hálito de plástico, mas o sopro da vida que verdadeiramente vive e não se envergonha”.

Lambi o caralho daquele homem e chamei por Ohlarac com toda a força. Também chamei Anax. Tenho certeza que os dois servidores tiveram a primeira transa na Terra nesse momento.

Ele enfiou a língua na minha boceta e eu gemi bem forte. Cravei as unhas nos ombros dele. Remexi os seus cabelos crespos e embaraçados.

Quando ele entrou em mim, eu o abracei com tanta intensidade que não queria largá-lo nunca mais.

Mas eu o larguei. Ele gozou dentro de mim e eu saí.

– Vamos fugir juntos – eu disse a ele – para um lugar que esses traficantes não nos encontrem nunca mais.

– Eu irei enfrentar o meu destino e não fugir dele – disse-me Cristiano – afinal eu sou, acima de tudo, o mestre dos Peregrinos do Destino. Minhas fraquezas e recaídas podem mudar muitas coisas dentro de mim, mas desejo que essa única coisa permaneça inalterada.

– Essa decisão pode te custar caro.

– Não preciso de dinheiro para pagar por essa decisão. Apenas determinação.

Nós fazemos muitas escolhas na vida, o tempo todo. Muitos de nós temem fazer escolhas, pelo medo do arrependimento. Mas no vocabulário de Cristiano não existia arrependimento.

Ele sempre seguia seu destino. Ao meu olhar, sempre foi ele que escreveu seu próprio destino e não poderia tê-lo feito de forma melhor.

Uma semana depois, Cristiano apareceu morto.

Muitas lendas se espalharam a respeito. Alguns disseram que foi uma bala perdida. Outros afirmaram que Cristiano ficou extremamente doente, recusou-se a ir ao hospital e por fim morreu diante dos seus seguidores. Também disseram que ele se jogou de uma ponte como prova de coragem para inspirar seus discípulos, mas morreu por acidente porque bateu a cabeça numa pedra na queda.

Mas eu sabia o que realmente havia acontecido. E seus discípulos mais próximos também deviam saber.

E saber da verdade não diminuiu a nossa admiração por ele. Provavelmente aumentou. Não porque aprovássemos seu uso de drogas pesadas e perigosas, mas porque, independente de seus vícios e virtudes, aquele cara, sem notar, deu um sentido brilhante à sua existência e nos

Salve o Senhor no Caos

fez acreditar que mesmo sendo fracos também poderíamos ser capazes de coisas grandiosas.

Mas o maior deslize de Cristiano não foi esse. Ele sempre pegava camisinhas de graça no posto quando transava com as mocinhas da SPD. Afinal, ele não tinha intenção de trazer um bebê para o meio da sujeira em que vivia.

No entanto, nossa trepada foi tão espontânea e fruto do ardor do momento, que ignoramos completamente aquilo. Um mês depois descobri que estava grávida. Aquele bebê não teria pai, mas eu me orgulharia de tê-lo. Seria quase como fazer Cristiano renascer.

Quando os boatos da minha gravidez se espalharam, os membros da Seita dos Peregrinos do Destino foram à loucura. Queriam que eu entrasse para a seita e que o bebê se tornasse o novo líder deles, por ter o sangue de Cristiano. Alguns até diziam que ele era a reencarnação do “mestre”!

Eu achava aquilo tudo muito tocante da parte deles, mas eu sinceramente não tinha intenção nenhuma de viver nas ruas. Não porque eu fosse fresca, mas principalmente porque eu estava grávida e queria dar condições básicas de saúde para meu filho.

Eu achava Cristiano extremamente charmoso, mas nunca concordei completamente com as ideias dele. Eu ainda acreditava que o dinheiro não era o mal do mundo. E eu queria viver da maneira que eu pensava ser o certo, e não da dele.

Eu queria contribuir com meu trabalho, ter um pouco de conforto e, já que tinha acontecido, formar uma família e priorizá-la. Cristiano era contra todas aquelas coisas mas, sem querer, ocasionou-as. Afinal, agora que eu teria um filho sentia ainda mais urgência em trabalhar e dar a ele um pouco de amor e, por que não, de dinheiro? Quando tivesse idade suficiente ele escolheria seu próprio caminho.

Capítulo 3: O Parque Fantasmagórico

Ohlarac caminhava pelos corredores da academia com seu manto negro. Aguardou na porta da outra sala, onde estudavam os alunos de manto cinzento. Anax saiu de lá, carregando uma mochila.

– Se não é a cria de Onai! Dizem que você é até mais poderoso que Lam, que é o servidor do Deus absoluto de Quepar. Isso é verdade?

– Não quero competir com ele – sorriu Ohlarac.

– Pois eu acho que você quer – retrucou Anax – ou não estaria vestindo o negro. E posso saber por que está aqui na porta da nossa sala?

– Queria falar com Amla, porque tenho assuntos a tratar com ela.

– A servidora de Elehcim? Pode tratar. Eu nada tenho que ver!

Ohlarac pegou Amla pela mão e os dois saíram correndo. Foram até a biblioteca e saíram de lá com livros pesados nos braços. Entraram numa sala vazia e espalharam os livros. Tiraram da mochila lupas, esquadros, compassos e lápis. Os dois começaram a rabiscar esquemas nos cadernos.

– Acha mesmo que o Criador espalhou pistas nos livros?

– Eu tenho certeza – disse Ohlarac – deve estar aqui em algum lugar. Recite o Poema da Redenção ao contrário. O Criador é um maníaco por inversões, porque meu Senhor na Terra também o é.

– Às vezes ele esconde a verdade em cálculos.

– Será fácil resolver os enigmas. É apenas matemática de ensino fundamental. O Criador largou o colégio, lembra?

– Você ficaria surpreso com os desafios que é possível desenvolver apenas com matemática básica – observou Amla.

– E com cartografia – disse Ohlarac – eu acho que deram um jeito de inverter esses mapas. Vou ter que calcular de novo para desvendar os locais dos tesouros.

Ohlarac abriu um mapa grande e marcou algumas coordenadas.

Salve o Senhor no Caos

– Você acha que o Criador usaria uma localização tão óbvia quanto o Parque Fantasmagórico?

– Deve ser assim. É o coração de nosso mundo.

– É exatamente esse coração que temo encontrar – disse Ohlarac.

Os dois escaparam por baixo da grade da academia, correndo como loucos para não serem pegos. E partiram diretamente na direção do parque abandonado.

Baixaram a cabeça e atravessaram pelas correntes e avisos que diziam: “Entrada Proibida”. Aquele aviso era mais convidativo do que se houvesse um “Bem-vindos!” em letras coloridas e brilhantes.

– “Risco de morte” – Ohlarac leu outro aviso perto da roda gigante – eu acho que o risco de viver é bem mais perigoso.

O parque estava tomado por uma névoa. Era difícil dizer o que havia adiante.

– Nossos colegas são uns covardes cagados – disse Ohlarac – não querem eles também serem deuses! Temem domesticar fantasmas. Eu quero um deles para pôr na coleira.

– O que é um fantasma?

– Servidores mortos – respondeu Ohlarac – mais especificamente, servidores criados para servir aos humanos por um tempo determinado. Aqueles que tiveram poucos dias ou semanas de vida. É fácil domar esses.

Ohlarac jogou uma pá na direção de Amla e os dois começaram a cavar perto da roda gigante.

– Não está aqui – constatou Ohlarac – vamos tentar na barraquinha de tiro ao alvo.

Cavaram em muitas partes e nada encontraram. Suado, Ohlarac jogou a pá no chão.

– Devemos acessar por magia e não por força bruta.

– Acho que simplesmente precisamos usar o cérebro – disse Amla.

– O Túnel do Terror – Ohlarac riu – os fantasmas idiotas devem ter se escondido lá.

Ambos foram até o Túnel do Terror e tentaram ativar um dos carrinhos com uma alavanca.

– Está tudo quebrado, enferrujado e podre – constatou Ohlarac – consegue mover com magia?

Wanju Duli

– Façamos os dois juntos – decidiu Amla.

Os dois se sentaram juntos num dos carrinhos e entraram no túnel. A porta se fechou por trás deles.

– Era para ser tão escuro? – sussurrou Amla.

– Não me diga que está com medo.

– Eu ouço vozes.

– Não é esse o objetivo do brinquedo?

– Mas isso não deveria estar quebrado e desativado?

Barulho de engrenagens. Ohlarac sentiu um arrepio.

– Há espíritos aqui dentro. Qualquer coisa entre a vida e a morte.

– Eu sinto cheiro de morte – disse Amla.

– Antes fosse. O que está vivo assusta muito mais.

O estouro ocorreu de uma vez só. E depois nunca mais se ouviu.

Amla foi arremessada contra a parede de pedra do túnel. Espinhos foram cravados em seus pulsos e em seus tornozelos. E ela ficou lá pregada.

Ohlarac foi lançado contra o chão. Seu manto e sua carne engancharam-se nos trilhos.

– Merda! – Ohlarac desesperou-se – Onde você está, Amla?

– Ela não pode responder agora – surgiu uma voz profunda – estou apertando o pescoço dela.

– Você não me mete medo, fantasma miserável – retrucou Ohlarac, com coragem – nosso poder mágico é superior. Jamais será capaz de nos matar.

– Pobres bastardos! – berrou o fantasma – Vieram para brincar com fogo. Eu respondo com sangue. Ela já devorou muitos dos nossos. Merece a morte.

– Eles dizem que a morte é necessária para o equilíbrio do mundo – disse Ohlarac – e que a maldição é a vida eterna.

– Apenas palavras. Acaso és tu aquele trazido à vida pelo senhor dos Peregrinos do Destino? Se aceita que teu destino é morrer aqui, apenas abraça teu fado e te cala.

– Não posso me calar agora, já que o sangue ainda corre em minhas veias.

– Tenho dois reféns comigo – alertou o fantasma – tu e ela. Escolhe qual será a vida que irá salvar-se!

Salve o Senhor no Caos

– Eu não escolho nenhuma.

Diante dessa resposta de Ohlarac, um sorriso desenhou-se no rosto fantasmagórico. Ele cortou o pescoço de Amla com a própria cauda afiada como navalha. A cabeça rolou até o chão. O sangue espalhou-se pelo corpo de manto cinzento.

O carrinho no qual os dois estavam antes retornou em velocidade fenomenal. Atropelou a barriga de Ohlarac, rasgando-lhe a pele, a carne e os órgãos. As vísceras saltaram para fora, empapadas em sangue.

Amla morreu na hora. O fantasma manteve Ohlarac vivo por mais tempo, para rir mais um pouco.

– Você gosta da dor? – perguntou-lhe o fantasma.

Mas Ohlarac não era capaz de falar. Em vez disso, começou a se masturbar.

– Você deve ser louco. Está quase morto e ainda busca prazer?

– Eis a fonte da minha magia – revelou Ohlarac – existe algo maior que o medo da morte. E não é o amor. É a perpetuação da espécie!

Quanto mais Ohlarac massageava seus três cacetes, mais a energia fluía nele e voltava o sopro da vida.

– Que tipo de delírio é esse? – perguntou o fantasma, admirado.

– O sentido animal da vida. Mais importante do que permanecer vivo é passar os genes adiante. É exatamente por isso que acontece um processo genial no cérebro no momento do prazer sexual. Essa sensação é tão intensa que você pode estar prestes a morrer, mas não teme.

– Isso não é verdade.

– Já tentou bater uma antes de morrer? – perguntou Ohlarac – Acho que você deveria. Senão, conta com a sorte e espera tua ereção pós morte.

Ohlarac ejaculou nos olhos do fantasma e esmagou seu coração.

Estava ficando tonto. Sua visão tornou-se turva e Ohlarac cambaleou. Sua magia de sexo não foi suficiente para curar completamente a barriga, mas tinha lhe salvado a vida. Naquele instante ele soube: a magia de Argen não era o que buscava e sim a magia que trazia o sentido animal da existência.

– Mestre, estou morrendo... mestre...

Ohlarac tentou comunicar-se com seu Senhor na Terra, o que só era permitido em uma situação grave como aquela. Em outras circunstâncias, precisava esperar ser chamado.

Cristiano aceitou o chamado do servidor, que recebeu autorização para atravessar até a dimensão da Terra. Quando Ohlarac percebeu onde estava, levou um susto: Cristiano estava caído no chão ensanguentado. Tinha sido baleado.

– Vai procurar outro mestre, Ohlarac. Te liberto.

E Ohlarac sentiu o elo entre eles desaparecer no instante da morte de Cristiano.

O servidor ficou confuso e perdido. Não via mais necessidade de continuar a viver se seu Senhor na Terra tinha falecido. Eles estavam conectados de uma forma estranha entre os dois mundos, a ponto de as alegrias e sofrimentos dos dois se relacionarem.

Mas aquilo tinha chegado ao fim. Ohlarac tinha a opção de escolher um novo mestre, já que nunca tinha consumido um fantasma. Amla não teria o mesmo fim. Ela chegara até a morte final.

Ohlarac procurou uma energia forte ao seu redor e conectou-se a ela.

Quando Ohlarac retornou a Quepar, abandonou o manto negro. Inscreveu-se numa ordem de primeiro grau, da cor vermelha.

– Você sabia? – Anax veio conversar com ele um dia – Dizem que Lam foi responsável pela morte do teu Senhor na Terra.

– O Senhor dele foi responsável – retrucou Ohlarac – Lam só obedeceu às ordens dele, como deve fazer. Não vou brigar com esse cara. Estou farto disso.

Anax encostou-se a Ohlarac por trás. Massageou os ombros dele.

– Lembra quando transamos? – Anax sussurrou em seu ouvido – Porque os nossos senhores mandaram.

– Eu apenas obedeci ordens – respondeu Ohlarac friamente.

– Eu gostei – disse Anax – somos livres para nos unir de novo. Sei que você aprecia a magia do sexo. Você quer?

– Não contigo. Queria que fosse com Amla.

– Ela está morta. Pretende buscar o fantasma dela? Ou o cadáver? Prefere sexo com carne podre ou com espíritos?

Ohlarac afastou-se dela.

Salve o Senhor no Caos

– Eu quis descobrir todas as coisas desse mundo – confessou Ohlarac – estava determinado a desvendar todas as pistas do Criador. Caçar todos os fantasmas, encontrar todos os baús de tesouro que ele espalhou por Quepar. E, acima de tudo...

– ...desafiar o Fantasma Sagrado – completou Anax – por que essa sede por aventura? Por que esse anseio pelo fim?

– É o alimento da minha alma. Não se esqueça por quem fui criado.

– Você não é mais dele. Pode seguir seu próprio caminho. Já esqueceu? Até mesmo o Criador afirmou que temos livre arbítrio. Podemos ser escravos de nossos senhores, mas não somos escravos do mundo. O mundo é nosso, seja para ser desvendado, para ser desfrutado ou para ser esquecido.

– Eu quero esquecer tudo o que aconteceu hoje e começar uma nova vida – afirmou Ohlarac.

– Em vez de desvendar esse mundo, que tal construir o seu? – propôs Anax.

– Também posso tentar tornar-me um Senhor em Quepar. Ou adorar uma pedra na rua em vez de meu Senhor na Terra. Há tantas opções que meu coração bate forte com excitação, mas também com desespero. Era muito mais fácil apenas segui-lo...

– Você quer a opção mais fácil ou a opção na qual acredita?

– Eu quero todas as coisas.

– Você não pode ter tudo.

– Então não vou ter nada.

– Foi exatamente esse pensamento que matou Amla e quase te matou. Você negou salvá-la ou salvar a si mesmo. Absteu-se de sua capacidade de escolha. Apenas permitiu que seu destino fosse traçado.

– Essa também é uma escolha. E por que ela estaria errada?

– Nenhuma das opções é a verdade – declarou Anax – são apenas anseios de verdade. Talvez as coisas falsas tenham um melhor sabor, como as falsas escolhas.

– Quero ficar sozinho por um tempo – decidiu Ohlarac – por enquanto não quero ninguém me dizendo o que fazer. Vou pensar por mim mesmo. Eu acredito em mim, mesmo que ninguém mais acredite.

E ele retirou-se.

Wanju Duli

Com o passar dos anos, Ohlarac viu o Parque Fantasmagórico crescer e se tornar vivo. Os brinquedos voltaram a funcionar. O parque era sempre cheio e alegre. Ohlarac até trabalhou por lá durante um tempo como vendedor de balões e pipocas.

Enquanto isso, ia experimentando diferentes linhas da magia. Novas ordens iam surgindo, algumas realmente imbecis e outras imensamente poderosas. E vale ressaltar que algumas das ordens imbecis estavam entre as mais poderosas de todas.

Era bem mais fácil quando só havia a ordem negra, branca e cinzenta, como no início de tudo. Mas Ohlarac notou que não queria a facilidade. Ousaria até mesmo fundar sua própria ordem.

Até aquele dia, ele jamais tinha entrado novamente no Túnel do Terror. A caçada de fantasmas tornou-se um passatempo divertido para as novas gerações, bem menos violento. Isso enquanto as crianças da nova geração não brincassem com o sagrado.

Capítulo 4: Tesouros e Fantasmas

– Diga a Edutriv para cobrir a árvore sobre o monte oeste. Odem, cubra a parte escura! Não quero ver nenhum fantasma escapando pelo oeste, ou mato todos vocês!

– Mandona como sempre – reclamou Zap, também posicionando-se.

Os seis estavam cada qual num canto, vestidos no robe marrom e bege da Escola Intermediária de Quepar, a EIQ. As meninas usavam um chapéu bege e os meninos um chapéu marrom. O número de nós no cinto indicava o ano em que estavam.

O cajado que cada um utilizava era um pedaço de galho consagrado. Aigam manipulava o seu com habilidade e autoridade.

– Mantenham a meditação – mandou Aigam – concentrem-se! O cadeado está quase se rompendo.

– Quantos espíritos pode contar? – perguntou Zap.

– Está com medo? – provocou Aigam – se está, apenas suma. Não quero covardes no meu grupo.

E o cadeado se quebrou. O baú escondido no meio da grama se abriu e dele escaparam uma dezena de fantasmas vermelhos.

– Achamos os vermelhos, porra! – celebrou Aigam, gargalhando – Eles são meus! Não os matem! Aprisionem todos. Tracem o círculo arcano, agora!

Um dos magistas abriu um livro e começou a ler.

– O que está fazendo, Sodutse?! – rosou Aigam.

– Você está usando o círculo errado – informou Sodutse – aqui no livro diz que os servidores fantasmas irão para longe dos círculos, então é melhor usar uma isca espiritual para atraí-los.

Aigam chutou Sodutse na direção do baú.

– Aí está a isca! – anunciou Aigam – Fantasmas, devorem-no!

Sodutse encolheu-se e cobriu a cabeça com as mãos quando os fantasmas avançaram para cima dele. Zap correu até lá e evocou uma plantação de tomate das proximidades. Os pés de tomate flutuaram e os tomates foram arremessados na direção dos fantasmas.

– O que é que esse outro idiota está fazendo? – gritou Aigam, furiosa.

– Deixando os fantasmas mais vermelhos para você – informou Zap – você disse que eu não posso matá-los! Então preciso pegar leve para não destruí-los sem querer.

– Como se você fosse capaz – disse Aigam – fique aí cozinhando sua salada que eu cuido do resto. Azeleb, você está se olhando no espelho?!

– É uma magia do espelho – explicou Azeleb, penteando seus cachos postiços – pois se for para morrer nessa batalha, quero estar linda.

– Eu vou estourar sua cabeça se continuar distraída – ameaçou Aigam – tracem as merdas dos círculos arcanos! Emanem a força do coração pelo braço esquerdo, como aprendemos!

– Eu matei essa aula, não me lembro como se emana a força do coração – disse Odem – pode me explicar?

Aigam recolheu o livro de Sodutse do chão e jogou na cara de Odem.

– Página 4489! É apenas um capítulo de cem páginas, então leia logo porque não temos o dia todo.

– Quantas horas vamos ficar aqui? – perguntou Zap, assustado.

– Quantas eu ordenar – respondeu Aigam – eu sou a líder desse grupo e se um de vocês fugir daqui, vou contar para a professora!

– O quê?! – Zap agitou o braço esquerdo, pois um fantasma vermelho havia se enroscado nele – Por que você sempre tem que ser tão vaca?

Aigam traçou uma forma geométrica no ar e lançou uma rede feita com fibras mágicas. Aprisionou o fantasma vermelho do braço de Zap e escreveu o sigilo de seu nome nele para marcá-lo como sua propriedade.

– Quase corta meu braço! – protestou Zap.

Aigam sorriu.

– Bem que eu queria – ela disse – bom trabalho, Edu! Aprisionou mais um? Joga ele pra mim.

– Nem pensar – retrucou Edutriv – eu peguei esse, então ele é meu.

Aigam foi até lá e segurou-o pelo manto.

– Vou fazer você chorar e sangrar até me entregar isso! – berrou Aigam – Eu sou a porra da monitora, cacete!

Zap jogou uma sopa mágica de legumes em cima de um fantasma, que ficou se revirando no chão. E também conseguiu pegar um. Amarrou o pescoço dele com uma corrente e ficou todo contente.

Salve o Senhor no Caos

– Vejam só como o fantasma é gracioso! – comentou Zap, maravilhado.

– É mesmo – concordou Sodutse, encantado.

E os dois ficaram brincando de cutucar o rosto do fantasma, que não gostou muito. Odem aproximou-se para participar da brincadeira, mas o fantasminha abriu sua bocarra cheia de dentes afiados e mordeu o dedo dele, decepando-o. Odem deu um berro e caiu chorando no chão.

– Parem de agir como crianças ranhentas!! – exclamou Aigam, fora de si – Quero todos os ranhentinhos de pé com um círculo arcano cobrindo-os dos pés à cabeça, assim como aprenderam na escolinha. Já!

Os três se levantaram e obedeceram. Como resultado, os fantasmas se afastaram.

– Eu avisei que isso ia acontecer... – disse Sodutse.

– Fique calado! – retrucou Aigam – Eles estão escapando para o oeste! Eu verifiquei na bússola astral que havia um furo dimensional no morro! Por que não está no oeste, Edutriv?

– Porque eu não quero morrer.

– Então largue esse cajado e nunca mais pratique magia – disse Aigam – vocês acham que isso é brincadeira? Acham que aprender a manipular a energia interna não exige sacrifícios? Vocês terão que entregar o corpo de vocês para abraçar a mente. E entregar a mente para dominar a alma.

– Mas que conversinha desagradável – disse Zap – não é preciso entregar nada. A magia também pode ser divertida. Vejam só: os fantasmas estão ficando com sono por causa do odor da minha sopa. Agora está mais fácil capturá-los.

Porém, dois fantasmas se enroscaram no braço esquerdo de Odem e não queriam sair. Ele estava chorando de medo. Até que um dos fantasmas mordeu seu peito.

– Puta que pariu! – exclamou Aigam, assustada – eles vão matá-lo! Direcionem suas esferas de energia para proteger Odem!

Mas foi tarde demais. Um dos fantasmas arrancou o coração de Odem e ele caiu morto. Azeleb tirou fotos do cadáver com seu celular quando isso aconteceu.

Aigam teve que matar aqueles dois fantasmas. Os outros fugiram.

Wanju Duli

Por fim, capturaram apenas três. Dois morreram e os outros cinco escaparam.

– Merda – disse Aigam – a professora vai brigar comigo porque deixei um aluno morrer. E nem foi culpa minha. Se esse infeliz tivesse seguido minhas regras... mas vocês acharam que estavam aqui para brincar.

Aigam chutou o baú para ver o que tinha dentro.

– Há um anel mágico, que obviamente será meu – ela disse – e também um pergaminho com um feitiço, que será de minha propriedade, é claro. E uma garrafa com uma poção. Toda minha.

– Quero o anel – disse Azeleb – ficará lindo em minha mão de princesa.

– Escolho o pergaminho – disse Sodutse.

– E eu fico com a poção – falou Zap – sou muito bom em alquimia. E como lido com a magia da culinária, poderei estudar essa poção minuciosamente.

– Azeleb, você só ficou penteando os cabelos o tempo inteiro – disse Aigam – portanto, não vai ganhar nada. Mas eu preciso da ajuda de Sodutse para traduzir o pergaminho. E eu vou beber a poção. Não é preciso estudá-la.

– E eu não fico com nada? – perguntou Edu.

– Nenhum de vocês merece nada, porque só atrapalharam!

– Então vou ficar com o fantasma que capturei – decidiu Edu.

– Você e Zap irão me entregar seus fantasmas para compensar a confusão que causaram – disse Aigam.

– Isso é uma puta de uma injustiça! – protestou Zap – Por que não choramos primeiro pelo nosso colega que morreu? Vocês são todos uns insensíveis!

– Não vou gastar minhas lágrimas chorando por um fracote – disse Aigam.

Sodutse recolheu seu próprio livro, que estava ao lado do cadáver, manchado de sangue.

– Acho que não deu tempo de ele terminar de ler – disse Sodutse – descanse em paz, amigo. Espero que tenha muitos livros no lugar para o qual você foi.

– Eu não sabia que ele tinha ido pro inferno – disse Zap.

Salve o Senhor no Caos

– Foi só uma forma poética de falar, como fazem os humanos – explicou Sodutse – afinal, todos sabemos que o corpo dele irá voltar para a natureza e o pedaço de alma retornará para seu Senhor na Terra. Quem sabe ele ainda a coloque em outro lugar.

– Espero que não seja aqui, ou ele irá voltar e se vingar de todos nós, que estamos mais preocupados com tesouros do que com a morte dele – observou Zap.

– Covarde sujo e vulgar! – disse Aigam – E daí se ele voltar? Grande merda! Deve voltar ainda mais fracote e desprezível.

– Ele nem sabia ter uma ereção decente – observou Azeleb – trepei com ele uma vez e ele só conseguiu levantar um dos paus e não os três. De que ele serve então? Foi melhor ter morrido mesmo.

Azeleb cuspiu no cadáver dele. Aigam roubou as moedas que achou nos bolsos.

– Nossa, espero que eu não morra na nossa próxima saída de campo – observou Edu – porque não quero que roubem meu dinheiro.

– Não se preocupe, Edu – falou Azeleb – você é quente na cama. Não vou te deixar morrer.

– Nunca te comi, vadia – disse Edu.

– Só quis ser educada, puto.

– Galinha.

Zap fez uma careta. Não aguentava mais aqueles dois. Preferia que eles tivessem morrido em vez de Odem, que era mais gente boa.

Aigam simplesmente declarou posse sobre os três fantasmas vermelhos e os três tesouros. E sumiu de lá, sem sequer se despedir. Azeleb e Edutriv também se retiraram. Os dois acabaram fazendo as pazes e foram juntos para o cinema.

– Sodú – disse Zap – você tá bem?

– Eu tô legal – disse Sodutse, recolhendo seu chapéu marrom, que havia caído no chão.

– Por que não usou magia?

– Não quero machucar os fantasmas.

– Continue sendo bonzinho assim e vai morrer depressa – alertou Zap.

– Se eu morrer e virar um fantasma, prefiro não ser usado como rato de laboratório pelos iniciantes – disse Sodutse – não é bondade.

Wanju Duli

– É lógica – reconheceu Zap – mas você não vai poder usar isso no dia em que um deles tentar abocanhar seu coração.

– Posso usar magia para defender a minha vida e a de meus amigos, mas hoje não consegui. Fiquei congelado com o que vi. E como não estava com o meu livro na mão, me senti inseguro.

– Pare de depender de livros – disse Zap – decore o conteúdo deles, se acha tão importante.

– Já decorei vários. Mas às vezes preciso do toque de um livro para me dar confiança.

– Você tem TOC. Um mago com TOC não é uma coisa muito prática. Uma vez conheci uma maga que só conseguia lançar um feitiço depois de montar três círculos de proteção e recitar três fórmulas de defesa. E também não podia estar sem seu amuleto de proteção e sem a espada que ganhou da mestra. Ela era imensamente poderosa, mas muito fácil de vencer quando não completava seu ritualzinho. O objetivo do ritual é inspirar e não aprisionar. Você pode lançar magia até nu e de mãos vazias!

– Eu sei de tudo isso – informou Sodutse – mas tenho esse problema. Ainda vou superar.

– Você nunca usa magia na frente das pessoas. Isso só nos deixa ainda mais curiosos.

– Sou tímido.

– Sei que você é tímido – disse Zap – é por isso que você aguenta quieto todo o bullying que sofre. Odem também era tímido e inseguro e todos zombaram dele quando morreu.

– Não me importo que zombem de mim quando eu morrer – disse Sodutse – que diferença faz? Vou estar morto. E eu sei que as pessoas que tiram com a minha cara estão só tentando chamar a atenção e reafirmar a personalidade. Então não me importo também.

– Nessas horas você não precisa ser lógico e sim se indignar com esses idiotas e ficar com raiva! Às vezes essa gente precisa de um soco na cara.

– E você já deu um soco na cara de Aigam?

– Não quero ser expulso – disse Zap.

– Dessa vez é você que está sendo lógico.

– Não, eu estou sendo pragmático.

Salve o Senhor no Caos

– Será que não tem mesmo mais nenhum artefato dentro daquele baú? – perguntou Sodutse – Estou sentindo uma energia forte vinda de lá.

– Não sei como você consegue sentir essas coisas, mas sua intuição geralmente está certa. Vamos dar uma olhada.

Os dois espiaram dentro do baú, mas não havia mais nada.

– Às vezes até um gênio pode errar – justificou-se Sodutse.

– Você pode ser tímido, mas não é nem um pouco humilde – observou Zap – e faz bem em não ser. Você é mesmo inteligente pra caralho. Não tem porque esconder isso.

– Espera, acho que não estou errado. Deve ter outro baú aqui perto.

– A gente não vai achar sem a bússola.

– Posso conseguir encontrar sem ela.

Sodutse ficou de quatro e começou a apalpar o chão.

– Perto do rio – ele apontou.

– E não é que você tem outras habilidades além de decorar livros e ler que nem um condenado?

– Aprendi esse truque num livro – justificou Sodutse – geralmente há fantasmas guardando os tesouros dos baús. Então você precisa sentir a energia dos fantasmas. Eles estão mortos, mas o coração ainda bate. É preciso escutar.

– Você ouve o coração deles batendo? – perguntou Zap, impressionado.

– Há sangue e fogo no coração deles. É preciso ouvir o crepitar das chamas. Também fica um pouco mais quente. Eu sinto uma pressão forte no peito.

Sodutse tirou o chapéu e as sandálias e mergulhou no lago. Depois de um minuto, retornou.

– Preciso da sua ajuda, Zap. Você é mais forte que eu. O baú está todo enroscado nas algas e preso nas pedras.

– Apenas lance uma magia e quebre o baú.

– Os baús são muito fortes. Você sabe que precisamos romper o cadeado.

– Acha que podemos encontrar a chave? – perguntou Zap.

– A maioria não tenta fazer isso, já que é mais fácil romper o cadeado com meditação. Mas como ele está lá embaixo...

Wanju Duli

– Consegue respirar debaixo d’água?
– Se eu me concentrar para fazer isso, não vou me concentrar para romper o cadeado.

– Que merda. Consegue sentir onde pode estar a chave?

Sodutse fechou os olhos e concentrou-se.

– Não consigo. Não deve haver fantasmas guardando a chave, então não posso escutar o coração.

– Vamos lá embaixo quebrar aquela merda.

Os dois mergulharam e lançaram uma série de magias. Emergiram para recuperar o fôlego.

– A Aigam é foda – reconheceu Zap – ela conseguiria quebrar isso. Mas não vou chamá-la para que ela roube os tesouros e fantasmas!

– Você sabe que a gente pode morrer se conseguir abrir isso. E se tiver uns trinta fantasmas negros aí dentro?

– O que seria da vida sem um pouco de risco de morte? Quem sabe eu consigo cozinhar algum ácido para quebrar aquilo.

Zap montou uma fogueira e começou a misturar líquidos num vidrinho que prendeu num galho. Sodutse bocejou e continuou folheando seu livro manchado de sangue.

Zap retirou mais uma mistura do vidrinho em seu cinto, até que chegou numa poção que rompeu o vidro maior.

– Não sei o que foi que eu fiz, mas deu certo – falou Zap – será que funciona na água?

– Cara, a gente ainda tem uma aula à tarde – lembrou Sodutse – que tal voltarmos para a EIQ?

– Só quero tentar isso antes.

Zap voltou para o lago e mergulhou. Sodutse continuou lendo seu livro, até que sentiu um fantasma ao redor de seu pescoço. Levou um susto.

– É branco – riu Sodutse, aliviado – estamos com sorte.

– É – disse Zap, voltando para a superfície – e havia apenas três. Já aprisionei os outros dois.

– Eles são mais dóceis e obedientes, não é? – perguntou Sodutse.

– Sim, são só meio tarados.

– Como assim?

Salve o Senhor no Caos

– Eles são fantasmas com energia sexual. Se eu fosse você, tomava cuidado.

– Por quê? Ei!

O fantasma branco havia entrado debaixo do manto de Sodutse, que estava tentando arrancá-lo a qualquer custo. Zap riu.

– Não se preocupe, ele não vai te machucar – disse Zap – só vai brincar. Já vi Ohlarac me mostrar esses. São facilmente domesticáveis, mas fortíssimos em batalha.

Sodutse conseguiu puxar o fantasma pela cauda.

– Ele me mordeu! – disse Sodutse, mostrando a mão com sangue – Você disse que ele não ia me ferir!

– Putz, foi mal – desculpou-se Zap – é que sempre vejo Ohlarac manipulá-los como se fossem feitos de massinha de modelar. Eu sempre esqueço o quanto ele é forte. Além do mais, ele está acostumado a lidar com eles.

– Não sou fraco, só fui pego de surpresa – disse Sodutse – além disso, ele me babou todo. Isso significa que não sou mais virgem?

Dessa vez Zap gargalhou tanto que se dobrou no chão.

– Ah, Sodutse, você é hilário! – exclamou Zap – Está dizendo que o fantasma fez sexo oral em você?

– Sei lá! Ele fez?

Como Zap não conseguia parar de rir, Sodutse fez cara feia.

– Você é tão gracioso. Quem mais pensaria em algo assim?

– Pega ele pra você, não gostei desse fantasma – disse Sodutse, entregando-o para Zap – e vamos voltar logo para a escola.

– E os tesouros?

– É mesmo! – falou Sodutse, confuso – Vamos ver o que tem.

– Ficou tão perturbado assim que até esqueceu os tesouros? – provocou Zap.

– Cala a boca.

– Eu irritei o Sodutse! – celebrou Zap – eu deveria receber um prêmio! Você me mandou mesmo calar a boca? Estou quase tendo um orgasmo. Por favor, manda de novo!

Sodutse apenas balançou a cabeça em desaprovação e mergulhou no lago. Voltou com um livro e um travesseiro.

Wanju Duli

– Um travesseiro mágico! – comemorou Zap – Era tudo o que eu queria para minhas belas noites de sono.

Mas Sodutse estava olhando fixamente para o livro, maravilhado.

– Parece que você também está tendo um orgasmo – observou Zap – e não foi por causa do fantasma. Você acha que esse livro é bom?

– Eu sinto que é. Vou precisar de uns cinco dicionários diferentes para traduzir – disse Sodutse, folheando o livro – vou me divertir horrores fazendo isso. Por mim nem iria mais para a aula hoje.

– Ótimo, vamos matar aula e poderei usar meu travesseiro mais cedo!

– Mas não posso matar aula. Nunca matei antes. Preciso manter meu boletim de presenças perfeito.

– Maldito CDF.

Os dois pegaram um ônibus para voltar para a EIQ. O ônibus estava tão lotado que Zap e Sodutse foram de pé e ficaram espremidos entre as pessoas. Sodutse segurou seu livro fortemente contra o peito para protegê-lo.

– Ops, os fantasmas estão escorrendo do meu bolso – disse Zap.

E os fantasmas brancos atacaram alguns dos passageiros do ônibus, que gritaram num susto. Quando os dois desceram do ônibus, Sodutse disse a ele:

– Meu, guarda isso daí. Já perdeu a graça.

– Para mim a graça só está começando – falou Zap – vou usar isso na sala de aula. Será mais divertido do que esconder baratas em mochilas. E a minha primeira vítima será Aigam.

Sodutse não aprovou.

– Você deveria respeitar as meninas... – tentou Sodutse.

– Eu deveria? – perguntou Zap – Aigam não é uma menina, é um monstro. Ela não respeita ninguém, independente do sexo, idade ou linha da magia. Então me dê um bom motivo para eu me segurar. Não acha que ela merece uma lição?

– Vou me abster de me posicionar nessa questão – decidiu Sodutse.

– Vou encarar isso como um sim – sorriu Zap.

Antes de entrarem na sala, Zap e Sodutse foram chamados na diretoria para dar o depoimento deles a respeito da morte de Odem.

Salve o Senhor no Caos

– A culpa é de Aigam, ela foi uma péssima líder – disse Zap, imediatamente – só ficou gritando com todo mundo e não ajudou em nada.

– É... algo assim – disse Sodutse.

– O gato comeu sua língua, garoto? – perguntou a diretora, aborrecida – Quero que dê seu depoimento e que não apenas concorde com seu colega.

Sodutse baixou a cabeça.

– Foi meio desorganizado – ele disse, por fim – Aigam se esforçou um pouco, mas não teve muita paciência.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Zap, profundamente ofendido – ela não se esforçou em nada! Por que a está defendendo?

Sodutse ficou quieto. Quando eles saíram de lá, Sodutse justificou-se, alegando que falou aquilo porque ficou intimidado pela presença da diretora.

– Você precisa dar um jeito nessa sua timidez, caramba! – disse Zap, aborrecido – É por isso que não arranja namorada. Até eu, que sou gordo e feio, já arranjei duas namoradas. Tomei um pé na bunda das duas, mas pelo menos já tive.

– Não quero namorada. Só quero livros.

Zap gargalhou no meio do corredor.

– Você se masturba com seus livros? – perguntou Zap.

– Não, só com minha mão.

Dessa vez Zap atirou-se de cara na parede e chorou de rir.

– Zap... você fica me defendendo de quem tira com a minha cara, mas você faz igual! Eu te considero um amigo, mas não vou mais te contar as coisas se você ficar agindo assim. Eu falei algo tão absurdo?

– Desculpe – disse Zap, controlando-se para não rir – só achei engraçado a forma que você falou. Legal saber que você não é totalmente frígido.

– Por que isso é legal?

– Sei lá. Sempre pensei que você nem sabia como ter uma ereção. A partir de agora vou te olhar de outra maneira.

– Cara... isso está ficando meio...

– Gay? – perguntou Zap, sorrindo.

Wanju Duli

– Não era isso que eu ia dizer – falou Sodutse – é só meio nada a ver a gente ficar falando isso no meio do corredor. Vamos logo pra aula. Tô louco pra sair dela e traduzir meu livro.

– Bora pra aula, então. Só vamos pegar nossas mochilas antes.

– É mesmo, as mochilas!

– Mas hoje você está com a cabeça na Lua, hein, Sodu?

Os dois foram até os armários e pegaram os livros.

– Estragaram meu livro...

– Qual? – perguntou Zap.

– É livro da escola, então não ligo muito – disse Sodutse – mas eu tinha feito várias anotações e marcado feitiços com caneta marca-texto. Quem pegou meu livro rabiscou tudo e marcou o texto numas partes ridículas.

– Aigam não perderia tempo fazendo algo tão besta – concluiu Zap – deve ser alguém do fã-clubê dela.

Quando eles foram para a sala, a professora já estava em aula.

– Sodutse chegando atrasado? – comentou uma das alunas – Não acredito!

Os dois apenas se sentaram quietos. Sodutse ainda estava um pouco desapontado com seu livro.

– Se Aigam ou os seguidores dela têm alguma relação com isso, ela já vai ter o troco – avisou Zap.

A professora, que usava um manto branco e negro, começou a escrever no quadro-negro.

– Hoje nós vamos falar sobre o sagrado – informou ela – alguém poderia me dizer algo a respeito?

Edutriv levantou a mão.

– Me parece algo da mais alta importância, digno de ser reverenciado, como se estivesse acima de nós mesmos – ele disse.

– Que bobagem – falou Zap – por que essa necessidade de sempre colocar algo acima de nós? Talvez a perfeição seja uma imperfeição e vice-versa. Sacaram?

– A aula mal começou e esse idiota já está sendo polêmico e atrapalhando – comentou Aigam.

Salve o Senhor no Caos

– Eu concordo com a parada sobre o Senhor na Terra, mas dizer que algo mais está acima é besteira – falou Zap – é só ontologia de falsa humildade e masturbação mental.

– Então você não acredita no Fantasma Sagrado? – desafiou Edutriv.

– Ninguém nunca viu ele! – protestou Zap.

– Porque ele é uma metáfora para o ardor de nossa paixão pelo supremo – comentou Azeleb – é como um fogo que queima no coração. Você nunca fez algo que te deixou completamente em êxtase? Um momento em que sentiu-se completo e realizado, como se tudo fizesse sentido, repleto de amor, imensamente feliz.

– Sim, sinto isso o tempo todo – disse Zap – quando estou batendo uma.

A turma toda riu.

– Só assim mesmo para você se excitar, já que nenhuma menina te quer – retrucou Azeleb.

– Eu sinceramente prefiro transar com minha mão do que com uma peruca com uma peruca e silicone.

Mais risos. A professora até tentou colocar ordem na turma, mas não teve muito sucesso.

– Ei, seu trouxa – interrompeu Edu – não fala mal da minha namorada que eu te quebro.

– Mas hoje mesmo você a chamou de galinha! – exclamou Zap, impressionado – poucas horas depois disso vocês já fizeram as pazes e começaram a namorar?

– Exato. Qual o problema de ela usar peruca e silicone? Vocês não gostam de admitir que são louquinhos pelos cabelos e pelos peitos das garotas da Terra. As servidoras daqui não têm cabelos e nem peitos, então qual o problema de fingir ter?

– Nenhum, eu apenas não gosto de Azeleb e estou a fim de xingá-la – respondeu Zap, simplesmente – vai me dizer que concorda com o que ela disse sobre o Fantasma Sagrado?

– Bem... eu não acho que ele seja uma metáfora – confessou ele – mas que existe na realidade, em algum lugar de Quepar.

– É, esse lugar é o seu cérebro – disse Zap – e você, Sodutse? Diga algo a eles! Aposto que também não acredita em toda essa porcaria.

– Eu não acredito – disse Sodutse.

Wanju Duli

– Viram só? – comentou Zap, triunfante – Sodutse é inteligente, então confiem no que ele diz.

– Não preciso acreditar porque tenho certeza de que o Fantasma Sagrado existe – comentou Sodutse – eu consigo senti-lo, embora não saiba precisar sua localização.

Aigam riu.

– Até seu amigo está contra você – disse Aigam – hora de admitir a derrota, seu bostinha. Quer saber mais que ele?

Zap ficou quieto. E depois da aula brigou com Sodutse outra vez.

– Mas você perguntou minha opinião... – disse Sodutse.

– Ultimamente você não para de discordar de mim! – exclamou Zap – se for para me humilhar, é melhor ficar quieto.

Sodutse fitou o chão.

– Desculpa – disse Sodutse – não queria te chatear. Sabia que você é meu único amigo?

– É claro que sou seu único amigo – disse Zap – você se isola e foge das pessoas.

No segundo seguinte, vários estudantes mais velhos passaram correndo pelo corredor. Eles tinham notícias.

– Vai começar o TEAMQ para a AMS!

– Liberem espaço no auditório!

Alguns carregavam cadeiras nas mãos, pois queriam assistir as lutas no telão.

– Vamos assistir? – convidou Zap, empolgado.

– Não estou a fim – disse Sodutse – vou pegar dicionários na biblioteca para traduzir meu livro.

– E depois ainda reclama que não consegue socializar... é porque você não quer!

– Sim, talvez eu não queira. Bom torneio, Zap.

E Sodutse se retirou. Zap deu de ombros e foi para o auditório lotado assistir às lutas no telão. A maior parte dos participantes eram magos fortes e desconhecidos.

Conforme os estudantes da Escola Avançada de Quepar assistiam, iam comentando sobre as magias usadas. Zap ainda não conhecia algumas técnicas mágicas que se estudava na EAQ.

Salve o Senhor no Caos

O torneio foi tranquilo e divertido, com um pouco de sangue, mas nenhuma morte. As mortes aconteceram na missão.

Nenhum dos três magistas vencedores retornaram da Terra. Eles morreram na missão da Aliança Mágica Salvadora. Era extremamente perigoso que um servidor de Quepar pisasse na Terra sem o chamado e proteção de seu Senhor. E toda vez que aquela carnificina acontecia, os habitantes de Quepar ficavam cada vez mais apavorados e supersticiosos.

– Melhor obedecer fervorosamente meu Senhor na Terra.

– Pois é. Não quero morrer.

Zap achava engraçada toda aquela reação. A maioria obedecia seu Senhor na Terra por medo e não por amor. Zap obedecia simplesmente porque tinha que obedecer e ponto final. E seguia sua vida.

Não que não tivesse medo. Ele tinha. Mas não lhe agradava que aquela fosse a força maior que regesse sua vida. Zap ainda acreditava que havia outras motivações dentro dele que lhe impulsionavam.

O objetivo da vida dos servidores era ficar cada vez melhor em magia para servir cada vez mais eficazmente o Senhor na Terra. Portanto, alguns estudavam magia por mera obrigação e achavam aquele dever extremamente chato. Outros acabavam pegando gosto pela coisa. Ou quem sabe eles tentassem aprender a gostar para que a vida não se tornasse insuportável.

Por isso inventavam todos aqueles eventos, caçadas e duelos. Se fosse apenas para aprender magia de forma chata como um robô, até o aprendizado mais interessante do mundo se tornaria terrível.

Zap caminhou pelos corredores com as mãos nos bolsos do manto. Agora que Sodontse não estava perto para impedi-lo, iria fazer a sua brincadeira para importunar Aigam.

Ele a encontrou num dos corredores conversando animadamente com um grupo de alunos mais velhos sobre o torneio. É claro que ela gostava de interagir com os magos mais maduros e poderosos, para se fingir de importante.

Zap pegou seus três fantasmas brancos, marcados com o sigilo de seu nome, e enroscou-os no pé de Aigam. Depois de fazer isso, correu e observou de longe, de um lugar seguro.

Aigam foi tão discreta que, ao notar que havia algo errado, apenas pediu licença e se retirou de lá.

“Droga, ela vai se dar bem” pensou Zap, desapontado. Ele estava louco que ela se atirasse no chão e fizesse cena na frente dos alunos da EAQ.

Zap levou um susto quando notou que Aigam estava indo até a biblioteca. Ela pensava que Sodutse era o responsável.

Quando Zap chegou lá, encontrou Sodutse com o rosto empapado de sangue, de tanto que havia apanhado de Aigam.

– Mas eu não fiz nada! – exclamou Sodutse, tentando proteger o rosto com os braços.

– Não minta! – rosou Aigam, segurando-o pelo manto – E me diga logo como faço para tirar essas lesmas nojentas de dentro de mim!

– Estou tentando descobrir, se você me deixar pesquisar! – disse Sodutse, folheando vários livros na mesa sobre os servidores fantasmas brancos de Quepar.

– Largue-o, Aigam – mandou Zap, indo até a mesa – sou eu o responsável.

Aigam voltou-se para ele, com o rosto coberto de fúria.

– Então esses fantasmas são seus? – ela perguntou, estreitando os olhos.

– Totalmente meus – Zap assumiu – coloquei até meu sigilo neles.

– Filho da puta! Você sabe que eu poderia te matar por causa disso, não é?

– Que exagero – Zap cruzou os braços – eles não vão te fazer mal se eu não ordenar. Era só uma brincadeira. Já vou mandar que saiam.

Zap mandou que eles saíssem, mas os fantasmas não obedeceram.

– Ué? – Zap coçou a cabeça.

– Palhaço! – exclamou Aigam – Um magista de segunda categoria como você não pode ter fantasmas sob seu comando. Você vai ver só. Um dia você vai amanhecer morto porque os seus “fantasmas brancos inofensivos” devoraram seu coração. Você pensa que eles não são capazes de fazer isso também?

– Já tentou tirá-los com seus próprios fantasmas vermelhos?

– Eles tentam comer os meus também!

Zap quase riu, mas resolveu não fazer isso diante da gravidade da situação. Sodutse provavelmente também não acharia engraçado, já que ele havia apanhado tanto por algo que nem havia feito.

Salve o Senhor no Caos

– Nesse livro diz que você pode matá-los com pedaços de madeira inflamados com fogo – Sodutse informou.

– Vou ter que queimar minhas vaginas com fogo por causa desse pau no cu?! – exclamou Aigam, escandalizada.

– Não quero que mate meus fantasmas – disse Zap – deu muito trabalho consegui-los. Não tem outra maneira?

– Ah, é claro que você está mais preocupado com seus pequenos assassinos que podem te esganar a qualquer momento – zombou Aigam.

– É mais fácil você me assassinar de repente do que eles – falou Zap – não se faça de inocente, Aigam. Você já fez brincadeiras piores com Sodutse. Já queimou todo o material dele, já o ridicularizou em público milhões de vezes, já ameaçou enfiar o rosto dele num ácido e quase conseguiu...

– Eu já fiz alguma brincadeira com conotação sexual? – desafiou Aigam.

Zap parou para pensar.

– Não lembro – ele respondeu – acho que não.

– Já os assediei sexualmente alguma vez?

– Não... – respondeu Zap.

– Isso porque, apesar de tudo o que faço, eu tenho o mínimo de respeito – retrucou Aigam – isso enquanto vocês ainda merecerem meu respeito. Mas hoje isso acabou.

– Eu não tenho nada a ver com isso – reforçou Sodutse – mas sinto informá-lo, Zap, que não há outra maneira de remover os fantasmas a não ser matá-los. Vai ter que ser com fogo. Ou com esperma.

– Qual é o lance do esperma? – perguntou Zap.

– O dono oficial dos fantasmas, que escreveu seu sigilo neles, pode matá-los através do sexo. Então você escolhe o que prefere, Aigam.

Aigam riu.

– Definitivamente vou arrancá-los com fogo – decidiu Aigam.

– Se eu chamar meu mestre Ohlarac ele pode achar alguma alternativa, já que ele entende de fantasmas brancos – propôs Zap.

– Eu não quero aquele maluco envolvido nisso! – disse Aigam – Eu mesma me viro. Vocês não ajudaram em nada.

Aigam virou-se para sair da biblioteca, mas Zap segurou o braço dela.

Wanju Duli

– Aigam, eu te ajudo a tirar – disse Zap – aceito fazer sexo com você e matar meus próprios fantasmas para me desculpar.

– Então era esse o seu plano? – zombou Aigam.

– Eu nem sabia dessa história! – defendeu-se Zap – e acredite, isso será tão desagradável para mim quanto para você. Mas já que a culpa foi minha, eu assumo a responsabilidade.

– Você vai me “ajudar”, por mais “desagradável” que seja? – perguntou Aigam – Esse foi o pior pedido de desculpas que já ouvi. Você me ferra e depois vem bancar o bonzinho? Eu prefiro me ferir com fogo para depois ter o direito de te machucar da forma que eu quiser.

Zap ainda tentou correr atrás dela para convencê-la, mas Aigam bateu a porta da biblioteca na cara dele.

– Admita que dessa vez foi longe demais – disse Sodutse.

– Me desculpe – disse Zap – não sabia que ela ia te bater.

– Honestamente, estou com mais pena dela agora.

– Você está com pena da Aigam depois de tudo o que ela fez? – perguntou Zap, sem acreditar – ou você tem o coração de ouro ou é um completo idiota.

– Eu já estou farto das coisas que acontecem nessa escola – disse Sodutse – acho que vou me mandar daqui.

– Para onde? – perguntou Zap – Há idiotas em qualquer lugar do mundo.

– Então eu vou me isolar – decidiu Sodutse – assim só vou precisar aguentar a minha própria idiotice.

– Você está fazendo a pior escolha possível – observou Zap – ou a melhor...

– Não me importo se é a pior ou a melhor. É apenas o que quero fazer. Sou tímido demais, então será ótimo para mim. Além disso, meu Senhor na Terra é uma espécie de eremita.

– Ele é? – perguntou Zap, desconfiado – Não se preocupe. O meu também é meio louco. Ele tem essa obsessão de vingar a morte do pai dele.

Sodutse levantou-se e estendeu a mão.

– Foi um prazer te conhecer, Zap. Estou partindo.

Zap ficou surpreso.

Salve o Senhor no Caos

– Mas já? Assim, de repente?

– Se tem que ser feito, o melhor momento é sempre agora – disse Sodontse – vou empacotar meia dúzia de coisas e partir na minha própria jornada.

– Isso é meio... grandioso – comentou Zap, impressionado – o ambiente da EIQ sempre me deixou muito seguro e acomodado. O que você está fazendo é totalmente arriscado.

– Estou bem certo do que estou fazendo – disse Sodontse – e mesmo que não estivesse, eu o faria da mesma forma.

Sodontse saiu da biblioteca e foi esvaziar seu armário. Saiu com a mochila nas costas e um monte de livros nas mãos.

– Pensando bem... não preciso de metade disso. Pode ficar com estes. E Sodontse foi dando livros e outras coisas para Zap.

– Cara... isso é sério?

Sodontse colocou a mão no ombro dele.

– A gente vai se encontrar de novo.

Aigam apareceu no corredor. Lançou aos pés de Zap o cadáver de três fantasmas carbonizados, que agora estavam quase negros.

– Está feliz agora? – perguntou Aigam, com o rosto suado e as pernas trêmulas.

– Não – disse Zap – porque Sodontse vai embora.

– Ah, ele vai? – perguntou Aigam – que pena. Vou sentir saudades de queimar seus livros. E por que está indo embora?

– Eu tenho meu próprio caminho – respondeu Sodontse.

– Para com isso – falou Aigam – só está cansado de apanhar.

– Esse é parte do motivo, mas não todo. Eu acho que minha vida e o mundo são mais que isso. Ou menos que isso. Mas não isso.

Aigam deu um sorriso zombeteiro.

– Você espera demais do mundo – disse Aigam – não pense que pode escapar. E não espere demais de si mesmo também. Você vai se desapontar.

Dessa vez, Sodontse colocou a mão no ombro de Aigam.

– Obrigado pelo conselho de despedida – disse Sodontse – também tenho um. Vá estancar esse sangue. Está escorrendo pelas suas pernas. Zap, acompanhe-a.

– Eu não! – disse Zap.

Wanju Duli

– Desculpe, mas não tenho mais conselhos para dar – disse Sodontse – então você vai ter que ficar com o que sobrou. Adeus!

E Sodontse foi embora. Zap suspirou e colocou o braço de Aigam em volta de seus ombros, apoiando-a.

– Vamos para o hospital – disse Zap – te levo lá.

– Merda.

– Não se preocupe. Tenho um ótimo travesseiro que posso te emprestar.

Capítulo 5: A Morte Pela Fé

– A professora Oãcome está cometendo sacrilégios em suas aulas. E não se falava de outra coisa.

– Nós lemos para adquirir novos pontos de vista sobre o mundo, para ampliar nossa visão – dizia ela – para não sermos somente nós mesmos, mas para experimentarmos estar na pele e na boca de outros. Então por que, eu pergunto, questionar a nossa crença mais fundamental não seria o ápice da sabedoria? Não é a própria busca da sabedoria o objetivo máximo de nossa ordem?

– Certas coisas não podem ser questionadas ou causaria o caos! Você questiona a moral? A justiça? Questiona o fato de ser errado que as pessoas matem outras? Nem todos são inteligentes como você, Oãcome de Airodebas. Plante a semente da dúvida e logo a pulsão do ódio e da morte se instalará.

– Então o seu argumento é que as pessoas são burras, então é melhor que não pensem? – perguntou Oãcome – É mais fácil criar apenas meia dúzia de regras fáceis para serem seguidas à risca, como “obedeça seu Senhor na Terra”, “seja submisso” e “cale a boca”. Dessa forma os “servidores sagrados” e inteligentes podem manipulá-las mais facilmente.

– Não seguir seu Senhor na Terra é literalmente sinônimo de morte e todos sabem disso – retrucou o aluno, irritado – não estudamos para nos tornarmos rebeldes. É importante estudar para entender porque nós fazemos o que fazemos, e não para inventar uma filosofia maluca apenas por teimosia. Até os seres humanos seguem um Deus. Você quer ser mais esperta que a maior parte dos humanos e servidores?

– Se ninguém questionasse nada, o mundo estaria estagnado.

– Talvez fosse melhor que tivesse estagnado mesmo! Eu questiono essa tal “evolução”, que só aumentou a vaidade, egoísmo e ganância. Antes vivíamos mais próximos da natureza, vivíamos de forma mais simples e significativa. Hoje as pessoas têm mais saúde e conforto, e daí? Estão mais confusas que antes! Conseguiram descobrir grandes coisas sobre o universo, mas nada sobre elas mesmas.

– Se o Criador de Quepar não tivesse questionado as ordens do mestre dos Peregrinos do Destino, Quepar sequer existiria e nem você – observou Oãcome.

– Quem sabe fosse melhor mesmo não ter nascido, se é para ouvir esse monte de heresias!

– Existem diversas maneiras de viver e de morrer, Etnem. Toda a evolução ou involução que aconteceu até hoje pode ter um motivo, ou talvez não. Você pode ter liberdade de questionar ou simplesmente aceitar o que te mandam fazer.

– Você questiona a moralidade, mas não questiona a liberdade! – exclamou Etnem – É essa a merda que você prega. Eis seu Deus! Pois eu acho que só somos verdadeiramente livres quando seguimos nosso Senhor na Terra. Ter a liberdade de questionar isso é uma liberdade desnecessária que te dá a falsa sensação de escolha.

– O quê? – perguntou Oãcome – o Criador de Quepar deixou bem claro que embora fosse um pecado não segui-lo poderíamos escolher não fazê-lo. Blasfemar contra ele não é o fim do mundo.

– Até aceito, com muita relutância, o fato de você não seguir seu Senhor na Terra – disse Etnem – o que não aceito é você blasfemar contra o Fantasma Sagrado!

– Esse fantasma de novo! – exclamou Oãcome, fora de si – por que uma coisa imaginária é até mais importante que o Senhor na Terra, que é real? Se não me importo com meu Senhor, vou muito menos me importar com essa superstição besta.

– Não é uma superstição! – esganiçou-se Etnem – o Fantasma Sagrado está entre nós! Não pode senti-lo, pulsando em seu peito?

– Então é uma metáfora para o amor? – perguntou Oãcome.

– Não é uma metáforaaaaaaa!!! – Etnem berrou, com uma voz aguda – Eu não aguento mais gente dizendo que o Fantasma Sagrado é uma metáfora! Vocês parecem um disco quebrado! Também não aguento mais quem diz que os ensinamentos dos pergaminhos sagrados dos baús fantasmagóricos do Criador devem ser interpretados conforme a vontade! O Criador tem uma mensagem para nós, que é a essência do coração de fogo sangrento do Fantasma Sagrado!

– Eu não tenho palavras para explicar como eu me irritado ouvindo esses discursos fanáticos nos meus ouvidos! – exclamou Oãcome –

Salve o Senhor no Caos

Vocês não conseguem explicar a coisa de forma lógica, então começam a inventar essas baboseiras de “sentir o sagrado pelo coração de fogo” ou o caralho!

– Não é pelo caralho – instruiu Etnem – é só pelo coração mesmo.

– Mas por que não é pelo caralho? – protestou outro aluno, chamado Odibil – eu prefiro sentir as coisas pelo caralho e não pelo coração. Por que não posso?

– Porque o Criador de Quepar quis que fosse pelo coração, e pronto! – disse Etnem.

Um dos estudantes levantou a mão. Oãcome deu-lhe permissão para falar.

– Com licença – disse esse estudante, timidamente – só queria dizer uma coisa sobre o senhor Breno...

– Ele pronunciou o nome sagrado do Criador! – Etnem quase teve um ataque.

– Professora, você não pode usar a lógica convencional para explicar as coisas que ele diz – continuou o aluno – porque a lógica dos servidores é diferente da lógica humana, já que nosso cérebro é diferente. Então uma coisa que o senhor Breno diz pode parecer não fazer sentido para nós, mas pode ter um sentido escondido fora de nossa compreensão.

– Pare de repetir o nome dele – continuou Etnem, incomodado – isso não é adequado.

– Essa explicação definitivamente não me satisfaz – falou Oãcome.

– Então você acha que se a nossa lógica não consegue compreender uma coisa ou se o nosso cérebro não é capaz de captar uma sensação é porque essa coisa não existe? – perguntou o aluno.

– Nesse caso, concordo que tal coisa possa vir a ter existência e nós falhamos em sentir ou entender – confessou Oãcome – mas esse argumento pode ser usado para defender a existência de qualquer coisa.

– Sim, então nesse instante para distinguirmos o que é mentira ou verdade não podemos usar apenas a lógica, mas também a emoção – explicou o aluno – e, por que não, a alma? Eu sei que o Fantasma Sagrado existe não porque o entendo plenamente de forma lógica, mas porque o sinto aqui.

E ele tocou o próprio coração.

Wanju Duli

– E se tanto a sua lógica quanto seus sentimentos falharem? – perguntou a professora.

– Eu posso falhar completamente e falho o tempo todo. É por isso que entrego todas as decisões para o fogo que queima no meu coração e atravessa minha alma, que é o Fantasma Sagrado.

– Eu falei a mesma coisa que você, mas em outras palavras – comentou Etnem, cruzando os braços.

– O senhor Breno deixou muito claro que colocou o Fantasma Sagrado aqui e não acho que ele esteja blefando – prosseguiu o mesmo aluno – e ele o deixou aqui porque o senhor Breno não pode morar em Quepar pessoalmente e para sempre. Ele também vai morrer um dia, pois é humano. Então ele deixou o Fantasma para guiar todas as próximas gerações que virão.

– Cara, eu vou arrancar a tua língua se pronunciar o nome dele outra vez – ameaçou Etnem.

– Ele me autorizou a usar o nome dele.

– Como pode ser isso? – perguntou Etnem.

– Eu o conheço pessoalmente.

– Que mentira!

– Ele é o meu Senhor na Terra.

Todos os alunos soltaram uma exclamação de surpresa. Até a professora ficou impressionada.

– Qual o seu nome? – perguntou Oãçome – Você não pode ser Lam de Argen.

– Meu nome é Sodutse. Sou da nova geração e não da antiga.

– Por que o Criador teria criado um segundo servidor? – perguntou Etnem, duvidando – ele deixou o Livro na Terra, para que outros fizessem isso por ele.

– Eu não conheço tudo o que se passa na mente dele – falou Sodutse – só estou informando o que sei.

De repente, a discussão sobre o Fantasma Sagrado foi interrompida e todos os estudantes desataram a fazer perguntas para Sodutse.

– Ele te disse por que criou Quepar?

– Quantos baús ele espalhou no nosso mundo?

– É verdade que quem se tornar o Deus de vários fantasmas poderá ser presenteado com um nascimento humano na Terra?

Salve o Senhor no Caos

– Você não pode pedir para ele fazer escurecer mais tarde para não ser tão perigoso voltar do barzinho?

– Não tem como ele fazer surgir magicamente transportes públicos melhores?

– Diga para ele trazer um chiclete roxo com gosto de pipoca!

E Sodutse se viu bombardeado com tantas perguntas, tímido como era, que a professora ficou com pena dele.

– Deixem o menino em paz – mandou a professora – não o importunem com perguntas. O Criador provavelmente o proibiu de dar essas respostas, então é inadequado que o pressionem, ou ele estará desobedecendo seu Senhor na Terra.

– Mas não era você que estava fazendo apologia à desobediência? – perguntou Etnem, indignado.

– Especificamente no caso dele, recomendo obedecer – disse a professora – e se o Criador se enfurecer e destruir nosso mundo?

E todos ficaram quietos. Por causa desse medo, não incomodaram mais Sodutse com perguntas.

Quando a aula terminou, Oãçome chamou Sodutse.

– Posso conversar com você?

– Eu tenho outra aula agora... – Sodutse disse.

– Eu te libero dela. Nós realmente precisamos conversar.

Ele e a professora se sentaram num banco do corredor do prédio da Ordem de Airodebas.

– O que está fazendo aqui? – foi a primeira pergunta dela.

– Eu estava estudando na EIQ, mas resolvi largar porque estava me sentindo aprisionado – explicou Sodutse – aquele ambiente não tinha nada a ver comigo. Sempre fui mais quieto e reservado. Inicialmente pensei em me isolar, mas então lembrei que havia uma ordem de magia dedicada somente a leituras. Por isso vim. Mas agora já não sei se foi uma boa ideia. Aqui não é tão diferente da EIQ.

– Você tem razão – concordou a professora – é impressionante como pessoas tão esclarecidas podem ter a cabeça tão fechada em relação a certas coisas.

– Na verdade eu não me referia a isso – explicou Sodutse – eu só estava buscando um ambiente um pouco mais tranquilo para estudar e relaxar. Sem tanta pressão, confusão e confrontos.

Wanju Duli

- Então você não é um espião do Criador?
- Como assim? E se eu fosse eu não diria, certo?
- Você parece um garoto sincero – disse Oãcome – então vou acreditar nas coisas que me diz. Você está mesmo apenas estudando aqui como se fosse um servidor qualquer?
- Não fui criado para ser especial – disse Sodutse – porque Lam já cuidou de tudo. Já fundou a Ordem de Argen e administra muitas coisas importantes em Quepar. Só estou aqui sobrando, eu acho. Como um experimento. Meu Senhor na Terra não me chama muito e fico chateado.
- Servidores que não são muito usados pelos seus Senhores na Terra não deviam se sentir vazios e sem um propósito – disse Oãcome – porque nós podemos criar nossos próprios objetivos.
- Sei disso. Estou tentando criar meu objetivo, mas é difícil. Eu amo meu Senhor na Terra, mas nem sempre concordo com o que ele faz. Talvez eu apenas falhe em entender...
- Você tem todo o direito de não concordar. Ou você tem medo?
- Tenho um pouco de medo – confessou Sodutse – para mim é importante ter um Senhor na Terra. Então estou pensando em servir outro, por enquanto.
- Acho estranho quem tem essa obsessão por servir a um Senhor na Terra, seja lá quem for – disse Oãcome – para mim é um alívio não servir mais o meu.
- Então você o abandonou mesmo? – Sodutse ficou surpreso – Nunca ouvi falar de alguém com tanta...
- Coragem?
- Petulância.
- Oãcome riu.
- Em breve vou parar de lecionar aqui e me moverei para outro lugar – ela explicou – mas meu destino final será entregar-me a meditações nos bosques do limiar de Quepar.
- Para escutar o seu coração e conectar-se com o Fantasma Sagrado?
- Não me importo com essas coisas. Quero apenas me esvaziar de tudo. Sinto que posso quebrar mentalmente minha conexão com meu Senhor na Terra. Ou até mesmo inverter essa conexão. Se eu for capaz de fazer isso, sinto que algo extraordinário acontecerá.

Salve o Senhor no Caos

– Bem, eu te admiro por isso – disse Sodutse – quem sabe um dia eu também faça algo legal com minha existência. Ainda não achei meu lugar no mundo.

– Não acho que esse lugar exista. Você precisará inventá-lo.

– A verdade é que odeio essas escolas e academias de magia – confessou Sodutse – é muita gente, muito movimento. Sou obrigado a falar em voz alta quando não quero. A conviver com pessoas que não gosto. Eu preferia aprender magia com um mestre da montanha à moda antiga.

– Ainda existem alguns nos dias de hoje.

Sodutse ficou em silêncio por um momento. Depois disse:

– Embora eu não concorde com sua rebeldia contra o sistema, eu já pude ver que você é muito inteligente. Tanto os alunos como os professores de Airodebas te elogiam, mesmo que você também tenha muitos inimigos com sua postura heterodoxa. Então...

Sodutse fez outra pausa e olhou para o chão.

– Será que tem como você me treinar quando for para os bosques?

– Por que quer ser treinado por mim? – perguntou Oãcome, sem entender – o seu Senhor na Terra não ficará zangado?

– Ele não precisa saber disso. Não sei explicar o motivo, mas sinto que você tem algo a me ensinar que eu gostaria de saber.

– Aguarde mais alguns anos – ela disse – primeiro se forme aqui. Eu também vou fazer outra coisa antes. E depois, se ainda desejar, venha me procurar.

Algumas semanas depois, Oãcome foi demitida de seu cargo de professora e também foi excomungada da Ordem de Airodebas devido às suas opiniões radicais que ameaçavam a lei e a ordem de Quepar, e que estavam corrompendo os ensinamentos da academia.

Sodutse, atendendo ao desejo de Oãcome, permaneceu na academia de Airodebas, mesmo sem gostar muito de lá.

Havia dez bibliotecas diferentes no prédio e Sodutse não poderia estar mais satisfeito. Ele encontrou exemplares que há muito procurava. E lá reinava a ordem e o silêncio...

Isto é, nem sempre.

Frequentemente, enquanto Sodutse estava mergulhado em alguma leitura, havia cochichos ao redor, principalmente nas semanas que se

seguiram à revelação de quem ele era. Sodutse estava um pouco arrependido de ter contado. Foi uma decisão no ardor do momento e não pensou nas possíveis consequências.

Um dia, um dos estudantes sentou-se ao lado dele. Usava um manto igual ao seu, que eram as vestes obrigatórias dos membros da Ordem: manto azul e capuz roxo. Num primeiro momento, ele apenas colocou a mão no queixo e observou Sodutse em silêncio. Até que Sodutse sentiu-se incomodado e olhou para ele.

O aluno continuou a fitá-lo. Sodutse desviou o olhar. Quando voltou a espiar o estudante, percebeu que ele permanecia com o olhar fixo.

– Oi – cumprimentou Sodutse.

O outro sorriu. Sodutse sorriu de volta e, meio sem jeito, voltou os olhos para seu livro outra vez.

Até que o aluno resolveu falar.

– O que está lendo?

– Sobre o Fantasma Sagrado – informou Sodutse.

– Os pergaminhos oficiais ou os apócrifos?

– Nenhum dos dois. São comentários.

– Quem é o autor? Ele é divinamente inspirado? Tem o selo?

– Ele é divinamente inspirado, mas não tem o selo – respondeu Sodutse.

– E sob a autoridade de quem que ele é divinamente inspirado se não tem o selo?

– Ele foi um estudante na Academia de Adargas. Já li outros livros dele e confio no autor.

– Ele concluiu os estudos em Adargas?

– Largou no primeiro ano – informou Sodutse – e depois se retirou para contemplação perpétua no nordeste de Ahnatnom.

– Eu não leio autores sem selo.

– Recomendo que leia – disse Sodutse – mais da metade dos comentários dos pergaminhos são não oficiais. Há autores que tomam algumas liberdades que não seriam permitidas pelos que foram selados. Pode instigar a mente. É só aprender a escolher os autores certos. Depois do décimo livro no tema, eu já estava bem direcionado para onde prosseguir.

– Como?

Salve o Senhor no Caos

- Notas de rodapé, referências bibliográficas, citações.
- E posso perguntar por que você está lendo especificamente sobre esse tema?
- Ando interessado devido às recentes polêmicas – respondeu Sodutse.
- Você também segue essa heterodoxia?
- Não. Minha intenção com as leituras é exatamente oposta: reforçar minha ortodoxia.
- Isso é impressionante – reconheceu o aluno – só está buscando argumentos poderosos para uma eventual disputa de retórica ou busca se inflamar com o fogo sangrento?
- Eu somente busco a verdade.
- A verdade que satisfaz a mente ou o espírito? Já parou para pensar que elas podem não ser iguais?
- O foco pode ser diferente – reconheceu Sodutse – isso não as torna opostas.
- Não disse que são opostas. Duas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa ainda assim não são iguais. Você pode construir dois sistemas inteiramente diferentes mudando o foco. Eles podem ser complementares em algum grau. Minha pergunta é muito simples: o autor que você lê comenta com argumentos lógicos fortes ou movido por uma paixão interior?
- Eu encontro ambos nos livros, mas pelo caminho de vida do autor acredito que você já tem sua resposta.
- Os olhos do aluno brilharam.
- Ah! Então é assim que deve ser. Sodutse, você me impressiona a cada dia. Eu ando te observando.
- Reparei nisso.
- E, com todo o respeito, eu o considero belíssimo.
- Sodutse fitou o estudante, que disse isso com a máxima segurança e sem embaraço.
- Sinto toda a beleza em ti – prosseguiu o aluno – ela começa dentro. Suas palavras, seu coração, seu caráter. Sua forma de andar, de observar as prateleiras. Seu olhar e expressão. É um todo completo. Acho fascinante.
- Já conversamos antes? – perguntou Sodutse.

Wanju Duli

- Não. Essa é a primeira vez. É uma honra para mim, acredite.
- Por favor, não quero que se equivoque – alertou Sodutse – eu provavelmente não sou tudo o que pensa de mim. Só porque meu Senhor na Terra é aquela pessoa, te garanto que isso não me torna melhor. Estou muito longe de ser quem desejo ser.
- E quem você deseja ser, Sodutse?
- Em um primeiro momento, Sodutse ficou quieto.
- Isso é muito pessoal – confessou, por fim.
- Peça perdão. Não queria ser invasivo.
- Não se preocupe. Apenas não estou acostumado a ter esse tipo de conversa. Só estou um pouco assustado comigo mesmo, porque eu achei que me conhecia, mas na verdade não conheço. Pensei que eu era uma pessoa, mas acho que sou um ser completamente diferente. Um dia pensei que a coisa que eu mais amava no mundo era ler. Eu queria ler todos os livros. Permanecer lendo até o dia de minha morte, sem parar.
- Não acha um pouco extremo?
- Não. Era simplesmente natural para mim. A única verdade que eu conhecia. A única coisa que eu sabia ser certa e que confirmava minha existência. Porém, um dia eu duvidei disso.
- Aconteceu recentemente?
- Sodutse fez que sim.
- Então senti medo. Descobri que eu não estava lendo desesperadamente até hoje porque eu gostava de ler. Pela simples curiosidade pela filosofia, pela magia, pelas ciências. Não era nada disso. Era um motivo muito mais profundo.
- A busca pela verdade – falou o estudante.
- Mais que isso. Era um desejo de agarrar tudo. Roubar essa verdade para mim, aprisionar esse fogo e não me livrar dele nunca mais. Não porque sou mesquinho, mas porque eu sinto que preciso disso para respirar. Não posso mais respirar. Sinto que morrerei ou que já estou morto e assim continuarei enquanto não tiver...
- O fogo sangrento pulsando no peito.
- Sodutse fitou o outro.
- Você me entende? – perguntou Sodutse.
- Não tenho certeza se entendo completamente. A maioria dos servidores preenche esse vazio servindo seu Senhor na Terra. E

Salve o Senhor no Caos

considerando quem é o seu Senhor, me impressiono que esteja tão perdido.

– Não diria que estou perdido. Acredito que eu estava antes. Não mais.

– Muitos de nós queremos sentir sensações grandiosas. Por isso tantos servidores colecionam fantasmas e caçam os baús. Há quem preencha completamente esse vazio devorando um fantasma. O preço disso é abdicar de uma segunda vida após a morte.

– As pessoas estão preparadas a pagar um preço alto para parar de sofrer – disse Sodontse.

– Eu acho que a palavra “sofrimento” é muito forte. Quepar é um mundo agradável. Raramente temos guerras. De vez em quando magistas se explodem em duelos. Saem em grandes aventuras ou encontram prazer mesmo nas pequenas, como um cinema ou um sorvete. Você diria que está sofrendo?

– Tem razão. Não estou. Só me sinto um pouco solitário quando meu Senhor na Terra não me dá atenção.

– O desejo por atenção e reconhecimento. Apenas esqueça isso. Não é uma coisa muito esperta para apoiar a felicidade. Você é mais inteligente que isso, Sodontse.

– Oãcome desafiou os nossos dogmas e provavelmente em breve irá se tornar uma Deusa – informou Sodontse – mas não uma Deusa de fantasmas. Será inacreditável.

– O Senhor na Terra de Oãcome irá se ajoelhar perante ela? – perguntou o outro, sem acreditar.

Sodontse sorriu.

– É o que os rumores dizem. Não sei quando vai acontecer. Mas isso pode abalar a ordem de nosso mundo. E se todos os servidores se rebelarem?

– Agora entendi porque está lendo esses livros. Você está com medo de ceder à tentação e abandonar seu Senhor na Terra.

Sodontse não respondeu.

– Por favor, não faça isso. Não enfureça o seu mestre. Senão, vou ter que pedir ao meu próprio Senhor na Terra que converse com ele.

– Quem é o seu Senhor? – perguntou Sodontse, curioso.

– Paulo, mestre do Leitorado das Horas. Ele já foi discípulo de Onai, assim como teu Senhor.

– Quer dizer que a ocasião deste nosso encontro é bastante auspiciosa – sorriu Sodontse.

– Deveras. Meu nome é Arutiel. Fui educado na Biblioteca Sagrada de Sarar Sarutiel. E venho aqui hoje, Sodontse de Airodebas, te desafiar para um duelo.

E, para marcar o desafio oficial, Arutiel tirou um livro do bolso, abriu na frente de Sodontse e pôs sobre ele uma pena. Os leitores nas demais mesas da biblioteca notaram o gesto simbólico. Os murmúrios se tornaram exclamações impressionadas.

Sodontse não respondeu de imediato. Continuou a fitar o livro por um momento. E deu um suspiro.

– Minha esperança era que pudéssemos celebrar o auspício de nosso encontro numa cafeteria – disse Sodontse – mas eu prefiro não viver de esperanças. Sei há quanto tempo alguns alunos da academia aguardam uma luta minha, e isso vem de antes de descobrirem quem eu era.

– Oh, ficou vaidoso de repente – comentou Arutiel, satisfeito – pois faz bem, Sodontse. Seu Senhor na Terra tem tanto atrevimento que eu me desapontaria se você escondesse o seu.

Arutiel pegou um vidro de nanquim e derramou algumas gotas no livro. Dessa vez Sodontse arregalou os olhos. Os demais presentes na biblioteca gritaram. O nanquim simbolizava um duelo de vida ou morte.

Ele riu da surpresa de Sodontse.

– Você tem um irmão de merda – declarou Arutiel – ele fez uma besteira. E você vai pagar pelo que ele fez.

– Se eu recebesse um desafio de nanquim a cada pessoa que meu irmão mata, eu já teria morrido mil vezes – retrucou Sodontse.

– Não estou falando sobre servidores mortos. Apesar de Paulo ter se retirado da Seita dos Peregrinos do Destino, ele amava Cristiano. E sabe o que Breno fez a Cristiano, por inveja?

– Não.

Arutiel bateu tão forte na mesa que o vidro de nanquim caiu e quebrou no chão.

– Não mente pra mim, porra! – berrou Arutiel – Mentiroso do caralho! Lam matou Onai e você viu tudo sem mexer um dedo.

Salve o Senhor no Caos

– Eu nem era nascido naquela época, cara – retrucou Sodutse, incomodado – e mesmo se fosse, por que eu teria ido contra as ordens de meu Senhor na Terra? Não sabia que você era assim tão apaixonado. Se quer tirar satisfações, vá atrás do meu irmão. Ele sabe o que aconteceu.

– Meu objetivo é atingir Breno, então tanto faz se matou você ou Lam. Além do mais, Paulo vem de uma seita de leituras. E o servidor das leituras é você. Minha rivalidade não é com Lam.

– Posso ver claramente que você não está em seu juízo perfeito – disse Sodutse – está confundindo as coisas. Se eu fosse você pensaria duas vezes e esfriaria a cabeça antes de fazer essa besteira.

– Eu sinto o sangue de Cristiano em ti.

– Agora você está apenas louco.

Arutiel segurou a pena e colocou na frente de Sodutse.

– Não interessa o motivo pelo qual te propus o desafio de nanquim. Você apenas deve fazer a escolha de assiná-lo ou negar-se a fazê-lo. Se você recuar, não insistirei. Eu sou um homem ortodoxo, elegante e um cavalheiro. Não irei romper as regras, a tradição e os bons costumes.

– E eu não sou exatamente o tipo de homem que morreria por orgulho – respondeu Sodutse – mas sei ser um homem que morre pela honra.

Sodutse segurou a pena e furou o dedo com a ponta fina. Carimbou a impressão digital na página com o próprio sangue. Depois disso, molhou o mesmo dedo com o nanquim derramado e carimbou novamente ao lado, confirmando que o duelo seria até a morte.

Uma salva de palmas ecoou na biblioteca. A notícia se espalhou como um raio. E os murmúrios percorreram o local:

– Quando será que vão marcar o duelo?

– Vão cobrar ingresso?

Porém, os dois tiraram os livros de dentro do manto naquele instante.

– Espera – murmurou alguém – isso é sério? Eles vão duelar aqui... e agora?

Todos sabiam que duelos de nanquim eram proibidos nos limites da academia. E especialmente dentro da biblioteca, embora fosse o local clássico e perfeito para os magos airodebaianos. Era o ambiente de poder, e com muito material disponível. Como ambos eram magos de livros, o fato não traria vantagens ou desvantagens para nenhum deles.

Sodutse recitou uma fórmula mágica de seu livro pessoal, escrito à mão com o próprio sangue.

– Euq es emrof o olucric od oirétsim, levísiv arap o rotiel sod serotiel.

E dos dizeres nasceu um círculo ao redor dele, composto por essas mesmas letras, pulsando energia mística.

Arutiel também formou seu círculo de proteção e poder com outros dizeres. E ambos passaram a ler seus próprios livros com velocidade impressionante, numa espécie de disputa por quem lia mais rápido.

Quanto mais rápido liam, as letras que compunham o círculo de um avançavam para o círculo do outro. As letras dançavam e se enroscavam girando no ar, formando duas esferas pulsantes.

Enquanto mais estudantes chegavam à biblioteca, outros optaram por fugir de lá rapidinho antes que a disputa ficasse violenta.

Subitamente, Sodutse rompeu a linha de concentração e pegou um dos livros da estante ao seu lado. Abriu-o rapidamente e recitou uma passagem aleatória:

– “Quando saio para tomar café, não o quero apenas quente. Eu o desejo fervendo”

Ao ler a passagem, voltou o olhar para Arutiel, sem piscar. Uma poça de café fervente formou-se aos pés dele.

Arutiel saltou para o lado e alcançou um livro na estante oposta.

– Seção 4, segunda prateleira! – ele exclamou, triunfante – “Aquele que nega e despreza o Fantasma Sagrado faria melhor se morresse por um raio e um trovão!”

Um raio quebrou a estante da qual Sodutse tirara seu livro. Um trovão estourou no ar. Sodutse jogou-se no chão e tapou os ouvidos.

Quando levantou-se, alcançou um dos livros que deixara na mesa. Ele apenas tocou a capa e fechou os olhos. Isso simbolizava que ele lera o livro completo e estava tirando a essência do livro, em busca de uma magia muito mais poderosa.

– Merda...! – exclamou Arutiel, apavorado – esse é o livro do...!

Sodutse abriu os olhos. Em seus dedos estava uma cruzeta e os fios eram conectados a diferentes partes do corpo de Arutiel, como uma marionete.

Com um movimento de mãos, Sodutse fez Arutiel ajoelhar-se e elevar as mãos ao céu.

Salve o Senhor no Caos

– Meu segundo movimento irá desmembrá-lo completamente – alertou Sodontse – primeiro os seus pulsos serão cortados e suas mãos cairão. Seus tornozelos serão cortados e os pés partirão. Os joelhos e cotovelos serão cortados. Os ombros e coxas irão se partir. O tronco e o pescoço. Você apenas deve fazer a escolha de clamar para que eu mova a cruzeta, por misericórdia, ou eu a largarei na estante.

– Eu jamais clamaria por misericórdia – disse Arutiel.

Sodontse respirou fundo e apoiou a cruzeta na parte superior da estante.

– Méugnín iav rírefretni.

E, após lançar esse feitiço para lacrar o local, retirou-se da biblioteca com um livro debaixo do braço, cujo título era: “A Morte pela Fé”, de Paulo L.H.

Uma frieza profunda estava encerrada em seu rosto e todos os que o viram sair da biblioteca naquele dia diriam depois que era uma das expressões mais indiferentes que já viram em alguém.

No entanto, Sodontse estava se segurando. Agiu assim para que não desabasse ali mesmo. Estava se sentindo terrivelmente mal. E proibiu que lhe dessem relatos a respeito dos lentos estágios da morte e sofrimento de Arutiel, que foi condenado a manter aquela mesma posição por longas horas até que, conforme movia cada parte do corpo alguns milímetros por acidente, uma delas era decepada.

A situação foi muito pior do que Sodontse inicialmente previu. O desgraçado poderia apenas ter movido o pescoço para que sua cabeça fosse arrancada e morresse de uma vez. Mas ele foi teimoso. Certamente tentou contatar seu Senhor na Terra ou mesmo o Fantasma Sagrado.

– Você devia ter feito como eu, pobre infausto, e não viver por esperanças... – pronunciou Sodontse para si mesmo, quando no outro dia escutou os relatos chocados e deliciados dos colegas, descrevendo quais partes do corpo tinham caído primeiro e o quanto ele gritou.

Não adiantava proibir que lhe contassem. Ele acabava escutando pelos corredores. Porém, quando viam Sodontse, todos se calavam na mesma hora.

Os professores tampouco puderam fazer algo a respeito. Depois que Sodontse lançou o feitiço de lacre, ninguém poderia usar magia para tirá-lo de lá. Principalmente porque era um duelo oficial assinado com

sangue e nanquim. E como foi Arutiel a propor, Sodutse não poderia ser punido, pois apenas cumpriu com sua obrigação de não ser um covarde e recuar.

Não adiantava procurar uma falha. Sodutse tinha feito tudo certo. Com exceção de uma única coisa: dar a escolha a Arutiel, de matá-lo de imediato ou de oferecer-lhe uma morte lenta e falsa sensação de possibilidade de salvar-se; o que, no fundo, não existia. Era um tipo de feitiço de destino: uma vez lançado, a morte era garantida nas próximas horas e era impossível pará-la.

Sodutse escolheu um livro pesado e um feitiço pesado. Mas não teve tempo para pensar. Ou agia rápido ou morria. E teria sido uma opção desrespeitosa entregar-se para a morte, pois seria uma desonra com o adversário. O combinado era que lutassem com todas as forças.

Talvez fosse aquele elemento que mais angustiava Sodutse: ele se sentia culpado apesar de ter feito tudo certo: aceitou o duelo, lutou bem, venceu. Tudo dentro das regras. Até mesmo realizaram um belo espetáculo para a plateia, com um final macabro do jeito que eles adoravam.

Sodutse também sentia que Arutiel tinha algo a lhe contar. Só podia haver uma razão maior para um duelo tão estupidamente insano. Os motivos dele não lhe convenceram. Ele morreria escondendo um segredo.

Principalmente depois daquele dia, não via a hora de finalizar os estudos na academia e sumir de lá. Não suportava mais os olhares e o medo. Antes era Sodutse que tinha medo de interagir com as pessoas. Depois daquilo, eram os outros estudantes que temiam interagir com ele.

Por isso, foi um alívio conseguir terminar todos os estudos pendentes e dirigir-se para o Bosque de Lem, onde Oãcome já residia. Ela já tinha saído da Ordem de Airodebas na época em que houve o duelo, mas aquilo tinha chegado aos ouvidos dela.

– Então você matou alguém, Sodutse de Airodebas – disse Oãcome – você sente que agora conhece mais sobre a vida e sobre si mesmo?

– Sinto que aprendi sobre uma parte terrível da vida – respondeu Sodutse – e algo ainda mais terrível sobre mim mesmo.

– Então você não entendeu nada. Você nunca ouviu dizer que a vida eterna é a maldição das maldições?

Salve o Senhor no Caos

– Pode até ser, mas isso não torna uma morte violenta uma bênção – retrucou Sodutse.

– Não importa se a morte é calma ou agitada – esclareceu Oãçome – morte é apenas morte. É algo que acontece. É destino. Você gostaria de fugir do seu destino, Sodutse?

– Parece Cristiano falando, embora eu nunca o tenha ouvido falar – disse Sodutse – que estranho. Por que sinto como se tivesse escutado?

– Porque você possui um pedaço da alma do seu Senhor na Terra. Algumas vezes você pode conseguir ver algumas coisas que ele viu.

– Não sei se quero ver. Pode ser que ele tenha feito coisas terríveis.

– Por que tem tanto medo das coisas terríveis? – perguntou Oãçome.

– Não é óbvio? Por serem terríveis.

– A melhor maneira de lidar com seu medo é enfrentando-o. Isso significa que quanto mais você lida com a realidade da morte, mais irá aceitá-la.

– Não preciso me tornar um mago como Lam apenas para vencer meu medo – disse Sodutse – até porque ele mesmo diz que medo é necessário para completar o processo mágico. Para gerar emoção e adrenalina. Mas eu vejo meu medo como um resquício de sanidade. Não quero perdê-lo. Se eu o perdesse, o que me impediria de matar alguém ou me matar?

– Sua consciência?

– Há quem diga que a consciência nada mais é que uma conversa com o Fantasma Sagrado. Mas não sei se quero conversar com ele. Acho que o temo também. E não quero perder esse medo.

Oãçome sorriu.

– Você é o covarde dos covardes. Sua existência inteira emana medo. Você teme as pessoas, teme a vida. Será que ficou tanto tempo trancado com seus livros que se esqueceu de viver?

– A vida se tornou uma lenda – confessou Sodutse – eu apenas conseguia vê-la pelos livros. Eu não a vivia eu mesmo.

– Qual é o seu livro preferido, Sodutse?

Ele relutou antes de responder.

– Era o livro que usei para o duelo. Para a magia derradeira. Por essa razão, provavelmente hoje é o livro que mais odeio.

– Por isso você o venceu tão rápido. Sendo seu livro preferido, já deve tê-lo lido várias vezes e a emoção emanada para ativar a magia foi muito forte. Conte-me como ele é.

– É uma história com ensinamentos escondidos – explicou Sodutse – sobre um menino que sempre foi muito obediente e fazia tudo o que seu Deus mandava. Até que um dia ele cometeu um erro. O menino sabia que era um erro, mas fez mesmo assim. Então ele foi castigado por Deus. O menino persistiu no erro e não se arrependeu. Por isso morreu pelas mãos desse Deus. Mas Deus disse uma coisa engraçada no final. Ele falou: “Se você tivesse feito tudo errado durante toda a sua vida, mas se arrependido no último segundo, eu teria te salvado. Mas você fez o contrário: fez tudo certinho pela vida inteira e cometeu um erro no último instante”. Então o menino disse: “Deus, meu relógio estava um segundo adiantado. Posso arrumar meu relógio?” E Deus respondeu: “Teu relógio é temporal, mas o meu é eterno. Por isso, fica sempre vigilante”.

– E qual é a moral dessa história infeliz e sem sentido? – perguntou Oãcome.

– Não sei se tem moral – respondeu Sodutse – é basicamente uma história que Paulo escreveu para assustar seus seguidores na Seita do Leitorado das Horas. Eles nem adoravam Deus, então acho que foi uma piada ou uma paródia. Afinal, a seita dele venera o relógio. A vida deles é regida pela passagem das horas e a cada hora eles sempre fazem uma coisa diferente.

– E por que esse é seu livro preferido?

– Porque quando me lembro de ter acordado para a vida, eu estava na casa do meu Senhor na Terra – explicou Sodutse – e ele tinha uma estante cheia de livros, alguns escritos pelos amigos dele. Esse era um deles. Foi o primeiro livro que li. Gostei tanto que li várias vezes. Mas olhando para trás, acho que gostei porque era a única coisa que eu conhecia. Tive medo de ler um segundo livro e não ser tão bom quanto o primeiro.

– Eu acho que você estava com medo que fosse melhor e assim não conseguisse mais parar de ler – disse Oãcome.

– Pode ser – Sodutse sorriu – até que faz sentido.

Salve o Senhor no Caos

– E agora é a hora de perder o medo de não ter mais certos medos – instruiu Oãcome – vou te ensinar a meditar, para que aprenda a sentir sua alma e seu coração. Vai compreender a conexão que possui com seu Senhor na Terra e como quebrá-la se um dia for necessário.

– E se nunca for necessário?

– Você acaba usando em algum momento da vida quase todas as coisas que aprende, de maneiras que nem imagina. Por isso, não questione tanto quando tiver vontade de aprender algo. Apenas siga sua paixão e aprenda. Uma paixão é algo raro e precioso. Inspire-se por ela e mergulhe na vontade da vida, sem arrependimentos.

– Só vou aprender isso porque você está me mandando e não por paixão.

– Eu me lembro que você me disse que suspeitava ter algo de valor a aprender comigo. Pode ser isso. Então não perca nenhum detalhe.

Sodutse treinou por um tempo considerável com sua nova mestra, até que começou a sentir sensações e dores incômodas. Estava começando a descobrir tanto sobre sua alma e sobre seu Senhor na Terra que resolveu escapar.

Quando escolheu morar numa biblioteca, sentiu-se muito bem. Aquele era um lugar que gostava, apesar das más recordações. Passou a ler livros diferentes e sua paixão por livros retornou com força total.

Resolveu que não pensaria mais em conhecer sua alma ou o tal Fantasma Sagrado. Iria aguardar ser chamado por seu Senhor na Terra e leria livros de outros assuntos nas horas vagas. Com a sua profissão de copista tinha um mínimo de sustento. E foi confortável viver assim por um tempo.

Mas sempre que ficava muito tempo longe de seu Senhor, ainda sentia um vazio. Sentia que já era hora de se rebelar e procurar servir outro humano na Terra. O Senhor na Terra de Aigam foi o mais fácil de conquistar, já que naquela época de sua vida ele desejava ânimo para estudar, o que era sua especialidade.

Sodutse estava determinado a ser bem sucedido. Até roubou o cajado de Aigam para garantir que ela não lhe traria problemas. Mas o cajado trouxe um novo problema, devido a um pequeno detalhe: o olho de Zap.

Através daquele olho, o Senhor na Terra de Zap podia acompanhar as atividades de Sodontse. E a cada dia, esse Senhor na Terra sentia mais raiva.

Quando Sodontse voltou para Quepar, Lam ergueu-o pelo manto e meteu-lhe um soco na cara.

– Que merda foi essa, Sodontse? Pretendia enfurecer nosso Senhor?

Sodontse, caído no chão, limpou o sangue do nariz com a manga.

– Ele mal se lembra da minha existência. Ele nunca me usa. Aposto que só me chamará no momento de sua morte.

– Você não sabe o que está dizendo. Sua função é apenas obedecer e ficar quieto! Não precisa fazer mais nada. É assim tão difícil, sua criança mimada?

– Não fazer nada não faz sentido para mim – confessou Sodontse – eu estudei tanta magia para não ser usado? Eu ia morrer sem fazer diferença no mundo.

– Eu não me importo com os seus valores – disse Lam – três magistas arriscaram a vida para te salvar. Você sabe que o Senhor na Terra de Aigam podia ter matado os três naquela situação. Incluindo sua própria servidora.

– Por quê?

– Porque ele tem o poder para fazê-lo. É o que acontece com servidores que vão para a Terra sem serem chamados: ficam sem proteção nenhuma.

Sodontse baixou os olhos.

– Me desculpe. Eu errei.

– Essa sua rebeldia é má influência daquela sua mestra estúpida chamada Oãçome, não é? – perguntou Lam – Com essa história de não servir ao próprio Senhor na Terra. Ela pensa que vai escapar com vida dessa brincadeira. E quis te arrastar junto.

– Mas eu precisava escutar o ponto de vista dela. Tinha que me certificar de que não era a verdade. Aquilo que aprendi ser a verdade podia ser uma mentira disfarçada.

– A realidade é muito mais simples do que você imagina – disse Lam – os seus livros te deixaram louco. Você leu tantas teorias metafísicas ridículas que está enxergando conspirações em tudo. Seu propósito é muito fácil de explicar: nascer e morrer! Não pense que sua existência é

Salve o Senhor no Caos

assim tão importante. Se você viver trancado numa biblioteca a vida inteira ou brincando de salvador do mundo, esse ato não terá nenhum impacto relevante. A não ser sobre sua própria mente, que é tão delirante que te faz acreditar que sua existência faz realmente diferença.

Sodutse sentiu-se triste. Lam riu da tristeza dele.

– Estou te fazendo um favor. É meu papel como seu irmão mais velho te alertar sobre a verdade do mundo. E se está mesmo determinado a buscar a verdade, aceite-a quando ela está debaixo dos seus olhos e não viva apenas procurando uma que lhe pareça bonita ou conveniente! Se é isso mesmo que busca, você nunca vai encontrá-la.

– Obrigado, Lam.

– Por que está me agradecendo?

– Porque eu acho que você está certo.

– É engraçado como mesmo você tendo lido infinitamente mais que eu, ainda assim sou eu que estou certo e você que está errado – observou Lam – ainda acha que a tal verdade está escondida em livros? Ou que está em algum pedacinho escondido da sua mente insana, como Oãcome te ensinou a procurar? Quando você lê os livros que gosta ou vive perscrutando sua própria mente em silêncio, está apenas alimentando cada vez mais seus medos e fantasmas preferidos.

– Então você acha que eu devo encarar a vida real e interagir com as pessoas? – perguntou Sodutse – Será que estou mesmo fugindo?

– Eu não me importo com o que você faz. Apenas não encha meu saco. Não me arrume problemas! Porque eu já tenho os meus. Como o processo de transição da minha alma para a irmã de Breno.

Sodutse ficou assustado.

– O mestre vai morrer?

– Um dia todos morreremos – respondeu Lam – mas eu ainda tenho negócios pendentes. Por isso, irei solicitar a mudança. Ela também não terá muitos anos de vida pela frente. Eu não me importo, já que não precisarei de muito mais tempo.

– Você acha que eu deveria morrer com o mestre?

– O quê? – perguntou Lam, confuso – Ele ainda não te informou nada sobre isso?

– Do que está falando?

– É melhor que vocês dois conversem quando for a hora – decidiu Lam – não vou me meter nisso. Não quero ouvir os seus choramingos no meu ouvido. Já ouvi demais.

Quando Sodontse ouviu a notícia de que seu Senhor na Terra estava morrendo, vinda da boca de seu próprio mestre, ficou profundamente deprimido. Passou os próximos dias trancado na biblioteca pensando no que faria. Estranhamente, não conseguia finalizar nenhum livro que começava. Até que, tomado pelo sono e exaustão, dormiu em cima de um dos livros.

Ao acordar, Zap estava ao seu lado, sentado numa das cadeiras da Biblioteca de Só.

– É muito raro eu te ver dormir lendo – observou Zap – esse livro estava tão chato assim?

Sodontse esfregou os olhos.

– Estou apenas preocupado – disse Sodontse – porque terei que tomar uma decisão terrível.

– Não pode me falar a respeito?

Sodontse fez que não.

– Quanto tempo terá para fazer essa escolha?

– Provavelmente poucas semanas.

Naquele instante, Zap sentiu um chamado.

– Que coisa estranha – disse Zap – meu Senhor na Terra raramente me chama nesse horário. O que será? Espera um pouco, Sodontse. Daqui a pouco eu volto. Isso se não ocorrer alguma distorção temporal de novo...

Zap seguiu o caminho da dimensão da Terra, sob a proteção de seu Senhor. Chegando lá, ajoelhou-se. E sentiu aquela sensação maravilhosa e inesquecível, sempre presente quando estava próximo daquele que lhe deu a vida.

– Zap, que bom que está aqui. Tenho um serviço para você.

– Qualquer coisa que quiser, mestre – disse Zap, imensamente feliz por poder ser útil – obedecerei sem questionar.

Afinal, o que poderia ser melhor do que servir ao seu Senhor na Terra? Era o que conferia significado à sua existência. Era seu dever divino e absoluto. A única certeza numa vida de incertezas.

Salve o Senhor no Caos

– Você se lembra do melhor amigo do meu pai? – perguntou o Senhor na Terra.

– Sim – respondeu Zap, de imediato – foi a pessoa que o matou.

– Essa pessoa se chama Breno. E ele usou um servidor para matá-lo.

– Estou ciente, senhor. Esse servidor se chama Lam de Argen, e é extremamente poderoso. Deseja que eu faça algo a ele?

– Você está completamente errado. Breno usou outro servidor para matar Cristiano. E esse servidor se chama Sodutse.

Zap teve que segurar o riso.

– Perdão, senhor – disse Zap – eu conheço Sodutse. Ele não faria mal a uma mosca. Ele é um servidor de estudos. Breno o abandonou há muito tempo. E ele sequer existia na época em que Cristiano morreu.

– Ele já existia nessa época. E ele não foi abandonado por Breno.

– Então Sodutse está mentindo? – perguntou Zap, desconfiado.

– Eu vou te dar dois serviços para realizar ainda hoje – informou o Senhor na Terra – o primeiro será comunicar-se com Ohlarac, o servidor de Cristiano. Ele estava presente no momento da morte e saberá lhe revelar quem foi o servidor que o matou.

– Ohlarac é o servidor de mestre Onai? – perguntou Zap, cada vez mais surpreso – mas isso não pode ser! O Senhor na Terra de Ohlarac é uma mulher chamada Natália.

– Ela é sua segunda – disse o Senhor na Terra – mas Ohlarac foi criado por Cristiano.

– Cacete! É por isso que Ohlarac é tão forte. Ele foi criado pela lenda. Agora sim que quero conversar com Ohlarac. Ele escondeu um monte de coisas da gente esse tempo todo. Ele terá muito para contar. E qual será minha segunda missão?

– Eu quero que você mate Sodutse.

Zap quase engasgou.

– Você nem tem certeza de que foi ele que matou Cristiano – disse Zap.

– Tenho quase certeza. Você irá confirmar a história com Ohlarac. Mas seria bom matar Sodutse de qualquer forma, apenas como garantia.

– Como garantia, hã? – perguntou Zap, sem acreditar – Ele é um grande amigo meu. Não quero matá-lo.

– E se o mestre dele tivesse mandado que ele te matasse, o que você faria?

Zap ficou quieto por um momento.

– Não importa o que ele faria em meu lugar – disse Zap – só sei que não sou capaz de fazer isso.

– Então você prefere morrer a matá-lo? – desafiou o Senhor na Terra – Porque é exatamente isso que vai acontecer se você me desobedecer. Deseja morrer agora?

– Espera! – disse Zap, em desespero – Ainda nem conversei com Ohlarac! Me deixe falar com ele antes. Ele também é bom em dar conselhos.

– Vocês servidores não valem nada. Por que dão tanto valor às próprias vidas? São apenas entidades imaginárias criadas por nós, que têm uma vida curta e podem desaparecer a qualquer momento que desejarmos. Vocês só precisam ser úteis para nós. O resto não importa.

– Uma vez eu também escutei que os humanos são apenas seres criados pela imaginação do Deus da Terra – disse Zap – e que perto da vida desse Deus, a vida humana era como um sopro.

O Senhor na Terra deu um chute na cara de Zap, pelo atrevimento.

– Eu não acredito em Deus! – ele exclamou – foram os seres humanos que criaram Deus e não o contrário! Porque precisavam desse Deus imaginário para fingir que suas vidas tinham um propósito. Mas esse Deus sequer existe e não vale nada.

– Então foram os servidores que criaram os seres humanos? – desafiou Zap, ainda sentindo o rosto arder – sendo assim, os humanos são apenas imaginários e nós precisamos que existam para fingir que nossa vida tem um propósito. Mas vocês não existem, não valem nada. Então não devo acreditar em vocês?

O homem ficou confuso.

– Eu não posso provar se sou real ou imaginário – ele confessou – uma vez um humano chamado Descartes afirmou que pensar é condição suficiente para provar a existência.

– Eu também penso – alegou Zap.

– Mas os seus pensamentos são apenas projeções do meu próprio pensamento.

Salve o Senhor no Caos

– E como você pode afirmar que seus próprios pensamentos não são apenas projeções do pensamento de Deus?

– Pare de bancar o espertinho! – ele se enfureceu.

– Também não posso provar se sou real – disse Zap, por fim – então por que não deixamos o papo ontológico de lado e vamos ao que realmente interessa? Não sei se Sodutse é real ou imaginário, mas tenho certeza de que ainda assim não quero matá-lo. Mesmo que ele seja apenas a imaginação de alguém, eu ainda gostaria que ele fosse lembrado.

– Isso é muito comovente – zombou o homem – mas eu não vou deixar de vingar a morte do meu pai só porque meu servidor está tendo um dilema existencial. Apenas vá lá e faça seu serviço. Para mim, as pessoas que conheço ainda são mais reais e importantes do que os seres que crio na minha cabeça, embora eu não saiba explicar a razão. É meu coração falando mais alto. E com esse coração irei vingá-lo.

– Por que quer vingar seu pai? – perguntou Zap – Você gostaria que ele vivesse para sempre? A vida eterna é a maldição das maldições. Cristiano apenas cumpriu seu destino.

– Se você pensa assim, apenas vá lá e mate seu amigo. Cumpra seu destino!

– E quem decide meu destino não sou eu?

– É seu Senhor na Terra!

– E quem decide o seu destino é seu Deus, certo? – perguntou Zap – Então se eu conseguir me comunicar com o Deus de vocês posso ser capaz de alterar meu destino também.

O homem suspirou.

– Você está complicando algo extremamente simples! – berrou ele – Apenas mate Sodutse!

– Não quero e acho que eu não conseguiria. Dizem que ele é forte.

– É claro que ele é forte! Ele foi inventado pelo Criador de Quepar! Mas você também é forte, pois foi criado pelo filho do lendário Cristiano. O criador de Sodutse já se submeteu às ordens de meu pai, então submeta esse servidor às suas ordens!

A cabeça de Zap estava zunindo.

– Ainda estou precisando processar a informação – confessou Zap – irei imediatamente conversar com Ohlarac. Depois disso, tomarei minha decisão.

Wanju Duli

- Qual decisão? Se você quer viver ou morrer?
- Sim, essa mesma – confirmou Zap.
- E como essa decisão pode ser assim tão difícil?
- Eu sinto que sou um pouco mais que meu corpo – confessou Zap
- e existe algo mais importante que a vida ou a morte do meu corpo, que é a minha consciência. Em Quepar ela é chamada de Fantasma Sagrado.
- Por que a chamam assim?
- Antes eu não acreditava. Agora eu sinto como se houvesse um fantasma que vive pairando sobre meus ombros. Esse fantasma segura uma foice e está sempre preparado para cortar minha cabeça a qualquer momento. Então, se eu realizar o menor deslize nas minhas ações, minha cabeça pode rolar para um lugar diferente. Posso ter um destino maravilhoso ou um destino terrível.
- Há apenas uma vida – retrucou o homem, com ceticismo – há apenas uma chance.
- E é exatamente por isso que não posso errar. Eu não temo ser condenado por um ser espiritual após a morte e sim condenar a mim mesmo por minhas escolhas nessa vida. Por isso vou pensar bem. E se eu optar por matar Sodutse mesmo assim, eu somente irei fazê-lo se eu concluir que aceitarei lidar com as consequências.

PARTE 3

Capítulo 1: Ela é minha Rainha

– Isabel, eu fico cada dia mais admirada contigo – disse-me Beatriz – a tua personalidade é contagiante, impressionante! Tu és calma, centrada, uma verdadeira princesa.

Eu apenas dei um sorriso leve.

– Não sei se mereço tantos elogios, mas sei que é um grandioso presente ter uma amiga como tu – eu disse.

Peguei na mão dela e Beatriz ficou imensamente feliz. Minhas outras três amigas também sorriram. Elas me amavam demais e eu as amava.

Estávamos reunidas naquela tarde para um chá na casa de Marina. Colocamos vestidos bonitos e trouxemos bolinhos. Trocávamos novidades.

– Posso pentear os teus cabelos? – perguntou-me Elaine, ansiosa por fazê-lo.

– É claro – confirmei.

Ela era totalmente apaixonada por meus longos cachos negros. Elas diziam que eu parecia uma boneca. E como eu enchia de maquiagem o meu rosto redondo e vivia de saias e vestidos, eu apenas reforçava cada vez mais a minha essência feminina. Só escolhia os perfumes mais doces e os brincos mais delicados. Eu tinha um colar de coração com contas brilhantes.

E tudo o que eu fazia as encantava. Elas se miravam em mim.

– Tu és linda demais!

– Queria ser como tu...

– Não diga isso, Marina – repreendi-a – todas vocês são fantásticas e lindas, cada uma de seu modo particular e único.

– Mas é como se tu tivesses nascido para ser uma rainha – insistiu Fátima.

Eu sorri.

– Que acham de finalizarmos agora com uma leitura de cartas? – propus a elas – e depois reuniremos as mãos para o poema de despedida.

Nós éramos magas.

Aquele era nosso grupo: o Reinado dos Mundos. Falávamos bastante sobre assuntos espirituais e nossa união era muito forte. Todas usávamos o mesmo anel com uma coroa. Os membros eram chamados de princesas. E eu, a líder, era a rainha.

Nós nos conhecemos na universidade, no curso de assistência social. Desde o primeiro dia de aula chamei a atenção delas pela minha aparência impressionante. Eu me arrumava muito, sempre. Jamais cometia o menor deslize.

Eu acordava todo dia às quatro da manhã para começar a minha produção. Tomava banho, me depilava, passava cremes e colocava uma cuidadosa maquiagem, com base, batom, sombra, delineador e tudo mais que fosse adequado para o clima do dia e para a roupa que eu usaria. Depois eu fazia chapinha no cabelo e passava babylliss para moldar cachinhos perfeitos.

Minhas roupas estavam sempre muito bem arrumadas e passadas no guarda-roupa, pois eu era organizada e perfeccionista. Eu usava botas e sapatos com salto bem alto, para estar frequentemente elegante. E a maior parte de minhas saias e vestidos eram acima do joelho. Quando eram curtos em excesso, eu usava com uma meia-calça. Mas eu não gostava muito de decotes. Gostava mais de mostrar as coxas, que eram a parte do meu corpo que eu mais apreciava.

Minha personalidade era serena, calma, tranquila. Todos diziam que eu era encantadora e gentil. Eu tentava ser agradável com as pessoas, fazia trabalhos voluntários e era particularmente boa em tarefas domésticas. Eu amava cozinhar, costurar e arrumar a casa.

Para mim, lavar, passar e organizar cuidadosamente minhas roupas era um passatempo maravilhoso. Eu me deleitava em manter a casa toda arrumadinha e era encantada por decorações. Adorava flores e já era conhecida pela moça da floricultura. Eu mesma cozinhava a maior parte das coisas que comia e eu até tinha costurado algumas de minhas roupas.

“É a esposa dos sonhos”. Eu já tinha ouvido constantemente essa frase. E desde meu ensino médio, quando eu começara a me viciar em me arrumar, eu já tinha sido pedida em namoro diversas vezes pelos rapazes. Mas eu sempre recusei educadamente.

Quando fiz minhas quatro amigas na universidade e nos tornamos inseparáveis, elas também não entendiam como uma garota “perfeita”

Salve o Senhor no Caos

como eu nunca tinha arranjado um namorado. Quando eu revelei a elas que eu era lésbica, elas ficaram muito surpresas. E no começo não entenderam.

– Você se tornou lésbica por achar os homens machistas? – perguntou Fátima.

– Não é isso – expliquei, pacientemente – eu já nasci assim, gostando de meninas. É algo natural para mim. Sempre fui encantada pelo misterioso universo feminino. Eu entendi que desejava estar ao lado de uma garota.

– Então você não gosta de garotos?

– Eu gosto deles, acho que são muito simpáticos – respondi – porém, tenho poucos amigos do sexo masculino, já que sempre me senti mais à vontade perto das meninas. E para namorar, definitivamente quero uma mulher bem delicada e feminina.

– Então você quer namorar um clone seu! – riu Marina.

Acredito que as quatro eram heterossexuais antes de me conhecer. Mas desde que começamos a andar juntas, elas passaram a gostar tanto de mim e amavam tanto minha visão de mundo que eu não duvidava que aquela amizade que elas nutriam por mim estivesse virando quase uma paixão.

Eu mesma aos poucos estava me apaixonando por Beatriz, mas ainda relutava em me aproximar. Nós cinco éramos tão amigas, então o que aconteceria se duas de nós começássemos a namorar? Talvez a nossa amizade não fosse mais igual.

Eu era profundamente introspectiva. Estava desejando cada vez mais me conhecer para descobrir o que eu verdadeiramente queria para mim, pois aquele seria um momento importantíssimo da minha vida.

Por isso envolvi-me com magia: eu acreditava que não somente minha existência mas também o mundo e todas as pessoas que eu conhecia eram mágicos. Para mim, tudo poderia ser transformado em magia: meu chá e os bolinhos, a escolha das roupas que eu usava, o elo poderoso que ligava aquela amizade.

Eu tornava cada pequena porção da minha existência um ritual. Todas as manhãs, quando eu me produzia para o dia, transformava aquela atividade numa meditação, concentrando-me para que minha presença inspirasse as pessoas; para que eu pudesse fazer diferença na

vida de alguém. E que minha beleza não estivesse somente fora, mas se interiorizasse.

Cada cacho do meu cabelo que eu moldava, eu convertia, através daquele ritual, num facho de bondade no meu coração. Quando eu cozinhava um bolinho transferia minhas energias para ele, pois assim quem o consumisse se encheria de amor.

A prática consciente e direcionada de magia tornou minha existência ainda mais significativa. Passei a vigiar mais meus pensamentos e minhas palavras. Cuidava cada vez mais para não ferir os sentimentos das pessoas. E cada vez que havia um encontro para um chá, nós cinco recitávamos poemas, líamos cartas, meditávamos e até chamávamos espíritos para abençoar aquele encontro e fortalecer cada vez mais nossa amizade.

Por fim, nos abraçávamos, sorriamos, nos encantávamos com a existência uma da outra. Eu não tinha palavras para explicar como eu amava aquelas quatro.

– É verdade que você criou um servidor? – perguntou-me Marina, interessada.

– Sim! – exclamei, contente – Já faz um bom tempo. O nome da minha servidora é Oaçome, porque ela rege as emoções. Quero ser capaz de equilibrar minhas emoções cada vez mais para servir melhor as pessoas. Mas também não quero me chatear demais quando eu fugir do controle.

– Você nunca foge do controle, linda – riu Beatriz – você é um anjinho!

– O anjinho aqui é você – comentei, maravilhada.

Beatriz era baixinha, pequena e com uma voz suave. Às vezes eu tinha vontade de abraçá-la como um ursinho e não largá-la nunca mais. Ela era tão fofinha! Tímida e queridinha.

Um dia ela chorou porque viu um passarinho morto na calçada. E não conseguiu parar de chorar pelo dia todo. Então eu retornei com ela para o local, colocamos o passarinho numa caixinha e enterramos. Nós o homenageamos também, levando flores.

Assim que nosso ritual acabou, choveu. Mas nós não saímos de lá. Permanecemos apenas sentadas na calçada e abraçadas. Ela deitou no

Salve o Senhor no Caos

meu ombro. Eu trançei os meus cabelos com os dela e finalmente, após um dia repleto de lágrimas, Beatriz sorriu para mim.

Foi naquele dia que demos nosso primeiro beijo. Trocamos um beijo totalmente apaixonado, encostando os lábios e aprofundando cada vez mais. O nosso abraço também foi forte. Eu não queria largá-la. Queria fazê-la parte de mim.

Beatriz era muito sensível. Ria e chorava com pequenas coisas. Naquele momento eu descobri que ela era a pessoa que eu mais amava no mundo.

Eu e ela éramos muito parecidas, mas ao mesmo tempo diferentes. Eu também me parecia um pouco com uma boneca, mas eu era um pouco mais alta e elegante, com um tipo tradicional de beleza. No caso de Beatriz, eu apenas sentia vontade de apertar as bochechas dela e protegê-la para sempre.

Quando parou de chover, Beatriz convidou-me para ir até sua casa, pois ela morava ali perto. Estávamos ensopadas da chuva, então ela disse que eu poderia tomar um banho e dormir lá.

Porém, eu apenas baixei a cabeça e recusei, sem dar explicações. Desculpei-me. E Beatriz ficou triste, sem entender.

Nós cinco estávamos tão amigas ultimamente que nossos chás e encontros uma na casa da outra se tornaram cada vez mais frequentes. Mas quando comecei a dormir na casa das minhas amigas, passei a sentir medo. O quanto iríamos aprofundar a amizade? O quanto elas descobririam sobre mim?

Beatriz ficou confusa, pois quando ela me pediu em namoro, uma semana depois de nosso beijo, eu disse a ela que iria pensar. Naquele dia, eu cheguei em casa, afundi a cabeça no travesseiro e chorei.

Deitei-me no colo de Oãçome, minha servidora, que apenas afagou meus cabelos.

- Por que está tão triste, minha querida Isabel?
- Eu estou com medo – confessei.
- Com medo que elas descubram quem você é? – perguntou Oãçome
- E você se envergonha de quem você é?
- Não me envergonho – falei – mas tenho muito medo da reação delas. Podem pensar que foram enganadas. E eu já dormi na casa delas. Já as vi de camisola. Vi até algumas delas de calcinha e sutiã. Elas podem

pensar que sou um tarado, só porque tenho corpo de homem. Mas... por dentro sou mulher! Sempre fui uma mulher lésbica e nunca tive dúvidas disso. Eu apenas nasci no corpo errado.

– O que você daria para que suas melhores amigas não ficassem chateadas contigo? – perguntou Oãçome.

– Qualquer coisa.

– Eu tenho o poder para fazer com que elas continuem a te amar, independente de quem você é. Eu só peço uma coisa em troca: que você me venere como Deusa e me sirva.

– Isso é fácil – eu sorri – até prefiro uma Deusa mulher, já que me identifico mais com o universo feminino. Você será minha Senhora em Quepar, Oãçome de Aserprus, até o fim de meus dias.

E o nosso pacto foi selado. Ajoelhei-me diante dela, que tornou-se Oãçome de Caos e passou a vestir o Manto do Caos, de oito cores. Tornou-se uma Forma de Deus.

Quando revelei para minhas amigas que eu era homem, elas ficaram muito chocadas. O que mais as chateou não foi o fato de eu ser homem, mas eu ter mentido.

Num primeiro momento elas se afastaram um pouco e as coisas não foram mais como antes. No entanto, como elas gostavam muito de mim, aos poucos foram se acostumando com a ideia.

Eu fiquei aliviada. Agradei Oãçome mil vezes.

– Eu e Beatriz vamos namorar – contei – será um pouco estranho a partir de agora, mas sinto que logo se tornará maravilhoso.

– Não foi fácil mexer com os sentimentos delas – contou Oãçome – eu realmente me esforcei muito. É claro que se eu não tivesse intervindo elas poderiam te perdoar naturalmente um dia, mas...

– Preferi não arriscar. Elas são muito preciosas para mim. E quando você me ajuda tenho mais forças. É verdade que você é a primeira servidora de Quepar a se tornar a Senhora de um humano?

– Isso é verdade. A maioria dos servidores temem tanto seus Senhores na Terra que não teriam coragem de propor algo assim. Além do mais, a maioria dos seres humanos quando adoram alguém só aceitam adorar a um tal de Deus no Céu. Aqueles que o negam não aceitam a ideia de adorar ninguém, a não ser que sejam abertos a outras manifestações religiosas.

Salve o Senhor no Caos

– Nós humanos somos de fato bem caprichosos em nossas crenças – reconheci – e quando colocamos uma ideia na cabeça é difícil tirar. O próprio Cristiano, que é um dos mais famosos usuários do sistema dos servidores de Quepar, afirmava que o dinheiro levava ao egoísmo e essa era uma crença dele. Mas não me vejo aprisionada pelo dinheiro. Adoro me arrumar, mas aprecio usar esse ritual como reflexo de beleza interior.

– É um desafio aceitar que a maior parte de nossas crenças são simplesmente paradigmas – concordou Oãçome – que podem ser alterados conforme a vontade, a medida que somos capazes de reconhecê-los como tal e nos soltar de alguns. Eu conquistei meu Manto do Caos porque fui capaz de mudar de linha de magia muitas vezes. Já vesti mantos de muitas cores até perceber que nenhum deles era a verdade. Ou que todos eram verdade, sob um ponto de vista diferente.

– Então preciso me soltar de tudo o que eu acredite ser a verdade? – perguntei.

– É suficiente que perceba que suas crenças são apenas crenças e não tudo o que há. Os seres humanos não estão prontos para soltar tudo ou iriam flutuar no nada. Se assim o fizessem, iriam voar e ninguém mais seria capaz de pará-los. Porém, esse pensamento é muito ambicioso. Há outro caminho: em vez de negar tudo, experimente abraçar tudo. Por isso uso todas as cores no meu manto em vez de cor nenhuma. Eu não desapareci, mas reapareci em todos os lugares.

– Então você conquistou o Manto Multicor do Caos após romper a obediência à sua Senhora na Terra, que sou eu – concluí – será que os seres humanos conseguiriam fazer o mesmo se obrigassem o Deus no Céu a se ajoelhar diante deles?

– Me desculpe – disse Oãçome – não conheço esse Deus no Céu de que falam. Apenas sei qual será meu próximo passo em Quepar: submeter o Fantasma Sagrado.

– E você irá tornar-se esse Fantasma Sagrado?

– Nesse caso eu teria que matá-lo, cometendo o pecado mortal de Quepar. Isso provavelmente me garantiria vida eterna e poder para destruir nosso mundo. Nesse instante, eu perderia o conhecimento de tudo que sou, pois a chama do meu coração se apagaria para sempre.

– Então o que você busca é perder o conhecimento da verdade em vez de adquiri-lo?

- Exatamente.
- E conquistar a vida eterna?
- Eu usaria essa vida eterna para quebrar o nosso mundo e não a teria mais. Ela não seria uma verdade, já que não haveria mais tempo e nem espaço. Portanto, eu deixaria de existir, já que não haveria mais dimensão nenhuma para eu repousar, e muito menos presente, passado e futuro.
- Então você não seria onipresente, pois não estaria em lugar algum – observei – não teria nenhum poder e nada saberia. Isso não é abdicar de sua posição de Deusa?
- Ou conquistá-la completamente – respondeu Oãçome – Quando quebro a concepção linear do tempo posso navegar por ele e saber tudo o que é, foi e haverá, pois estarei olhando de uma perspectiva fora do tempo. E quando quebro a concepção que temos do espaço, posso estar em todos os lugares quando não sou mais corpo, então estou em tudo sem estar em nada.
- Isso é muito complicado – confessei.
- Assim deve ser, pois estamos falando numa escala dimensional – explicou Oãçome – quando essas coisas acontecem eu manipulo partes de minha mente e do mundo. Então eu tenho impressão de que algo realmente aconteceu, mas é apenas um ponto de vista.
- De um ponto de vista você está morta e de outro está viva?
- Algo assim. Só preciso realizar uma mudança de paradigma.
- Isso significa que tudo é mental?
- Eu não tenho certeza se posso afirmar isso, ou você pode se confundir ainda mais – disse Oãçome – porque o que você entende por mente não é a mente de fato, mas apenas um pedaço. Nós também pensamos que sabemos o que é tempo e espaço, mas não sabemos de nada. É por isso que esses conceitos parecem não fazer sentido para a lógica formal, já que a montamos segundo o raciocínio limitado que possuímos.
- Deixando isso tudo de lado, eu só queria saber o que vai acontecer na prática – eu disse – depois que você matar esse fantasma não vamos mais nos ver?
- A verdade é que nem mesmo eu sei o que realmente vai acontecer nesse momento – confessou Oãçome – e talvez nem mesmo o Criador de Quepar saiba. Ele apenas jogou um monte de elementos em nosso

Salve o Senhor no Caos

mundo para manipularmos. Acho que eu descobri demais e fui muito longe. Mas já que cheguei até aqui, não vou mais retornar. É algo que devo fazer. Mas caso eu desapareça completamente, não se preocupe. Você está conduzindo a sua vida até aqui admiravelmente, Isabel. Continue assim, pois estou orgulhosa de você.

– Também tenho orgulho de ti, minha querida – eu sorri – e irei servi-la com todas as minhas forças enquanto precisar de mim. Se for necessário, até mesmo aceito ir para Quepar e ajudá-la.

Oãcome ficou impressionada.

– Nenhum ser humano jamais pisou em Quepar antes! É muito arriscado. Você faria mesmo isso por mim? O Criador pode ficar zangado.

– Eu gostaria mesmo de ter um papo com esse Criador – respondi.

– Dizem que ele está nas últimas. Não tem muito tempo sobrando de vida.

– Então é melhor nos apressarmos. Por favor, me chame se precisar.

– Combinado, linda – Oãcome piscou para mim.

Eu ajoelhei-me diante dela e Oãcome retornou para seu mundo.

Depois disso, fui para a casa de Marina para tomarmos chá. Ela me passou o bule e tiramos algumas cartas.

– Oãcome confia em mim – contei a elas – ela quer que eu a ajude a cometer o pecado mortal.

– E você vai ajudá-la a matar o Fantasma Sagrado? – perguntou Beatriz.

– Vou fingir ajudar – respondi – pois quero matá-lo eu mesma.

– Por quê? – perguntou Beatriz – Com que autoridade tu fazes essas coisas?

– Oãcome não me contou de onde vem seu poder: se é de mim ou do Fantasma Sagrado. Então também não direi com que autoridade faço essas coisas.

Capítulo 2: Sexo para sorrir

– Ohlarac, vem aqui, meu amor! Eu tô doidinha para fazer sexo contigo!

Alterei meu estado de consciência de pernas abertas na minha cama e evoquei meu servidor. Ele chegou e ajoelhou-se perante mim.

– Estou aqui para servi-la, madame – disse-me Ohlarac.

– Pois que me sirva sexualmente! – clamei, com um sorriso.

– Especialmente isso – concordou Ohlarac, sorrindo também.

E ele deitou-se sobre mim. No entanto, quando ele o fez e eu o toquei embaixo de seu manto reparei que havia alguma coisa errada.

– O que aconteceu? – sentei-me na cama – O teu pênis... que dó!

– Fui ferido em batalha.

– Oh, meu guerreiro forte e corajoso! Essa é a vantagem de ter três paus. Que bom que você ainda tem dois para me dar prazer! – exclamei – Quero que enfie os dois juntos na minha boceta.

– Como minha senhora ordenar – disse Ohlarac.

E Ohlarac enfiou seus dois cacetes duros dentro de mim enquanto mexia nos meus peitos. Aquele homem era um verdadeiro Deus na cama. Às vezes eu me perguntava se eu era mesmo a Deusa daquela nossa relação, pois o rei do prazer carnal era definitivamente ele.

Quando terminamos aquela trepada e ele gozou em mim, eu já tinha gozado pelo menos umas três vezes.

Minhas pernas estavam trêmulas de prazer.

– Fica aqui pertinho de mim – pedi, com meiguice.

E ele continuou deitado nu ao meu lado, agarrando-se em mim. Trocamos mais beijos molhados.

– Cara... tu é um sonho. As mocinhas do teu mundo não deliram quando deitam contigo?

– Deliram sim – respondeu Ohlarac, com um sorriso divertido – elas fazem fila para me comer.

– Que bom que posso te chamar sempre que quero – lambi os lábios – meu gostosão! O que acha de fazermos sexo todos os dias a partir de agora? Eu ando com tempo livre.

Salve o Senhor no Caos

– Queria mesmo conversar contigo sobre isso, Natália. Você não está a fim de transar com um homem de verdade? Quero dizer, um homem do seu mundo.

Fiz cara feia.

– Essa conversa de novo? Já trepei com vários caras daqui. E nenhum é quente como tu.

– Inicialmente você me chamou porque queria se tornar mais atraente. E conseguimos isso. Você ganhou cada vez mais beleza e confiança. Também me dá muito prazer ficar contigo. Mas não posso ficar contigo sempre.

– E se eu mandar que fique sempre? – perguntei – Você vai ficar, não é? E seremos muito felizes juntos.

– Eu não acho que o Criador de Quepar tenha feito nosso mundo para que vocês vivam de ilusões e sim para que passem a aceitar melhor o mundo de vocês.

– Quepar não é uma ilusão! – protestei – e você sua e tem calor como um homem quente e feroso. O que mais eu poderia querer? Eu sinto tua presença fortemente em mim.

Ohlarac sentou-se na cama. Somente de olhar para aquele corpo nu e para os cacetes eu já tinha um ataque. Era demais para meu coração.

Mas o olhar dele estava pensativo.

– Minha querida – começou ele – para um servidor é uma honra enorme fazer sexo com uma humana. É um prazer desejado por muitos. Especialmente por causa dos seios de vocês, que nos deixam loucos.

– Sei disso – falei, apertando nos meus peitos orgulhosamente.

– Ainda assim, eu me preocupo. Fazemos muitos duelos em Quepar e passamos por situações de perigo. Esse fato torna a nossa existência por aqui frequentemente instável. Eu posso desaparecer a qualquer momento, mesmo tendo tanta magia. E não queria te deixar sozinha. Por isso, é melhor que comece a tomar conta da sua vida nesse mundo, por garantia.

Eu não estava gostando do papo. Levantei-me da cama e vesti minha calcinha. Pedi que ele prendesse meu sutiã, o que ele fez com atenção e interesse.

– Você prendeu errado – eu disse, tirando o sutiã e jogando longe.

– Me perdoe.

Apenas enfiei uma baby look branca nos meus braços. Sem sutiã, os meus peitos ainda ficavam parcialmente visíveis por baixo da blusa, com meus mamilos duros roçando no tecido. Fui assim, de calcinha e descalça até a cozinha. Retornei com duas latinhas de cerveja gelada e joguei uma para Ohlarac.

– Está bem gelada mesmo – informei – aproveite!

– Muito obrigado – ele sorriu, abrindo a cerveja e bebendo com gosto.

Permaneci a observá-lo, sentindo um calor entre minhas pernas.

– Como é Quepar? – perguntei.

– Agradável.

– Deve ser melhor que aqui.

– Melhor com certeza não é – garantiu Ohlarac – mas sou feliz de viver lá. Todo servidor ama vir para a Terra. E seria o sonho de muitos permanecer aqui para sempre.

– Quero que você viva aqui comigo para sempre!

Ele riu com simpatia.

– Não tenho palavras para expressar minha gratidão – disse Ohlarac – afinal, o objetivo de todo nosso treino de magia em Quepar é exatamente servir vocês. No começo eu odiava meu mundo. Não tinha nada para fazer lá. Apenas uma academia para estudar magia e um parque vazio para caçar fantasmas. Dá para imaginar um lugar mais chato?

– Ainda me soa divertido. Eu gostaria de estudar magia com vocês. Aqui na Terra não temos muitos lugares para esse tipo de treino, já que a maioria de nós considera magia apenas uma superstição boba ou algo vindo de histórias de fantasia. Em compensação, algumas das crenças de nossas religiões parecem algo ainda mais fantasioso e ilógico que o mundo de vocês!

– Quepar começou a ficar mais divertido conforme o mundo cresceu. Antes era tudo meio morto. Depois passou a emanar vida conforme os humanos criavam cada vez mais servidores. Vocês são muito criativos. Então surgiram diferentes ordens de magia e atividades para recreação. Ainda tem muita bagunça no nosso mundo. É bem mais desorganizado que a Terra e a lei é uma lenda esquecida num papel, que Lam formulou e depois ninguém nunca mais mexeu.

Salve o Senhor no Caos

– Pelo menos lá vocês podem fazer sexo grupal no meio da rua sem ninguém incomodar – falei, com inveja.

– O problema é que há muitos magos poderosos lá, com poder suficiente para ferir gravemente e matar por qualquer acidente. Não sabemos como lidar com isso, pois não podemos simplesmente copiar uma situação correspondente aqui na Terra. De qualquer forma, por mais que eu reclamasse acabei me apaixonando por Quepar. Tenho meu bar e meu puteiro favoritos. Tenho amigos, tem o torneio anual. Já não me vejo vivendo sem essas coisas.

– Ah – falei, perdida – isso significa que não quer viver comigo? Mas, como você mesmo disse, aqui há mais coisas divertidas!

– Ninguém ia me enxergar e eu iria somente interagir com você e com um ou outro servidor que eventualmente encontrasse – disse Ohlarac – infelizmente, sou uma pessoa bastante sociável. Não creio que daria certo. Mas agradeço o convite, de coração.

Eu fiquei braba.

– Sou sua Senhora na Terra! Posso te prender aqui se eu quiser.

– Sim, você teria esse poder – concordou Ohlarac – mas só porque tem significa que vai abusar dele?

– Acho que vou – falei, sentando-me ao seu lado e brincando com os dois cacetes dele.

Os paus dele começaram a pular conforme eu mexia, porque ele estava ficando excitado.

– Mas hein? – Ohlarac riu – Pensei que eles já estavam adormecidos.

– Vou te fazer dormir rapidinho, meu amor.

Peguei um taco de beisebol, que eu guardava embaixo da cama, e golpeei-o na cabeça. Ohlarac desmaiou na hora.

Aproveitei para amarrar seus pulsos e tornozelos com uma corrente. A corrente era consagrada por mim e isso significava que servidores não conseguiriam quebrá-la facilmente. Também fiz um feitiço adicional para deixar Ohlarac preso lá. Assim ele não poderia usar sua magia de sexo contra mim, nem se ele quisesse.

Quando ele acordou, eu estava ao seu lado, vestida numa lingerie sensual vermelha, com salto alto e chicote.

– Fica de quatro – mandei.

Wanju Duli

Ohlarac obedeceu, ainda com a testa sangrando. Comecei a golpeá-lo na bunda e nas costas. Ohlarac apertou os olhos.

– Não vai gritar, é? – provoquei – Os teus gritos me dão prazer.

Dessa vez peguei uma clava com espinhos e golpeei-o com toda a força nas costas. Quando puxei, saiu pedaços de carne junto com sangue.

Agora sim Ohlarac berrou e caiu no chão.

– Achei que os servidores estavam mais acostumados a suportar a dor – observei.

Segurei os dois caralhos dele e amarrei uma fita cheia de espinhos. Conforme eu puxava a fita, os espinhos se enfiavam mais profundamente nos cacetes.

Ohlarac estava suando de dor e agonia. Eu o segurei pelo queixo.

– Vai ficar aqui comigo para sempre, amorzinho?

– Minha Senhora na Terra – pronunciou Ohlarac, com dificuldade – se tivesse mandado, eu não teria negado. Não precisava ter feito tudo isso...

– Torturá-lo também me dá prazer sexual – expliquei – ou você não gosta de sexo com tortura?

– Eu aprecio todo tipo de sexo, sem frescuras. Mas também tenho meu limite.

– O seu limite é muito baixo. Estou desapontada, Ohlarac! Você já grita com um pouquinho de sangue e carne que perde. O que eu faço contigo, seu imprestável?

E eu dei-lhe um tapa na cara. Quando fiz isso, algumas lágrimas rolaram do rosto de Ohlarac.

– Não me importo que me batam. Mas você...

– Você me ama, é isso? – provoquei – São apenas lágrimas de crocodilo! Quem você ama é aquela tal de Anax ridícula. Eu a desprezo! Acho que eu devia chamá-la aqui e matá-la na sua frente. Somente assim eu saberia se seu amor por mim é genuíno.

Ohlarac ficou quieto.

– Não vai dizer nada? – desafiei-o.

– Vocês, seres humanos, são extraordinários – disse Ohlarac – precisaram de um Deus para que se salvassem de vocês mesmos. Agora finalmente descobri onde está o Deus dos humanos de quem tanto falam.

– E onde ele está? – zombei.

Salve o Senhor no Caos

– No ódio que sentem. Pois quando sentem amor, vocês não precisam de Deus. Ele não está no amor e sim no desespero. É por isso que enlouquecem tanto: em seus anseios pelo divino. Nessa paixão por loucura e morte.

– Eu não acredito em Deus.

– É quando não acredita que mais precisa dele – retrucou Ohlarac – pois quem acredita não precisa, pois já o tem. Zombe de Deus e ele pulsará cada vez mais forte em ti, a arranhará, até que finalmente a destruirá.

Eu dei uma grande risada.

– Você está cometendo um erro. Está muito claro que desconhece as crenças humanas. Os fanáticos chamam de outro nome isso tudo que foi descrito por ti: este é o Diabo!

– Você não pode chegar a Deus de outra forma se não for pelo Diabo – garantiu Ohlarac, ardendo em dor – e é porque estou aqui sangrando no chão, irritado e humilhado, que finalmente consegui sentir o Deus de vocês. Pois vocês não o sentirão enquanto estão felizes. Só precisarão dele na dor. Não se deram conta ainda que o Diabo é Deus disfarçado? E o que chamam de Deus é o Diabo que tomou seu trono?

– Está delirando em dor – comentei, satisfeita – se for assim, então os Senhores na Terra de vocês não são os seus verdadeiros senhores. Deviam adorar aqueles que os atacam o tempo todo, que são os fantasmas.

Ohlarac riu.

– Sim, é isso! – exclamou Ohlarac, feliz da vida – Nossos verdadeiros Senhores na Terra estão escondidos lá! Muito obrigado, Natália! Você me fez enxergar a verdade.

– A verdade – pronunciei, com desagrado – por que todos são tão apaixonados por essa merda?

– Porque só se pode chegar à mentira pela verdade – brincou Ohlarac – e à verdade pela mentira. Por isso sempre nos mandam não mentir: através disso nós tocamos a verdade sem querer e descobriremos um grande segredo.

– Cale a boca!!

– Não posso, pois o sangue ainda corre em minhas veias.

Wanju Duli

– Eu cortarei todas as tuas veias para que o sangue não corra mais em ti.

– Pois é quando não tenho mais veias que o sangue corre mais forte.

– CALADO!

– É quando me calo que mais falo.

Ohlarac teve um acesso de riso e não conseguia mais parar.

– Ah, a cavalaria chegou – comentou Ohlarac, satisfeito – Aliança Mágica Salvadora, eu vos saúdo! Esse gozo foi forte, mas não foi tão mau. Feliz sou eu que não perdi mais um pau!

Virei-me para o lado. Três servidores pairavam diante de mim. Ataquei-os com um feitiço que eu sabia de cor. Destruí dois deles na hora, que foram completamente esquarterados. Mas o outro agarrou Ohlarac, quebrou as correntes junto com a mesa e, mais rápido que um raio, retornou à sua dimensão.

– Não importa o quanto fuja. Você é meu, Ohlarac de Oxes. Mantém tua ilusão de liberdade enquanto te convém. Eu irei quebrá-la com pompa e louvor, independente do raciocínio estúpido que ouse defender. Existe uma coisa muito maior do que tuas teorias cretinas: a realidade incontestável que desaba sobre a tua cabeça.

Capítulo 3: O Assassino de Onai

– Como vocês chegaram tão rápido? – perguntou Ohlarac, impressionado.

– Distorção temporal – explicou Zap – mas dessa vez foi o oposto da situação de Sodutse. Nessas poucas horas que você ficou aí, alguns dias se passaram aqui. Então tivemos tempo para organizar o pessoal para a AMS.

– Vocês me salvaram da minha própria Senhora – lembrou Ohlarac – isso é permitido?

– Quando está em jogo a vida do único servidor do Cristiano, tudo é permitido – respondeu Zap.

– Então você soube.

– Então eu soube – repetiu Zap – e eu tenho uma montanha de coisas pra te perguntar assim que a gente parar de sangrar.

Não era a primeira vez que Ohlarac e Zap iriam compartilhar o mesmo hospital. Ohlarac estava distraído folheando revistas e comendo maçã picada.

– Hã... mestre – disse Zap.

– Não me chame assim – disse Ohlarac, sem tirar os olhos da revista.

– Você parece estar bem relaxado depois de tudo que passou. Não foi muito doloroso que sua Senhora na Terra tenha te tratado daquele jeito?

– Doeu mais por dentro, mas eu consegui escapar da situação com bom humor. O que não achei engraçado foram os dois magistas que morreram para me salvar. Você os conhecia?

– Um deles era da minha ordem, Raxaler de Rezarp – respondeu Zap – e o outro era da ordem de Oirétsim. Eram caras legais.

– Que merda – disse Ohlarac, mastigando as maçãs e olhando para o teto – mas graças a eles agora posso comer essas maçãs. Será que vale a pena salvar uma vida entregando duas em troca?

– Acredito que nesse caso não se usa matemática.

– Quando existe uma pequena chance de os quatro escaparem vivos, acredito que ainda se use – observou Ohlarac – mas não sei quais são os

cálculos da AMS. Só sei que estou vivo, mas não tenho certeza se devo comemorar. Ainda existe vida na loucura?

– Talvez só exista vida na loucura. Se você não se tornar um pouco louco para adaptar-se à loucura dos mundos, não vai sobreviver.

Ohlarac jogou uma maçã para Zap.

– Agora para de enrolar e pergunte logo o que quer saber.

– É mesmo – disse Zap, endireitando-se – a pergunta pode soar estranha. Eu queria saber quem matou Cristiano.

Ohlarac franziu a testa.

– É realmente uma pergunta estranha – disse Ohlarac – pois todos sabem que foi Breno, ou ao menos foi essa a história que chegou a nós.

– Eu queria saber qual servidor Breno usou.

– Eu não estava lá – disse Ohlarac – cheguei quando meu mestre já estava morrendo.

– Como pode ser isso?

– Eu fui atacado por um fantasma no parque, bem nesse momento. Ele abriu minha barriga e matou minha amiga.

Zap ficou quieto.

– Por que não pergunta para Sodutse? – perguntou Ohlarac.

Dessa vez Zap sentiu um arrepio.

– Acho que Sodutse não era nascido...

– Então pergunte a Lam.

– Não sou amigo íntimo do irmão dele! – respondeu Zap, incomodado – Nem mesmo Sodutse fala com o cara. Lam não vai me dizer a verdade se não estiver a fim.

– Por que é tão importante saber disso?

– É confidência de pacto – disse Zap, pois essa era a expressão usada para se referir aos segredos entre o Senhor e seu servidor que não poderiam ser contados.

– Ah – disse Ohlarac – sugiro que se comunique com Aigoloncet. Ele atualmente está em um estado entre a vida e a morte, como se vivesse na internet que conecta Quepar e a Terra.

– Como ele pode me ajudar?

– Ele tem um banco de dados enorme, especialmente um banco astral. Pode ser que tenha imagens ou lembranças daquela época. Resíduo astral que pode ser sentido.

Salve o Senhor no Caos

– A internet não era muito forte nessa época.
– Ser existente já é o bastante para ter deixado algo para trás. Se quiser, procuro Aigoloncet contigo.

Os dois, sentados nas camas de hospital, requisitaram que lhes trouxessem alguns computadores, que eles conectaram em partes do corpo e na cabeça. Depois disso, eles se concentraram para se conectar magicamente.

– Eu sou uma merda em magia digital – confessou Zap – mas acho que ainda lembro das aulas de computação mágica que tive na escola.

– Eu te guio – disse Ohlarac – Aigoloncet não é o único servidor vivo na internet, mas deve se destacar bastante. Especialmente porque essa é a única linha que liga Quepar e a Terra, criada por ele.

Depois de uma breve caça de dados, explodindo alguns vírus fantasmas pelo caminho, acharam Aigoloncet flutuando por lá.

– O que querem? – perguntou Aigoloncet, de mau humor.

– Perguntar se você tem certos dados de um local e data específica.

– Eu tenho todos os dados – disse Aigoloncet – mas não dou nada de graça.

– Eu devia saber – falou Zap – que tal dois pergaminhos e três fantasmas azuis?

– Três pergaminhos – disse Aigoloncet – e dispense os fantasmas. Os que se enroscam por aqui já me incomodam o suficiente.

– Eu quero saber quem matou Onai – disse Zap – sabe, o lendário.

– O único humano lendário para mim é meu Senhor na Terra – disse Aigoloncet – e no máximo respeito o Criador. Não entendo essa obsessão por aquele mendigo.

Aigoloncet foi pesquisar e retornou com a informação muito rápido.

– Quem matou Cristiano não foi um servidor e sim um fantasma.

– E onde está esse fantasma agora?

– Midaforvel.

Zap praguejou.

– Não, esperem, peguei uma informação de 40 anos atrás. Um momento, sim?

Enquanto aguardava, Ohlarac estava brincando de escrever códigos para fazer um joguinho e passar o tempo.

– O fantasma se tornou um servidor chamado Sodontse.

Wanju Duli

– Eu sabia! – disse Zap – Mas como é que um fantasma se torna um servidor? Não deveria ser o inverso?

– Tudo é possível para um Senhor na Terra. Essas coisas se chamam milagres.

– Bah – falou Zap – duvido que o Criador tenha feito isso sem uma razão. Mas então esse fantasma e o Sodutse não são a mesma pessoa.

– Eles são.

– Sodutse sequer deve se lembrar disso!

– Ele lembra – disse Ohlarac – você me disse que ele foi treinado por Oãçome. Se ele teve tanto contato assim com a própria mente, deve ter se recordado de tudo. Está apenas escondendo.

– Se precisarem de mais alguma informação eu vou cobrar – avisou Aigoloncet.

– Não, está bom assim – disse Zap – valeu, Aigo. Foi de muita ajuda.

– Detesto quando as pessoas me chamam assim.

Ohlarac e Zap removeram os capacetes.

– Consegui terminar seu jogo? – perguntou Zap.

– Honestamente, não estou mais pensando no jogo – disse Ohlarac – não acha que essa notícia é preocupante?

– Isso mexeu contigo, né? Porque Cristiano foi teu Senhor na Terra.

– Eu acho que Sodutse também pode ter sido aquele que abriu minha barriga e matou minha amiga – disse Ohlarac – seria muita coincidência isso acontecer comigo bem na hora da morte de Cristiano. Ele me queria fora do caminho.

– E se Sodutse estivesse apenas obedecendo ordens de seu Senhor na Terra? – perguntou Zap.

– Não duvido que tenha sido isso. Mesmo assim, eu ainda fico meio puto. Breno queria matar Cristiano e me tomar para si. Eu não o queria como meu Senhor quando soube o que aconteceu, por isso fugi dele.

– Sei que você não gosta de Lam – disse Zap – e agora não deve gostar de Sodutse.

Naquele instante, Anax entrou no quarto, jogou um buquê de flores em cima de Ohlarac e deu um abraço forte nele.

– Aqueles filhos da puta da AMS não me deixaram ir! Eu queria arrancar os paus de todos eles! – ela exclamou, entre lágrimas.

Salve o Senhor no Caos

– Não se preocupe, amorzinho – disse Ohlarac, com um sorriso – quero que você encoste apenas nos meus caralhos.

– E eu vou queimar a tua Senhora na Terra até que não reste nem mesmo os ossos!!

– Hã... eu morreria se você fizesse isso.

– É mesmo – disse Anax – mas ela merecia uma lição.

– Agora entendi porque não te deixaram ir – Ohlarac acariciou o rosto dela – porque sabiam que você a teria matado ali mesmo, minha leoa gostosa.

E os dois trocaram um beijo na boca. Anax saiu de lá dizendo que ia preparar um monte de lanchinhos gostosos para alimentar Ohlarac.

– E agora, onde estávamos? – perguntou Ohlarac, distraído – ah, sim. Se odeio Sodutse? Eu não sei se o Sodutse que matou minha amiga e Cristiano é o mesmo de agora. Com certeza os dois seres compartilham a mesma alma. E isso me incomoda ainda mais: dizer que o Senhor na Terra mandou fazer alguma coisa não é desculpa suficiente. Todos nós temos escolhas, nem que a escolha da desobediência resulte em morte.

Essa afirmação incomodou Zap, pois ele sabia que em breve teria que fazer uma escolha como essa.

– Você pretende se vingar de Sodutse ou algo assim? – perguntou Zap, com esperanças de que Ohlarac respondesse afirmativamente e fosse seu parceiro de vingança.

– Não – disse Ohlarac.

– Por que não? – perguntou Zap, estranhando.

Mas dessa vez quem estranhou foi Ohlarac.

– Você quer que eu fique puto e o mate? – perguntou Ohlarac.

– Claro que não – disse Zap, intimidado.

Ohlarac ainda o fitava atentamente.

– Sobre a tua confidência de pacto – disse Ohlarac – tenho uma desconfiança muito forte. Mas não vou dizer uma palavra, pois não quero interferir.

Para Zap, essa resposta foi mais do que suficiente. Ohlarac sabia o que ia acontecer e resolveu não se meter.

Zap tentou esconder de seu Senhor na Terra a informação que descobriu, mas isso não foi possível. Felipe, o filho de Cristiano, tinha

Wanju Duli

um certo grau de acesso à sua mente. E ordenou que Zap realizasse seu serviço imediatamente e não perdesse mais tempo.

Zap suspirou. Ele não queria simplesmente atacar. Antes disso, ele e Sodontse precisavam ter uma conversa séria.

Capítulo 4: O Templo Sagrado

A atmosfera era tranquila e pacífica. Tinha cheiro de paraíso.

– O que está fazendo aqui, Sodutse? Por que não está em suas bibliotecas?

Sodutse abriu os olhos, distraído. Estivera meditando debaixo de uma gigantesca estátua de um fantasma branco.

– Não sei mais o que fazer – confessou Sodutse, desesperado – você pode me ajudar, Zap?

Zap resolveu sentar-se com ele na escadaria, mas não podia demorar muito. Seu Senhor na Terra não toleraria mais atrasos.

– Eu não podia te revelar isso, mas meu Senhor na Terra vai morrer.

– O Criador de Quepar? – perguntou Zap, surpreso.

– Sim. Isso pode acontecer a qualquer momento, em no máximo alguns dias. E preciso decidir se morro com ele ou se escolho outro Senhor na Terra.

Normalmente Zap teria sugerido para que Sodutse escolhesse outro. Afinal, por que Sodutse precisava ter tanta lealdade a um Senhor que nem o usava e já o esquecera?

Mas a situação agora era outra. Se Sodutse precisava morrer, seria muito mais simples que aquilo ocorresse por outros meios em vez de Zap precisar assassiná-lo. Por isso, Zap disse:

– Morra com ele. É a maneira mais poderosa de honrar nosso Senhor. Sodutse fitou-o, intrigado.

– É mesmo? Você realmente pensa dessa forma?

– Eu penso – disse Zap.

Sodutse fitou o céu.

– No exato instante em que meu senhor Breno morrer, o Fantasma Sagrado irá brilhar com mais força e terá maior poder sobre Quepar. Afinal, Breno o deixou aqui para substituir sua presença após o falecimento dele.

– Acho que hoje já acredito um pouco mais nesse fantasma do que antigamente – confessou Zap – será que é sinal de maturidade?

– Não é isso. O poder dele está mesmo aumentando, a medida que Breno enfraquece. Eu me sinto desesperado por estar aqui nesse dilema. Eu devia estar dando forças ao meu Senhor na hora da morte. Mas, espere, ele já tem Lam. Não precisa de mim.

Sodutse cobriu o rosto com as mãos. Zap sentia-se agoniado. Precisava se aproveitar do sentimentalismo de Sodutse e direcioná-lo para ocasionar sua própria destruição.

Mas seria digno fazer algo assim? Não seria muito mais honroso Zap confessar que precisava matá-lo, para que batalhassem e Sodutse ainda tivesse uma chance de se salvar?

Zap lembrou-se de quantas vezes salvou Sodutse de ataques mágicos na EIQ e quantas vezes o defendera. Mas era melhor não pensar nisso, ou ele mesmo se tornaria sentimental também, fitando aquele ser fraco, prestes a cair no choro.

Zap não queria lutar com Sodutse e também não queria arriscar morrer. Então...

– Acho que Breno nunca se importou comigo desde o começo – decidiu Sodutse – então irei apenas procurar outro Senhor na Terra e iniciar uma nova vida.

– Não! – exclamou Zap, levantando-se – você não pode fazer isso.

Sodutse ficou surpreso.

– Por que não?

– Eu já disse o motivo – respondeu Zap, atrapalhando-se – eu acho que seu tempo aqui terminou e já é hora de morrer.

– Você quer me ver morto? – perguntou Sodutse.

Zap sentou-se novamente, respirando fundo.

– Sodutse, você sabe quem matou Onai?

– Provavelmente Lam.

– Por que está mentindo? – perguntou Zap, zangado – eu e Ohlarac descobrimos que foi você.

Sodutse ficou confuso.

– Se foi, eu não lembro direito. Tenho algumas imagens recortadas na mente. É como se fosse um sonho distante, do qual quero acordar.

– Meu Senhor na Terra é filho de Cristiano e quer vingar o pai dele – revelou Zap – então ele quer que eu te mate.

Zap não aguentou mais. Teve que dizer. Somente assim teria paz.

Salve o Senhor no Caos

Sodutse baixou a cabeça e abraçou os joelhos.

– Então me mata! – exclamou Sodutse – O que está esperando?

– Mas...

– Não tem mais nada a me dizer, certo? Então apenas acabe com isso.

– Achei que podíamos conversar antes.

– E o que há para conversar? – perguntou Sodutse, ligeiramente irritado – Você já tomou a sua decisão! Pode até estar um pouco confuso, mas veio até aqui.

Zap sabia porque Sodutse estava brabo. Zap ficou enrolando e inclusive tentou usar um truque bem sujo para obter mais rapidamente o que queria.

E nesse instante, Zap envergonhou-se de si mesmo. Sempre criticara os servidores covardes que tinham medo da morte e temiam desobedecer seus mestres. Mas Zap estava agindo exatamente igual a eles no momento em que precisava ser mais forte.

Sodutse levantou-se e deu um empurrão em Zap.

– E aí? – Sodutse desafiou-o – onde está tua valentia? Você ainda não entendeu nossa missão mais fundamental, Zap! Não interessa se teu mestre te mandou matar alguém para vingar o pai ou simplesmente porque acordou de mau humor. O nosso dever é obedecer sem questionar!

Zap sabia disso. O Senhor na Terra era tido como alguém de maior sabedoria que os servidores, que foram criados apenas com uma pequena porção da alma deles. Portanto, os servidores precisavam apenas aceitar que não entendiam o quadro completo. Que eram burros. Não podiam julgar a decisão do Senhor.

– Você é tão imbecil! – exclamou Sodutse, fora de si – Eu passei a minha vida inteira lamentando porque meu Senhor na Terra não me dava atenção. Ele não me dava uma missão, nem mesmo fazer-lhe uma massagem nos ombros! Eu sempre soube que o objetivo de minha existência era servi-lo, mas não tive essa oportunidade! E aí está você, com uma missão importantíssima como essa e vai apenas se acovardar e morrer?

Zap não conseguia dizer nada. Estava se sentindo cada vez pior com a raiva de Sodutse.

– Se eu estivesse em teu lugar, eu te mataria, Zap! Ah, pode ter certeza que eu mataria. Eu nem mesmo teria um dilema existencial antes. Apenas chegaria na tua frente e atacaria com tudo, para defender o meu Senhor. Não é isso que deve fazer um soldado na guerra?

– Então você teria matado friamente a amiga de Ohlarac e o Cristiano se fosse hoje? – perguntou Zap, sem acreditar.

– É claro que sim! O Senhor na Terra está acima de todas as coisas! Foi isso que ele me disse, é isso que dizem todos e que os livros confirmam! Você acha mesmo que a vida de nós dois é mais importante do que essa verdade do mundo? Lam me ensinou a ver isso! Ele me mostrou que quando a verdade está debaixo dos meus olhos eu não devo desejar que ela seja diferente apenas para me agradar. Não devo tentar me convencer disso porque é mais confortável pra mim. Eu só tenho que cumprir o objetivo de minha existência! Você ainda acha que existe algo mais precioso que isso?

– A nossa amizade, talvez? – zombou Zap, se irritando com o discurso.

– Amizade? – Sodutse riu amargamente – é só uma amizade que temos com nossa visão limitada de servidores! Os servidores não sabem o que é amizade. Somente o Senhor na Terra sabe. Ele tem uma alma completa que dá a ele sabedoria para entender essas coisas. A nossa sabedoria é ofuscada por ignorância porque só temos uma porção mínima de alma. Então um ignorante deve escutar a ordem de um sábio assim como um filho deve ouvir o conselho de seu pai, que já viveu mais e conhece mais sobre o mundo!

– Você está cego com sua fé – disse Zap, desesperado – e ainda escuta o que Lam diz, mesmo sabendo que ele é um filho da puta! Eu escutei o discurso dele antes do torneio que escolheu os campeões que te resgataram na Terra. E o cérebro dele é cheio de merda! Não percebe que nem mesmo os pais estão certos o tempo todo? Sodutse, por favor, acorda! Você entendeu tudo errado!

– Não percebe o que estou fazendo? – disse Sodutse, ainda cheio de raiva – Incitando teu ódio pra que tu me mate sem remorso! Se eu ficar aqui chorando quem vai morrer é você, infeliz!

Foi então que Zap se deu conta. Não era óbvio, desde o começo, o que Sodutse estava fazendo? Salvando a vida dele.

Salve o Senhor no Caos

Nesse momento, Zap desabou.

– Não adianta. Não vou conseguir te matar, Sodutse. Teu plano gerou o efeito oposto.

– Meu plano está apenas começando – informou Sodutse.

E segurou Zap pelo manto.

– Eu não tenho o dia todo – insistiu Sodutse – preciso voltar para consolar meu Senhor ou escolher um novo Senhor. Então me mata de uma vez, meu! Ou vai me obrigar a implorar para que me mate?

– E você faz isso tudo por amor ao teu Senhor ou por amor a mim?

– Por amor ao meu Senhor, é óbvio. Isso vem acima de todas as coisas. Está acima do bem e do mal, pois somente ele sabe o que é bom ou mau.

– É por causa desse pensamento ridículo que já estouraram tantas guerras religiosas na Terra – retrucou Zap – quando o amor a um ideal ou ser imaginário vem antes do amor que as pessoas sentem umas pelas outras. E não venha me dizer que o amor que nós sentimos é menor, ou que não é sábio! Eu não uso a razão para decidir isso. Eu decido com meus sentimentos. Eles não são perfeitos, mas eu acredito neles.

– É burrice acreditar mais em teus sentimentos do que em teu Senhor. E você deveria ser punido por esse sacrilégio.

Zap riu.

– Sodutse, não finja ser um fanático religioso, porque eu sei que você não é. Você leu muito e se livrou dessa doença do fanatismo.

– Ler certos livros também pode reforçar o fanatismo. Livros podem fazer muitas coisas! Você não me conhece, Zap. Quando eu estudava em Airodebas, eu me inflamei de leituras de livros religiosos sobre o Fantasma Sagrado. Eu queria me convencer que ele existia de verdade, mas mesmo depois de ler dezenas de livros de autores inspirados eu não consegui me convencer!

– Não consegui porque o Fantasma Sagrado não existe – disse Zap – e seria muita coisa forçar sua inteligência a acreditar nele.

– Eu não passei a acreditar firmemente nele lendo livros, mas quando matei uma pessoa.

Zap recuou.

– Você já matou alguém? – perguntou Zap – Quero dizer, além de Cristiano e da amiga de Ohlarac, que você sequer se lembra.

– Matei um colega meu que me lançou um desafio de nanquim. É um termo dos airodebaianos para duelo de vida ou morte. Resolvi seguir os bons costumes, aceitei e venci.

– Bem, quando recebemos um duelo desses não há o que fazer – reconheceu Zap – pois é uma vergonha declinar. Mas por que vencer te fez crer no Fantasma?

– Porque eu vi como a vida não é nada – disse Sodontse – eu o matei como se não fosse nada! Então por que nascemos, se é para morrermos assim, de repente? Eu percebi que isso não fazia o menor sentido, nem na minha mente e nem no meu coração. A natureza não podia ser tão cruel. Só podia haver uma coisa maior que isso.

– E essa coisa era o Fantasma Sagrado? Que besteira! Nós não somos perfeitos e não nascemos para sermos perfeitamente felizes. E pronto! Quando estamos alegres está tudo bem, mas quando estamos tristes não está? Não é a tristeza que torna a alegria significativa? Então tanto nossa fraqueza quanto a suposta imperfeição do mundo estão ótimas exatamente desse jeito! Nós que reclamamos demais! Não precisamos de deuses ou fantasmas para alcançar algo mais importante que o simples ato de viver, às vezes rindo e às vezes chorando.

– Quando você fala desse jeito, eu quase acredito – disse Sodontse – mas chorar e sofrer não é pouca coisa. Algumas vezes não conseguimos lidar com isso sozinhos. Precisamos de uma força maior.

– Os amigos! As pessoas que amamos, que compartilham de nossas dores! O Senhor na Terra vive num mundo diferente e não nos entende. E esse fantasma é apenas uma lenda. É só uma porcaria! Eu não preciso dele!

Zap se dobrou no chão, com falta de ar. Sodontse havia lhe dado um chute no estômago.

– Por que fez isso...?

– Cala a boca, gordão – retrucou Sodontse – a sua banha deve ter absorvido todo o impacto do meu chute. Por que não vai fazer mais exercícios em vez de perder seu tempo aqui profanando o Templo Sagrado com suas besteiras?

Zap não reconhecia mais Sodontse. Zap sempre soube que era tão gordo que sua barriga se sobressaltava para frente. No entanto, Sodontse nunca tinha falado uma palavra contra a sua gordura. Ohlarac já tinha

Salve o Senhor no Caos

feito algumas piadinhas, mas sem maldade. E de repente Sodutse soltava uma daquelas, mortalmente sério!

Ao contrário: lembrava que Sodutse já tinha defendido Zap algumas vezes desses xingamentos. Uma vez um colega o havia chamado de gordo, Sodutse disse que Zap não era gordo e todos riram, inclusive o próprio Zap. E Sodutse também já dissera uma vez que não via nenhum problema em Zap ser gordo e não entendia porque as pessoas achavam feio.

O Sodutse que Zap conhecia estava desaparecendo. De repente, Zap não sabia mais porque estava hesitando tanto em matá-lo.

– Como se você fosse perfeito – retrucou Zap, com desagrado – sempre covarde, fraco e tímido. Tão tímido que poucas vezes ergueu a voz para me defender, enquanto eu o defendia todas as vezes. Nunca queria usar magia na frente dos outros, estava sempre fugindo e era eu que precisava te salvar. Quer saber da verdade? Eu só fiz amizade contigo por pena! Eu via nossos colegas tocando papéis na sua cara e você não expressava a menor reação. Então pensei: “Vou fazer amizade com esse bostinha chato e desagradável antes que ele cometa suicídio!”

Sodutse ficou quieto.

– “Está sempre com pena de si mesmo, quem ele pensa que é? É claro que só quer atenção” – prosseguiu Zap – e eu estava certo quando pensei isso. Você vivia lendo e aguardando que os outros te elogiassem por ser tão sábio. Às vezes até se orgulhava por ser reconhecido como estranho e antissocial. Pois pelo menos assim as pessoas estavam te notando, nem que fosse para te xingar! E se já era difícil você arranjar amigos, encontrar uma namorada era tarefa impossível! Quem é que ia querer namorar um poste que tinha medo até da própria sombra? Mulheres gostam de homens confiantes e decididos e não de um rato de livros com problemas psicológicos.

Sodutse franziu a testa e retirou o seu livro de magia de dentro do manto.

– Ah, ficou nervosinho? – provocou Zap, satisfeito – duvido que me ataque com magia! Você sempre temeu usar magia na minha frente ou na frente de Aigam, com medo que nós o julgássemos. Ou será que você gostava de Aigam e por isso era tão inseguro perto dela? Embora ela fosse um canhão, com certeza foi o mais perto que uma mulher já

chegou de você. Aposto que você tinha orgasmos quando ela socava sua cara.

Zap foi atirado no chão e bateu a cabeça. Sodutse continuou sussurrando um trecho do livro, enquanto Zap se debatia no chão. Era como se Sodutse controlasse seus movimentos.

– Finalmente está mostrando as garras – disse Zap, irritado – e está se mostrando um mago fraco, como eu sempre soube que você era! Vou me livrar de você tão facilmente que terei pena. Tanta pena como no dia que te conheci.

Zap fez a grama crescer ao redor dos pés de Sodutse, que foi aprisionado. Depois disso, fez a estátua gigante do Fantasma Sagrado rachar e cair sobre ele.

Sodutse não se moveu. Apenas fechou os olhos. No instante derradeiro, Zap quebrou a estátua, que se partiu em mil pedaços antes de atingi-lo.

Zap ficou indignado.

– Você quer morrer?! Era esse seu plano? Me irritar bastante para que eu o matasse e escapasse da morte? Eu te avisei para não ser bonzinho, cara! Eu te falei que um dia essa merda ia te custar a vida.

Sodutse nada disse. Apenas continuou ali parado, deitado na grama, aprisionado. Não parecia muito a fim de se soltar.

– Não sou bonzinho – Sodutse virou o rosto – eu só ajo dessa forma para que as pessoas fiquem com pena e me deem atenção. Para que sejam gentis comigo e assim eu finja que a vida vale a pena.

– Não fale desse jeito – disse Zap, meio arrependido – e esqueça tudo o que eu disse antes. Foi só a raiva do momento.

Sodutse gemeu de dor. Zap olhou para ele e percebeu que uma parte da estátua quebrada havia caído na perna direita dele, esmagando-a. O manto azul de Sodutse estava banhado em sangue.

– Ei – disse Zap, nervoso – isso é real?

– Não se preocupe – disse Sodutse, com dificuldade – não vou morrer disso. Continue o que estava fazendo.

– Se eu te deixar aqui sangrando, capaz de morrer mesmo.

– Me mata, cacete! – gritou Sodutse – filho da puta, covarde, miserável! Você tinha razão! Meu Senhor na Terra me abandonou. O Fantasma Sagrado não existe e eu o renego! E nada mais vale a pena.

Salve o Senhor no Caos

Zap não sabia o que dizer. Jamais havia visto Sodontse xingar daquele jeito. Ele estava completamente fora de si.

– Calma – disse Zap – talvez o Fantasma Sagrado exista mesmo. Por favor, não perca as esperanças.

Afinal, se aquela crença era tudo o que Sodontse tinha sobrando, arrancá-la dele seria o mesmo que matá-lo. Mas Sodontse estava renegando tudo o que acreditava.

– Não acredito em esperanças – disse Sodontse, sofrendo com a dor – em amor e amizade. Em deuses ou fantasmas.

– acredite pelo menos em você mesmo!

– Não – disse Sodontse, firmemente – eu sou apenas um sonho na imaginação de meu Senhor na Terra. E com a morte de meu Senhor esse sonho que sou desaparecerá com ele. Não foi um sonho bonito. Já está na hora de acordar.

No segundo seguinte, Sodontse começou a se debater. Ele estava berrando, não somente de dor, mas de desespero, como se estivesse sendo possuído por alguma coisa. Agarrava seu manto bem forte, na altura do peito.

– Meu Senhor na Terra está morrendo! – ele gritou – Ele está morrendo agora!

Zap não sabia o que fazer. Não era capaz de se mexer.

Apenas contemplou o sofrimento de Sodontse, enquanto ele sentia a morte forte e real de seu Senhor na Terra.

– Mate a morte – pronunciou Sodontse – Mate a morte!!!

E a seguir estava em lágrimas. Chorava desesperadamente socando o chão, pois o seu Senhor faleceu naquele instante.

– Eu não tenho nada. Eu não tenho mais nada!

– Procure um novo Senhor agora mesmo! – exclamou Zap, com urgência – dará tempo se você correr...

– Tempo – pronunciou Sodontse, com uma expressão vazia – vocês tolos querem tempo. Por que, se nem mesmo sabem pelo que vivem? Pelo que morrem. Eu agora morro pelo fim desse sonho.

Uma sombra surgiu por trás de Zap e ele se virou. Era Lam de Argen que chegara. Zap deu passagem a ele de imediato, mas Lam segurou Zap pelo manto.

– Você tentou matá-lo? – perguntou Lam.

Wanju Duli

– Eu... – Zap gaguejou.

– Sodutse não é um de seus falsos amigos – disse Lam – é a chave fundamental para o grande mistério de Quepar.

Lam abaixou-se para falar com Sodutse, mas ele não queria conversar.

– Agora sou uma chave? – zombou Sodutse – para abrir qual dos baús, eu me pergunto? Não preciso mais ouvir as suas bobagens. Apenas me deixe morrer em paz!

– Dramático como sempre – Lam balançou a cabeça em desaprovação – e tão determinado a tornar a sua vida um grande sacrifício para salvar o mundo que nem parou para aceitar o seu verdadeiro propósito.

– Meu propósito é morrer! – exclamou Sodutse – E nem mesmo vejo uma lágrima em tua face pela morte de nosso Senhor na Terra! Tu nunca te portou como um irmão ou como um servidor fiel. Apenas usou a mim e a Breno para servir aos teus planos caprichosos.

Lam riu.

– Acorde, Sodutse. Eu apenas tive inveja de você. Acabei te protegendo mais do que eu julgava aceitável. Fiz minha segunda aliança com a irmã de Breno. Ainda viverei. Enquanto isso, você não precisa mais de um Senhor. Breno me contou tudo.

– Ele te contou que eu decidi morrer com ele? – perguntou Sodutse – eu não o fiz por amor e sim por covardia. Eu não aguento mais esse mundo. Nenhum dos mundos. A morte será uma solução mais fácil.

– Ainda não compreendo porque nosso Senhor escolheu a ti e não a mim – confessou Lam – mas será que devo mesmo te invejar? É um peso muito grande, Sodutse. Você buscou um destino grandioso. Agora que ele irá se cumprir, você irá abraçá-lo ou irá fugir dele?

Sodutse colocou a mão no peito, sentindo uma dor forte no coração. E começou a chorar.

– Criança lamuriosa e desgraçada! – gritou Lam – Só chora, só reclama da vida, enquanto possui uma vida que muitos cobiçariam. Apenas me responda: quem é você?

– Eu sou o que eu desejo me tornar – disse Sodutse.

– O que deseja se tornar?

– Um cadáver.

Salve o Senhor no Caos

– Exatamente – Lam sorriu – a pulsão da morte. Você irá se tornar um morto. Um fantasma. E não haverá meios de voltar atrás. Apenas cumpra seu destino. O destino que foi designado a você desde o início dos tempos: a morte.

Sodutse sofreu, sentindo o coração pulsando com cada vez mais força. Sentiu-se mal e ajoelhou-se, arrastando a perna direita ensanguentada. Ele vomitou um líquido incolor com formas sólidas. E depois cuspiu sangue.

Zap tentou se aproximar dele, em desespero, mas Lam colocou o braço no caminho, proibindo-o de chegar perto.

– Ele precisa passar por isso – disse Lam – e deverá lidar sozinho com seu fim.

A pele de Sodutse tornou-se tão transparente que até seus órgãos internos se tornaram visíveis. Até que ele desabou, de olhos abertos, sobre a própria poça de vômito.

O corpo de Sodutse foi sumindo. E no lugar em que ele antes estava surgiu um fantasma quase transparente, com dois olhinhos vermelhos.

Zap reconheceu aqueles olhos.

– Sodutse! – disse Zap, confuso, fitando o fantasma.

Ele já tinha visto fantasmas brancos, vermelhos, negros e de muitas outras cores. Mas nunca um transparente como aquele.

Sob a pele transparente do fantasma era possível ver apenas um coração vermelho pulsando com muita força. O coração dele estava muito acelerado.

– Diga alguma coisa! – suplicou Zap – É você mesmo, Sodutse? Você se lembra de mim?

– Sua aparência é bastante ordinária para a importância que tem – observou Lam – mas talvez seja melhor assim, para não ser notado. O Criador te conferiu poderes que os fantasmas comuns não possuem. Você pode aumentar de tamanho, tornar-se parcialmente invisível, dentre outras magias que você irá descobrir com o tempo. Mas o seu diferencial primordial que te destaca é um só: a vida eterna.

– Vida eterna? – perguntou Zap, como se não tivesse ouvido bem.

– Mas ele ainda pode morrer por acidentes e ataques mágicos especialmente poderosos – explicou Lam – muitos virão atrás de você, Sodutse. Considerando sua covardia, você provavelmente vai se

esconder. Se eu estivesse no seu lugar, enfrentaria todos os magos fortes que viessem me desafiar a partir de hoje e reinaria absoluto sobre Quepar.

– Eu não quero isso – disse Sodutse, por fim, com uma voz abafada – mal consigo falar... essa existência é incômoda!

– Você está sempre incomodado com alguma coisa, imbecil! – disse Lam – Apenas celebre o dia de hoje, pois você se tornou o ser mais poderoso de Quepar. Aliás, você sempre foi esse ser. Apenas se negou a acreditar. Nessa nova forma possuirá poder total, assim que aprender a usá-lo. Eu devia me aproveitar de sua inexperiência e matá-lo agora, mas isso não seria interessante. Eu estou entediado. Um dia retornarei para desafiá-lo. Então cuidado para não morrer enquanto eu não retornar para matá-lo.

– Eu sou quem penso que sou? – perguntou Sodutse, com dificuldade.

– Você é o Fantasma Sagrado! – anunciou Lam – por isso sempre possuiu uma capacidade anormal para sentir os demais fantasmas de Quepar. Pois agora você é o rei deles. Se quiser ser o rei dos servidores, derrote quem vier te desafiar. E se quiser ser o rei dos humanos, vá para a Terra e entre no coração deles. Eles despreverão sua presença como “um fogo que queima”. Você poderá usar esse poder para manipulá-los ou abençoá-los. A escolha é sua.

Sodutse recuou.

– Eu não quero tanto poder! Eu nunca quis...

– Você sempre amou o conhecimento e buscou-o desesperadamente – retrucou Lam – conhecimento é poder. Então não diga que não o quer, ingrato! Porque agora você o terá, independente de querer ou não.

– Eu não pedi por isso.

– Sempre pediu por isso. Chorou por isso. Sofreu por isso. Você é o próprio segredo que sempre tentou desvendar.

– Sodutse, cuidado! – alertou Zap, preocupado – Um monte de servidores vão te procurar pra te matar! Não se esqueça que aquele que mata o Fantasma Sagrado recebe a maldição da vida eterna! Todos anseiam por essa maldição.

– O pecado mortal de Quepar é matá-lo – disse Lam – e todos amam o que é proibido. Eles querem teu sangue. Eu quero teu sangue.

Salve o Senhor no Caos

– É o bastante, Lam! Agora você vai calar a boca!

Quem gritou isso foi Meb de Acnarb, que chegara em seu respeitável manto branco. Ela se aproximou de Sodontse.

– Em minha ordem, nós protegemos o Fantasma Sagrado e rezamos para ele – contou Meb – por isso, não tenha medo. Venha conosco.

– Ela está te enganando! – exclamou Zap – Por favor, não vá, Sodontse!

Meb ajoelhou-se diante de Sodontse.

– Nós lutaremos por ti, Fantasma Sagrado. Seremos teus guerreiros divinos, como anjos. Entregaremos a vida por ti. Perderemos a vida para te defender. Em nome do Criador, que agora deixou esta vida e te deixou em seu lugar.

– Que falsa – observou Lam – você nunca gostou de Breno.

– Sodontse é inocente – disse Meb – não vou permitir que um bando de loucos o matem em nome de um ideal estúpido e egoísta como vida eterna.

– Não julgue os valores dos outros, Meb de Acnarb – criticou Lam – pois cada um é único no mundo. Você, com sua suposta bondade, possui o ego mais inflado de todos. Pensa que somente seu modo de viver é a verdade e os outros são maus.

– Se esse pensamento vai gerar o bem, não me importo – disse Meb.

– Assim você destroi a escolha e a liberdade.

– A escolha de ser um torturador e assassino? Me desculpe. Talvez eu não seja tão boazinha quanto você me julga, Lam de Argen. Minha bondade não é submissa. E eu irei lutar contra a mentira quando ela aparece descaradamente diante de mim. Se vai me impedir de proteger o Fantasma Sagrado, você se tornou o mau que irei destruir.

Meb de Acnarb levantou-se, desembainhou uma espada dourada da cintura e elevou-a ao céu. Ainda com a espada em mãos, ajoelhou-se e rezou:

– Em nome do Criador, do Senhor na Terra e do Fantasma Sagrado! – ela pronunciou, fazendo o sinal de um “x” que cruzava o coração – que a minha vida seja teu instrumento, Tríade Inviolável! Entrego minha morte pela vontade perfeita.

Um raio desceu do céu e caiu em sua espada, que inflamou-se em fogo. Meb apontou a espada para Lam. Um raio saiu dela na direção do mago, que bloqueou com uma luva repleta de poder mágico.

Lam reduziu a cinzas o raio em sua mão.

– É lamentável entregar a vida por um fanatismo infeliz como esse – disse Lam – apenas pelo anseio de se sacrificar por alguma coisa, não importa por qual bobagem seja. Se busca um significado maior para a sua existência, é porque você quer ser melhor que os outros porcos sujos que amam o contrário do que você defende. Isso não faz de você mesma uma porca suja? Uma justiceira que luta em nome de fantasmas e cadáveres.

– Eu e tu somos diferentes, Lam – retrucou Meb – sempre fomos. Porque enquanto você só se preocupa com sua própria pele, eu aceito defender outra pessoa.

Lam bateu palmas.

– Parabéns! – Lam deu um sorriso de zombaria – quer que eu te dê uma balinha? Provavelmente você já está satisfeita com a recompensa de não se sentir apenas mais uma porca suja e egoísta como todos os outros. Eu sei que o Criador, o Senhor na Terra e o Fantasma Sagrado existem. Eu já vi todos eles! Já testemunhei seus poderes e sei que são maiores que os meus. Talvez sejam até mais sábios. Mas agora eu te rebato: e daí? Qual é a diferença de eles existirem? Eu também existo e tenho livre arbítrio.

– Você devia temer sua Senhora na Terra, que agora é a mesma que a minha – disse Meb – pois sabe que sua vida está na mão dela.

– E depois o egoísta sou eu? – desafiou Lam – não é você que está toda cagada, com medo de morrer, e por essa covardia entrega sua vida e morte para servi-la? Eu não vivo por medo da morte e sim para me divertir. Eu me divirto colocando minha vida no fio da navalha e jogando com o destino. Pode ser que eu morra agora provocando você, sua putinha, e eu me divertiria imensamente se acontecesse. Ou quem sabe eu mate Sodutse e obtenha a vida eterna. Entre viver e morrer, qual é a diferença? Quero pelo menos rir um pouco.

– Você fala como Cristiano, mas é mais idiota que ele – disse Meb – pois ele não saía matando pessoas por aí. Não é porque você não se importa de morrer ou ser torturado que os outros não se importam.

Salve o Senhor no Caos

Muitos estão perdidos, sem saber o que fazer da vida. O máximo que você pode fazer é salvar a vida de outro.

– E por que a vida que será salva não pode ser a minha? – perguntou Lam – por que somente o Senhor na Terra decide quem vive e quem morre? Por ele ser mais sábio? É muito mais fácil deixar a decisão na mão de alguém mais esperto em vez de pensar por si mesmo. De fato, alguns nasceram para ser o Senhor e outros para serem escravos.

– Você é o escravo de seu Senhor.

– Eu optei por não me aprisionar a essa condição. Eu irei servir minha Senhora na Terra enquanto isso me trazer vantagens. Se eu matar o Fantasma Sagrado, não precisarei mais dela.

– Você tem um coração mau – disse Meb – e só irá espalhar destruição pelo caminho.

– Quem decide o que é bom e mau? Só o Senhor na Terra? Você também irá espalhar destruição em sua tentativa de me assassinar. Ambos somos egoístas e assassinos, mas de nossos próprios modos. Você apenas finge ajudar as pessoas porque parece bonito e te faz sentir êxtase. Eu também sei ajudar alguém, como ajudei meu irmão. Essa forma de ajudar pode parecer condenável, pois não foi da maneira que te ensinaram. Você já parou para pensar que existem outras formas de viver?

– No que você ajudou teu irmão? – perguntou Meb, irritada – você ameaçou matá-lo!

– Sodutse é muito mole e precisa de um pouco de rigidez em sua educação – respondeu Lam – se for protegido o tempo inteiro, não aprenderá a se virar sozinho. A sua excessiva proteção e preocupação irá torná-lo fraco. Breno não lhe deu tarefas porque queria que Sodutse aprendesse a lidar com a própria solidão. Afinal, como Fantasma Sagrado, ele está fadado a isso. E eu irei desafia-lo num duelo porque ele precisa conquistar suas vitórias com a própria força em vez de ser salvo.

– Não escute o que ele diz, Sodutse! – alertou Meb – Lam está apenas tentando manipulá-lo!

– Não escute o que essa vaca diz – disse Lam – porque ela irá inflamar a sua mente com mentiras. Te fará acreditar que somente o caminho da obediência e da submissão é a verdade. Eu acho que já está

bem claro que como Fantasma Sagrado você obteve o poder de descobrir a verdade sozinho ou até mesmo inventá-la.

Meb partiu para cima de Lam, atacando-o com a espada de fogo. Lam desapareceu num mar de fumaça negra, com um rodopio.

– Por isso mesmo não vou te obrigar a nada, Sodutse – disse Lam, reaparecendo em outro lugar mais longe – a decisão deve ser somente sua. Se quer continuar debaixo da asa de sua mãe, sendo alimentado e cuidado, vá lá e siga Meb! Aproveite esse conforto enquanto dura. Até que todos os membros da Ordem de Acnarb encontrem a morte. O responsável pela morte de todos eles terá sido você. Nesse instante, você será cercado por todos os magos fortes que querem tomar sua vida e terá que enfrentar a si mesmo pela primeira vez, já que negou a fazê-lo antes, quando tinha todo o tempo do mundo.

E Lam desapareceu. Meb estendeu a mão.

– Venha comigo, Fantasma Sagrado. Estará protegido em nosso templo. Diferente do que Lam afirmou, nós iremos te ajudar em teu treinamento mágico. Seremos amigos, protegeremos um ao outro, e vamos te servir com todas as nossas forças.

– E agora, Zap, o que eu faço? – perguntou Sodutse.

– E eu sei lá! – exclamou Zap, completamente perdido.

– Por favor, me ajuda.

Zap suspirou e cruzou os braços.

– Sabe que às vezes eu acho que Lam está certo? – disse Zap, zangado – Aprenda a decidir as coisas por si mesmo, cara! Agora você é foda e sagrado!

– É mesmo – disse Sodutse, incerto – acho que vou com você, Meb. Vou me esforçar.

– Obrigada – Meb sorriu – o pessoal da ordem vai amar te conhecer pessoalmente! Temos rezado para ti por tanto tempo, então vai ser, tipo, super legal!

E Meb saiu de lá com Sodutse, dando pulinhos. Zap franziu a testa.

– OK, isso foi estranho – confessou ele – mas estou aliviado que acabou bem.

Zap escutou o chamado de seu Senhor na Terra.

Salve o Senhor no Caos

– Puta merda. Eu não matei Sodontse. E agora vai ser quase impossível fazer isso. Acabou bem uma ova! É agora que meu Senhor na Terra me mata.

Capítulo 5: A Senhora no Caos

Sodutse estava se sentindo desconfortável ao receber tanta atenção. Ele era tratado literalmente como um Deus no Templo da Ordem de Acnarb. Os membros vestidos de branco frequentemente vinham rezar para ele e lhe trazer oferendas.

“Eu só queria amigos, não queria virar Deus” pensava Sodutse, com desagrado. Mas agora que parava para pensar sobre isso, ele não havia se tornado um Deus. Já tinha sido criado por Breno para ser o Fantasma Sagrado desde o começo. Então era a sua própria presença que ele sentia tão fortemente. Sua essência fantasmagórica lacrada em sua alma.

– Fantasma Sagrado, por favor, aceite esse pé de alface de todo meu coração – disse a moça da Ordem de Acnarb e se ajoelhou diante dele.

Ela era muito bonita e Sodutse gaguejou na hora de agradecer. A maioria dos membros da Ordem de Acnarb eram mulheres e Sodutse, mesmo sendo um fantasma sem sexo definido, não se sentia exatamente bem com isso. Preferia que fossem mais homens. De qualquer forma, bastava que tivesse qualquer pessoa se ajoelhando na sua frente, independente do sexo, para que Sodutse desejasse enfiar sua cara no chão. Não sabia como reagir a tamanha devoção.

Ele não gostava de alface, mas resolveu abrir sua boca de fantasma e comer a oferenda para agradar a moça.

– Está boa a minha alface, Abençoado? – perguntou ela, esperançosa.

– Sim, está muito boa – Sodutse respondeu, esforçando-se para não fazer uma careta.

– Fico tão feliz! – ela celebrou – Então a partir de agora vou te trazer dez pés de alface todos os dias!

– Ah... é... hm...

Sodutse também estava treinando magia. Já era capaz de fazer muitas coisas diferentes. Inclusive voltar para sua forma anterior de servidor, embora não fosse capaz de permanecer nela mais do que algumas horas. Pelo menos seria um bom disfarce se um dia precisasse se esconder.

No entanto, quando estava na forma de servidor ele não usava mais o manto com as cores da Ordem de Airodebas. Afinal, já havia se

Salve o Senhor no Caos

espalhado o boato de que o Fantasma Sagrado era um membro dessa ordem. Por isso, enquanto morava no templo, quando queria usar sua forma antiga Sodutse vestia o manto branco da Ordem de Acnarb, mesmo não sendo oficialmente um membro. Como Fantasma Sagrado adorado por eles, ele recebia essa permissão especial.

– Ele é bem charmoso quando está na forma de servidor, não é mesmo?

Um dia Sodutse ouviu uma das moças da ordem branca sussurrar isso para uma amiga. No passado, antes de as pessoas saberem que ele era um servidor do Criador e antes de ser revelado como Fantasma Sagrado, ninguém jamais se aproximara dele com interesses sexuais. Bastou que aquelas duas condições se revelassem, especialmente a última, para que os interesseiros se aproximassem.

Por isso, Sodutse, em vez de ficar alegre, ficava triste com aqueles comentários, com o risinho das moças da ordem ou mesmo com os olhares interessados dos poucos rapazes que também vestiam o branco.

Com medo de ser enganado, Sodutse se isolou ainda mais. Notou que jamais conseguiria fazer amigos lá. Quem chegava perto dele provavelmente o fazia por medo da morte. E os outros que chegariam no futuro seria para tentar matá-lo. Isso significava que ser o Fantasma Sagrado era a pior coisa que poderia lhe acontecer, principalmente para ele que buscava uma vida discreta e reservada.

Sodutse não tinha planos de permanecer no templo por muito tempo. Até porque rumores de que ele estava lá já tinham se espalhado. Ouvira falar que uma guerra estava prestes a estourar em Quepar. Um grupo de servidores planejava atacar o templo. Se isso acontecesse, todos os membros da Ordem de Acnarb morreriam, como Lam previu. Se bem que Sodutse não duvidava que fosse o próprio Lam a organizar aquela guerra. Ele curtia confusões desse tipo.

Sodutse não se importava em permanecer longos períodos trancado em bibliotecas. Mas sentia que ficar no templo era uma prisão. Tinha que cumprir o horário de receber oferendas e rezas, pois Meb lhe dizia que fazer isso iria fortalecer o amor que os membros sentiam pelo Fantasma Sagrado e assim poderiam lutar mais ardorosamente por ele.

– Não quero que ninguém morra por mim – Sodutse disse a ela um dia – isso é loucura.

Wanju Duli

– Protegê-lo também é proteger o equilíbrio de Quepar – explicou Meb – se amava mesmo aquele que te criou e sempre desejou servi-lo, cumpra a única vontade dele, que era te deixar aqui como guardião de nosso mundo.

Sodutse não gostou dessa missão. A importância de sua própria vida era algo que lhe assustava. Ser invisível era bem mais fácil. Poderia viver e morrer da forma que quisesse e ninguém notaria. Antigamente ele sofria por causa disso. E atualmente sofria pela causa oposta.

Numa madrugada, resolveu sair em sua forma de servidor para caminhar pelos grandes salões brancos do templo e contemplar as estrelas. Foi lá vestido com o manto branco e também cobriu a cabeça com o capuz, para não ser reconhecido.

Mas a sua presença era forte demais. Alguns membros da ordem, percebendo que ele saía para os salões, o seguiram sorratamente e começaram a cochichar. Sodutse se aborreceu com isso e estava pensando numa forma de se livrar deles.

Alguns dos membros, notando o olhar sério de Sodutse, se sentiram intimidados e saíram de perto. Finalmente Sodutse sentiu um pouco de paz. Deu alguns passos adiante e sentou-se na beirada de uma janela baixa, de onde poderia ver a Lua.

“Eu não quero estar aqui. Quero desaparecer”.

Já tinha conversado com Meb sobre seu desejo de sair. Permanecia lá apenas por insistência dela. Mas talvez já estivesse na hora de tomar as suas próprias decisões com clareza e firmeza. Começaria no dia seguinte, dizendo para a moça das alfaces que não lhe trouxesse mais oferendas, pois estava enjoado de comer aquilo.

Sodutse prometeu a si mesmo que faria aquilo com delicadeza para não machucar os sentimentos da garota. E estava tão distraído pensando nisso que não percebeu quando alguém lhe agarrou pelo manto e lhe puxou janela abaixo.

Ele se machucou feio com a queda, pois a janela estava no terceiro andar da torre. E enquanto tentava se mexer de novo, foi segurado por trás, pela cintura. Taparam sua boca com a mão e colocaram uma faca na sua garganta.

– Eu não quero te machucar, Sodutse. Vou te dar uma morte sem dor, se você cooperar.

Salve o Senhor no Caos

Sodutse conhecia muito bem aquela voz. Ele gelou. Sabia o quão poderosa ela era.

Oãçome de Caos vestia o Manto Multicor do Caos, que recentemente conquistara. Ele tinha oito cores. Sodutse se impressionou quando viu. Sabia que o manto significava que ela submetera seu Senhor na Terra e agora era adorada por ele.

– Conquistei quase tudo o que eu queria nessa vida – disse-lhe Oãçome – só falta uma única coisa.

Sodutse conseguiu se livrar da mão dela.

– Você sempre soube que eu era o Fantasma Sagrado? Você via minha alma no momento das meditações. Era capaz de ver tão longe?

– Eu tinha uma desconfiança muito forte – contou-lhe Oãçome – mas eu não podia agir enquanto não conquistasse meu manto. Não teria o poder. Agora as coisas são diferentes. O Criador morreu. Domei minha Senhora na Terra. E agora só falta dominar o último elemento da Tríade Inviolável. Você, meu querido...

Oãçome passou a mão no rosto de Sodutse suavemente. Ele ficou triste.

– Eu confiei em ti.

– Fez bem em ter confiado – disse Oãçome – eu te ajudei, não é mesmo? E eu estava certa: é possível submeter o Senhor na Terra e obter um poder imenso a partir disso.

– Mas você estava errada sobre a inexistência do Fantasma Sagrado – retrucou Sodutse – e se pensa que pode me derrotar com tanta facilidade, mesmo tendo o Manto Multicor do Caos, você subestima meu poder, que agora é equivalente ao de um Senhor na Terra.

– Eu já derrotei um e posso derrotar outro – disse Oãçome – que corte feio você tem aqui, minha criança. Devia tomar mais cuidado enquanto observa a Lua com tanto deleite e paixão...

Oãçome passou os dedos pelos lábios de Sodutse, que estavam com um pequeno corte, devido à queda. Sodutse deu-lhe uma cotovelada e afastou-se.

– Eu te respeito por ser minha mestra – ele disse – mas não sou teu brinquedo.

– Não é meu brinquedo – reconheceu Oãcome – e sim minha presa. Eu te conheço bem, Sodutse. Eu te treinei. Sei identificar suas fraquezas para te atingir onde vai te derrubar.

Sodutse levantou-se. Ergueu um escudo de luz diante de si, pronunciando alguns feitiços que havia aprendido em seu período na Ordem de Acnarb.

Oãcome riu.

– Que ingênuo... você não me conhece como eu te conheço – disse Oãcome – e é por essa tua inocência que você não é páreo para os magos das gerações antigas. Antes de ser Oãcome de Airodebas, eu já fui Oãcome de Acnarb! Eu já me ajoelhei diante desse Senhor que hoje se ajoelha para mim! Conhece teu inimigo, Sodutse, se um dia quiser derrotá-lo.

– Prefiro amar meu inimigo – retrucou Sodutse – foi assim que aprendi.

– Então me ama, Sodutse. O convite é teu. Eu apenas aceito esse amor e selo o compromisso.

Oãcome quebrou o escudo de Sodutse com as mãos vazias. Derrubou-o no chão com violência, deitou-se em cima dele e deu-lhe um beijo na boca.

Nesse instante, Sodutse desconcentrou-se completamente. Seu coração batia num ritmo insano. Ela colocou a mão sobre o peito dele.

– É possível matar o Fantasma Sagrado esmagando seu coração – explicou Oãcome – eu irei arrancá-lo e devorá-lo.

Oãcome apontou uma gigantesca lança vermelha na direção do coração dele. Tocou-lhe o peito, mas apenas provocou um rasgo leve nas vestes.

– Você não tem coragem – zombou Sodutse – não quero mesmo essa vida. Odeio ser o Fantasma Sagrado. Você estará me fazendo um favor. Então me destrói de uma vez antes que eu destrua a mim mesmo!

Oãcome fez uma careta.

– Não quero te fazer favor nenhum. Se é assim, eu vou te humilhar antes de te matar, escroto de merda!

– Por que me odeia tanto assim?

– Tu és a personificação do ser contra quem sempre lutei. Você nasceu com o destino mais grandioso de todos e eu desejo roubá-lo de

Salve o Senhor no Caos

ocê. E eis que você também se revela como o assassino de Onai e de Amla! Antes de ter minha Senhora na Terra atual, eu era a servidora de Michele, a mais fiel discípula de Cristiano. E você matou os dois: o mestre dela e a primeira servidora criada por ela. Então Michele me fez para substituir Amla.

– Eu não me lembro quando os matei.

Oaçome enfiou a lança na coxa de Sodutse. Ele gemeu de dor e o sangue empapou as vestes brancas.

– Confesse que os teria matado hoje se seu Senhor na Terra tivesse ordenado.

– Eu confesso! – gritou Sodutse – Porque sempre fui obediente ao meu Senhor na Terra, diferente de você!

– Eu amava Michele, mas não amo minha servidora atual. Ela é dissimulada. Fala docemente quando está na companhia de suas amigas, mas ri delas pelas costas. Ajoelha-se diante de mim para obter o que deseja, mas no fundo me detesta. Então por que não posso usá-la, da mesma forma que ela me engana?

Sodutse não conseguia mais falar, pois a dor era aguda e insuportável. Oaçome retirou a lança. Levantou o manto de Sodutse e lambeu-lhe a ferida.

– Meu doce Sodutse... eu não quero teu sangue ou tua carne. Vim para devorar tua eternidade.

Oaçome caiu para trás. A sua própria lança vermelha a havia atingido, perfurando seu coração e atravessando suas costas.

– Onde estão esses inúteis da Ordem de Acnarb quando você mais precisa deles? Está muito claro que eles falham como guarda-costas. Terei que eu mesma assumir esse posto miserável?

Quem disse isso foi Aigam, que chegara e carregava a lança de Oaçome. Ela abaixou-se e segurou Sodutse pelo manto branco, colocando-o de pé.

– Suba logo nas minhas costas que eu vou te tirar daqui – ordenou Aigam – eu sei que você também não aguenta mais esses acnarbianos nojentos e duas caras, que só sabem chupar teu pau por medo da morte. Você é tímido e covarde demais para confessar a eles que já encheu o saco de permanecer aqui nesse falso paraíso de mármore e chatices.

– Por que me salvou? – perguntou Sodontse, completamente perdido
– Para me matar depois? Ou o seu Senhor na Terra é primo em terceiro grau do Cristiano e você também busca vingança?

– Eu cago para o Cristiano – disse Aigam – não faço a menor ideia porque tanta gente chupa ele também. Ultimamente faço parte de uma ordem de magia fodida para cegos. É bem incrível, na verdade. Desenvolvi meus outros sentidos físicos assustadoramente. Aprendi até a voar.

– É por isso que as cores do seu manto estão diferentes.

– Para mim não faz a menor diferença essa merda, já que não enxergo. Já subiu?

– Já.

Quatro asas prateadas rasgaram as costas das vestes de Aigam e os dois voaram.

– Não vou te levar para uma biblioteca, pois seria muito óbvio – disse Aigam – quer ir pra casa do teu irmão?

– Não, não! – pediu Sodontse, em desespero – qualquer coisa menos isso!

Aigam riu.

– Fantasma Sagrado, hã? Sorte minha que não te matei sem querer de tanto que te espanquei até hoje, ou eu seria amaldiçoada pela vida inteira.

– Não quer viver para sempre? – perguntou Sodontse.

– Não entendo porque tanta gente dá valor para essa porcaria. A vida não faz o menor sentido. E quem diz que faz, afirma que o sentido é um paraíso após a morte. Então o que raios essa gente quer fazer viva por mais tempo? É melhor morrer com a ilusão de que as pessoas ao seu redor prestam, pois se passar tempo demais com elas logo começará a odiá-las.

– Você é engraçada, Aigam. Sua lógica é esquisita.

– Ah, já sei para onde vou te levar: Midaforvel. Se lembra do mundo dos servidores cinzentos com olhos amarelos?

– Espera. Não é lá que eles estão formando uma força de resistência contra os Senhores na Terra? E para onde vão ultimamente os seranas, servidores andarilhos do astral, que também apoiam o movimento?

– Exatamente.

– Eles odeiam o sistema da Tríade Inviolável. Eu vou morrer lá.

Salve o Senhor no Caos

– É o último lugar que os servidores daqui pensariam em te procurar. Ainda não chegaram lá os boatos de que encontraram o Fantasma Sagrado. E os servidores de Quepar não são burros de espalhar essa notícia para outros mundos, ou teriam competidores para caçá-lo.

Sodutse suspirou fundo.

– É, vamos lá. Quem sabe uma viagem para outras terras me dê um ânimo e também um novo ponto de vista sobre a magia. Mas por que você está me ajudando mesmo?

– Estou com pena de você, isso é tudo – confessou Aigam – você foi meu saco de pancada a vida inteira e sempre que te encontro você está servindo de saco de pancada para alguém. É até meio frustrante. Você não pode ser o saco de pancada de ninguém, a não ser meu.

– Uau – Sodutse sorriu – foi uma declaração de amor o que acabei de ouvir?

– Não exatamente. Minhas bocetas estão queimadas, então não tenho vontade de me envolver em histórias de amor no momento. Além do mais, se fosse para comer alguém eu comeria seu irmão.

Sodutse riu, mas logo parou, pois seus ferimentos estavam doendo demais.

– Eu te desafio a dizer isso na cara dele – disse Sodutse.

– Desafio aceito.

– Vamos logo para a casa do Lam, porque eu sei que é para lá que você quer ir – resolveu Sodutse – e se eu sair vivo de lá, eu definitivamente sairei vivo de Midaforvel.

Capítulo 6: A Casa Negra está Animada

Lam estava sentado confortavelmente em sua poltrona assistindo televisão e bebendo uma taça de conhaque. De repente, dois idiotas aterrissam pela janela e derrubam a mesa juntamente com a estante.

Lam nem mesmo se moveu.

– Se fizerem mais barulho no próximo segundo irei matá-los, independente de quem sejam – disse Lam – o Brasil levou o sétimo gol da Alemanha e estou de extremo mau humor.

– Você consegue pegar o sinal da TV da Terra em Quepar? – perguntou Sodutse, admirado.

– Paguei Aigoloncet para fazer isso por mim, mas o sinal não está muito bom – disse Lam – se eu não conseguir ver esse jogo até o fim irei matá-lo.

– Por que quer ver até o fim? – perguntou Sodutse – Não está muito claro que o Brasil vai perder?

– Não sou como você, Sodutse. Eu vivo de esperanças. Veja só! Gooooooooo! É do Brasil!!!

Lam gargalhou, elevou a taça para o alto, levantou-se e dançou. Aigam e Sodutse se entreolharam, meio perdidos.

– Ainda bem que o Brasil fez pelo menos um gol no último momento – comentou Lam, servindo-se de uma segunda taça – senão eu iria me recusar a ser o servidor de um Senhor na Terra brasileiro. Estão servidos?

– Não, obrigado – disse Sodutse – eu não sabia que você era tão fanático por futebol.

– Meus Senhores na Terra são brasileiros, o que você esperava?

– Eu não assisto futebol.

– Você não faz outra coisa a não ser ler, Sodutse, então você não conta! E que merda é essa que fizeram na minha casa? É melhor que coloquem tudo no lugar, ouviram, imbecis?

– Eu tenho cara de empregada doméstica? – Aigam desafiou-o.

Salve o Senhor no Caos

– Não, você tem cara de uma galinha depravada e filha da puta que quebra os móveis dos outros, vaca leiteira! Então é melhor arrumar tudinho.

– Antes disso eu queria te dizer uma coisa.

– O quê? – rosnou Lam.

– Minhas bocetas estão queimadas, mas se fosse para comer alguém, seria você! – disse Aigam.

Lam já estava pronto para rosnar qualquer coisa de volta, mas quando parou para pensar no que tinha acabado de ouvir, ficou confuso. E caiu na gargalhada outra vez.

Ele passou um braço pelos ombros de Aigam e outro braço pelos ombros de Sodutse. Trouxe-os para perto de si.

– Eu amo vocês, caras – disse Lam – vamos apenas rolar no tapete e fazer um surubão.

– Eu sou teu irmão, meu! – falou Sodutse, tirando o braço dele dos seus ombros – não me mete no meio disso. Nossa, seu hálito está fedendo. Ele está bêbado, Aigam, não liga para o que ele diz. Apenas aproveita que eu vou dar uma saída.

– Ele é fraco pra bebida? – perguntou Aigam, maravilhada.

– Sim, tem mais cinco garrafas de conhaque aqui – disse Sodutse, passando-as para ela – faça bom proveito.

Nesse instante, Lam segurou Sodutse pela gola do manto.

– Eu estava apenas fingindo, seu bostinha. Estou um pouco bêbado, mas não é para tanto. Digam logo o que querem e se mandem daqui.

– Então você não quer me matar?

– Outro dia – respondeu Lam – hoje estou cansado.

– A Oãcome tentou me matar hoje.

– E ela conseguiu?

– Eu pareço morto para você? – perguntou Sodutse, zangado – Tem certeza que não está bêbado, Lam?

– Tecnicamente você é um fantasma, então já está morto. Sinceramente, não sei o que Breno tinha na cabeça ao criar um sistema brega como esse. Também não gostei das suas asas, Aigam. Estão fora de moda hoje em dia.

– Teu irmão foi ferido pela mestra colorida dele – explicou Aigam – e eu usei essas asas fora de moda para salvá-lo.

Wanju Duli

– E por que perdeu seu tempo salvando o Sodutse? – perguntou Lam, bebendo mais – pois caso não saiba, é uma perda de tempo sem tamanho. Ele é um maníaco depressivo e suicida em potencial.

– Obrigado, Lam – disse Sodutse, amargamente – eu também te amo.

– Eu estava pensando em levá-lo para Midaforvel e escondê-lo lá – explicou Aigam.

– E por que está me contando isso se eu quero matá-lo? – perguntou Lam.

– Eu acho que você não quer me matar de verdade e só está enrolando – falou Sodutse – você nem mesmo fez uma aliança com um Senhor na Terra mais jovem para ter mais tempo de vida. Então está bem claro que não busca a vida eterna.

– Apenas me deixem assistir TV em paz e não encham meu saco – disse Lam – Aigam, se pretendia levá-lo para Midaforvel por que não fez isso de uma vez? Veio aqui antes apenas para quebrar minhas coisas? Vou mandar a conta para a sua casa ou descontar do seu salário.

Aigam fez cara feia.

– Os homens não entendem nada mesmo – disse Aigam, por fim – vamos lá, Sodutse. Senão daqui a pouco quem vai se matar serei eu.

– A gente não ia tratar as minhas feridas? – perguntou Sodutse.

Ela pegou a garrafa de conhaque de Lam e jogou o conteúdo em cima de Sodutse.

– Pronto, tratei – disse Aigam.

– Mais um item para descontar do salário – disse Lam, anotando em sua caderneta.

Aigam arrastou Sodutse e foram juntos até a janela. Antes de os dois pularem, Lam entregou a Aigam um pedaço de papel contendo o valor total de todos os itens quebrados.

– Que tá escrito aqui, Sodutse? Lê pra mim.

Quando Sodutse leu, Aigam ficou chocada.

– Que palhaçada é essa?! – perguntou ela, indignada.

– Eu só bebo conhaques caros – sorriu Lam – chupem.

– Bem que eu queria!

Aigam deu o dedo e pulou pela janela. Talvez já estivesse na hora de procurar um novo emprego.

Capítulo 7: Um Mundo Formidável

Sodutse nunca imaginou que fosse amar tanto assim Midaforvel. No primeiro segundo naquele lugar, desejou não sair nunca mais. Era ali que queria residir. Ali estava um excelente lugar para morrer.

Embora a maior parte dos habitantes fossem os servidores de pele cinzenta e olhos amarelos, Midaforvel era um mundo multicultural. Estava repleto de seranas: servidores com as mais variadas formas possíveis. Vários deles lembravam formatos de animais ou seres mitológicos. Outros tinham formas que Sodutse nunca vira antes e jamais imaginara serem possíveis.

Nesse instante ele descobriu o quanto a imaginação dos humanos era fantástica. Até os fantasmas deles tinham formas diferentes e, ao contrário do que acontecia em Quepar, muitos deles eram amigos dos servidores. Os fantasmas gigantes que voavam ofereciam carona para os servidores. O clima de amor e amizade era incrível. Eles tinham problemas, é claro, mas sabiam lidar com eles com mais calma, com mais alegria.

Os servidores de Midaforvel acreditavam que só eram capazes de viver assim porque tinham se libertado da tirania da Tríade Inviolável. Eram capazes eles mesmos de imaginar. E alguns servidores de lá inclusive criaram seus próprios mundos.

Era muita coisa para a cabeça de Sodutse absorver. Ainda precisava se acostumar com a ideia.

Sodutse, ainda em seu disfarce como servidor, deitou-se na grama macia de Midaforvel e olhou para o céu. Por que até mesmo o Sol de lá parecia brilhar mais forte? E não havia apenas um Sol, mas uma variedade imensa de corpos celestes.

Ele fechou os olhos. Num lugar assim, talvez um Criador não fosse mesmo necessário. Todos eram criadores. E para que ter um Senhor na Terra? Talvez apenas um mediador das ideias do grupo. E por que um Fantasma Sagrado? Aquele coração de fogo não pulsava no peito de cada um?

– Eu sou necessário – concluiu Sodutse – mas não somente como indivíduo. Como parte de todos os seres. Qual é a minha missão? Eu não preciso saber disso.

Ele aprendeu as regras para ser capaz de quebrá-las. Desejou tão ansiosamente desvendar sua razão de ser no mundo somente para depois destruí-la. Mas não iria somente desfazer-se dela sem deixar nada no lugar. Deveria negá-la com autoridade, sem tantas dúvidas a assolar sua existência.

Por muito tempo ele desejou servir ao seu Senhor na Terra e considerou aquela a coisa mais importante do mundo; talvez a única coisa que importasse. De repente, por que aquilo não era assim tão incrível quanto pareceu?

– Finalmente te encontrei!

Sodutse levantou-se e olhou naquela direção. Era uma moça enrolada numa capa. Surpreendeu-se ao notar que a cor de sua pele era de uma humana. Até mesmo tinha cabelos e profundos olhos negros.

Ela ajoelhou-se diante dele.

– Fantasma Sagrado, viajei para Quepar, mas não te encontrei. Precisei te procurar em muitas dimensões. Eu sou a Senhora na Terra de Oãçome. Quero dizer, eu era. Eu queria me desculpar por ela.

– Não se preocupe – disse Sodutse – Oãçome apenas fez o que tinha que ser feito. O que acreditava ser o certo. Não guardo rancores.

– No que ela errou? – perguntou a moça – ela conquistou o Manto do Caos. Tornou-se uma Forma de Deus. Ela estava tão perto.

– Só porque ela morreu, não significa que errou. Mas se eu tivesse que dar uma resposta, eu diria que um Senhor no Caos não precisa ser todas as cores e conquistar todos os tesouros do mundo. Acho que estará bom o suficiente apenas construir um pequeno mundo, a coisa mais simples possível. Contanto que possa chamar de seu.

– Eu entendo agora – ela sorriu – por um momento pensei que eu devia te procurar para te matar, como todos os outros estão fazendo. Mas então decidi que queria apenas te dar um presente.

Ela entregou um pacote para Sodutse. Ele abriu-o e encontrou o cachecol de Oãçome. Sodutse tinha boas lembranças daquilo. Quando estava frio, Oãçome enrolava o rosto inteiro nele. E quando estava

Salve o Senhor no Caos

quente, o cachecol se transformava num lenço gelado que tirava seu suor. Era um item bem útil para suas longas meditações.

– Não acho que eu precise dele, mas talvez eu esteja errado – disse Sodutse – e eu já estive errado outras vezes antes. Então irei aceitá-lo e encontrar um uso. Obrigado.

– Boa sorte na sua jornada – desejou a moça.

E ela se retirou com um largo sorriso. Sodutse simpatizou com ela. Geralmente se sentia nervoso perto de mulheres que não conhecia, mas ficou bem à vontade com ela.

Nos minutos seguintes, brincou com o cachecol de Oãcome, experimentando colocá-lo de diferentes formas e notando como ele reagiria ao sopro do vento. Até mesmo o vento de Midaforvel soprava de forma diferente.

– Está aproveitando suas férias? – perguntou-lhe Aigam, que tinha saído para fazer a ronda. Que, pelo jeito, não foi bem feita, já que a moça da Terra se aproximou sem que Aigam sequer reparasse.

“E depois ainda reclama da guarda dos acnarbianos” pensou Sodutse. Mas não falou disso.

– Foi a melhor ideia possível me trazer aqui – disse Sodutse, todo sorridente – acho que vou ficar nesse lugar definitivamente.

– Bem, eu não vou ficar aqui como sua babá – avisou Aigam – hoje mesmo já irei voltar para Quepar. Além do mais, em alguns minutos terei que ir até a Terra. Meu Senhor na Terra finalmente conseguiu passar em seu concurso e está feliz da vida. Está me tratando bem ultimamente.

– Que bom, Aigam. Fico feliz por você.

– Você não é de sorrir tanto – observou ela, estranhando – está assim tão contente? Pois é melhor apagar esse seu sorriso do rosto, porque Zap está vindo para cá.

– Você contou a ele onde estou? – perguntou Sodutse, desapontado – de que adianta me esconder aqui se as pessoas que querem me matar sabem onde me encontrar?

– Sinceramente, eu acho totalmente ridículo vocês dois ficarem brigando. Parecem crianças. Resolvam isso como os adultos que são. Ou melhor, vocês só são adultos na idade, pois continuam sendo dois idiotas. E agora vou-me. Se quiser voltar para Quepar, nem pense em me

chamar, pois estarei ocupada. Pegue carona num servidor dragão gigante ou qualquer merda do tipo.

E Aigam mergulhou numa dimensão sob a proteção de seu Senhor na Terra. Pelo jeito Sodutse não era o único que estava feliz. Mas também ficou um pouco preocupado. Não sabia se sua conversa com Zap seria amigável ou se acabaria em mais um duelo.

Sodutse não sabia quando Zap ia chegar. Por isso, foi até uma vendinha de cachorro-quente e pediu o seu.

– Também quero um. Com bastante mostarda. E não coloque alface no cachorro-quente do meu amigo, porque ele não gosta.

Sodutse olhou para o lado. Lá estava Zap, com ótimo humor. Aparentemente o clima de Midaforvel fazia aquilo com as pessoas.

– Obrigado por pedir o meu sem alface... – disse Sodutse, fitando o chão – eu não teria coragem de dizer.

– É para isso que servem os amigos, não é mesmo? – disse Zap.

E os dois se sentaram na calçada para comer.

– É um ótimo lanche para uma sexta-feira – observou Zap – embora os cachorros-quentes daqui tenham ingredientes estranhos. Eles colocam mesmo minhocas?

– Talvez seja bom – disse Sodutse – você não experimentou ainda, então como pode saber que é ruim?

– Tem razão. Foi uma afirmação vergonhosa para um cozinheiro. E o que achou das bibliotecas daqui?

– Bem exóticas. Nenhum autor aqui tem selo. Eles não têm nem mesmo ordens de magia nas redondezas. Eles chamam os encontros de “festas mágicas”. Não param de fazer festas! Não é uma completa bagunça?

– Uma bagunça linda – disse Zap, encantado – não acho ruins as ordens de Quepar, mas acredito que o jeito deles também funciona. Até fiquei com vontade de tentar.

– Eu decidi que vou viver aqui – disse Sodutse.

– Eu estava pensando exatamente na mesma coisa. E nós invejando a Terra quando havia um lugar tão maravilhoso bem pertinho, debaixo do nosso nariz. Os queparianos possuem tanta rivalidade com os midaforvelianos que eu jurava que esse lugar fosse uma bosta. É

Salve o Senhor no Caos

totalmente diferente do que eu pensava. Mas você sabe que se eles descobrirem que o Fantasma Sagrado está aqui vão te matar, não é?

Sodutse deu de ombros.

– Agora já consigo ficar por alguns dias na minha antiga forma de servidor. E pretendo aumentar esse tempo. Não acho que será fácil me descobrirem. Até porque estou trabalhando noutro disfarce. Quer ver?

Sodutse concentrou-se. Sua pele mudou de cor para cinzento. E seus olhos vermelhos se tornaram amarelos.

– Incrível! – disse Zap.

Mas Sodutse voltou ao normal em seguida.

– Só consigo ficar alguns minutos assim. Mas quando eu for capaz de dominar essa nova forma, ninguém nunca mais vai me achar. Nem mesmo os servidores de Quepar. E sabe o que mais? Se alguém me achar nos próximos dias e me matar, já vou morrer feliz. Será uma honra morrer em Midaforvel. Eu sinto que esse lugar está destinado a coisas grandes no futuro.

– Também penso assim – disse Zap – e já fui tomado pelo espírito revolucionário dos midaforvelianos. Não vou mais seguir meu Senhor na Terra.

– Tem certeza? – perguntou Sodutse, preocupado – Você pode morrer mais depressa que eu se fizer isso.

– O pessoal daqui tem truques – disse Zap – para confundir o Senhor na Terra. Para se soltar dele. Não sei se dá assim tão certo, mas eu quero tentar. Senão, espero a ira dele se acalmar. Se ele aceitar que não irei te matar, volto para ele. Se ele insistir em tirar minha vida, irei renegá-lo.

– Parece razoável.

– Conversei com Ohlarac sobre isso. Ele também pensa parecido. A Senhora na Terra dele anda exagerando nas torturas. Ele também vai vir tirar umas férias aqui. Será que é fácil conseguir emprego?

– Não, Zap, não é fácil – disse Sodutse – aqui pode parecer um paraíso de liberdade à primeira vista, mas está cheio de problemas que Quepar não tem. Não se pode ter tudo. Você vai querer continuar aqui mesmo assim?

– Quero pelo menos tentar. E você, agora que não tem um Senhor na Terra, vai fazer o que no seu tempo livre? Além de melhorar os seus disfarces.

Wanju Duli

– Eu não sei – respondeu Sodontse – mas não estou preocupado. Quem sabe eu ouse ler os livros tolos e mal escritos daqui. Ou pelo menos os julgo assim pela minha visão ortodoxa. Estou certo de que os acharei divertidos assim que pegar o espírito da coisa.

– E aquele papo sobre sua “missão”? Deve ser difícil entender isso sem ter um Senhor ou sem precisar cumprir seu dever como Fantasma Sagrado.

– Pela primeira vez na vida, me sinto confortável sem saber disso. E, parando para pensar, acho que eu só me senti angustiado até hoje porque eu me convenci de que precisava disso para viver. Não que eu não queira ter nenhuma função no mundo. Eu simplesmente entendi que isso vai acontecer naturalmente.

– Sabia que os servidores de Midaforvel inventaram recentemente uma magia para gerar descendentes? – perguntou Zap – ainda está em fase de testes, mas são servidores formando novos servidores. Ou seja: em breve eles não dependerão totalmente dos humanos para povoar seu próprio mundo.

– Dois servidores do mesmo sexo podem formar um novo servidor? – perguntou Sodontse.

– Que eu saiba sim.

– Então podíamos tentar fazer isso um dia – sugeriu Sodontse.

– Eu e tu? – Zap riu – que engraçado seria!

– Eu falei algo absurdo? – perguntou Sodontse, incerto.

– Não, Sodu. Eu apenas me deleito cada vez mais em descobrir como você consegue ser tão encantador. Algum tempo atrás eu estava querendo te matar. E agora você quer ter filhos comigo.

– Bem, esquece o lance dos filhos por enquanto, porque esse negócio ainda está na fase de testes – disse Sodontse – que tal a gente caçar uns tesouros por aí? Diferente dos tesouros de Quepar, os baús escondidos por Midaforvel guardam tesouros valiosos que podem ser trocados por uma boa grana.

– Ótimo! Afinal, se for para achar um meio de sustento para sobreviver nesse lugar, é melhor fazer isso de forma divertida. As coisas aqui são o olho da cara! E, como bem sabemos, só me resta um olho na cara... opa!

Salve o Senhor no Caos

Sodutse havia jogado uma espada para Zap. Ele também tirou um livro e um mapa da mochila que carregava.

– Já visitei as principais bibliotecas em busca de bons mapas de tesouro – disse Sodutse – e a melhor pedida parece ser o Pântano do Grito. Está cheio de fantasmas de sapos e jacarés. Seria melhor irmos com botas longas.

– Quem foi que espalhou esses tesouros? – perguntou Zap.

– Os próprios habitantes constroem os tesouros e as armadilhas. É a diversão por aqui. E existe essa profissão chamada “construtor de lendas”. São aqueles que criam os baús e fantasmas. Às vezes até mesmo as dimensões nas quais eles se encontram.

– OK, Sodutse, agora cala a boca um pouco – disse Zap – minha mente ainda precisa absorver toda essa nova informação. Você geralmente é quieto, mas quando começa a falar parece uma matraca.

– Somente quando o assunto realmente me empolga. E já que os livros que eles têm nesse mundo são tão ruins e as aventuras são tão boas, acho que vou permanecer fora das bibliotecas por um tempo.

– Feito!

FIM

Diretrizes para Uso de Servidores Complexos

Pergunta & Resposta

Por que usar servidores?

Trabalhar com entidades é lidar com um dos aspectos mais profundos de nossa psique. Toda entidade que contatamos contém uma porção daquilo que somos, assim como um amigo íntimo nosso acaba adquirindo uma parte de nós mesmos. Porém, quando se trata de entidades espirituais, esta modificação que provém do contato pode ser ainda mais forte.

Um servidor é um tipo de entidade desenvolvida por uma pessoa específica. Contudo, por ser uma entidade viva e mais maleável que outras criaturas possíveis de serem evocadas na magia tradicional, conseguimos modificá-la mais facilmente.

Podemos transformar a aparência e aspectos da personalidade da entidade. É possível dar a ela acessórios de poder (como mudar a roupa).

Sendo assim, fique à vontade para utilizar um servidor de Quepar como sua “boneca astral”. E por que usar servidores em vez de outras formas de magia? Porque através de uma conversa com a entidade é possível penetrar muito mais profundamente no paradigma. Você também não precisa se incomodar com questões como: “Será que evoquei a entidade correta? Estou agindo certo?” porque os servidores não exigem esse tipo de formalismo, o que possibilita a realização de uma certa categoria de feitiços que seriam mais desafiadores de serem feitos por outros métodos.

Por exemplo: vamos supor que você evocou uma entidade para te ajudar a estudar, mas os métodos usados por tal entidade não condizem com seu estilo. Você é livre para, em vez de trocar a entidade (se for um servidor), conversar com ela a respeito para negociar e não somente

Salve o Senhor no Caos

modificar seus hábitos, mas o estilo de ser da entidade. Deixe-a mais flexível ou mais rigorosa, por exemplo.

Por que usar os servidores de Quepar em vez de servidores criados por mim?

Os servidores aqui apresentados são somente exemplos das infinitas possibilidades e do grau de complexidade que se pode chegar ao desenvolver uma entidade.

A escolha é sua por usar um dos servidores deste livro ou usá-los como inspiração para criar os seus. A vantagem de usar os daqui é que eles já estão energizados e prontos para uso. A vantagem de usar os feitos por você é que eles conterão mais aspectos de sua personalidade. Também é possível alcançar um meio termo, modificando os servidores daqui até que eles se apresentem do jeito que você quer. Seria como escrever uma fanfic, ou capítulo adicional do livro, no qual aconteça uma situação que você deseja ou que seja útil para seu feitiço.

Digamos que você precise de Zap para realizar uma magia com comida, mas com uma que não contém no livro. Você pode escrever alguns parágrafos em que Zap devora um prato de salada de cenoura e beterraba, para que você passe a comer mais vegetais. Pode até alterar um pouco a personalidade e reações de Zap nessas poucas linhas, de modo que se adeque às emoções que você deseje ou precise para mudar seus hábitos.

Para quem quer criar servidores do zero, pode usar outros métodos além de escrever histórias. Pode fazer desenhos, músicas, danças. Use algo que você saiba fazer bem, ou que goste e se sinta à vontade combinando com magia.

Por que os servidores precisam ser complexos?

Eles não precisam. Porém, geralmente se usa servidores quando um sigilo simples não resolve o problema. Sigilos foram feitos para serem práticos e rápidos. A característica fundamental de servidores é que se mantenham vivos tempo suficiente para a realização de trabalhos de duração estendida.

Muitos livros já foram escritos apresentando apenas diretrizes gerais para uso de servidores básicos. Minha proposta aqui seria mostrar como é possível usar servidores com uma complexidade geralmente não descrita em manuais para iniciantes.

Eu não sei nada sobre servidores e gostaria de dicas básicas sobre sua criação e desenvolvimento

Não é verdade que você não sabe nada sobre servidores, pois se leu o livro até aqui já recebeu as mais diversas instruções a esse respeito. Elas apenas não estão organizadas de forma sistemática.

Para um guia passo a passo de como fazer suas próprias entidades, desde as etapas mais fundamentais, sugiro a leitura do livro “Creating Magickal Entities” por David Michael Cunningham. E para utilizar ícones da cultura popular sob a forma de entidades, leia “Pop Culture Magick” por Taylor Ellwood.

Eu não irei repetir tais instruções aqui apenas porque a maior parte dos caoístas já domina o uso de sigilos e servidores, pelo menos no que diz respeito ao seu uso básico usualmente descrito em muitos livros de Magia do Caos. Com este livro minha intenção é desenvolver essas técnicas gerais. Eu quero (ou quis, por meio da história) mostrar formas de usar servidores de maneiras raramente apontadas e não somente repetir as mesmas regrinhas básicas.

No entanto, mesmo se o leitor se deparar com o conceito de servidores pela primeira vez no presente livro, estou certa de que ele será capaz de inferir muitas dessas diretrizes básicas. A leitura de um livro contendo os fundamentos para uso de servidores servirá principalmente para que o magista confirme suas suspeitas.

Afinal, com pouquíssimas exceções, a resposta para “Eu posso montar um servidor através de tais e tais métodos?” geralmente é sim. Confie em sua intuição, faça testes e, se tudo sair bem, use o método inventado por você.

Pelo menos ensine em poucas palavras como fazer um servidor simples

Salve o Senhor no Caos

Estou certa de que o momento de criação de um servidor (motivos para criá-lo e métodos empregados) já foi descrito na própria história. Mas posso resumir o processo.

Um servidor pode ser criado por qualquer motivo, contanto que você o considere genuíno. Você pode fazer um porque se sente solitário e quer ter um amigo imaginário. Pode fazê-lo porque precisa de dinheiro urgentemente. Porque quer esquecer uma memória ruim. Na verdade, é mais difícil pensar em situações em que um servidor não se encaixaria para resolver o problema do que em casos nos quais ele se encaixaria. Creio que casos não indicados seriam somente aqueles para os quais já existe um método melhor ou mais efetivo. Ainda assim, um servidor pode ser adaptado até para tais casos, se alguém prefere usá-lo (porque gosta, já está acostumado, etc).

Portanto, o primeiro passo para criar um servidor é ter um objetivo genuíno. Não é perigoso ou “pecado” usá-lo para besteirinhas. Você é quem tem que julgar em que vale a pena empregar seu tempo e esforço. Se você não liga para isso e só quer curtir, vá em frente.

Uma vez que se tenha uma intenção, pegue um caderno, desenhe a forma física do servidor e suas características principais (nome, forças, fraquezas, cor de poder, planeta de poder, comida preferida, banda preferida, cara, escreva o que quiser, o que julgue relevante ou engraçado). Para a criação de um servidor simples, basta fazer o essencial: inventar uma forma, um nome, umas três ou quatro características e objetivos. Para um servidor complexo você pode criar toda a história da vida dele e conhecer sua personalidade e formas de magia de maneira profunda. Se a sua magia for simples, isso é absolutamente desnecessário, a não ser que você queira se divertir.

Estabeleça o tempo de vida dele, ou deixe isso em aberto. Energize-o regularmente (todo dia, toda semana, você quem sabe. Quanto mais o energiza, mais poder ele adquire). Quando a operação estiver terminada, destrua-o, liberte-o ou o guarde em algum lugar.

Você pode usar um objeto material para guardá-lo e energizá-lo ou um plano astral. Pode visitá-lo no plano dele ou trazê-lo para cá.

Criar um servidor é muito simples e criar um que seja para uma magia acessível é mais fácil do que fritar ovo.

Você mencionou “amigo imaginário”. Então um servidor não é real, mas apenas imaginação?

Não, não, NÃO me faça essa pergunta! Se você realmente quiser que eu a responda da forma que ela merece, eu teria que escrever um livro inteiro só para isso. Então realizarei um esforço fenomenal para ser sucinta. Eu deveria visualizar a Cidade Sucinta de Agracamalás neste instante, para me ajudar nisso.

Respondendo de forma totalmente simplista e insuficiente, não sabemos direito “medir” o que seja um servidor e nem mesmo descrevê-lo apropriadamente em palavras. Não sabemos o que ele seja de fato e muito menos se ele existe “na realidade” ou não. Que se quer dizer com realidade? O mundo dos sentidos? O mundo que vivemos é real ou são apenas representações? Eu existo de fato? O mundo existe? Há uma “coisa em si” por trás dos fenômenos ou o mais próximo da “verdade” são as impressões mentais?

Muitas teorias filosóficas dão respostas diferentes para isso, algumas elegantes, simpáticas, engraçadas, curiosas, intrigantes, abomináveis, irritantes, surpreendentes, óbvias, fantásticas, nojentas, etc. Então, assim como um bombom, você escolhe o mais bonito ou o mais gostoso, já que nenhum é melhor que o outro objetivamente. Todos alimentam por uma refeição e depois você fica com fome de novo, porque não há uma resposta absoluta e correta. Eu não sei se a ciência dará boas respostas para isso um dia, mas mesmo ela trabalha através de modelos que só medem o mundo sensível através da observação e não o mundo tal qual ele é. Mesmo quando se desvenda o que há por trás de um véu, não há como afirmar com certeza se não há outro véu por trás desse primeiro.

Isto significa que não há como dizer de forma indubitável se o servidor é real ou não. Só nos resta escolher o nosso modelo preferido para interpretá-lo.

Se você é do tipo mais cético, materialista e secularista, a explicação “o servidor é só imaginação e sua existência é meramente psicológica” pode te deixar bastante satisfeito. Isso não significa que ela está certa, mas também não podemos dizer que está errada. Se essa explicação te deixa feliz, use-a. Porém, se ela se mostrar um fracasso na prática e você não julgar séria a sua relação com seu servidor devido a esse pensamento,

Salve o Senhor no Caos

abandone-o. De outra perspectiva, se você acreditar que o servidor é ilusão, mas que o mundo material também o é, aí está um sistema poderoso, pois haverá conexão direta entre a mente e o mundo.

Eu prefiro usar o modelo dos espíritos, no qual criações mentais possuem existência metafísica de fato e podem se mover livremente de outros planos astrais para nosso mundo. Quando eu escrevo uma história, para mim a realidade paralela da história tem existência genuína e os personagens também existem. Se eu resolver usar um personagem de uma história para um trabalho mágico posso chamá-lo de servidor, caso eu julgue apropriado.

Eu já ouvi pessoas dizendo: “Criei um servidor, mas não sei se deu certo. Eu não o senti, não tenho certeza se existe. O que fiz de errado?”. Esta pessoa provavelmente está usando o modelo psicológico da magia e para esta eu sugiro: troque para o modelo dos espíritos. E se começar a ver espíritos por todos os lugares e eles lhe perturbarem demais, troque o modelo novamente.

Eu preciso alterar meu estado de consciência para ativar e energizar um servidor?

É uma boa coisa para se fazer, principalmente para os que trabalham com mais eficácia nos estados alterados. Porém, não é indispensável.

Devo usar meu servidor para interferir no mundo material ou somente para alterar meus estados mentais?

Use no que preferir. Analise a situação e julgue qual seria a melhor solução. Não somente a mais conveniente, mas a mais indicada.

Geralmente é mais fácil alterar uma condição mental do que uma realidade física. Sugiro começar com as alterações mentais se for iniciante. Existem magistas que resolvem interferir apenas nos estados mentais em quase todas as suas magias, não somente pela facilidade, mas pela lógica. Pense: a maior parte das coisas que fazemos do lado de fora tem como objetivo um estado mental específico. Então por que passar por todo o trabalho de mexer na realidade material se basta alterar a forma de encarar as coisas?

Porém, se quer passar por todo esse trabalho (para testar os seus limites, por desejo de poder, para ajudar alguém, etc) vá em frente.

Em muitos casos um servidor pode ser mais fraco que uma entidade de magia clássica, como um demônio goético, Deus grego, etc. Afinal, um servidor foi criado por uma só pessoa e tem existência recente, enquanto entidades mais conhecidas são antigas e são egrégoras fortalecidas por um número enorme de pessoas que viveram em diferentes épocas.

Por outro lado, essas entidades geralmente possuem um limite de poder mensurável. Já a potencialidade do servidor é ilimitada, dependendo da forma que é fortalecido e no que se usa. Nesse sentido, um servidor pode ser mais forte que essas entidades. Principalmente quando se torna uma Forma de Deus.

O que é uma Forma de Deus? É um tipo de servidor especialmente poderoso?

De acordo com Mark DeFrates, no site Chaos Matrix, uma Forma de Deus seria o resultado de complexas estruturas de crença. Além do mais, ele aponta que as diferenças entre sigilo, servidor e Forma de Deus não são tão distintas quanto parecem.

Eu poderia até afirmar, sem medo de errar, que um sigilo pode se transformar num servidor, caso o sigilo em questão possua certa complexidade. Inclusive, muitos servidores possuem sigilos, comumente feitos através das letras embaralhadas de seus nomes (a técnica da sigilização de Osman Spare, que bem conhecemos).

Seguindo esta progressão, um servidor também pode se tornar uma Forma de Deus quando se torna particularmente complexo e poderoso.

Sendo assim, um dos meus objetivos ao tratar de servidores complexos neste livro é sugerir métodos para a criação de Formas de Deuses. Uma das formas mais diretas de fazer isso é torná-lo cada vez mais forte e complexo. Já sabemos como fortalecer um servidor: alimentá-lo regularmente. E o tornamos complexo conhecendo-o cada vez mais e usando-o com frequência. Mas não basta usá-lo da mesma forma a cada vez, mas de uma forma nova em cada uma das vezes.

Como energizar um servidor suficientemente a ponto de torná-lo muito poderoso?

Não basta enfiar comida goela abaixo, pois seria o equivalente a fazer um estudante decorar um monte de fórmulas ou dados históricos. Fora de contexto, é apenas um amontoado de informações que deixam a cabeça cheia, mas que é de difícil aplicação.

Ou seja, não é suficiente dar guloseimas para seu servidor. Ele precisa comer regularmente, em horários específicos, quantias determinadas e que seja alimentos de qualidade.

Isso não significa que você precise comprar caviar para oferecer ao servidor no seu altar. Significa que para que cresça bem não basta ofertar uma tonelada de caviar num dia e depois deixá-lo um mês sem comer. É preciso estabelecer um método que possua progressão.

Se você quer aprender matemática não basta estudar aritmética básica, mesmo que você estude com dedicação e por um longo tempo. É preciso aumentar gradativamente o nível de dificuldade.

Apliquemos esses conceitos no exemplo de um servidor para desinibição. Vamos supor que todo dia você oferte a ele uma ação sua: converse com um amigo pela internet naquela semana. Na semana seguinte telefone para esse amigo. Uma semana depois combine para encontrá-lo pessoalmente.

Tente expandir as suas ações para superar a timidez. Realize essas ações com mais de um amigo. Separe os fins de semana para ir em festas. Vá aumentando cada vez mais a diversidade de suas ações e pessoas envolvidas no processo.

Caso seu objetivo não seja realizar uma conferência diante de mil pessoas e ter cinquenta novos amigos, você pode parar de fortalecer seu servidor quando já estiver satisfeito consigo mesmo. Não precisa torná-lo uma Forma de Deus para isso.

No entanto, se seu objetivo é, por exemplo, aprender o máximo possível sobre um tema, digamos, culinária, e tornar-se um chef cada vez mais foda, fazer um Deus seria uma boa pedida.

Você se propõe a cozinhar algo todo dia para ofertar ao seu servidor. Toda sexta experimenta uma nova receita e aos fins de semana inventa uma. Nas semanas seguintes, irá aumentando seus tipos de atividades e

oferendas. Lerá dezenas de livros sobre culinária, cozinhará para muitas pessoas, até que abrirá seu próprio restaurante!

Através desse exemplo, notamos que não são em todos os casos que um servidor precisa se tornar um Deus. Faça isso somente quando você quer atingir um resultado que exija alto grau de complexidade. Algo que talvez você queira ou precise seguir por longos anos, ou por toda a vida.

A não ser que você ame o poder e deseje criar um panteão de Deuses poderosíssimos somente pela sua paixão por criar entidades fortes. Nesse caso, você irá realizar um esforço enorme e precisará de muito tempo e energia para que esse panteão atinja excelência.

É verdade que quando um servidor se torna um Deus nós devemos servi-lo em vez do processo contrário?

Depende de sua preferência. Não faz muito sentido ajoelhar-se diante de um servidor, já que seu poder mágico seria maior que o dele, embora o alcance do servidor seja maior em alguma medida (devido ao seu corpo espiritual).

Porém, quando um servidor se torna uma Forma de Deus ele adquiriu um poder imenso. A partir desse ponto, os termos da amizade de vocês devem ficar entre os dois.

Pode ser que o servidor/Deus fique vaidoso e exija tratamento especial. Caso não goste disso, altere as características do servidor. Contudo, ele pode rebelar-se. Por isso é bom não ter somente um servidor, mas ter mais de um sobrando para usar numa extraordinária luta de Pokemons contra ele.

Como criar o plano astral no qual o servidor vive?

Por favor, verifique as informações contidas no meu livro Grimório da Insolência, pois lá explico detalhadamente o processo da criação de sistemas, especialmente criação de mundos.

Explicando brevemente, você pode criar apenas uma casinha humilde para seu servidor habitar ou uma cidade inteira para que ele viva. Quem sabe até um universo. A pergunta que você deve se fazer nesse instante seria: é relevante adicionar tantos detalhes se eu só preciso usar o

Salve o Senhor no Caos

servidor para um trabalho relativamente rápido? Nesse caso a resposta seria negativa.

No entanto, haverá situações nas quais será útil ter um plano astral complexo para colocar seu servidor ou servidores. Você pode acessá-lo constantemente por meditação ou visualização quando precisar de alguma coisa.

Queria experimentar usar os servidores de Quepar. Sei que as descrições deles estão na história, mas seria mais fácil ver suas características em fichas organizadas.

Irei informar todas as características e formas de uso de cada um deles no capítulo seguinte.

Fichas dos Servidores de Quepar

Para que os servidores ajam com mais eficácia, sugerimos alimentá-los com ações relacionadas ao seu intento.

Por exemplo: ao usar Sodutse, o servidor dos estudos, comprometa-se a estudar meia hora por dia, por um mês, sempre no mesmo horário. Seu momento de estudos será o ritual para energizá-lo.

Esta maneira de fortalecer o servidor vai além da motivação para estudar. Inclusive te faz estudar de fato. E haveria forma melhor de realizar uma cerimônia do que já começar a colocar em prática o seu desejo? Não é somente uma esperança de que seu intento se realize. Tampouco é necessário tanta fé no procedimento, porque você já o vê acontecer na sua frente.

Nos casos em que realizar o processo em si não é viável, faça atividades simbólicas conectadas o mais próximo possível com a intenção. O mais importante é que seu ritual já realize uma parte do desejo, mesmo que seja somente uma pequena porção.

Não é preciso exagerar na sua necessidade de disciplina, fortalecendo o servidor dez horas por dia, por exemplo. Por outro lado, fortalecê-lo somente quinze minutos por semana seria muito pouco. Seja razoável e encontre seu equilíbrio.

Quando seu desejo é fácil de realizar, ele exige pouco tempo de fortalecimento. Quando é complexo, muito tempo.

A princípio parece óbvio que para se sair bem numa prova quanto mais tempo de estudo for empregado é melhor. Contudo, trata-se de um processo útil de ser aplicado junto com o ritual e não somente isoladamente.

O objetivo de uma magia é fortalecer a sua confiança e também “dirigir as energias ao seu favor para que eventos se direcionem no sentido da realização de seu intento”. O real significado desse segundo objetivo é desconhecido, mas os magistas também devem estar preparados para lidar com aspectos da magia que desconhecem. Afinal, haverá outras questões em jogo além do estudo. Se você ficar nervoso

Salve o Senhor no Caos

para uma prova (seu aspecto mental), ficar com febre ou acontecer um acidente (outros aspectos da situação que não se encontram plenamente sob nosso controle) pode ser que seu objetivo não se realize, mesmo tendo estudado muito.

Sendo assim, é importante combinar estes três aspectos no ritual. Em nosso exemplo, estudar regularmente (aspecto sob o qual temos pleno controle), lidar com nossas emoções (aspecto sob o qual temos algum controle) e lidar com circunstâncias desconhecidas (aspecto sob o qual temos pouco controle).

Uma magia geralmente lida com o aspecto psicológico e com as “forças desconhecidas”. Com a nossa proposta de alimentar o servidor com o ato em si (no exemplo, com estudos) estamos apenas adicionando um toque lógico e fortemente caoísta ao processo: a magia está muito mais próxima de nós do que imaginamos. O ritual pode ser alterado e melhorado para obter certo efeito.

Tais circunstâncias podem ser aplicadas em todos os servidores. Agora iremos lidar com suas particularidades.

SODUTSE

Servidor dos estudos, teoria da magia e razão.

Uso: para melhorar o desempenho em diversos tipos de estudo, estudar mais ou passar a gostar mais do estudo em questão. Funciona particularmente bem para estimular a leitura de livros de magia, ocultismo e religiões. Também é eficaz para quem deseja tomar decisões racionais e usar a lógica para resolver questionamentos.

Personalidade: quieta e calma.

Ambientes de poder: bibliotecas e livrarias (ou outros lugares com livros, como sua escrivaninha).

Cores: roxo e azul.

AIGAM

Servidora da magia prática, disciplina e vontade.

Wanju Duli

Uso: para o magista que deseja melhorar sua performance ritualística, principalmente as de natureza evocatória. Faz o magista sentir maior ardor, êxtase e vontade forte para realizar exercícios mágicos, energizar utensílios e chamar entidades. Também funciona para quem deseja ter disciplina para realizar outros tipos de atividades de natureza mais dinâmica e corporal do que mental (para as de raciocínio lógico use o Sodutse).

Personalidade: Aigam é explosiva, furiosa e fanática.

Ambientes de poder: cemitérios, casas mal assombradas e outros ambientes altamente energéticos, escondidos e abandonados (como um porão).

Cores: cinza e bordô.

ZAP

Servidor da paz, tranquilidade, prazer, comida e preguiça.

Uso: para quem está tentando levar a vida mais na boa, com menos estresse (para quem ama estresse e pressão use Aigam). Se quiser melhorar na culinária, fazer magia na cozinha ou tenha qualquer questão envolvendo comida, chame Zap. Ele também é o senhor da magia da preguiça, para aqueles que desejam valorizar o potencial da própria preguiça, permitindo-se senti-la sem culpa e até transformar esse sentimento em força mágica.

Personalidade: de boa.

Ambientes de poder: restaurantes, bares, cafés, confeitarias ou qualquer lugar com comida (como cozinha).

Cores: laranja e verde.

OÃÇOME

Servidora da emoção, meditação, equilíbrio e surpresas.

Uso: para os que desejam manipular as emoções ou apenas admirar as inconstâncias emocionais e deleitar-se com elas. Para quem busca a temperança ou para quem deseja aceitar sua falta de temperança. Oãçome adora meditar e observar as emoções indo e vindo em sua mente, sem contê-las ou atribuir valores. Ela carrega esse poder dentro

Salve o Senhor no Caos

de si e em certas ocasiões é capaz de liberar uma quantia assombrosa de poder mágico na forma de uma emoção específica. Daí vem a fama de seu poder, que embora seja geralmente moderado pode atingir extremos em ocasiões especiais. Suas famosas explosões de emoções são perigosas.

Personalidade: silenciosa e paciente (quando não explode!).

Ambiente de poder: uma floresta, praça ou lugar pacífico e quieto.

Cores: rosa, roxo e amarelo.

OHLARAC (Nós te amamos, gostoso!!! ♥)

Servidor do sexo, confiança, beleza e sedução.

Uso: para aumentar sua própria confiança e autoestima, principalmente para achar a si mesmo fisicamente atraente, com algum charme especial ou personalidade cativante. Também funciona para melhorar a performance sexual e aumentar o apetite sexual. Em suma, qualquer questão relacionada a sexo que se consiga pensar.

Personalidade: ousado, atrevido, malicioso e piadista. Enquanto alguns acham-no irresistível, outros o acham um pé no saco. Desperta admiração e inveja, pois é um grande pegador devido à sua habilidade mágica de gozar pelas três pirocas ao mesmo tempo! Há boatos de que ele usa **magia negra** para realizar essa magia tão avançada, embora ele não tenha preto nas cores de seu manto.

Até hoje ninguém sabe como os servidores de Quepar são capazes de soltar porra, sendo que não possuem bolas. Eis um grande arcano desse mundo.

Ambientes de poder: contanto que se tenha **desejo forte e ardente**, pode ser qualquer lugar. Até outros planetas.

Cores: vermelho, verde e amarelo.

ANAX

Servidora do sexo.

Uso: nem te conto.

Personalidade: gostosa (isso é personalidade?) e poderosa.

Ambientes de poder: motel, quarto, cama, mesa, banho, elevador ou qualquer lugar próprio para sexo.

Cores: azul, verde e amarelo, dá-lhe Brasil!

AIGOLONCET

Servidor da tecnologia.

Uso: magias envolvendo tecnologia, como fazer magias em computadores e celulares.

Personalidade: não é muito boa, pois por odiar conexões lentas de internet tornou-se impaciente. Ele tem seus momentos de quietude e concentração para desenvolver seus afazeres mágicos com lógica e atenção, diferente de Aigam que o faz como se seu desespero fosse seu poder.

Ambientes de poder: deve ter algum aparato tecnológico.

Cores: cinza e roxo.

MEB

Servidora da compaixão e altruísmo.

Uso: magias envolvendo ajudar alguém. Também pode ser usada pelo desejo de se tornar mais compreensivo e paciente. MEB faz parte da geração antiga de servidores de Quepar, que acreditava no poder da magia da cor única.

Personalidade: alegre e amigável.

Ambientes de poder: alguns templos religiosos.

Cor: branca.

LAM

Servidor do egoísmo e maldições.

Uso: magias envolvendo prejudicar uma pessoa deliberadamente. Outro servidor da geração antiga.

Personalidade: parecida com a de Aigam, em alguns casos até pior. Quando chega em extremos de irritação, começa a gargalhar.

Ambientes de poder: com aglomerações de pessoas que trocam energias negativas, sejam elas pensamentos, ofensas verbais ou agressões físicas.

Cor: negra.

Salve o Senhor no Caos

Alguns esclarecimentos finais.

Eu apenas organizei as informações principais a respeito desses nove servidores para facilitar o uso. Evidentemente, temos informações muito mais detalhadas a respeito deles ao longo da história.

Mais de um servidor pode ser combinado para que se atinjam efeitos determinados. Quando usados em seus ambientes de poder (ou visualizados neles) o alcance desses servidores aumenta.

Recomenda-se que se use as cores desses servidores para traçar seus respectivos sigilos (formados pelas letras embaralhadas do nome). A cor de poder de cada um também corresponde às cores dos mantos.

O uso desses servidores parece ser simples a princípio, mas no contexto da história as possibilidades de magia se tornam muito mais intensas. Quero dizer que é bem diferente usar um servidor que você já imaginou na história e que já foi alimentado pelas emoções sentidas conforme as cenas aconteciam. Ele já começa a atuar com grande poder e sua vida não começa do zero. Suas impressões sobre ele serão mais fortes. Isso faz toda diferença no processo mágico: a capacidade de torná-lo real.

A partir de agora, crie seus próprios servidores com a confiança de que eles possuem potencial para se tornar Deuses. Você também possui a divindade em si, pois é o Senhor na Terra de todos os servidores que já criou e criará.

Inspiração Literária

Segue-se a lista dos livros que tiveram algum impacto sobre mim em partes do processo de escrita. Eu os li (ou reli, em certos casos) ao longo dos meses de agosto e setembro e você poderá conferir a resenha detalhada de cada um desses livros no meu blog (ocultismomagnifico.blogspot.com.br). Os especialmente recomendados estão sublinhados. Minhas escolhas favorecem obras que lidam com problemáticas da linguagem.

Magia do Caos e Ocultismo

- Practical Sigil Magic, por Frater U.D.
- Liber Malorum: Children of the Apple, organizado por Sean Scullion
- Visual Magick: A Manual of Freestyle Shamanism, por Jan Fries
- Seidways: Shaking, Swaying and Serpent Misteries, por Jan Fries
- Prometheus Rising, por Robert Anton Wilson
- Your Brain is God, por Timothy Leary
- Book of Lies: The Disinformation Guide to Magick and the Occult, organizado por Richard Metzger
- Deep Magic Begins Here: Tales and Techniques of Practical Occultism, por Julian Vayne
- Postmodern Magic: The Art of Magic in the Information Age, por Patrick Dunn
- Creating Magickal Entities: A Complete Guide to Entity Creation, por David Michael Cunningham
- The Book of the SubGenius: The Sacred Teachings of J.R. 'Bob' Dobbs
- Memetic Magic: Manipulation of the Root Social Matrix and the Fabric of Reality, por R. Kirk Packwood

Salve o Senhor no Caos

- Satanic Bible, por Anton Szandor LaVey

Filosofia e Religião

- Ensaio de Teodiceia: sobre a Bondade de Deus, a Liberdade do Homem e a Origem do Mal, por G. W. Leibniz
- Religião: Conceitos-chave em Filosofia, por Brendan Sweetman
- Discurso do Método, por René Descartes
- Confissões, por Santo Agostinho
- Ética a Nicômaco, por Aristóteles
- A Tree in a Forest, por Ajahn Chah
- The Four Noble Truths, por Ajahn Sumedho
- The Dhammapada
- Saman Suttam
- Metafísica: Conceitos-chave em Filosofia, por Brian Garrett
- Proslogion, por Santo Anselmo
- A Noite Escura da Alma, por São João da Cruz
- Fé e Saber, por Hegel
- Novo Testamento
- Temor e Tremor, por Søren Kierkegaard
- Diálogos sobre a Religião Natural, por David Hume
- Ética, por Espinosa
- Três Diálogos entre Hylas e Philonous, por George Berkeley
- Dicionário Filosófico, por Voltaire
- O Livro das Religiões, por Editora Globo
- O Livro da Filosofia, por Editora Globo
- O Trivium; As Artes Liberais da Lógica, Gramática e Retórica, por Irmã Miriam Joseph
- Fundamentação da Metafísica dos Costumes, por Immanuel Kant
- Crítica da Razão Prática, por Immanuel Kant
- A Religião nos Limites da Simples Razão, por Immanuel Kant

Wanju Duli

- Crítica da Razão Pura, por Immanuel Kant
- Apologia de Sócrates, Êutifron e Críton, por Platão
- Timeu, por Platão

Apêndice: Sigilos de Quepar

Seofo

Wigom

Zoff

Oãgome

Ofegac

Wanga

Ciglonca

Mul

Lcom

Que os seguidores do Quepar
Se Jurem com Live Jfco

Wanju Juli

9.10.14

